POESIAS

DE

M. M. DE B. DU BOCAGE.

POESIAS

DE

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE,

COLLIGIDAS EM NOVA E COMPLETA EDIÇÃO,
DISPOSTAS E ANNOTADAS

POR

I. F. DA SILVA:

E PRECEDIDAS DE UM ESTUDO BIOGRAPHICO E
LITTERARIO SOBRE O POETA, ESCRIPTO

POR

L. A. REBELLO DA SILVA.

TOMO IV.

LISBOA
EM CASA DO EDITOR A. J. F. LOPES,
Rua Aurea N.º 227 e 228.

MDCCCLIII.

ELOGIOS.

ELOGIOS.

I.

Aos faustissimos annos da Fidelissima Rainha de Portugal, D. Maria I.

Recitado no Theatro da Rua dos Condes.

(17 de Dezembro de 1799.)

Aríspida estação tumultuosa,
Que de vapor medonho assombra os ares,
Que das Eólias grutas desferrolha
Estrondosos tufões, e além das nuvens
O pélago arrogante em serras manda;
Esse triste oppressor da Natureza,
Monarca das horrísonas procellas,
Cuja grenha herriçada os gêlos c'roam;
Que arremessa o trovão, que accende o raio
Na voz terrivel, nos terriveis olhos,
E, saudoso do cáhos, como que intenta
Fingil-o, arremedal-o em seus horrores:
O carrancudo, tenebroso Hynverno,
Á face de alto horóscopo brilhante
Foi por lei divinal, por lei dos Fados
Constrangido a despir tartáreo luto.

Eis dobrando a cerviz, eis bonançoso,
O tyranno da luz sacode as trévas:
Respira a Natureza, o céo respira,
Vitreos os mares sobre as praias dormem,
Onde Áquilo rugiu Favonio brinca,
* A nascer entre a neve aprendem rosas;
* Amor sentindo, o rouxinol se inflamma,
* Contente, illuso, não conhece o tempo,
* Vêl-a imagina, e canta a primavera.
Surgindo em tanto na purpurea nuvem,
Télas trajando fulgurantes de ouro,
De jasmins immortaes a fronte orlada,
Com risos, que estudou de um Deus na face,
A scintillante Aurora o pólo esmalta.
Seus lumes como nunca então raiaram,
E gota, e gota de macio orvalho
Que esparziu no teu seio, oh Lysia, oh patria,
Foi ledo agouro, foi suave emblema
De mil bens, que dos céos a ti dimanam.
Maria, a mãe de heróes, de heróes a filha
A Jove mereceu tão novo indulto,
Trouxe tão novo indulto á Natureza.
Seu natal sobre-sáe aos mais fulgentes
Quanto no ethereo cume, alardeando
Torrentes de fulgor, que o pólo inundam,
Vence o planeta majestoso, intenso
Tenue luz, que esmorece em negra estancia.
Sim, Rainha immortal, se a bem do mundo
Prenda tão chara não lhe houvesses dado;
Se, doce fructo de amorosa planta,

Teu mimo, teu penhor, delicias tuas,
João, sangue de heróes, que o Tejo adora,
Á nossos corações negado fosse,
Ninguem te egualaria áquem dos numes.
Elles teu grande horóscopo envolvêram
No immenso resplendor da eternidade,
Tua alma se embebeu na essencia d'elles;
E ao ponto em que dos céos se derivava,
Abrindo a azul campina em sulcos de ouro,
Presumiu assombrada a Natureza
Que radiosa porção vivificante
Do facho universal se desprendia.
A Jove teu natal deveu sorrisos;
E, attento na mimosa infancia tua,
Com rosto afagador te olhou, te disse:
«Qual é teu dia, tal será teu fado.»

II.

AOS ANNOS DA MESMA AUGUSTISSIMA SENHORA.

Musas, Musas do Tejo, alçai ao pólo
Versos dignos de reis, da patria dignos.
Desenrugue-se o Fado; os tempos voltem
Quaes a vate Cumêa os viu na mente;
Em manto cor de neve Astréa envolta
As éras de Saturno acorde, e guie
Ao seio escuro da ferrenha edade.
Apenas tenham que invejar aos numes
Os ditosos mortaes: luzeiro errante
Surja, rutíle da sinistra parte,
E com faustos satellites discorra
D'este áquelle horisonte os céos de Lysia,
Ingente, portentoso, e qual outr'hora
Dourou a alma de Julio o céo de Roma:
As vestes abrilhante ao carrancudo
Monarcha das horrisonas procellas,
Cuja grenha herriçada os gelos c'roam;
Cuja mão tenebrosa além das nuvens
O pélago arrogante em serras manda;
Na voz terrivel, nos terriveis olhos,
Que arremessam trovões, que accendem raios,
Soffra o duro oppressor do aereo campo,
Soffra o silencio, e a paz; desdobre, alize
Ondas o pégo, e sobre as praias durma;
Brinque Favonio onde Áquilo esbraveja,

Respire a natureza, o céo respire;
A nascer entre a neve aprendam rosas;
Puro, espontaneo mel destillem troncos;
Na rubra nuvem fulgurante de ouro
De jasmins immortaes co'a fronte orlada
Sempre n'este aureo dia assome a deusa,
Que sobre as flores a existencia entórna:
No semblante de um Deus a Aurora estude
Risos, que a Natureza extranhe, e adore:
Derrame pelos céos mais luz, mais pompa,
Sol, reflexo de Jove, imagem sua.
Maria, mãe de heróes, de heróes a filha,
Indulto singular merece ao Fado;
Seu natal sobre-sáe aos mais fulgentes,
Quanto no ethereo cume alardeando
Torrentes de fulgor, que o pólo innundam,
Vence o planeta fulgurante, immenso,
Tenue luz, que esmorece em negra estancia.
   Sim, Rainha immortal, modélo augusto
De quantas perfeições, quantas virtudes
De Astréa ao lado para o céo fugiram:
Sim, Rainha immortal; se a bem do mundo
Prenda tão chara não lhe houvesses dado;
Se, doce fructo de amorosa planta,
João, prole de heróes, que o Tejo adora,
A nossos corações negado fosse,
Ninguem te egualaría áquem dos numes.
   Elles teu grande horóscopo envolveram
No vasto resplendor da eternidade;
Tua alma se embebeu na essencia d'elles,

E ao ponto em que dos céos se desprendia
Abrindo a azul campina em sulcos de ouro,
Presumiu assombrada a Natureza
Que radiosa porção vivificante
Do facho universal se desprendêra.
Oh rei da immensidade, oh rei dos Fados!
Os idolos da patria, a mãe, e o filho
No throno avito, heroico, á sombra tua
De seculos em seculos triumphem:
D'elle, d'ella se esquivem Tempo, e Morte,
Dure-lhe a vida o que durar seu nome.
O Tejo despejando as urnas de ouro
Ás plantas lhe deponha o gran tributo,
Até que a eternidade absorva as éras.
São mimosos do Fado, a Jove acceitos
O filho, a mãe de reis, de heróes, de numes;
Cobrem azas de um Deus os dignos d'elle,
Lysia, flor das nações, prospéra, exulta!

III.

Aos faustissimos annos do Serenissimo Senhor D. João, Principe Regente de Portugal.

Recitado no Theatro do Salitre.

(13 de Maio de 1799.)

D'entre a primeira das edades mortas
Um dia resurgiu, soltou-se um dia
A bem da humanidade, á voz do Fado.
Mil Graças, mil Virtudes, mil Prazeres,
Foragidos do mundo, ao céo tornados,
Ao mundo volvem co'a sisuda Astréa.
Subito, remoçada a Natureza,
Leda, vaidosa de se olhar qual fôra,
Nas meigas faces amiuda o riso.
Turba subtil de olympicos Favonios
Vôa com flores, que não temem Phebo,
E á mãe universal perfuma o seio;
Insoffridos Tufões nas cavas grutas
Cerra, agrilhôa, abafa, opprime Eólo;
Mel espontaneo pelos troncos desce,
Lambem rios de nectar margens de ouro.
Saturno inclina a fronte ao ver na terra
De seus dias luzir a amena imagem;
Da sobranceira esphera ao filho exclama,
E d'alta novidade inquire a causa.

«Ente, digno de mim (responde Jove)
De heróes emanação, de heróes principio,
Hoje ao mundo levou, por lei dos Fados,
Escolhida porção de meus thesouros;
Hoje o fructo immortal de planta excelsa,
Que nas margens dispuz do insigne Tejo,
Surgiu, por meus influxos bafejado;
Da grande lusitana a digna prole,
O eximio coração, com quem reparto
A dignidade, a força, os pensamentos,
No seculo fatal, de horrores fertil,
Sobre o terreno herdado attráe teus dias,
Época da innocencia, e da ventura!
Viste ha seis lustros melhorar-se o tempo
Com seu fausto natal, viste ha seis lustros
De incognito matiz nos lusos campos
Ornar-se a Natureza em honra sua.
Então sorrisos d'ella annuncios foram
Dos luzentes futuros milagrosos,
Que para o tenro heróe zelava a Sorte.
«Se tanto não brilhou, como hoje brilha,
O doce clima productor de assombros,
Foi porque inda na edade inerte, e molle
Desatar não podia o regio moço
Altas idéas em acções mais altas.
Agora, que da illustre monarchia
Modera as longas rédeas, escudado
Das aptas forças, e do avito exemplo,
Agora se embellezam céos, e terra
Na gloria, no prazer, nos bens sem conto,

Que do grande João recebe a patria,
A patria de que é pae, senhor, e ornato.
«Unido em aureo vinculo á virtude,
Aos mil encantos de heroina augusta,
Tempéra o coração nos olhos d'ella,
Nos olhos d'ella o sentimento apura,
E um numen bemfeitor se ant'olha aos povos.
Negreja, sem toldar-lhe os mansos dias,
Tempestuoso horror, bramindo ao longe;
Em vão boceja o pestilente inferno,
Na lava abrazadora em vão sacode
Horridos crimes, que outra plaga infamam.
Senhor de alta nação, que vale o mundo,
João, mimo do céo, João triumpha;
Seu throno em corações está sentado,
E tem na eternidade os alicerces.
D'ella emanou seu dia, é parte d'ella,
E lá depois que o sol milhões de vezes
Houver com elle enriquecido a terra,
O puro, amado, memoravel dia
No resplendor sem termo irá sumir-se.»
Assim Jove falou: Saturno annue,
E fica mais brilhante a Natureza.

IV.

Aos annos do mesmo Senhor.

Recitado no Theatro da Rua dos Condes.

(13 de Maio de 1801.)

Honra, Patria, Virtude! Oh Leis! Oh Throno!
Objectos venerandos, majestosos,
Lustrai na escuridão, que abrange o mundo,
Do vate a phantasia erguei de abysmos.
Em tanto que no céo renasce o dia,
Dia eterno, sem par nos lusos fastos,
Mordendo-se, escumando, Erynnis vôa
Ante o carro fatal do deus das armas,
Onde nuvens de horror gotejam sangue,
Na truculenta mão rodêa o facho,
Cresta os Favonios, as delicias varre.
De sanhudos leões ondêa a coma,
Longo rugido horrisono rebrama,
Pelos troncos se amolam dentes, garras.
O bronze aloja em si rivaes do raio;
No espectaculo atroz, na scena infesta,
Sedentas de um futuro ensanguentado,
As Furias se embellezam, ri-se a Morte. . .
Debalde rebentais, vulcões do inferno,
Longe, agouros crueis! Lysia não treme,

Lysia será qual foi, qual é no globo,
Mãe de heróes, das nações a flor, o esmalte,
Da virtude esplendor, da gloria templo,
Pomposo torreão de férrea base;
Lysia embraça o pavez de eternos Fados;
Se Lysia baquear, baquêa o mundo:
Um Deus não é perjuro, um Deus não mente.
 Range os dentês Ismar, anhéla a preza,
Urram de Lybia os monstros, amotinam
O mar, a terra, o céo com grita horrenda:
Eis que de rosea cor se véste o pólo,
O ar, porque espéra um Deus, o ornato apura.
Assoma o recto, o sabio, o grande, o Tudo!
Vacilla a Natureza ao pezo enorme:
Elle olha, e d'este olhar vê campo, e campo.
 Reluz o amor, o esforço, a fé nos lusos,
Na bruta multidão negreja o crime;
Da traição, da avareza os genios torvos,
As serpes da blasphemia, em roda aos impios,
Por aqui, por ali sibilam, trôam.
 A voz, freio aos tufões, ameiga o Nume;
Ao guerreiro christão, que os seus inflamma,
O triumpho assegura, e fada os lusos.
Ao solio portuguez submette os tempos,
Co'a sacro-sancta mão lhe descortina
Fervendo o Ganges por ceder-lhe as palmas;
D'elle homenagem recebendo o Tejo,
Ufano recostado á urna de ouro;
Montanhas de trophéos ao longe, ao perto,
E sempre illustre a paz, illustre a guerra.

Desapparece o Deus, mas fica Affonso,
E de Affonso no ferro espantos brilham:
Sáe d'elle estrondo, morte, horror, victoria,
Não soffre arnez, escudo, é raio o ferro,
E cada portuguez leão se ant'olha,
Que, rebanhados touros assaltando,
Atassalha, desfaz, estróe, devóra.
Lá nos ares de Ourique inda vaguêam
Sagrados éccos da palavra augusta,
E das turbas fieis, do heróe terrivel
Inda o marcio rebombo estruge os valles.
Eia, enleva-te, oh Lysia, em teus destinos!
Um Deus te perfilhou, te dá, te escuda
Os dias de João, saudaveis dias,
Claros, celestes, como a luz que, eterna,
Que, immensa, resplandece além dos astros.
Quaes foram teus avós serão teus filhos,
Leaes, ardentes, invenciveis, grandes.
Nos olhos de João se nutre a gloria;
Basta volvel-os: heroismo é tudo.
Virá, virá de novo a paz mimosa
Com sorriso gentil dourar teu clima;
As Furias outra vez aferrolhadas
Na masmorra infernal darão bramidos,
Em quanto do aureo Tejo á lisa margem
(No formoso terreno, onde se encantam
Flora, as Graças, Amor, Favonios, Musas,)
Hymnos mandando ao céo teus povos ledos,
Sentirão palpitar, ferver no peito
Branda ternura, que humedece os olhos,

Pranto mais doce, mais fiel que o riso;
E, sem que a gloria nas delicias turve,
Transportado verá banhar teu seio
Correntes do prazer, de que é a origem,
O magnanimo heróe, da patria nume,
Esse, em cujo natal florece o mundo,
João, mimo d'um Deus, d'um Deus imagem.

V.

AOS ANNOS DO MESMO SENHOR.

(13 de Maio de 1801.)

Serus in cœlum redeas, diuque
Lætus intersis populo.
Horat. Lib. I. Od. II.

Que alegre, desdobrando o véo de rosas,
Que amena resurgiu, que abrilhantada
De estrellas, de amorosa claridade
A aurora de João no céo de Lysia!
Oh plaga sup'rior ás plagas todas,
Que déste ao mundo antigo um novo mundo,
Que, immensa no valor, no espaço curta,
Transcendeste os confins da humanidade,
Levaste execução lá onde apenas
Ousára abalançar-se o pensamento!
N'esta luz singular, n'este aureo dia,
Da eterna protecção penhor formoso,
Trouxe de novo a ti mil dons celestes
O Genio tutelar, que escuda, e véla,
Gran ministro de Jove, os teus destinos:
Que vassallagem firme ás leis, ao throno
Em teu seio arreigou, nutriu, reforça,
Qual planta ingente, que, abarbando as eras,
Opulenta de aromas, flores, fructos,
Na viçosa altivez penetra, invade

A terra co'a raiz, os céos co'a rama.
  Recrea-te, oh nação! divino indulto
Além da méta humana alçou teu lustre.
Colossos gigantêos no mar se abysmam,
Marmóreos torreões dão baque horrendo,
Da Fortuna as montanhas se desabam,
D'este, d'aquelle imperio morre a fama;
O Médo, o Assyrio cáe, cáe Roma, e Grecia,
Maravilhas do globo, e ferros d'elle;
Mas Fado universal não é teu Fado:
Gravâme acerbo, aspérrimo tributo,
Males, que a tudo impõe, não ousa impôr-te
O tyranno commum, rei de ruinas.
Elle acata a nação no heróe que a manda,
Nos heróes que a mandaram, que a subiram
Á grandeza, ao nivel do lacio nome.
  Deuses na mente, se mortaes na essencia,
Co'a rectidão por norma, os páes de Lysia,
Os monarchas do Tejo á patria deram
Leis amigas do céo, do mundo amigas,
Leis, que um Deus confirmou, porque eram suas.
  Magnanimos leões leões produzem,
Frouxo arbusto não é do cedro a prole.
Affonsos, Manueis, Dinizes, Sanchos,
De vós, egual a vós, João proveiu!
Decreto, pelos numes promulgado,
Transpôz de dextra em dextra o sceptro luso,
Até parar na mão, que ha de empunhal-o
Com tanta duração, que espante os evos.
  Astréa, a paz, o amor, virtude, e graças,

No mais que doce jugo embellezados,
Volvem dos astros, sem saber que volvem,
O Olympo esquecem, de João no imperio,
E suppõem convertida em tempos de ouro
Negra edade de horror, que os pôz em fuga.
A turba etherea, ladeando o solio,
Bafeja o coração do regio moço:
Ali derrama da Clemencia o nectar,
Ali, deidade austera, ali Justiça,
Teu ríspido amargor com elle adoça;
N'alma idéas prestantes lhe aposenta,
Arduas combinações lhe induz, lhe aplana;
Politica sublime entre ellas surge,
Onde a sagacidade abrange a honra;
N'um quadro luminoso o bem da patria
Ante a face real prospéra, avulta:
O presente, o porvir fulguram n'elle.
Oh tu, de um Deus contemporanea augusta,
Voragem onde os seculos sossobram,
Ignota, veneranda Eternidade!
Debalde te abarreiram teus arcanos
Contra audaz invasão da idéa em chammas.
Metal de mais vigor que o bronze, e o ferro,
Recondito aos mortaes, compõe teus muros;
A nevoa dos mysterios te rodêa:
Mas despedindo o vate ardentes vôos,
Áquem deixando o globo, o vento, as nuvens,
Qual a que arrosta o sol, e empolga o raio,
A eternos penetraes os hombros mette,
Obstaculos derruba, e lê nos Fados.

Lá onde altos Futuros majestosos
Em sagrado silencio envoltos dormem,
A todos sobre-sáe Destino excelso
Do generoso heróe, que rege os lusos,
Que impéra co'a virtude, e não co'a força,
Que inda mais que no sangue, em si tem base
A inviolavel direito, ao jus supremo
De ser na terra o que no Olympo é Jove.
Sim, Principe immortal; se a longa serie
De teus grandes avós te não guiasse
Á brilhante eminencia, onde te adora
Nos hemispherios dous um povo immenso,
Sempre nos corações houveras throno.
A tua gloria és tu, comtigo brilhas;
Por ti fogem de nós communs desastres,
Venturas entre nós por ti florecem.
O céo te inspira, o céo te galardôa,
E ethereo resplendor teus annos c'rôa.

VI.

Aos annos do mesmo Senhor.

Recitado no Theatro do Salitre.

(13 de Maio de 1801.)

Interlocutores:

Aurora, Seculo.

Oh tu, prole recente, ultima prole
Do numen, que aniquila o bronze, o ferro,
Que absorve gerações, que exerce os Fados,
Que vai minando o seio á Natureza,
E como que assuberba eternidades!
Filho do Tempo, successor não duro
De Seculo feroz, de irmão terrivel,
Que Europa mergulhou n'um mar de sangue,
Que a virtude, a razão, que as leis, e a gloria
Eclipsou, perseguiu, desfez sem pejo;
Té ao bojo infernal cavando abysmos,
As Furias arrancou da noute immensa,
As Furias, que, esparzidas no universo,
Todo em reino da morte o convertêram;
Graças aos numes, o tyranno é cinza,
O Seculo do horror volveu ao nada;
Morta esperança de viçosos dias
Resurge devagar, se move a medo;

Imagem festival de bens vindouros
Na terrea superficie em fim vislumbra:
Por sombrio horisonte apenas ficam
Rastos sanguineos dos forçados vôos,
Com que a fera Discordia, a negra Erynnis
Da peste, que em seu halito dardejam,
Extensas regiões purificaram.
Mas os tartáreos monstros não repousam,
Nas extremas da terra inda retumba
O medonho clamor, que sáe do raio.
Talvez nova impiedade enlute o globo,
Talvez... tão feia idéa os raios furta
Da face com que alegro a Natureza.
Ah! Tu que aos penetraes do immobil Fado,
Lá onde o pensamento a custo adeja,
Foste a serie colher, serie sem conto
De altos successos, em teu giro inclusos;
Tu, que na estancia onde os Futuros dormem,
Com lume audaz a escuridão venceste,
E, o gremio do possivel revolvendo,
Soubeste se a Ventura, ou se a Desgraça
Deve sobre esta machina indecisa
Reger sceptro de ferro, ou sceptro de ouro:
Recrêa, oh numen, cujas leis supremas
Observo pontual na rósea plaga,
Recrêa indagador, tenaz desejo,
Abrindo aos olhos meus clarão futuro.

SECULO.

Deusa brilhante, que ataviam, cobrem

Grinalda de jasmins, docel de rosas,
Mãe dos luzeiros com que douro as vestes;
Amores de Titão, delicias, mimo
Que aljofares entornas sobre as flores,
Que dás puros cristaes ao leve arroio,
Susurro ás virações, gorgeio ás aves,
E o gosto de existir á Natureza!
Bem que os mysterios do immutavel Fado
Envolva escuridão, e acatamento,
Que do mundo profano abate os olhos,
Comtigo, que és deidade, e socia minha,
Comtigo, que do Tempo exerces parte,
As leis universaes vogar não devem.
Enxuga o doce pranto cristalino,
Que entre as flores de Amor, e a neve, e as graças
Na face te reluz: socega, escuta.
  Aos montes sempiternos, onde o Fado
Em palacios de bronze as leis promulga,
Resfolgando subi, subi tremendo
Dos males, que este globo inficionavam,
Onde meu fero irmão cevára os olhos.
  Do gran templo fatal rangendo as portas
Se abrem de par em par, me descortinam
Aquelle, ante quem Jove é nume apenas.
  Avulta, recostado em negro throno,
Curvos, absôrtos cortezãos o incensam,
D'um lado a vida tem, tem de outro a morte,
Um só rasgo que dê co'a férrea pluma
No livro pavoroso, altéra o mundo,
Ergue, prostra nações: a Gloria é sonho,

A Fortuna é chimera, e Grecia, e Roma
Relampagos, que sorve immenso abysmo.
A tôrva omnipotencia adoro a medo,
E já trémulas preces vou formando
A bem do triste globo, em que presido:
Eis o deus co'um sorriso a voz desprende,
Dest'arte o coração me desafronta:
« Fiel executor das leis do Fado,
Herdeiro do poder, não do character
De ministro cruel, que puz no mundo
Para mais enrijar meu duro imperio:
Depois que em scenas mil de sangue, e luto
Minhas furias cevei, cevei meus odios,
Os males que esparzi me horrorisaram.
Quanto póde a Virtude até no Fado!
Em honra de um mortal, me abrando a todos,
Em honra de um mortal, que um Deus parece.
« Ferrolhadas no Averno as Furias gemam,
A cruenta Discordia apague o raio.
Virtude, Paz, Amor, volvei ao mundo:
Tu, Seculo ditoso, ao mundo os guia;
Este mimo dos céos na terra espraia,
Enriquece com elle os climas todos,
E mais que todos a benigna plaga,
O imperio occidental, augusta herança
Do heróe, do semideus, que lá contemplo.
« O solio de João ladêe a Gloria,
A Justiça o ladêe: admire-o tudo;
Base de corações lhe escore o throno:
Só deixe de invejal-o apenas Jove.

O dia em que emanou do seio eterno
Seja um sorriso do melhor dos numes;
Galas para adornal-o invente a Aurora,
Saturno o purifique, e seu lhe chame.»
Disse, e nublou-se o deus, e de repente
D'entre os astros um vórtice me arranca.
Eis venho respirar co'a Natureza,
Ufano do character, que me é dado,
Dos bens, que desparzir na terra posso.
Exulta, pois, oh deusa, e cumpre o mando,
Que ledo recebi na voz do Fado:
«O imperio de João, seus aureos dias
Gosem no mundo o resplendor do Olympo.»

AURORA.

Oh transporte! Oh ventura! Oh céos! Oh Fado!
Sendo teu jugo assim, teu jugo adoro.

VII.

AOS ANNOS DO MESMO SENHOR.

(13 de Maio de 1803.)

.... *Ipse tibi jam brachia contrahit ardens*
Scorpius & cæli justa plus parte relinquit.
Virg. Georg. Lib. I.

Oh lustres do salão radioso, immenso,
Fonte invisivel dos visiveis astros!
Em torrentes de luz, perennes, vossas,
Sem que naufrague a mente, é jus do vate
Sondar a eternidade, abrir os Fados.
Sorria-se na terra o mez das flores,
Espelho eram dos céos as vitreas ondas;
Do azul Favonio, da punícea rosa
Tenües suspiros, candidos perfumes
A leda Natureza embellezavam.
Eis ante o rei de tudo heróe, que outr'hora
Gosára entre os mortaes o grau de nume,
O claro fundador do luso imperio,
Dos altos promontorios a saudade,
Aquelle, cujo nome os patrios eccos
Com lugubre memoria inda proferem,
Curvo o joelho, supplice a palavra,
Pios desejos exprimiu dest'arte:»
«Gran Ser, que da medonha, antiga massa
D'uma vez extraíste o térreo globo,

Que n'um sorriso os céos, e o sol creaste!
Dá complacente ouvido ás preces minhas.
«O imperio occidental, por ti doado
A mim, e ao sangue meu, que as leis te adora,
O imperio occidental, theatro annoso
De innumeros portentos, de alta gloria,
A plaga venturosa, o doce clima,
(Que já sagraste co'a presença tua)
Lustre de novos dons, de timbres novos,
Em virtude, em grandeza, em majestade.
A planta, de que fui raiz fecunda,
Sempre mimosa de teu almo influxo,
Brote por ordem tua um fructo ameno,
Que adorne, encante, aformosêe a terra.
« De Lysia velador, propicio genio
Tu me elegeste, oh Deus! Eu guardo, eu zelo
Fiel, grata nação: mil, e mil vezes
Se apuram no esplendor da eternidade
Incensos, que te dá meu povo amado.
Requintada ventura, um lustre, ignoto
Ao resto dos mortaes, o galardoe:
Primeiro templo teu no mundo é Lysia,
Quasi como é nos céos, é lá teu culto.»
Taes, e tantas de Affonso as preces foram,
E ás preces annuiu o auctor dos astros.
Revolve a mão suprema o cofre eterno,
E entre milhões de espiritos fulgentes
Um, que mais brilha, bemfazejo, estrema.
Oh vós, de inextinguivel claridade
Serenos filhos! Impalpaveis entes!

Nuncios da terra aos céos, dos céos á terra
Quando implora o mortal, e outorga o nume!
Vós, leves meneando as alvas plumas,
Ao solio, que dá leis do Tejo ao Ganges,
Trazeis um dia, que atavie os tempos,
Um dom trazeis, que divinize o mundo.
É teu natal, grande João, tua alma
Este dia, este espirito, fadados
De character sem par, de bens sem conto
Pela voz, que do sol regula o giro.
Donativo do céo, prazer da terra,
Que honras o mundo todo, e reges parte,
Principe excelso, Principe adorado,
Enlaças corações em flóreo jugo;
Ternura filial nos diz que reinas,
Não convulso terror, não leis de ferro.
Quaes folgam, limpas das terrenas fezes,
Almas formosas nos elysios prados,
Vagam risonhos, festivaes teus povos,
Amplo dominio, que dos céos herdaste.
Tarde, mui tarde a teu principio voltes;
Depois que o tempo fatigar seus vôos
Vá sumir-se comtigo a Natureza
No seio da lustrosa eternidade:
Eis os votos de Lysia, e do universo.

VIII.

(Dramatico.)

A ESTANCIA DO FADO.

Para celebrar o dia natalicio da Serenissima Princeza D. Maria Theresa.

Representado no Theatro de S. Carlos.

(29 d'Abril de 1797.)

Actores:

O Fado.
O Genio Lusitano.
Lysia.

A scena se figura na estancia do Fado.

SCENA I.

O Fado, e o Genio Lusitano.

GENIO.

Oh tu, que já severo, e já benigno
Ou prostras, ou mantêns, ou dás, ou tiras,
Despotico senhor da Natureza,
Ente, de cujas leis é tudo escravo,
Hoje desenrugada a fronte augusta
Affavel te promette ás preces minhas.

Ministro pontual dos teus decretos,
Eu, que ha tantas edades vélo, oh Fado,
Na gloria, no esplendor da egregia Lysia,
De brilhantes heróes origem pura,
Eu por ella te invoco: alto interesse
A dirige, a conduz ante o supremo
Throno, onde reinas, adoravel throno,
Escorado na immensa eternidade.
Dá que a teu gran poder curvando a frente,
Honrada ha muito de apollinea rama,
Lysia teus dons beneficos implore.
De tudo quanto abrange a longa terra
Nada tão digno de encarar seu solio.

FADO.

Magnanima, fiel, constante, invicta,
Lysia, qual a formei, dá lustre ao mundo;
Ante o seu gosto minhas leis se torcem:
Tens influxo, oh Virtude, até no Fado.
Venha, merece olhar-me, ouvir merece
A voz, que ao proprio Jove o throno abala;
Tóque a vedada, sempiterna Estancia
Por onde em turbilhões mysterios fervem:
Gloria, aos mortaes defesa, a Lysia cabe.

O Genio vai conduzir Lysia.

SCENA II.

Lysia, e os mesmos.

LYSIA.

FADO, prole immortal da eternidade!
Numen, de cujas mãos está pendente
Cadêa em que os fuzís são bens, e males,
A desgraça, a ventura, a morte, a vida;
Dos Tempos movedor infatigavel,
Que de ledas, pasmosas, tristes scenas,
De espectaculos mil sempre matizas
A curva superficie ao terreo globo!
Se desde que assomei luzi no mundo,
Se a tua protecção, comigo estavel,
Das mais claras nações me fez modelo;
Se, escudada por ti, dei ser, dei pasto
Á bella emulação, e á fêa inveja;
Se de illustres acções dourei a historia;
Se a firme tradição c'roei de assombros;
Se meu brado esparzi de clima em clima
Nas férreas tubas da volatil Fama,
Atando em aureo nó Virtude, e Gloria;
Se em fim, qual sempre foste, és inda, oh nume,
Para os desejos meus benigno, facil,
Summa razão, que os move, os felicite.

FADO.

O passado, o presente, o quo inda ignoto

É aos cégos mortaes, perante o Fado
Tão claros, n'um só ponto, resplandecem
Como rutila o sol no aereo cume.
Deves, Lysia, porém, gosar o indulto
De livremente expôr teus sãos desejos.
Ao que Lysia appetece o Fado annúe.

LYSIA.

A promessa immutavel, que te escuto,
Affectos mil no coração me agita,
De altas idéas me povôa a mente.
Destinada por ti ao grande objecto
De honrar o mundo, e propagar portentos,
Mãe fecunda de heróes, teus fins cumprindo,
Sementes espalhei, de que brotaram
Candidas flores, generosos fructos.
Desvelada, incansavel, conduzindo
Por entre abrolhos, precipicios, transes
A minha prole audaz, a lusa gente,
Com ella commetti, pizei com ella
O quasi inaccessivel monte ameno,
Onde reside a perennal Memoria.
Com arrojado pé fomos subindo
Os marmóreos degraus do ethereo templo,
E, os estreitos vestibulos entrando,
Vida sem fim, moral eternidade
Corrêmos a colher nas aras de ouro.
Á turba dos heróes que ali brilhavam,
Luzeiros immortaes de Grecia, e Roma,
Extranheza não fez a nossa entrada:

Curvas as crespas, laureadas frontes,
Com sorriso amigavel nos saudáram.
  Do bafo empestador, que sáe dos vicios,
Jámais os fructos meus crestados foram:
Salvos da corrupção, a edade os traga;
Puros, formosos, como vivem morrem.
  Mas dos ramos d'esta arvore, que alcança
Os hemispherios dous co'a vasta sombra,
Tão viçoso nenhum, nenhum tão digno
Do amor da terra, da attenção do Fado
Como o que eu distingui de mil, que nutro.
É de Bragança o ramo, o ramo annoso,
De raras producções sempre adornado,
Este, cuja grandeza anhélo, adoro.
Em uma, em outra edade o viste, oh nume,
Ao bravo repelão de horriveis Euros,
De procellas fataes illéso, immovel;
Viste-o dar leis a si, dar leis a tantos,
Unir ao mando augusto augusto exemplo,
Assombrosos heróes crear co'a vista.
  Por esta de mortaes quasi divinos
Abalisada estirpe, a ti recorro
N'este dia entre os meus de um sol mais puro,
Maria, o tenro, o candido renovo
Da planta que idolatro, eximio fructo,
Doces primicias, e penhor sagrado
De charo, insigne par, João, Carlota,
Dos lusos corações idolo, e gloria:
Maria hoje raiou no alegre mundo.
Hoje na rubra nuvem scintillante,

De rosas, e jasmins bordando os ares,
Aurora appareceu co'um riso novo;
Hoje o suave, cristalino orvalho
Mais alvo, e mais subtil caíu nas flores;
O ledo rouxinol, prazer dos bosques,
Novos sons estudou para este dia;
Tornou-se mais formosa a Natureza;
Nas montanhas vestiu, vestiu nos prados
Mais lustroso matiz a primavera;
E agora que renasce este almo instante
As nuvens despe o céo, e o pégo as ondas:
Qual outr'hora exultára o mundo exulta.

A seus, e a meus transportes sê propicio,
Satisfaze os mortaes; ordena, oh Fado,
Que Phebo vezes mil no plaustro de ouro
Com dia tão feliz prospére a terra;
Ordena que mil vezes se renovem
Annos brilhantes na vergontea bella,
Na régia producção de tronco excelso.
Franquêa aos olhos meus, franquêa, oh nume,
O tropel de reconditos mysterios,
Sumido em negros véos, eternas sombras;
Aclara, desenvolve a meus desejos
Altos futuros da gentil princeza.

GENIO.

Ás preces que te envia eu uno as minhas:
Amor, Virtude, Gratidão te imploram.

FADO.

Eis o mais amplo dom, que póde o Fado

Para vós extraîr de seus thesouros.
Silencio, que eu desligo, eu desentranho
Da noute do vindouro os bens supremos
Que á princeza immortal propicio guardo.
Fulgentes como a luz que resplandece
Na pura habitação da eternidade,
Seus destinos vereis, vereis seus dias,
Da generosa avó, do pae sublime,
Da idolatrada mãe retrato egregio,
Virtudes, perfeições em si juntando,
Por mil raros espiritos dispersas,
A mimosa, gentil, real Maria
Dará novo esplendor á digna patria.
Como o formoso irmão no avito imperio
Dará sagradas leis em clima extranho,
Leis, amigas do céo, do mundo amigas.
Ligada em áureo nó, com fausto agouro,
A regio, claro heróe, credor de obtêl-a,
Fará que a seu louvor não baste a fama,
E cance de espalhar-lhe as maravilhas.
Seus thesouros serão, será seu throno
Asylo maternal dos malfadados,
Almo refugio da Virtude oppressa,
Da san Justiça, da innocencia amavel:
Tristes que a virem ficarão contentes.
Merito, e galardão, delicto, e pena
Debaixo do seu jugo hão de enlaçar-se;
Por muito, e muito que a Fortuna a brinde,
Mais ha de conferir-lhe a Natureza.
Tantas vezes o sol trará seu dia,

Seu dia, pelas Graças enfeitado,
Que, antes que cesse de guial-o ao mundo
Com tanto resplendor, qual hoje o doura,
Hão de esparzir-se nos cerúleos ares
Rôtas as rédeas dos Ethontes fulvos.
Vai, Lysia, volve aos teus; co'a face augusta
Regosija os mortaes, de ti saudosos.
O Fado o proferiu: mil bens te esperam.

LYSIA.

Graças, numen clemente! Eu corro, eu corro
A derramar na terra o grande annuncio.

GENIO.

Lysia, Lysia feliz! Comigo exulta:
Tudo se cumprirá; não mente o Fado.

IX.

AOS ANNOS DA MESMA SENHORA.

(29 de Abril de 18....)

Além do firmamento, além do espaço
Que por lei summa franqueara o seio
A mundos sem medida, a sóes sem conto;
Aquelle, cujo throno immenso, immovel
Vence ao diamante a consistencia, o lume,
Tem por base e docel a eternidade;
O só Principio dos principios todos,
Co'um sorriso avivando o ethereo dia,
Lançára a seu thesouro a mão suprema:
Mil virtudes, mil bens, mil dons, mil graças,
A que o tacto divino altêa o preço,
Surgem do eterno cofre; e alado genio,
Que as barreiras do céo transpõe n'um vôo,
Por entre o resplendor, que em torno espraia,
Traz o gran donativo á Natureza;
E vem com elle reluzindo os Fados,
Que ao celeste penhor cingira o nume.
« Ministro universal da omnipotencia!
(Clama o nuncio radioso) a ella é grato
Que d'estes sacros dotes se atavie
Prole de reis, de heróes, um digno ramo
Da planta, que immortal florece em Lysia,

De olympicos orvalhos animada;
Uma alma singular, idonea ao sangue
Do mortal, que vencendo o grau de humano,
Foi pela voz de um Deus chamado, eleito
Á virtude, á grandeza, ao throno, á gloria;
Que possante, magnanimo, assombroso,
C'o arnez da razão, da fé munido,
Lybicos monstros de terriveis garras
Feriu, rompeu, prostrou, desfez qual raio;
A cinzas reduziu, a pó, e a nada
Os templos da impostura, as aras do erro;
Depois que a divindade o véo rasgando,
Esse véo sacrosancto, impenetravel,
Que a recata do mundo, ante seus olhos
No lenho remidor se fez patente;
E com elle travando alta alliança,
As insignias lhe deu, lhe deu o imperio. »
   Disse o fulgente espirito; e soltando
Das azas de aurea cor fragrancia e nectar,
Em pélagos de luz desapparece.
Tremeu de acatamento a Natureza
Em tanto que o decreto absorta ouvia;
Eis que volvendo a si risonha, ufana,
No brilhante composto exhaure a industria;
Une ás graças moraes externas graças,
Divinaes perfeições á essencia humana;
E exulta, e se revê nos dons que enlaça.
   Adoravel princeza, estes encantos
São teus, são teus: no espirito, na face,
Na voz, no coração te resplandecem;

Com elles teu natal se afformosêa;
Por elles de mil jubilos c'reado,
Em perfumes envolto, envolto em flores
No gremio puro de benigna Aurora
Aos votos dos mortaes os céos o enviam.

X.

Aos prósperos annos da Serenissima Princeza do Brasil, a Senhora D. Carlota.

Recitado no Theatro da Rua dos Condes.

(25 de Abril de 1801.)

Tu, patente á razão, velado aos olhos,
Monarcha do universo, alma de tudo;
Immenso, que em ti mesmo apenas cabes,
Que tens no ser, na mão, na voz, no aceno
Fados, eternidade, omnipotencia,
De que o raio é pregão, e o mundo é próva:
Ah! Manda que teus jubilos sem conto,
Que elysias flores, Zephyros do Olympo
C'rôem, bafejem de Carlota o dia;
Que o sol, que o teu reflexo, a imagem tua,
Com elle avive a purpura d'Aurora,
Com elle regosije, adorne, altêe,
Gradúe em divindade a Natureza,
E vá com elle, ovante, além das eras.
   Prole de um semideus, esposa de outro,
(De outro, inf'rior, oh Jove, a ti sómente)
Carlota é de teus dons, de teus thesouros
Nas graças, no attractivo, a flor, o extremo.
Qual no céo reluziu quando, inda exempta
Da corpórea prisão, sua alma bella

Serena de astro em astro vagueava,
Qual no céo reluziu, reluz na terra.
Em seu candido rosto encantos brilham,
Razão lustrosa lhe atavía a mente,
Sorrisos a grandeza lhe temperam:
Tem mais sublime a indole que a Sorte,
Maior o coração que a dignidade.
Aos ais do afflicto, do infeliz aos prantos
Desde o cimo da Gloria, e da Ventura
Dá materno favor, materno ouvido,
Emulando, a par d'elle, os mil portentos
Do consorte immortal, do heróe piedoso,
Por quem, de aureas delicias esmaltado,
O céo de Lusitania as trevas déspe,
E é qual foi quando assidua primavera
Cubriu de virações, ornou de rosas
Ao tenro globo a superficie amena,
Quando em correntes susurrava o nectar,
E, o mesmo no zenith, ou no horisonte,
O sol benignos lumes espraiava;
Benignos lumes, como espraia a lua,
Se com pleno fulgor pratêa os mares.
Os idolos da patria, o par brilhante,
Dos mortaes o esplendor, João, Carlota,
Oh rei da Eternidade, oh rei dos Fados,
No throno avito, heroico, á sombra tua,
De seculos, e seculos triumphem:
D'elle, d'ella se esquivem Tempo, e Morte,
Dure-lhe a vida o que durar seu nome.
O Tejo, despejando as urnas de ouro,

Ás plantas lhes deponha o gran tributo,
Té que a terrestre machina abysmando,
Sorva tempos mortaes o tempo eterno.
Tua respiração, dos céos perfume,
Purifique o natal formoso, e charo,
Em que ufana, em que altiva a Natureza
Se enleva, se revê, se ri, se encanta.
  Já de Saturno as épocas voáram,
Férrea, medonha edade aggrava os entes.
Ah! D'entre os mortos seculos surgindo
Envolto em rosas, o melhor dos dias,
Dos dias que perdeu console o mundo.
  Taes, e tantas de Lysia as preces foram
Ante o solio de Jove, e d'elle ouvidas
Colheram n'um sorriso omnipotente
Da implorada mercê penhor, e annuncio.
  São mimosos do Fado, a Jove acceitos,
Cobre a sombra d'um Deus João, Carlota:
Modelo das nações! Oh patria! Exulta.

XI.

Aos faustissimos annos da Serenissima Senhora D. Maria Benedicta, Princeza do Brasil, Viuva.

Recitado no Theatro do Salitre.

(25 de Julho de 1798.)

Sacro delirio, creadora insania,
Que, não paga de um Deus, de um céo não paga,
Ousaste pregoar mais céos, mais deuses;
Opulenta indomavel phantasia
Dos homens quasi numes, que, invadindo
Os bronzeos penetrais da Eternidade,
Presumiste erigir no centro d'ella
O paço a Jove, o tribunal aos Fados,
Os astros povoar de vans deidades,
E, esforçando o terror da Natureza,
Depois arremeter do Averno ás portas,
Sumir teus vôos pelo immenso abysmo,
Erguer Plutão sanhudo em férreo throno,
Fingil-o ao Medo, figural-o ao Crime
Regendo as Furias, legislando á Morte:
Oh Genios sem limite, oh vós, que outr'hora
Daveis aromas, templo, altar, ministros
Á virtude immortal das almas bellas,
Mais puras, mais brilhantes, mais formosas

Que o filtrado clarão das éras de ouro!
Manes, sagrados manes! Se, arrombando
Da existencia, e do nada o muro eterno,
Volvesseis a vagar no globo infausto,
No globo já corrupto, e não lustroso
Do primevo explendor! Se ao alto olhando
Por entre a névoa de apinhados vicios,
(Semente nunca esteril no universo)
Visseis em summo grau, remoto d'elles,
Luzir dos hymnos meus o grande objecto,
Luzir Maria, a singular Maria,
Prole de reis, de heróes, de semideuses,
Do imperio universal por si crédora,
Maior que os Fados seus, maior que a Fama!
Irieis com transporte, e jus mais sancto
Sagrar-lhe aromas, templo, altar, ministros.
Seu dia, que deveu aos céos cuidado,
E no sol, como os mais, não teve origem,
Seu risonho natal, quasi tão puro
Como o seu coração, deu hoje á terra
Prazeres, cuja idéa encantadora
Foi ao estro dircêo talvez negada.
Hoje Aurora surgiu não somnolenta:
Hoje Aurora, anhelando anticipar-se,
Na orvalhosa madeixa desparzira
Almos perfumes, a que céde o nectar:
Flores, que dispuzera, e que zelava
Nos elysios jardins cultor divino,
Para toucarem a manhan mais bella,
A mais bella manhan, que sobre o Tejo

Em chuveiros as Graças derramando,
Á superficie azul subtís cardumes
Attraíu dos Favonios brincadores,
Por mais doce fragrancia enfeitiçados,
Uns apoz outros desdenhando as rosas.
  Sorriu-se, como nunca, o rei dos entes
No ponto em que raiou tão fausto dia,
D'entre os ethereos orbes deslizado;
Sorriu-se, e reflectiu no céo, na terra,
Na face festival da Natureza
O adoravel sorriso omnipotente,
Capaz de produzir mil sóes, mil mundos,
Torcer os Fados, e alegrar o inferno.
  Então, a eternas leis curvado o Tempo,
Na corrente fatal dos bens, dos males,
Em que é vida este anel, e aquelle é morte,
O Tempo então, depondo a fouce, as azas,
Puliu aureo fuzil, tão reforçado,
Que o desabrido assalto, o pezo, o encontro
Dos seculos em chusma, o não rompessem:
Deve tanto a Virtude ás divindades!
  És, brilhante fuzil, és a existencia
Da regia, da magnanima heroína,
Que n'alma florecente o céo resume;
Augusto coração, cuja grandeza
Quando aos miseros desce aos astros sóbe;
E colhe em galardão a eternidade.
  Encanto universal, matrona excelsa,
Como que ao templo ingente, onde a Memoria
Construe estatuas, que não róe a edade,

Erguido, arrebatado o pensamento,
Por entre as altas copias venerandas
D'aquellas, que transpõem o horror do Lethes,
Lá vê sobresaír a imagem tua,
E lê na, que a sustém, perpétua base:
«A gloria de Maria é mais que a vossa:
Ao bronze sup'rior curvai-vos, bronzes!»

XII.

CONGRATULAÇÃO AO PRINCIPE, E Á PATRIA, NA PAZ UNIVERSAL.

(Anno de 1801.)

. . . . . . *Ferrea primum*
Desinet, ac toto surget gens aurea mundo.

Virgil. Eclog. IV.

PEZAVAM sobre a terra os ferreos Tempos:
Do facho das Euménides saltava
Em scentelha, e scentelha um novo crime,
Extranho aos homens, e usual no Averno.
Ardia o coração da triste Europa
Em chammas, que a Discordia reforçava
C'o ardor, que zune, estala, ondêa, eterno
Nas fragoas immortaes do horrivel Pluto.
Pelo amplo continente, e além dos mares
Entravam, bravejando, as leis, e as Furias;
Céres espavorida os ermos campos
Ao numen da matança abandonava;
De iniquas mãos espolio, o docil bruto,
Socio fiel do válido colono,
A robusta cerviz curvava ao ferro,
A robusta cerviz, que déra ao jugo.
Era sonho a razão, systema o crime,
Era fado a crueza, instincto a guerra
No atónito, infeliz, sanguineo globo.

O cáhos resurgia, inerte, opáco,
Do abysmo, onde o sumiste, oh Ente immenso!
Em hórridos baixeis trovões de bronze
No alto Oceano alardeavam mortes:
O duro inglez, o déspota dos mares,
Torrente universal de cem victorias
Sustinha, represava ao gallo ovante.
Albion, portentosa, invulneravel,
De espumas, e tropheos cingida, ufana,
Co'as barreiras equóreas blasonando,
Ás miseras nações atropeladas
Mostrava o brio illeso, immune o seio,
Da patria o sancto amor perenne, intacto.
Delirante ambição de falsa gloria
Na Gallia turbulenta, e já não culta,
O peito revolvia aos igneos Martes.
Nas azas da invasão transpunham serras;
Aos rapidos guerreiros se ant'olhavam
Valles os Pyrenéos, planicie os Alpes
(Colossos, que dos céos o pezo aturam!)
Iberia vacillou, tremeu Germania,
As Aguias, os Leões se acobardáram:
Iberia, que fez face aos reis do mundo,
Do mundo á capital, e a gran Germaniã,
Que outr'hora as legiões sorveu de Roma,
Forçando o seu tyranno a dó pezado.
Tu, flor das regiões, formosa Italia!
Dos Fabricios, dos Régulos, dos Fabios,
Dos Brutos, dos Catões tu mãe, tu nume!
Oh fóco da grandeza, e do heroismo!

Rival da Grecia, vencedora, herdeira!
Viste milagres seus desarreigados
De teu seio gentil, só digno d'elles!
Insana usurpação, brutal rapina
Extorquiu, profanou, desfez portentos,
Sacros á furia de hyperbóreos monstros,
Da tragadora edade á furia sacros.
As mestas Artes, co'a melhor na frente,
(Aquella que os heróes ergue da morte,
E em metro venerando os perpetúa)
Carpindo-se, abraçando-se, fugiam.
Teus póvos, infeliz, teus cultos póvos,
Dados ao ferro, á chamma, o céo rasgavam
Em lamentos, em ais; saudades tinham
Do sceptro, que os Caligulas mancháram,
Do tempo em que os tyrannos foram deuses!
Ai! Que faria a miseranda Ausonia,
Sem ter Camillos, que oppozesse aos Brennos!
Afeito a dardejar tartáreas flammas,
O Vesuvio pasmou do extranho incendio,
E de enorme vulcão por entre as fauces
Alçando o torvo Dite a fronte adusta,
Quanto vira no inferno olhou no mundo.
O mundo agonisava... oh céos! Nem Lysia,
A que á sombra de Jove altêa o cólo,
Nem Lysia se eximiu do mal nefando,
Lysia, de um semideus herança, e patria!
Nos seus, imagem vossa, elysios campos,
Já bramia o furor, manava o sangue;
Já... mas subito, á voz do Omnipotente,

Que os Aquilões nos Zephyros converte,
Recolhe as azas a procella immensa,
Librada sobre o lugubre universo.
Ante o solio de innumeros luzeiros,
Que alumia os salões da Eternidade,
Teu nome, alto João, e as preces tuas
Contra o commum flagello empenhos foram.
« Eia, ministros meus: em risco é Lysia!
(D'entre milhões de sóes o Eterno exclama)
Se a quiz exp'rimentar, salval-a quero.
A promessa de um Deus não retrocede,
E d'ella inda lembrado Ourique exulta.
O que Affonso escutou João merece,
As virtudes do avô melhóra o neto:
Vós sabeis ante mim quanto differe
O pacifico heróe do heróe guerreiro.
Momento, em que hei fadado a paz do globo,
Annexo ao p'rigo está, que Lysia corre.
Ide, Espiritos meus, Concordia, vôa:
Azedos corações adoce o nectar,
Que entorna em meus jardins manhan sem noute.
Concurrentes nações — Britannia, Gallia —
Deponham timbres vãos, tenaz orgulho;
Em laço fraternal suffoquem odios,
De que deixei pender do mundo a sorte.
Arcanos, que nem mesmo a vós se aclaram,
Em penetraes de bronze a mim só francos,
Do universal contagio o fim permittem.
Etherea viração comvosco adeje,
Que varra aos ares do orbe a estygia peste.

Co'um aceno abysmai no Averno as Furias:
Por ora sobre a terra apenas fiquem
Os erros dos mortaes, innatos erros,
Té que os lave o Remorso á Natureza.
O commercio prospére, as artes brilhem,
Floreça a paz, a industria, a gloria, tudo.
Os homens o pareçam. » — Disse, e fez-se.
Em fim, Principe augusto, em fim, poderam
Teu rogo, incensos teus dobrar um Nume!
O que ao mundo negou por ti lhe outorga:
Lysia vale o universo ante seus olhos.
Imagem do teu Deus, pae de teu povo,
Inunda o coração dos bens, que esparges;
Exulta, vive, reina, e brando acolhe
Offrenda, que a teus pés depõe submisso
Quem, dado ás Musas, e anhelando a fama,
Se honra em teu jugo, tuas leis adora.

XIII.

Consagrado ao Nascimento da Serenissima Senhora Infanta D. Izabel Maria.

Recitado no Theatro da Rua dos Condes.

(Anno de 1801.)

INTERLOCUTORES.

ACTOR. ACTRIZ.

ACTOR.

Musas, Musas do Tejo, alçai ao pólo
Versos dignos de reis, da patria dignos.
Desenruga-se o Fado, os tempos volvem
Quaes a vate Cuméa os viu na mente
O mundo se renova, o cáhos triste,
Com que oppressa gemia a Natureza,
Em dias se desfaz de riso, e de ouro.
No manto cor de neve Astréa envolta
As eras de Saturno á terra guia:
Desliza-se dos céos estirpe nova;
Sorriso virginal, penhor divino,
Apura, formosêa os ares nossos;
Em Zephyros mimosos se convertem
Os duros Aquilões; luzeiro errante
Surge, rutila da sinistra parte,
E com faustos satélites discorre

D'este a aquelle horisonte os céos de Lysia,
Ingente, majestoso, e qual outr'hora
Dourou a alma de Julio o céo de Roma,
Phantasmas desvanece, agouros varre.
   Salve, casta, benefica Lucina,
Fautora do gentil, do amavel fructo
Que brota de sagrada, eterna planta!
Salve, prole de heróes, prole adoravel!
Tu vens embrandecer com teus encantos
A ferrea edade, o seculo das Furias;
Amor, paz, innocencia ao mundo offreces
Dos olhos infantís no doce lume,
Luzindo, vicejando em mil virtudes,
Irá no coração, maior que os annos;
De glorias cingirás tua existencia;
Por ti conciliado o céo co'a terra
Verêmos, e por ti verificar-se
Quanto as mentes phebéas têm sonhado.
Nos tempos de João, nos tempos nossos
Ha de o passo de Jove a patria honrar-nos:
Hão de os netos de Luso, ao deus tão gratos,
Qual se vive no céo, viver no mundo:
Mixtos os numes, e os heróes verêmos;
E, se rastos houver do crime antigo,
Apagados serão por teus influxos.
   De flores se matiza em honra tua
A leda Natureza: o térreo seio
Levanta o myrto ameno, a paphia rosa,
O loureiro honrador, e o molle acantho.
Nas varzeas para ti se está sorrindo,

De aurea espiga toucado, o mez de Céres;
Vai teus louvores murmurando o Tejo,
E ao potente Oceano, ao rei dos mares
Leva teu nome, o teu natal, teus fados
Na voz, que adoça ao proferir o annuncio.
Ateam-se entre as alvas, brandas nymphas
Doces debates: entre si contendem
Qual primeiro abrirá nas vitreas lapas
Teu nome idolatrado; e qual primeiro
Teu aureo berço, teu virgineo corpo
Na téla imitará com sabia agulha.
Tumultuando os céos trovão de bronze,
Não murcha corações, não tolhe os hymnos
Que o transporte, que o jubilo desata.
O numen da braveza, o deus do sangue,
Ouvindo que teu ser já luz no mundo,
Do carro assolador saltando alegre,
O elmo, a lança, o pavez arremessando,
Ficará tão sereno, e tão macio,
Como quando entregava, accezo em gostos,
De Venus ao regaço a crespa fronte,
E co'as armas folgando os Amorinhos,
Do character deposto escarneciam,
Character surdo aos ais, aos prantos surdo,
Que uns olhos, que um sorriso amollecêram.
Melindrosa, gentil, real menina,
Cópia das Graças, dos Amores cópia,
Filha digna dos paes, delicia d'elles,
Cresce, brilha, prospéra, exulta, vive:
Quaes são teus olhos os teus dias sejam,

Claros, formosos, innocentes, puros!
Querida prole, a conhecer começa
A carinhosa mãe, que magoaste
Com agro pezadume em longos dias;
Melhóra os risos teus nos risos d'ella:
És semidéa, ficarás deidade.

ACTRIZ.

Para o penhor mimoso
D'entre os syderios lumes,
Olhai, benignos entes,
Olhai, propicios numes.
A providencia vossa,
Vosso favor merece
Quem tanto, oh divindades,
Comvosco se parece.
Genio de luz composto
Córte os ceruleos ares,
E dos monarchas lusos
Orne os pomposos lares.
Ao marchetado berço
Risonho se aproxime,
E ali requinte as graças
De espirito sublime.
Seus luminosos fados
Zelando em cofre de ouro,
Lustre, enriqueça o mundo
C'o singular thesouro;
Afague a doce prole
Dos que são mais que humanos:

D'ella um só dia occupe
O que não cabe em annos;
E quando em tardas eras
Voar d'entre os mortaes,
O céo na posse d'ella
Gose de um astro mais.

XIV.

O Actor Agradecido a Beneficencia Publica.

Recitado no Theatro do Salitre.

(Anno de 1798.)

INTERLOCUTORES.

THALIA, E O ACTOR.

ACTOR.

Filha de Jove, tutelar deidade
Dos vates immortaes, dos genios grandes,
Que sobre a scena golpeando o vicio,
Sementes da virtude arreigam n'alma,
E as fezes das paixões lhe extraem com arte:
Oh Musa festival! Não menos grata,
Não menos util á moral, e á vida,
Meneando o pincel, com que semêas
A critica verdade, o sal, e o riso,
Não menos util, sim, não menos grata
Que a majestosa irman, desentranhando
Da funda escuridão dos tempos mortos
Exemplos, que do mal nos acautelem,
Ou modelos, que ao bem nos encaminhem:
Os terriveis affectos da grandeza,
Os crimes da ambição, de amor os crimes,
As artes da politica impostora,
O baque dos imperios derrubados:

Os Regulos, Catões, Horacios, Codros,
Rivaes dos numes, victimas da patria:
A innocencia acolá gemendo em ferros,
Ali torcendo as leis protervo abuso;
Ora o justo por terra, ora exaltado,
Ora ovante a maldade, ora abatida;
Já com brutas paixões a humana especie
Submersa no labéo, no horror, na infamia,
Já virtude alteando a Natureza,
Em amplos corações ardendo a gloria,
E, fertil de portentos, conseguindo
Que, envolta no heroismo, agrade a morte.
   Assombros de Melpómene sagrada,
Voltaires, Crebillons, ministros d'ella,
Que a attenção subjugais, o gosto, a mente,
Vós culto mereceis, vós sois eternos,
C'os outros, que immortaes vos precedêram
D'alta memoria na fragosa estrada!
   Mas tu, Plauto do Sena, eximio vate,
Tu, que dos corações sondando o abysmo,
Com vista imperturbavel em si mesmos
Estudaste os mortaes: pintor insigne,
Que o prazer, e o proveito entrelaçando
No engenhoso matiz das ledas cores,
Quaes são, quaes foram debuxaste os homens,
Das meaas condições fizeste o quadro,
E ao quadro breve reduziste o mundo!
Tu, que, não pago de instruir co'a penna;
Co'as vozes sazonaste os fructos d'ella,
Tu és credor tambem da eternidade,

Alumno de Thalia! — E por teu nome
Hoje espero impetrar da casta deusa
Favor, benevolencia, abrigo, influxo;
Hoje que, deferindo ás preces minhas,
Do sacro monte as veigas desampára,
Sáe d'entre o vario circulo brilhante
Das divinas irmans, do irmão divino,
De Phebo, que revolve, entende os Fados,
E no peito mortal se embebe ás vezes.
Oh Musa, que me attendes, que trocaste
Pelas margens do Tejo as do Permesso,
E no clima gentil, que aromatissa,
Vês luzir florecente amenidade,
Vês tão risonho o ceo, tão verde a terra,
Sentes de mil Favonios os suspiros,
A ciciosa turba, que vaguêa,
Pulindo os ares, namorando as flores,
Quaes lá no cume excelso, estancia tua:
Digna-te de influir-me activas forças,
Capazes de hombrear com meus desejos.
De ti pende o regrar-me a voz, e o gesto,
Para que nem transponha a Natureza
Nas azas de fervor desattentado,
Nem cobarde rasteje áquem da méta,
Roto o véo da illusão. Meus olhos pintem,
Mostrem meus labios a influencia tua,
Agora que de esplendido congresso
Magnanimo favor me especializa,
Geral beneficencia a mim dimana.
Honre os suores meus, oh divindade,

A gloria de attraír mais digno premio,
A gloria de aprazer aos illustrados
Nest'arte de sentír paixões alhêas,
Quasi transmigração a essencia nova.
Ás supplicas mortaes propicía annues!
Feliz meu coração! Feliz meu rogo!

THALIA.

Honrosa gratidão te inflamma o peito,
Da patria o doce amor te ferve n'alma,
Sagrados, candidissimos objectos,
Que da terra, e dos céos merecem tanto!
Prometto de inspirar-te em honra sua;
Não temas fraquear, terás comtigo
Nos lances, nas acções de mais momento
Não visiveis os manes instructores
D'aquelles que no Tâmisis, no Sena
Ao claro nome seu padrões alçáram,
Ou revocando as generosas cinzas
De finados heróes, ou exprimindo
Em character menor paixões mais brandas;
Cingidos de tal arte á natureza,
Que a mente, pelos seculos errante,
Oh Grecia! Oh Grecia! Teus milagres via,
E o mais em que se apraz a humanidade.
Exerce, actor dltoso, exerce as forças,
Que á patria, de que és filho, estás devendo;
Confia na assembléa espectadora,
Na sublime nação, que afaga as artes,
Que, á virtude, ao saber, e ás Musas dada,

Tambem com mestra mão colheu meus louros.
Lá onde entrar não ousam tempo, e morte
Os Ferreiras, os Sás perennes brilham;
Elles no meu thesouro estão velando,
E o genio creador, que os fez eternos,
Mil vezes das estrellas deslizado,
Em lustrosos effluvios se reparte
Por vós, oh lusos vates, que inda á Fama
Dareis com que afadigue as linguas cento,
E a plaga occidental por vós espante
As outras, do renome alheio escassas.

ACTOR.

Oh mais que fausto agouro! Oh patria! Oh numes!
Oh deusa protectora! A teus influxos
Sagrarei por altisonos cantores
De ethereo resplendor c'roados hymnos.

XV.

Ao Publico.

Em nome de Leocadia Maria da Serra, no dia do seu beneficio.

Recitado no Theatro do Salitre.

(Anno de 1799.)

Interlocutores.

Actor, e Actriz.

ACTOR.

Por uma estrada só não se encaminha
O genio lidador, votado á Fama:
As diversas paixões tem fins diversos,
São diversos os gráus, onde a virtude,
Onde a gloria aos mortaes colloca os nomes.
Por entre o fogo, o pó, e o sangue, e a morte
Raios de ferro, ou bronze arrosta aquelle:
Arde, freme, esbravêa, arqueja, espuma,
Em quanto, do espectaculo atterrada,
Parece que recúa a Natureza.
Este em douta vigilia, e reclinado
Da planta de Minerva á sombra amiga,
Estuda os corações, estuda os tempos,
Sonda costumes, charactéres sonda,
E, corrigindo os mais, a si corrige.
Est'outro, desdenhando a baixa terra,
Nos extasis phebêos discorre os astros;

Travam seus olhos do futuro esquivo,
Da immensa eternidade arranca os Fados:
Mortal na condição, na voz é nume.
Renascem Raphaeis, Phidias renascem;
O magico pincel prodigios vérte,
E em milagrosas mãos a pedra vive.
Tu tambem, raro dom, tu, dom lustroso
De exprimir as paixões, de erguer á vida
Claros heróes, que no sepulchro dormem;
Tu, ante quem o avaro ímpetos sente
De ir desaferrolhar thesouro inutil,
Malfeitor coração detesta o crime,
O que em sangue esparziu compensa em pranto,
E, ou receie o ludibrio, ou ame a gloria,
O mau se torna bom, e o bom perfeito:
Portentosa illusão, que senhorêas,
Que encantas corações co'a voz, e o gesto,
Tu na posteridade aos que te exercem,
Se és d'elles dignamente exercitada,
Classe (e classe não infima) grangêas.
Quanto ao sexo mimoso apura as graças
Est'arte, a mais irman da natureza!
Congresso espectador! Vós o sentistes
Quando aquella, que é hoje objecto amavel
Do publico favor, pintou nos olhos,
Nos labios, nas acções, nos ais, nos prantos
O terror, e a piedade, alma da scena,
O affecto conjugal, e a dor materna,
Envolta em longos véos da cor da morte!
Benignos corações, hallucinados

De eloquente, pathética apparencia,
Julgastes ver surgir da morta edade
A esposa de Raúl, e em mil suspiros
Mandar o pensamento á sombra amada.
Soáram vivas, lagrimas correram,
Do transporte geral não dubia prova;
E a terna gratidão, sagrado affecto,
Vem tributar-vos sentimentos puros
Na doce voz da revivente Elisa.
  Chega, e vê que espectaculo pomposo,
De illustres cidadãos vê que assembléa
Concorre a proteger-te; ouve que applauso
Generoso te exalta, e vai fundando
Em robusto alicerce a gloria tua.
Os dous formosos dons — temor, e pejo, —
Realces de teu sexo, não supprimam
Da bella gratidão sensiveis mostras.
Sólta a candida voz da singeleza,
Que em silencio te escuta um povo egregio,
Um povo, o mais feliz, e o mais amavel
De quantos sobre a machina terrena
Prodigios immortaes tem dado á Fama;
Um povo submettido a leis macias,
Que a mão de um semideus dos céos traslada,
O povo de João, do heróe, do amigo,
Do pae commum, do bemfeitor da patria,
D'aquelle em que a virtude é só grandeza;
D'aquelle, que de si por nós se esquece;
D'aquelle em cujos dias luminosos
D'entre os fuzis dos seculos dormentes

Rebentam de Saturno os aureos dias.
Enche um sacro dever, e a voz desprende.

ACTRIZ.

Excelsa patria minha, espectadores,
Que tanto, e tanto honrais co'a voz, e os olhos
Meus timidos ensaios sobre a scena;
Propicio tribunal, em que é julgada
Débil mulher, que pávida caminha
Por espinhosa, incognita vereda,
Onde o genio talvez, onde o costume
Tambem se desacordam, se extraviam;
Ou tudo vem do ensino, ou vem do exemplo:
Recentes para mim o exemplo, o ensino,
Fertilizar minha alma inda não podem,
Nem conferir-lhe o tom, nem dar-lhe o gesto
Com que um animo em outro se converte.
Mas vejo reluzir brilhante agouro,
Que, afagado por vós, me aponta ao longe
Digna da patria n'um futuro honroso.
Da gloria no horisonte os olhos fito,
E á publica, efficaz beneficencia
Meus dias consagrando, anhélo o tempo
Em que os esforços meus, os meus desvélos
C'rôe mais a razão do que indulgencia,
E eu clame, decantando alta victoria:
« Porque é gloria da patria, estimo a gloria. »

XVI.

Despedida de Antonio José de Paula aos Portuenses.

Recitada no seu Theatro.

(Anno de 1802.)

Alta virtude, sentimento augusto,
Que, absorto no esplendor, na dignidade,
Na grandeza, no ser, distancia, fórma
Das estrellas, do sol, do mar, da terra,
De quanto constitue a Natureza,
Ergues de céos em céos ao rei dos entes
Nuvem de aromas, que perfuma os hymnos,
Quando além do universo, além do espaço
Se embebe a voz mortal no seio eterno!
Divina Gratidão, que até rompêste
Por entre immenso horror, de Lybia os ermos,
Que déste nos leões exemplo aos homens,
Que do novo espectaculo assombraste
O vasto circo da orgulhosa Roma,
Tornando carniceira, horrivel féra
Ante o seu bemfeitor macia, e branda!
Divina Gratidão, tu és, tu foste,
O orgão de meu dever serás co'a patria.
Meus labios com teus sons aromatiza,
Dá-me a tua energia, impulso, alteza,
Converte-me em ti mesma, ou sê meu nume.

Egregios, venturosos habitantes
Do opulento, affamado, antigo emporio,
D'a, que aos patrios annaes, ampla cidade
Nos fastos deu materia, e nome a Lysia,
Filhos de excelsa mãe, da torreada,
Majestosa rival d'alta Ulysséa,
Sensiveis attendei me, ouvi benignos,
Verdade, e gratidão, que sôam d'alma.
Nos campos desiguaes onde Thalia,
E a carrancuda irman, com riso, e pranto
Melhoram corações, o vicio punem,
Ousei com rosto imberbe, e planta incerta
Dos Barons, dos Le Kains seguir a estrada,
De fragoso terreno, e fim remoto.
No estudo, no suor, no ardor, no gosto
Meus dias envolvi, sonhei doural-os
De um brilhante futuro: honrar, e honrar-me.
Tentou ave rasteira os vôos de aguia,
Já no clima natal, já n'outros climas;
Cem vezes adejei, tremi cem vezes
Ante os cumes da Gloria, a mim vedados;
Queria o coração, não pède o genio.
Co'a mente recuando ao gran principio
Do merito, que luz na scena heroica,
Do merito, que luz na média scena,
Vi que, emulos, eguaes, o actor, e o vate
Deviam florecer nas artes suas;
Que ao genio imitador, na voz, no gesto,
Nos ais, no pranto, no terror cumpria
Reforçar a illusão, que em igneo metro

De assombrosas paixões presenta o quadro,
Ou mostra em tom meão communs affectos.
  Eis aos olhos mentaes me off'rece Athenas
A terrivel tragedia, alçando o braço,
No semblante o furor, n'alma o remorso,
Entre luctos, punhaes, traições, venenos.
Além vejo Menandro, ali Terencio,
Plauto ali, motejando humanos vicios,
Correndo a grandes fins por tenues meios;
Olho os mestres da Scena, os orgãos d'ella,
Que fazem da illusão brotar proveitos,
Quaes nunca, ou mui d'espaço os dá verdade.
  Venerando espectaculo da idéa,
Graves objectos, que atterrais audacias,
Sereno, todavia, ouso arrostar-vos.
A patria me protege, influe, excita,
A meu tremente adejo alenta os vôos,
Acolhe-me o fervor, me avulta o nada.
  Illustres cidadãos, congresso amavel,
Á sombra de Ulysséa, á sombra vossa,
Meus fados abriguei, meu ser, meu nome.
Character grande, espirito sublime
Honra as margens ao Tejo, ao Douro as margens!
Aqui confere o genio, e lá confere
Beneficencia, amor, esteio ás artes.
  Nadando o coração n'um mar de affectos,
Ao mais sentimental que sáe d'entre elles,
Á magoada saudade as vozes pede,
Que de violenta ausencia o custo exprimam...
Mas porque exerço a voz, se da amargura

A suprema eloquencia está nos olhos?
Vai zelada em meu peito a vossa idéa,
Zelada contra os Tempos, contra os Fados:
Da minha gratidão perenne, intensa
Serão mais um triumpho a Morte, e o Lethes.
E tu, que, attento ás leis, á patria, á gloria,
De Astréa imparcial cultor, e alumno,
O publico repouso estás velando;
Tu, alto pelos teus, por ti mais alto,
Que afagas, que mantens, que fertilizas
Magnanimo, illustrado, as artes bellas:
Prospéra, em honra tua, em honra d'ellas.
Dure, brilhe teu nome em quanto o Douro
Levar nas fartas ondas turbulentas
Mais guerra que tributo ao rei dos mares.

XVII.

AO PUBLICO.

Em nome de um Actor no dia do seu beneficio.

Recitado no Theatro da Rua dos Condes.

(Anno de 1803.)

Requintado artificio além da méta
Tentava da illusão levar o imperio.
Graças mimosas, feminis encantos,
Espinhosos desdens, macio afago,
Prisão tão doce aos corações, o riso,
E o pranto, aos corações prisão mais doce:
Affectos, que dulcísonos se exhalam
Na voz, orgão de amor, feminea, branda,
Ha pouco, em som viril falsificados,
Um agro não sei que deixavam n'alma;
De ternas sensações (já dor, já gosto)
Vazio o peito, suspirava encher-se;
O pensamento, o coração pediam
Mixto aprazivel de verdade, e engano.
A sabia Natureza, a mãe das artes·
Eis volve á scena lusa, e já com ella
Florece a formosura, attráe, sacia
Olhos sedentes, soffregos ouvidos.
Zenobia, Elysa, Cleofíde acordam
De eterna escuridão, de ferreo somno.
Dos seculos o pezo ellas sacodem,

E em niveas faces, em purpureos labios,
No talhe majestoso, em alma, em tudo,
Vem reinar sobre a scena, e são quaes foram:
O attento espectador palmêa, exulta,
E a fonte das paixões borbulha, e corre
Por flóreo, natural, gentil caminho.
Eu, oh d'alta Ulysséa illustre povo,
Eu, de tenues paixões frouxo arremedo,
Em habito falaz exercitando,
Os quadros distingi moraes, e amenos,
Onde alegre illusão com risos mente.
Meu passo, minha voz, vontade, affectos
Á natureza em fim se restituem:
Qual me quiz, qual me quer, qual sou, pratico
O que arte escassa, o que mesquinhas luzes
Á mente escura, indocil me doáram.
Espectadores meus, que honrais meu dia,
Risonha complacencia os erros doure
Do inerte, humilde actor, que a patria implora.
Sêde o que fostes, e talvez, surgindo
D'entre os nomes communs, será meu nome,
Oh claros cidadãos, prodigio vosso.

XVIII.

Ao Publico,

Em nome de um Actor, no dia do seu beneficio.

Recitado no Theatro de.....

Musa de altas paixões não vem na scena
Aos olhos franquear sanguineo quadro;
Hoje as furias d'Amor punhaes não vibram,
Nem vérte surda morte em peito incauto
Co'a dextra da traição lethaes venenos:
Não tendes que temer, almas sensiveis,
Agra impressão de lugubres affectos:
Não, não vereis o parricidio negro,
Com serpes na melena, e serpes n'alma,
Todo o inferno embeber no insano Orestes:
Não, não vereis phrenetico ciume
No silencio, nas trevas ululando,
Nivea belleza em flor murchar sem mágoa,
Encantos divinaes sumir ao mundo,
Gesto mimoso, de innocencia ornado,
Olhos, e labios, que chorando, e rindo
Doce tumulto nos sentidos movem;
Trança de anneis subtís, brincando em ondas,
Cólo de amores, halito de rosas
Zaira não soltará nas mãos do amante

Entre os ais de ternura os ais da morte:
Não ha de enternecer-se, arripiar-se
A mente, e o coração na dor de Elaire,
Na sanha de Orosman, de Atrêo na taça.
Surge á scena espectaculo attractivo,
Em que Amor com Virtude, em nó suave,
Os costumes abrande, ameigue a vida.
Notarás outra vez, congresso illustre,
Congresso bemfeitor, por quem mil vezes
Agros destinos meus se tornam doces,
Outra vez notarás o puro exemplo
Dos muitos, que exercitas, dons sublimes;
Verás, desaggravando a Natureza,
Facticia condição não dar virtudes,
O character moral não vir da sorte,
E o genio dos heróes luzir nos servos:
Em quanto pavonêa inflado orgulho,
Cevando de illusões a idéa esteril,
Todo ufano de si, talvez de nada,
E os olhos de travez lançando apenas
Aos que em somenos grau quiz pôr Ventura;
Porque nescio confunde os graus, e as almas.
Generosa nação, que não confundes
O que deu Natureza, e deram Fados:
Oh patria, que hoje em mim teus dons semêas,
Acolhe, escuta com silencio honroso
Os exforços de actor submisso, e grato,
A quem renovam descaído alento
Louvor, e amparo, de prodigios fonte.
O prestimo é dever sagrar-se á patria,

O que valho, o que sou jurei sagrar-lhe:
(Se pouco valho, e sou, dar mais não posso).
Do publico favor medrando á sombra,
O pio sentimento em mim se arreiga:
No merito não lógro o jus da gloria,
Porém meu coração de vós é digno:
Immutavel comvosco, eterna, immensa,
A minha gratidão será meu fado.

XIX.

Ao Publico,

Em nome de uma Actriz, que representava o papel d'Ericia na Tragedia « A Vestal ».

Das victimas d'Amor carpiste os fados,
Sensivel assembléa, egregio povo:
A Musa do terror, do pranto a Musa,
Mesclando affectos dous, que a scena regem,
A fonte ás sensações abriu nas almas.
Por artes de illusão revivem tempos,
Dos abysmos da morte heróes assomam,
E inda a ser existencia aspira o nada.
Aos vates, a mortaes, mas quasi numes,
Dos numes o maior de si deu parte;
Deu-lhes, que sobrepondo o genio aos fados,
Nos seculos por ser, e nos que foram,
Fizessem resurgir, nascer fizessem
Entes de alto character, de alto nome,
Ou indoles fataes á Natureza,
Ou ternas condições, escravas d'ella:
Taes vistes, foram taes — Ericia — Afranio; —
O féro Amor, ou déspota do mundo,
Que os homens agrilhoa, impõe aos deuses,
O cruel, que entre viboras, e flores

Nectar, nectar promette, e dá veneno
Aos tristes corações, que mais o adoram:
Elle, o commum tyrànno, aos dous amantes
Lamentados por vós, em vez de glorias,
Deu ancias, deu cypreste em vez de myrto:
Tenra belleza em flor, virginea rosa,
D'elle por impia lei caíu sem vida,
E o misero amador, que a vê luctando
Co'as angustias mortaes, no peito embebe
O ferro, com que Amor fadou seu termo;
Ferro, que inda goteja o sangue amado,
E em purpura trocou do seio a neve.
Assás haveis honrado, assás carpido
Os sem ventura, e candidos amores,
Os suspiros sem mancha, o caso acerbo,
A heroica intrepidez, verdugo d'ambos.
   Descei vossa attenção, descei risonhos
Para objecto menor: sou eu, não ella,
Não Ericia, que fala: o chôro, as mágoas
Convertem-se em prazer na face, e n'alma:
Nem tormentos de Amor, nem fraudes suas
Meus labios, olhos meus agora exprimem;
Mas gloria, gratidão, que fervem, soam
Da protegida actriz na voz, no peito:
Ao merito vulgar, que rója, e treme,
Azas dais, com que imite adejos de aguia,
E além da propria esphera afoute os vôos:
Eu nada sou por mim, por vós sou tudo:
Mais que humano poder, poder sagrado
Por vós meu ser, meu grau, meu fado altêa.

Lysia, mimo do céo, da terra esmalte,
No seio amigo me acolheu piedosa:
Serenos dias meus são dons de Lysia,
E até que os deixe o sol, que os turve a morte,
Até que os desampare a luz da vida,
Os vossos mesmos dons vos sagro, oh lusos!

XX.

Ao Publico,

Em nome da Actriz Claudina Rosa Botelho, Recitado no dia do seu beneficio.

(Anno de 1805.)

Actriz — *Claudina Rosa Botelho.*
Actor — *Victor Prophyrio de Borja.*

ACTOR.

Os campos da Virtude estão desertos;
Não vê, não descortina o pensamento
De Lybia os areaes tão sós, tão tristes!
Ao menos os leões ali campêam,
Honram co'a majestade a Natureza,
E na coma lhe ondêa o regio brio;
Ao menos ante os sóes, que lá flammejam,
De raio assolador, de raio infesto
Ostenta escamas de ouro a serpe enorme,
Multiplica os aneis, é mil, e é uma:
Isto mesmo, este horror, esta fereza
No quadro do universo é formosura.
Oh campos da Virtude, estereis campos,
Dos serenos mortaes delicia outr'hora!
Mudou-se o gosto seu, de vós se temem;

Tal do Caucaso bruto, ou bruto Atlante
(Invasores do céo, crespos de rochas)
Recúa o passageiro, e pasma, e foge!
  «Volveste ao lar de Jove em rosea nuvem,
Tu, mestra das acções, dos bens origem,
D'alma, do coração lei viva, e sancta:
Este globo, oh Moral, desamparaste!
Com azas de relampago, seguindo
Teu fulgurante adejo, a prole tua
Dos astros muito além pousou comtigo:»
O azedo misantrópo assim vozêa,
E céva o negro humor, o humor bravio
Nas scenas immoraes, que a terra off'rece.
  Enrugado censor, não mais carregues
O pezado sobr'olho! Em honra á patria
Dos sabios, dos heróes, perdôa ao mundo:
Dos sabios, dos heróes a patria é Lysia;
Não fugiu para Jove o côro amavel,
Acolheu-se de Lysia ao seio intacto:
Flores ali desparze, ali perfumes,
Que o halito de um deus de si vaporam.
  Alveja o divinal, o ethereo enxame;
Filtrado nectar seu, qual doce orvalho,
Cáe sobre as almas, e a Moral florece.
  Não olhe a mente ao longe alto heroismo
No luso, marcio peito, a quem regala
Férreo costume de lidar co'a morte;
Não veja torrear no pégo immenso
O immenso Adamastor, procellas todo,
Que zela carrancudo as virgens ondas;

Mas depõe, mas submette aos fados nossos
A furia gigantêa, acceza em raios:
De assombros immortaes, de acções que vivem
Na idéa, o coração não se honra agora.
  Guerreiras, e pacificas virtudes
(Mixto com que os mortaes se tornam deuses)
São de Lysia o character portentoso:
Deu leis co'a mansidão, co'a força espantos,
E a mansidão gentil vê como exerce
Comtigo, hoje entre tantas distinguida
Do publico favor, do patrio affecto;
Olha a Beneficencia, o dom formoso
Dos céos tão filho, e nos mortaes tão raro,
Como te anima, te prospéra, e c'rôa:
Ah! Cumpre que ao dever ternura unindo,
Mimosa gratidão te adorne os labios;
Fala: sôe o dever, sôe a ternura.

ACTRIZ.

Tropel de sensações, moral tumulto,
Oh patria, oh doce patria, me assaltêa!
De affectos na torrente alma soçobra,
E só dá phrase nua á boca inerte.
  Dizer que és mãe de heróes, que és mãe de justos,
Que o genio enlouras, que o saber laurêas;
Que ao merito commum, tremente e frouxo,
O susto despes, a energia infundes;
Que outra por teu favor me creio, ou sinto,
E que aspiro com elle a dar-me á gloria;
Que á vasta, majestosa, olympia estancia

Onde entre ós Fados a Memoria é nume,
E onde os sellos impõe da eternidade
A titulos humanos, ja divinos,
Do gran livro immortal nas folhas de ouro;
Que lá, co'a intrepidez do enthusiasmo
Por milagre da patria eu sonho erguer-me:
Isto já se escutou de gratas vozes,
Isto a meu coração talvez não basta.
Exhaure a phantasia os seus thesouros,
E áquem do teu louvor desejos ficam.
Dotes brilhantes, sociaes virtudes,
Aos ternos filhos seus de Lysia emanam,
Com practica sublime, aureo costume:
Sou terna filha sua, e da piedosa,
Da benefica mãe, que a prole amima,
Dotes, virtudes em silencio adoro.

ACTOR.

Cumpriu-se alto dever, e a patria annúe
Ao nobre affecto com sorriso ameno.

ACTRIZ.

Se aos sentimentos meus annúe a patria,
Outra gloria, outro fado aos céos não rogo.

ACTOR.

Fervam-nos sempre n'alma eguaes extremos.

AMBOS.

O que a Lysia se deve a Lysia dêmos.

XXI.

AO PUBLICO:

Em nome de uma Actriz do Theatro da Rua dos Condes.

(Anno de 1805.)

A Musa, que nas scenas de Ulysséa,
Não sem gloria, ajustava o métro á lyra,
De Elmano o só thesouro (a socia mésta
Da, quasi muda cinza, aérea sombra)
Inda um salvè tremente á luz envia,
E dá versos á patria, ou dá suspiros,
Da nobre Gratidão pelo orgão puro.
Oh Lysia! Escuta os sons, talvez extremos,
Que do seio affanoso, a custo, exhala:
(O cysne divinisa os sons na morte)
Ouve, em métro não baixo, ouve alto affecto,
Que me honra o coração, na voz me ferve,
E no patrio favor a ardencia nutre.
  Recente arvoresinha em chão bravío,
De humor celeste definhando á mingoa,
(E mimosa jámais de um sol fagueiro)
Eu para a terra, para a mãe pendia,
Que os succos mesquinhava ao tenro arbusto,
Talvez de produzil-o arrependida.

Eis braço, a que apiedou meu ser já murcho,
Me extráe, propicio, do terreno avaro,
E em liberal torrão me põe, me arreiga.
Subito espérta, subito enverdece
A planta moribunda, e qual se, oh Lethes,
Afferrasse a raiz nas margens tuas,
Que das Furias o bafo esteriliza.
Influxo animador me altêa, e fólha;
Halito ameno de vivaz Favonio
Com macios vaivens me embala os ramos,
Flores me adornam, fructos me ataviam:
Os sorrisos da patria, os mimos d'ella
Estas boninas são, são estes fructos.
Das trevas, e da morte as aves feias,
(De atra voz, em que o Fado ás vezes sôa)
Fogem d'entorno a mim, carpindo agouros,
Nas agras, negras furnas vão sumir-se;
E na coma louçan gorgêa encantos
Teu cantor, Primavera, o vosso, Amores.
   Quanto sou, quanto valho, a Lysia devo,
E a Lysia o coração na voz consagro.
Acólhe com ternura, acólhe, oh patria,
As offrendas por mim do triste vate,
Que para te cantar surgiu da morte,
E em ancias balbucía o tom dos numes:
Honra déste ao cantor, dá honra ao canto.

———

XXII.

Para servir de «Prologo» á Comedia «O Extremoso»

Representada no Theatro da Rua dos Condes.

(Anno de 1800.)

Extremos, phrenesis, queixumes, prantos
Da funesta paixão, desejo insano,
Que envolto no prazer saltêa o peito;
Veneno abrazador, que os olhos bebem,
Que, disfarçado em nectar, se insinúa
No illuso coração, na mente absorta;
Sentimento oppressor da natureza,
Da van philosophia em vão repulso;
Innata commoção contradictoria,
Fonte de crimes, de virtudes fonte,
O poder milagroso, inevitavel
De um sorriso, de um ai: divino encanto,
Cunho celeste, na belleza impresso;
Delicias, afflicção, fraqueza, e força,
D'entre um mesmo principio derivadas;
Raivosas sensações, não menos furias
Do que essas, que no Averno estão rugindo;
Chammas de tanto ardor como as que zunem
No tartáreo vulcão, de lava eterna;

O rei dos Males, o rival da Morte,
O Ciume, o teu raio, Amor tyranno,
Teu raio, que a Razão derruba, estraga,
Q'inda (oh pasmo! Oh terror!) depois de extincto
Deixa longo trovão soando n'alma:
Eis o quadro moral, de tristes côres,
Mas quadro proveitoso, interessante,
Que ao luso expectador se expõe na scena.
Benignos cidadãos, sensiveis entes,
Que das ternas paixões sabeis o custo,
A doce tyrannia encantadora
Com que uns olhos gentís dominam tudo;
Extremosa nação, tu, que idolátras
Tenue cópia do céo na formosura;
Que elevas quasi além da Natureza
Os dous affectos em que os mais se absorvem:
Que tens no coração, que tens na idéa
Presos em laço de ouro Amor, e a Gloria;
Que, sentindo o que o mundo apenas sente,
Choras no damno alheio o proprio damno,
Nas fraquezas de um só vês as de todos,
Reconheces que amor é quasi um fado,
Um fado universal, que arrasta, e fórça
Á loucura, á desgraça, ao precipicio;
Que é despotico Amor, e o mundo escravo;
Que este imperio fatal não tem rebeldes,
Que a suberba Razão succumbe ao jugo,
E ás vezes (oh cegueira!) o jugo adora:
Extremosa nação! No grande objecto
Emprega mudamente os olhos d'alma;

É tão digno de ti, quam variado
De radioso matiz: verás que esmalte,
Que preço, que attracção, que luz confere
Á belleza exterior moral belleza;
Por entre desatinos da vontade,
Tumultos da paixão, sem lei, sem freio,
Por entre confusões, por entre sombras,
Que do cego amador o acôrdo enlutam,
Verás como florece, illesa, intacta,
A suave innocencia, inda mais bella
Se em lide porfiosa obteve a palma.
Virtude os meios ama, odêa extremos,
Extremos são no mundo ou erro, ou culpa:
Do mesmo que abrilhanta a humanidade
Longe, longe, oh mortaes, o injusto excesso!
Dramaticas acções tem só por alvo
O proveito commum: sarar costumes
Quando enfermos estão; com riso, ou chôro,
Com brandura, ou terror, fazer que brilhe,
Que triumphe a moral: d'aqui se colhe
Lição proficua, prestadio exemplo.
A eschola da verdade está na scena,
E tão pasmoso effeito ás vezes brota,
Que a virtude se aprende até no vicio.

XXIII.

Para servir de «prologo» ao Drama «Nuno Alvares Pereira»

Representado no Theatro da Rua dos Condes.

(Anno de 1801.)

Varão digno de Lysia, ou Roma, ou Grecia,
(Quando Grecia existiu, quando houve Roma);
Alta planta de reis, até dos mesmos
Que, só mortaes na essencia, o Tejo adora;
Pereira, aos seus, e a si pavez tremendo,
A dragos, a leões Alcides novo,
Vivo na tradição, na historia vivo;
Aquelle, a cujo ferro, a cujo raio
Da intriga, da traição caíram monstros,
E rôtas no alicerce, e derrocadas
As torres da ambição, do orgulho as torres;
Aquelle, que, insoffrido a jugo extranho,
Foi base onde João manteve o solio,
Que aposta durações co'a eternidade:
Nuno, o maior talvez dos lusos Martes,
Que á publica razão, que ao bem da patria
Deu sangue, deu suor, deu pensamentos;
Que, surdo á natureza, em gloria absorto,
No peito aniquilou privado affecto,

E, de louros sombria a fronte excelsa,
Fatigadas por elle as tubas cento,
Em sagrado retiro ergueu da terra
(Cá d'entre os reis de pouco ao rei de tudo)
A mente, digna só da immensa Idéa;
Illusões expulsou, despiu phantasmas,
Achou verdade o homem, sonho o grande:
Eis o que hoje na scena, honrando-a, surge,
Aos lusos explendor, saudade, exemplo;
Semente, que expelliu milhões de assombros
Na edade em que medrou, nas que a seguiram.
Mas não sómente, oh patria, o claro objecto
Te domine a attenção, te chame os olhos:
Se abala os corações character grande,
Infausta condição quem não commove?
A Musa em que apparece o gran Pereira,
Negramente fadada, urdiu nas sombras
Difficil têa, que palpava incerta;
Do miserando auctor nos olhos tristes
Eterna escuridão pousou mais cedo.
Nos abysmos da morte, á luz sumido,
Fervendo em sancto amor, que as leis arreigam,
Colhe entre espinhos de árida existencia
Fructos de gloria com que brinde a patria,
Propicio nome, que lhe ameigue os fados.
Que direito ao louvor! Que jus ao pranto!
Chora seu fado, oh Lysia, honra seu nome.

XXIV.

(FRAGMENTO.)

Para se recitar no Theatro. por occasião de regosijo publico.

(Anno de 1805.)

....

NA vasta perspectiva encantadora
Se embebe o coração, se embebe a mente:
Oh pae da Natureza, eterno, immenso,
Este imperio proteje, onde a virtude
Erguida sobre o throno á sombra tua
O templo social reforça, estêa,
Manda que a paz celeste, e seus encantos
Em luminoso grupo abrindo as auras,
Baixem de Lysia novamente ao seio.
Ferva nos corações, nos olhos ferva
A ternura, esse bem por ti creado,
Para se consolar, e ornar-se o mundo:
Maravilhas de um Deus um Deus amime;
É do teu doce amor João thesouro,
Não ouse negro véo nublar-lhe os dias;
Qual é seu coração seus dias sejam
Lustrosos, firmes, transparentes, puros:
Eterniza das leis o ardor sagrado
D'ellas escudo, consistencia d'ellas,

E o sol, reflexo teu, jámais aviste
Da tumba occidental ao berço Eôo
Virtude, que a João no throno eguale,
Grandeza, que deslumbre a patria minha!
Ah! Que em chusma, em tropel me estão surgindo
Sentimentos fieis, delicias d'alma;
Eia, soccorre a voz tremente, incerta,
E em hymnos sôe o cordeal transporte.

(Cantam.)

XXV.

Fragmento de um prologo, para se recitar no Theatro.

(Anno de 1805.)

Hoje surge ante vós, congresso illustre,
A Musa, que fatal, que desgrenhada,
Rege scenas de horror, scenas de sangue:
Que nas cruentas mãos, nos olhos feros
Traz desesperação, punhaes, venenos;
Que as eras tenebrosas invadindo,
Entrando por montões d'edades mortas,
Co'a vigorosa mão revolve as cinzas,
Tyrannos arrebata, heróes arranca
Ao silencio do nada, ao somno eterno.
Colhe d'entre os annaes do antigo mundo
Feias paixões, catastrophes medonhas,
Virtudes, vicios, a innocencia, o crime;
Colhe os males d'então, e os males de hoje,
Esses, que a Natureza envenenaram,
Esses, que a Natureza inda envenenam.
Devorante Ambição tragando imperios,
A Discordia brutal desfeita em raios,
Rubras ondas fervendo em torno d'ella;
Politica feroz as leis calcando,
Negra Perfidia vaporando infernos;
Da razão, da vontade Amor dispondo,
N'uns olhos, n'um desdem, n'um ai, n'um riso!
. . . .

XXVI.

Offerecido ao Juiz e mais Festeiros de Nossa Senhora da Graça da Carnota.

Doce filha do céo, doce harmonia!
Ao seio dos mortaes ás vezes désces,
E qual rutílas na mansão dos numes,
Sobre a terrena estancia resplandeces:
  Principio da união, que liga os entes,
E que n'um só paiz o mundo tróca,
Honra meus labios de teus sons divinos,
Anima o vate, cuja voz te invoca.
  Celeste commoção, virtude augusta,
Sagrado zelo, singular piedade,
Conduz almas fieis a que celebrem
Solemne culto á summa divindade.
  Dos gratos corações escandecidos
Nos extasis subindo os hymnos soam,
E os incensos, que o céo paga em sorrisos,
Purificando a terra, aos astros voam.
  Prole da immensa luz, porções do Eterno,
As harpas de ouro modulando afinam,
E os olhos, onde o nume reverbera,
Sobre a terrestre pia turba inclinam.
  És da etherea attenção primario objecto,
Tu, que presides ao fervor sagrado,
Tu, magnanimo Silva, em cujo peito
O character da gloria está gravado:

E tu, de malfadados meigo asylo,
Tu, moral copia d'elle, amavel Serva,
A quem na eternidade um gráu sublime
Entre os amigos do homem se reserva;
E vós, eguaes na fé, no ardor, no extremo
Aos dous egregios peitos, que decanto,
Viannas, e os demais, em quem se apura
De homens, e numes o commercio sancto;
Não menos vós, metades carinhosas
Dos animos gentis, que entrego á lyra,
Não menos mereceis, esposas bellas,
As honrosas canções, que Phebo inspira.
Exercitai, cumpri, christãos ferventes,
A fé, que os corações vos afoguêa;
Tereis o galardão sobre as estrellas;
O que a terra edifica, o céo premêa.

A CONCORDIA

ENTRE AMOR, E A FORTUNA:

DRAMA PARA MUSICA

EM UM SÓ ACTO.

Dedicado aos Annos da Illustrissima Senhora

D. Anna Joaquina Cardoso Accioli,

natural da Bahia.

S' asconda Amor n'ella mia cetra, e dia
Sol concenti d'Amor la Musa mia.
Metast. Epithal.

ACTORES:

AMOR.
VENUS.
A FORTUNA.
Coro dos Amores, e das Graças.
Genios alados, que acompanham a Fortuna.

A scena se figura em um bosque aprazivel.

SCENA I.

Amor, e os Amores.

CORO.

Oh seculos formosos,
De candidos costumes,
Em vós mortaes, e numes
O jubilo egualou.

AMOR,

Que encanto, que alegria,
Graça, esplendor, pureza
Na infante Natureza,
Em todo o ser, brilhou!
Então do tenro mundo
Á superficie amena
Descendo a Paz serena,
A terra em céo tornou.

CORO.

Oh seculos formosos, &c.

AMOR.

O sol, então recente
Lá na recente esphera,

De assídua primavera
Té brenhas esmaltou.
As ondas preguiçosas
Á espaços desmanchando,
O mar fagueiro, e brando
N'arêa então brincou.

CORO.

Oh seculos, &c

AMOR.

A um tempo ali se viram
O fructo, e flor pendentes;
Em limpidas correntes
O nectar murmurou.
Em vós, oh almos dias,
Amor era um thesouro;
Em vós, oh dias de ouro,
Tudo sentiu, e amou.

CORO.

Oh seculos, &c.

AMOR.

Ah que saudade eterna
Turvára ao mundo a face,

Se o Fado a Amor negasse
O bem, que lhe outorgou!
   Dos dous ao rogo, ao mando,
Do somno em que jazia
Surgiu celeste dia,
E a Natureza ornou.

CORO.

   Oh seculos, &c.

AMOR.

   Um dia em que mais leda
A rara nuvem córa,
E vem trajando a Aurora
Galas, que nunca usou:
   Um dia em que tão bella,
Ou mais do que Acidalia,
Nascendo a meiga Analia
O imperio meu firmou.

CORO.

   Oh seculos, &c.

AMOR.

Alados socios meus, fervente origem
Do jubilo supremo,

Que as delicias do Olympo a Jove apura;
Numes do coração, reis do universo,
Amores, elle em nós hoje prospéra;
Hoje da fonte de immortaes luzeiros
De novo emana um dia,
Que exalte, que remoce a natureza.
Salve, natal de Analia,
Salve, luz, com que Aurora
Mais que de tantas mil se ensuberbece!
Quando apontou vaidosa a vez primeira
Na de purpura, e de ouro
Tenue, bordada nuvem,
Que aljofares entórna,
Não tinha o brilho, a cor de que se adorna.
Eis os campos de Amor, eis os meus campos,
Aureo terreno amigo,
Por quem Paphos enjeito, enjeito Idalia:
Aureo terreno amigo,
Onde mais que mortal parece o gosto,
Onde embalsama os ares,
Onde serena os rios,
Dá viço, dá matiz, dá mimo ás flores
A salutar, fragrante
Respiração de Analia.
Analia, meu thesouro, e vosso encanto,
Merece a Amor, aos céos, aos Fados tanto.

ARIA.

Verdes bosques, viçosas campinas,
Dos Amores suave morada,
Onde Analia mimosa, engraçada,
Qual a rosa louçan germinou:
Recamai-vos de tenras boninas,
Com que brinque Favonio ligeiro,
Que este dia, dos seus o primeiro,
Dos prazeres nas azas voltou.

SCENA II.

Os Amores, e a Fortuna, que desce rapidamente em um globo, ladeada de Genios.

AMOR.

PORÉM aos olhos meus que objecto assoma!
És tu, deusa falaz, és tu, Fortuna,
De phantasticos bens depositaria,
Tantas vezes, ou sempre a Amor contraria?

FORTUNA.

Sou eu, menino audaz, sou eu, que ufana
No dia mais credor ás graças minhas,
Entre os mil Genios que meu globo enfeitam,
Venho sobre estes campos deleitosos
Ratificar-lhe as ditas,

Ditas, que, em honra á minha doce alumna,
Em honra á bella Analia,
Soltas das leis do tempo aqui florecem.
Pasmas, insano Amor, de que a Fortuna,
Cujas glorias motejas,
Mais brilhantes, mais solidas que as tuas,
Baixe ao feliz terreno,
Onde raro penhor da Natureza,
Mortal quasi divina
Em dobro com meus dons, com meus afagos
Triumpha, resplandece?
Mais que a ti me pertence honrar seu dia,
Desdiz muito da minha a essencia tua,
É de outro grau meu nume.
O respeito, o prazer, bastões, e os sceptros
São dadivas, são mimos
D'esta mão bemfazeja,
D'esta mão, que á de Jove apenas cede.
Com ella o mundo antigo, o novo mundo,
(Que, productor de Analia,
Sobresáe ao primeiro)
Com ella quanto existe abranjo, illustro.
E tu de vãos deleites,
Ou mortaes dissabores
Frivolo auctor, e venenosa origem,
De que os mesmos favores
Ao que os possue affligem,
Tu, que duros farpões atraiçoados
Ás molles almas, de que és deus, apontas,
Assim com voz proterva, assim me affrontas?

Do céo cabe aos moradores
Rir da morte,
Mas por sorte
Tambem meus escravos são.
Té Analia branda, e bella,
Que os encanta, que os desvela,
Já pendeu da minha mão.

FORTUNA.

Tu, que ostentas de rei da natureza,
Que sacrilego arrogas
Té no arbitrio de Jove imperio summo,
E crês que a teus virotes
Cede o raio, o pregão da omnipotencia,
Rende graças ao dia
Em que Analia mimosa
Dispoz o orgulho meu para a brandura.
Se não fôra este indulto,
Se o momento dourado este não fôra
Em que serena abrindo
Os olhos divinaes á luz primeira,
Em vez de brando chôro,
Soltou sorriso brando,
E ser dos astros vinda
Mostrou na face linda,
Fizera. . .

AMOR.

Que fizeras, que attentaras,
Caprichosa deidade,
Contra mais que celeste immunidade?

FORTUNA.

Toda a tua altivez por mim repulsa,
Opprobrio teu sería:
Em quadro viras de affrontosas cores
Teus males, teus perjurios;
Pranto, e sangue por ti fervendo em rios;
A Suspeita rugosa
Perdida entre illusões, entre phantasmas,
Sombras palpando, e crendo;
Viras queixosas, pallidas Saudades,
Já fitos sobre a terra os turvos lumes,
Já vãmente alongados
Para climas ditosos, onde os gostos,
Os bens do coração lhe some a Ausencia;
Viras sobre vulcão de flamma eterna,
Respirando traições, venenos, furias,
De viboras mordidos,
E viboras mordendo,
Os Ciumes, a peste, a morte d'alma;
Viras... mas este dia é sacro a todos,
N'elle até entre nós concordia reine.
N'outro, aos céos menos grato,
Menos grato á Ventura, á Natureza,
Confessarás, dobrando
Ao pezo da verdade insania altiva,
Que o reforço, a columna,
A base do universo é a Fortuna.

ARIA.

Os bens, se alguns crias
Com tua influencia,
Eguaes são na essencia,
Eguaes no prazer.
Os dons, que derramo
Com placido rosto,
Differem no gosto,
Differem no ser.

AMOR.

Da livida suspeita, e vil perjurio,
Da traição, da inconstancia, e da saudade,
Do pranto, e do queixume,
Do rabido ciume,
Inferno de apurados amadores,
Falas, oh deusa injusta,
Como se fossem meus crueis ministros,
Crueis sequazes meus! Não consideras
Que o bando horrivel de tão negros males,
Que de Jupiter mesmo azéda instantes,
Prole não é de Amor, sim dos amantes?
Damnos sem conto, que aos mortaes fulminas,
Onde estão, fraudulosa? Onde se occultam
De raio vingador, que Analia vibra
Dos olhos fulgurantes,
Os companheiros teus, iniqua turba?
Onde enfunado Orgulho?

Veladora Ambição? Mirrada Inveja?
Onde inerte Preguiça,
Que as almas adormenta
D'esses que amimas, d'esses que te adoram?
Ah! Se não fôra d'este dia ameno
A gloria, o fasto, o resplendor, e a gala,
Que ethereo lustre eguala,
Talvez, voluvel deusa,
Talvez tuas pizadas não seguissem
Beneficencia, Gloria,
O Jubilo, a Brandura,
Mais, mais socios de Amor que da Ventura.

ARIA.

Quando á Virtude
Ventura é presa,
Tórna a belleza
Mais singular:
Que por si mesma
Não é Ventura
Arte segura
Para enlevar.

Mas ah! Benigna mãe, tu, que em teu gremio,
De flores, e delicias enfeitado,
Comigo a linda infancia acalentaste
De Analia melindrosa,
Descuidas-te em seu dia,
Dia das Graças, dia dos Amores,

Descuidas-te de ornar com teus sorrisos,
Com tua voz divina
O solemne fervor, que tudo inflamma!
Eia, apressa-te, oh mãe!... Com vivo adejo
Dirige aqui, dirige
Das pombas amorosas
O niveo par gentil, que enfrêam rosas.

SCENA ULTIMA.

Desce Venus em um carro tirado por pombas, entre as Graças, os Risos, os Encantos, etc.

VENUS.

Socega, filho meu; não foi descuido
Minha longa tardança,
Antes cuidado, que de Analia bella
Me deve o genial, brilhante dia:
Era digno de mim, de Jove, e d'ella
Findar tenaz porfia,
Antiga opposição, fatal discordia
Entre Amor, e a Fortuna.
Attraídos vontade, e pensamento
A tão prestante objecto,
Na concha matizada os céos demando,
Entro de Jove os paços,
E ante a face immortal, com brandas preces
Extráio á mão suprema

Alto decreto, que a Fortuna obriga
A ser-te socia, oh filho, a ser-te amiga.
Em sacrificio terno
Áquella por quem és maior, mais nume
Que por tantas, e tantas
Com que o Tâmise, o Tejo, o Tibre, o Sena
Susurram de ufanía:
Oh que seculos vale a Amor seu dia!
Aprouve, apraz aos fados
Que de Analia se esquivem Tempo, e Morte.
Em seus dotes absorta
Razão me inspira que espontanea Venus
O cinto vencedor a Analia ceda,
E altar, e incenso, e culto.
Vamos, Fortuna, Amor, Encantos, Graças,
Da nova deusa aos lares,
De aureas Virtudes templo,
Cantar seus dons, seu nome: eu dou o exemplo.

CORO.

Acorde melodia
Vôe, enfeitice os ares,
E os majestosos lares
Sôem prazer, e amor.

VENUS.

Tu sempre a elle unida,
Junto de Analia bella,
Gosa nos olhos d'ella
O olympico fulgor.

AMOR.

Analia, que, sorrindo,
De corações se apossa,
É mais que imagem nossa
Na graça, no esplendor.

FORTUNA.

Nada possue a terra,
Que a tanto bem se eguale:
Os meus thesouros vale
Seu minimo favor.

CORO.

Acorde melodia
Vôe, enfeitice os ares,
E os majestosos lares,
Sôem prazer, e amor.

SCENA I.

A Sciencia por um lado, e a Indigencia por outro com a Hospitalidade.

SCIENCIA.

Eu, que elevo os mortaes, e os esclareço;
Que méço a lua, o sol, que o mundo abranjo;
Que da vetusta edade aclaro as sombras;
Que entro por seus arcanos, e revóco
D'entre o pó, d'entre a cinza, d'entre o Nada
Ao seculo vivente as éras mortas;
Que docil fiz o indómito Oceano,
Abysmo de pavor, de bojo immenso,
Que só por alta lei não sorve a Terra;
Eu, do gran Jove, confidente e imagem,
Que do Fado os mysterios desarreigo
E co'a moral dos céos cultivo o globo;
Eu, a Sciencia, eu fonte, eu mãe das Artes,
Que sei desirmanar na intelligencia
Entes, na fórma eguaes, na especie os mesmos,
Tornando-os entre si tão desconformes,
Qual dista do selvagem bruto, e fero,
Macio cidadão, que as leis pulíram:
Ah! não posso impetrar, colhêr dos numes
Para os alumnos meus pavez sagrado

A teus golpes. Fortuna, inteiro, illeso!
Sem que benigna mão lhe adoce os fados,
Sem que escassa piedade o chame á vida,
De vigilias mirrado o sabio morre.
Almas corrompe do egoismo a peste;
Camões, Homeros na penuria cantam:
Eil-os co'a gloria temperando a sorte;
Sôam prodigios de um, prodigios de outro;
Férrea caterva os ouve: admira, e foge.
Só quando o vate é cinza, o muito é nada,
Por elles se interessa o mundo ingrato;
Na gloria esteril de epitaphio triste
Solidos bens o barbaro compensa:
Contradictoria humanidade insana!
No insensivel sepulchro os sabios honra,
E os sabios não remiu na desventura!
Quaes elles foram diz, não diz qual fôra:
Nas almas frias o remorso é mudo.
Ai dos alumnos meus! Soccorre-os, Fado,
Risca do livro eterno o duro artigo,
Que ao mérito, ao saber seus premios véda;
Aquece os corações no ardor da gloria,
Fraternisa os mortaes, onde suspiram,
Os poucos filhos meus co'a mãe prosperem;
E onde com seus innumeros sequazes
Colhe triumphos, a Ignorancia gema.

INDIGENCIA.

Mãe veneravel, teu queixume ouvindo,

Amarga-me da vida o fel em dobro.
A filha tua, a misera Indigencia,
Que muda te escutou piedosas magoas,
Comtigo vem gemer, carpir comtigo
A moral corrupção, que empésta o globo.
Plagas e plagas entre as socias minhas,
Entre as mansas Virtudes hei vagado.
Pela voz da Pureza (a que é de todas
A mais formosa) deprequei o auxilio
De inchado cortezão, que um deus se cria.
Melindre, candidez, virginea graça
(Qual flor, em que era orvalho o doce pranto)
Aos olhos do suberbo expôz seus males.
De gesto accezo, ovante elle a contempla,
Nem um momento á dôr constrange o vicio;
Em vil proposição, que as Furias dictam,
Profâna da Innocencia o casto ouvido,
E em cambio da virtude exige o crime.

SCIENCIA.

Céos! Que infamia! Que horror! Prosegue, oh filha,
Succumbiu a Innocencia á vil proposta?

INDIGENCIA.

Não, que nos olhos meus velavam deuses,
Fautores da virtude; escuta, e fólga.
O celeste rubor, que tinge a Aurora,
Sóbe á face gentil, e as rosas brilham;

Mas subito tremor branquêa-o logo,
Eil-a, de olhos no céo, recúa, e geme:
Eu porém, que no effeito observo a causa,
Ao seductor pestifero arrebato
O objecto divinal, que o torna um monstro.

SCIENCIA.

Olha o céo na Innocencia a imagem sua.

INDIGENCIA.

Murchas no horror do abominavel caso,
Inda comtudo as esperanças minhas
Levei de lar em lar, devendo a poucos
Piedade accidental; bati cem vezes
Ás surdas portas de sumido avaro,
(Sumido em subterraneo abysmo d'ouro).
Falára o monstro, se falasse a morte:
O silencio dos tumulos o abrange,
Ante o metal (seu deus) que em ferreos cofres
Co'a vista famulenta o vil devora;
Servos d'elle (o poder é tal do exemplo!)
Depois de longo espaço, e vans instancias,
Co'um desabrido «Não» me affugentaram.

SCIENCIA.

De tudo ha monstros mil na especie humana;
Mas tódos vence da Avareza o monstro.

INDIGENCIA.

Attende ao mais, e adoçarás teu pranto.
Do centro da Impiedade em fim retiro
Os fatigados pés, e os dirijo aos campos,
Absorta nas imagens carinhosas,
Com que afagais a idéa, oh aureos tempos!

SCIENCIA.

Se ali não ha virtude, onde é que existe?

INDIGENCIA.

Pobre choupana, que forravam colmos,
Humildes lares, que zelava um nume,
Attráem meus olhos, e meu passo animam,
Chego, e curvo ancião, que ali repousa,
Grande em seu nada, na indigencia rico,
Sorrindo-se me acolhe, amima, e nutre.
Sancta Hospitalidade! Eras a deusa,
Que o rugoso varão, madura esposa
E imberbe prole sua abençoava!
Com milagrosas mãos os parcos fructos
Nas arvores fadadas avultando,
Para os errantes, pallidos, mesquinhos,
Que eterna Providencia lá dirige,
Leda colhîas saboroso alento;
E qual outr'hora a um Deus, incluso no homem,
Muito do pouco a teu querer surgîa.

HOSPITALIDADE.

Conferiu-me esse dom quem té ao insecto
Provê, do que lhe cumpre, á tenue vida.
Deixando influxos meus no casto albergue
Onde Beneficencia, e Paz convivem,
Acompanhar-te quiz ao vasto emporio
De Lysia, do universo, á gran cidade,
Que espêlha os torreões no vitreo Tejo,
D'onde sagradas leis despede ao Ganges.
O globo é puro aqui, e aqui parece
Estar inda na infancia a Natureza,
Bella, serena, candida, innocente;
Principe amado, imitador dos numes,
Ao publico baixel menêa o leme;
Numéra os dias seus por dons, por graças,
E o merito sem susto encara o throno:
Se o gravâme do sceptro acaso inclina,
É sobre os hombros de ministros puros,
Dignos do alto explendor, que sáe da escolha.
Um d'elles, cujo nome é charo aos justos,
Que tem, que exerce o ministerio sancto
De velar sobre o publico repouso;
Que encarcéra, agrilhôa, opprime o vicio,
O contagio dos maus aos bons evita,
E em piedoso recinto abriga, instrue
A puericia, que em flor dispõe ao fructo:
Luceno, o zelador dos sãos costumes,
Páe do infortunio, da sciencia amigo,
Guarida vos promette: exponde, exponde

Ao ministro exemplar, meu claro alumno,
A vossa condição: vereis descer-lhe
Dos olhos paternaes amavel pranto,
Proveitoso, efficaz, não pranto esteril,
Que momentaneas sensações produzem,
E o merito infeliz, qual viram, deixam.
Em Luceno o favor segue a piedade;
Mortal, que os immortaes sem custo imita,
E o bem, só porque é bem, desenha, opéra.
Eia, vinde; eu vos guio aos bemfazejos
Lares seus, lares meus: sereis ditosos,
Oh Sciencia! Oh Penuria! — Os céos o ordenam.

SCENA II.

O Genio da Nação, e as mesmas.

GENIO.

Os céos o ordenam, sim; vai, guia, oh deusa,
Essa illustre infeliz, e a mesta prole
Ao magistrado eximio, ao grande, ao justo;
Cessem queixumes, esperanças folguem.
Ide; o Genio de Lysia, eu que dos deuses
Tive alta commissão de olhar por ella,
De engrandecer-lhe, de affinar-lhe a gloria,
E honral-a de opulencia incorruptivel;

Eu, que espontaneo déra o grau de nume
Por este, que exercito, augusto emprego
De escudar Lysia c'o pavez dos Fados,
Oh Penuria! oh Sciencia! Eu vos abono
Do ministro sem par, favor, e asylo.

SCIENCIA.

O céo por ti se exprime: o céo não mente;
Oraculo de Jove, eu te obedeço:
Vejo sorrir-se ao longe amigos Fados;
Guia-me, oh deusa.

HOSPITALIDADE.

Guio-te á ventura.

SCENA III.

O Genio só.

Tereis o galardão, tereis o louro,
Que á virtude compete, immota, illesa
Entre os duros vaivens de iniqua sorte:
Desgraçado o mortal, se o chão não trilha
Por onde a mão de Jove arreiga espinhos,
Que subito depois converte em flores!...

Mas que ufano baixel retalha o Tejo! (1)
Brincam no tópe flammulas cambiantes,
E cambiante bandeira as ondas varre!
Eis vôa, eis se aproxima!.. Um quasi monstro,
De aspecto feminil, tigrinas garras,
De trage multicôr, lhe volve o leme!
Que turba enorme á sua voz marêa,
E o ferro curvo, e negro ao fundo arroja!
Desce a vaso menor a horrivel Furia,
Reconheço-lhe o rosto, os fins lhe alcanço...
Lá vem, lá toca sobre a arêa e salta.
Inimiga dos céos! (2) És tu, profana!
Sacrilega, falaz, blasphemadora,
Peste dos corações, orgão do Averno!
Vens tambem macular com teus venenos,
Com halito infernal, e atroz systema
Campos, que meu bafejo elysios torna!

LIBERTINAGEM.

Orgão não sou do Averno, o Averno é sonho (3)
Para mim, para os meus; não soffro o jugo,
Que sobre corações tão férreo péza.
Phantasticos deveres não me illudem;

---

(1) Apparece um baixel, d'onde pouco depois desembarca a Libertinagem com sequito numeroso.
(2) Corre para ella.
(3) Sentimentos abominosos da Libertinagem, refutados vigorosamente pelo Genio da Nação.

O sensivel me attráe, do ideal não curo,
Só de palpaveis bens fecundo a mente;
O bando, que allicio, e que prospéro,
Vive em prazeres, em prazeres morre.
Compleição dos Catões, moral de ferro,
Furia, Libertinagem me noméa;
Mas o character meu destróe meu nome.
Delicias ao teu seio, oh Lysia, trago,
Não cruas oppressões, nem agros males,
Que o phantasma Razão produz, machína;
Eu sou a Natureza; ella não manda,
Que o gosto opprimas, que os desejos torças;
As' paixões contentar, não é loucura:
Prestar-lhes attenção, vontade, assenso,
É lei, necessidade, e jus dos entes.
Olha: com sceptro de ouro impéro, oh Lysia;
Franquêa o pensamento a meu systema,
Despe imagens chimericas, e approva
Que a posse do universo em ti remate.

GENIO.

Enganas-te, perversa, os céos a escudam;
De Lysia puro incenso aos numes sóbe,
Arde em virtude, inflamma-se na gloria;
Moral, religião, saudavel jugo,
Que péza aos impios, que aos iniquos péza,
Nunca foi grave a Lysia; heróe supremo,
Que é na terra o que é Jupiter no Olympo,
Aqui, não com violencia, e não com arte,

Mas pelo exemplo morigéra os lusos,
Só menos que as deidades venturosos.
Não manches estes céos, tartáreo monstro,
Não corrompam teus pés o são terreno,
Onde jaz da Virtude o trilho impresso.
Écco da majestade, a voz te aterre
Do zeloso ministro infatigavel,
Luceno, ao throno, ás leis, aos deuses curvo,
Que, em vinculo fraterno atando os povos,
Os vê curvos ao throno, ás leis, aos deuses.
Negreja, a teu pezar, o horror, que douras,
O inferno, que não crês, de ti fumėga,
E o remorso tenaz te róe por dentro.
Este povo de heróes, de irmãos, de justos,
Teu character maldiz, teu nome odêa.
Aparta-te d'aqui... mas tu repugnas!
Guerreiros da Virtude, e flor da patria, (1)
Que limpais a Moral de intrusa escória,
Eia, apurai o ardor contra esse monstro;
A vosso invicto exforço a Furia cêda,
Do gremio da Innocencia o Vicio fuja.

LIBERTINAGEM.

Não se alcança de mim victoria facil.

---

(1) Sáe tropa armada, que trava peleja com os seqnazes da Libertinagem, e os vai destroçando.

GENIO.

Satélites da Gloria! Avante, avante!
A pérfida fraquêa, a palma é vossa.

LIBERTINAGEM.

Colhêste contra mim triumpho inutil:
Lysia perdi, mas senhoreio o mundo. (1)

SCENA IV.

O Genio, e Tropa.

GENIO.

Graças, oh numes, succumbiu a infame!
Heróes, eu vos bemdigo o marcio fogo,
O rapido valor, que n'um momento
A melhor das nações salvou do estrago... (2)
Mas, deuses, soffrereis que n'outro clima,
Talvez á infamia sua ignóto ainda,
Sobre o lenho orgulhoso aporte a fera,
E toxico respire, e peste exhale!
O sacrilegio pune: um raio, oh Jove,

---

(1) Embarcam-se tumultuosamente, sempre accossados pela tropa.
(2) Vai-se a Tropa.

Um raio a torne cinza, um raio abysme
O ligneo torreão no equóreo centro!.. (3)
Annuiste-me, oh deus! É chammas todo!
Lá cáe, lá se desfaz, e o Tejo o sorve!
Vai, monstro, vai saber, desesperado,
Se é phantasma a razão, se é sonho o inferno.
Vai no horrendo tropel dos teus sequazes
De momentanea flamma á flamma eterna;
E eu, ministro dos céos, submisso aos Fados,
Vou por mão de um mortal encher seus planos.

SCENA V.

Carcere subterraneo, onde estarão os Vicios, e os Crimes agrilhoados, exprimindo variamente nos géstos a sua desesperação.

A Policia com Guardas.

POLICIA.

Contra os vicios communs, que pouco empecem,
Exercer correcções não só me é dado.
Velai, guardas fieis, sobre os perversos,
Que a Policia commette ao zelo vosso,
Até que o raio Némesis dispare

---

(3) Cáe o raio sobre o baixel da Libertinagem, e o abraza.

Co'a ferrea voz de tribunal supremo.
Eu dos crimes terror, dos crimes freio,
A supplicio exemplar, que sare a patria
D'impia contagião, reservo aquelle
De todos o mais duro, o mais funesto,
Que, instrumento servil de atroz vingança,
Tingiu vendida mão no sangue alheio.
Ao cutélo de Astréa em vão furtaste
Colo rebelde ás leis, oh tu, cruento
Lobo nocturno, que, vibrando as garras,
A mansos cidadãos ouro, existencia
De mixtura usurpavas, sem que ao menos
Tremesse o coração, e as mãos tremessem.
Estes, mais que nenhuns, velar se devem,
Estes nas feias, subterraneas sombras
Para o pavor da morte a mente ensaiem.
Eu, luz do bom Luceno, eu alma, eu tudo.
Corro, entretanto, a suggerir-lhe idéas,
Com que os publicos bens floreçam, medrem.
A Sciencia, e Penuria, antigas socias,
Em seus lares por elle ha pouco ouvidas,
O fertil patrocinio lhe imploraram.
Em lagrimas lhes deu penhor singelo
De firme protecção: vós, indigentes,
Seus effeitos vereis, vereis, oh sabios,
Que a mente, e o coração por vós divido.

SCENA VI.

Salão majestoso da Policia, adornado das estatuas de varias Virtudes.

O Genio, e a Hospitalidade.

GENIO.

Eis-me na estancia da Policia augusta,
Cultora da razão, das leis, do solio.
A titubante, a pávida Indigencia,
Que já dos males seus alivio gosa,
Por mão do bemfeitor, que os céos inspiram,
Vem co'a Sabedoria honrar seu nome,
De interna gratidão sagrar-lhe os cultos;
Mas profundo respeito os pés lhe tolhe,
E o salão venerando entrar não ousam.

SCENA ULTIMA.

Os dictos, e a Policia, que, ouvindo as ultimas palavras, sáe de repente.

POLICIA.

Foi sempre este logar franco á virtude,
Entrai. (1)

---

(1) Entram as duas.

HOSPITALIDADE.

Longe de vós um vão receio.

POLICIA.

Cumpri vosso dever, tecei contentes
De Luceno o louvor. Materia summa
As virtudes vos dão, que resplandecem
Em brilhantes estatuas majestosas
N'este brilhante, majestoso alcaçar.
Aquella, que risonha os olhos firma,
Como que rosto supplice attentando,
É a Benevolencia, e diz no afago,
Que alguns, havendo a honra em mais que os lucros,
Ante duro ministro enfrêam preces,
E só do compassivo, e só do affavel
A presença demandam, que os conforte,
Que ao rogo n'um sorriso o effeito augure,
E não de altiva injuria avilte o rogo.
Esta é o Exemplo, est'outra é a Inteireza;
Ali Fidelidade o jaspe anima;
Desinteresse além reluz, e avulta;
Mais perto voluntaria Obediencia
Curva o docil joelho: eis as Virtudes,
Que formam, bom Luceno, o teu character,
Todas egregias, necessarias todas.

SCIENCIA.

Verdade, e Gratidão nos labios nossos,

Approvam quanto soa em honra d'elle.

INDIGENCIA.

Oh reinante feliz com taes vassallos!

POLICIA.

Folga, Sciencia, e tu, Penuria, folga,
Dado me é recrear-vos, ser-vos guia
Ao Principe immortal, de quem reflectem
Raios de luz para o ministro excelso,
Que o seu mór premio tem na régia gloria.
Curvai-vos, e admirai o herói sublime,
Que Lysia adora, e que adorára o mundo,
Se o mundo todo merecesse olhal-o. (1)
Vêde a seus pés o magistrado insigne,
Que n'elle se revê, que a bem da patria
A grandeza real submisso implora!

HOSPITALIDADE.

Quanto a Virtude altêa a dignidade!

SCIENCIA.

Oh jubilo! Oh ventura!

---

(1) Abre-se o fundo do theatro, apparece o retrato do Principe Regente com o Magistrado a seus pés, offerecendo-lhe os votos mais uros da nação.

INDIGENCIA.

Eu pasmo, eu tremo!

GENIO. (1)

Heróe, sacro aos mortaes, acceito aos numes,
Olympico fulgor compõe teus dias;
Os céos na minha voz mil dons te abonam,
Com meus olhos teu povo os céos vigiam;
O commercio por ti de fé se nutre;
As artes, a virtude, as leis triumpham;
No solio, no poder tens base eterna;
Tua alma sobresáe aos teus destinos;
E de teu puro arbitrio esse orgão puro,
É digna escolha tua, aos astros voa
No rasto de ouro, com que o pólo esmaltas.
Subditos de João, rendei mil cultos
Ao gran regente, ao inclyto character,
Que n'elle divinisa a especie humana:
A voz da gratidão se alongue em vivas,
E cordeal ternura os labios honre.

CORO.

Oh luso heróe! Baixaste
Da estancia divinal!
Tu és um deus visivel,
Oh Principe immortal!

---

(1) Dirigindo-se para o retrato do Principe Regente.

POEMETOS.

METAMORPHOSES ORIGINAES.

I.

ARENEO E ARGIRA.

Estro de Ovidio, seguirei teus vôos,
Se não me é dado emparelhar comtigo.
   Depois que de Thessalia o rei piedoso
As pedras converteu na especie humana,
Quando já pela fragil Natureza
De novo a corrupção lavrado havia,
A moral corrupção, que gera os crimes;
Quando para viver cumpria ao homem
Suando exercitar custosa industria,
Lá perto do Penêo, tão charo ás Musas,
N'um retiro assombrado de mil plantas
Tinha o rude Arenêo seu tosco alvergue.
Apenas cinco lustros numerava,
Era de alta estatura, e de agil corpo,
De extranha robustez, feições grosseiras,
Olhos ardentes, e cabello escuro.

Phebo lhe ennegrecêra as mãos, e as faces
No fragueiro exercicio em que lidava,
Seguindo, e derribando ou ave, ou féra
Com settas, que jámais o objecto erraram.
   Extinctos os irmãos, os paes extinctos,
Na agreste solidão vivia o moço,
Ora subindo as empinadas serras,
Ora os confusos bosques indagando
Em quanto o fulvo sol nos céos luzia;
E apenas desdobrava a muda Noute
Sobre os ares subtis seu véo lustroso,
Volvia á choça o rustico mancebo,
De sanguíneos despojos carregado.
Só n'isto, por effeito do costume,
Embebido trazia o pensamento:
Ignorava as paixões da Natureza,
Até desconhecia a mais ardente,
A mais encantadora, a mais funesta.
   Mas ah tyranno Amor! Ou cedo, ou tarde
É forçoso aos mortaes soffrer teu jugo;
Amor, tu és um mal que fere a todos:
Longa exp'riencia contra ti não vale,
Ou virtude, ou razão, só vale a morte.
Viste o ledo Arenêo no lar campestre,
Viste-o sem ti, cruel, gosar mil fructos
Das suadas, aspérrimas fadigas,
E, isempto de memorias importunas,
Molles somnos gostar no leito hervoso.
Subito, enraivecido, impaciente
De que inda alguem feliz no mundo houvesse,

Olhaste de travez o alegre moço;
Males dignos de ti depois lhe urdiste.
  Em venatorias artes doctrinada,
Annexa ao coro da immortal Diana,
Corria a bella Argira o valle, e o monte.
Nos olhos tinha a côr formosa, e viva
De que se veste o céo na primavera;
Á discrição dos Zephyros as tranças,
As tranças, por si mesmas enfeitadas
Com lúcidos anneis, com aureas ondas,
Se ao sol se expunham como o sol brilhavam;
Eram, lacteo jasmim, purpúrea rosa,
Tão alvas como vós, e tão coradas
Da loura semidéa as brandas faces;
Candido pejo, virginal sorriso
Nos labios lhe pousava entre os Amores,
(Amores, que inspirava, e não sentia)
Tinha de neve as mãos, de neve as plantas,
E o seio tentador mais bello ainda
Que o da Cypria deidade, e não tocado.
O frio, o vento, o sol jámais ousaram
Crestar-lhe, endurecer-lhe a tez mimosa:
Realçava estes dons a flor da edade,
E ao ver-se aquelle assombro, oh Natureza,
Extranho então se achou que o teu sublime,
Engenhoso poder chegasse a tanto!
Descendente de origem mais que humana,
(Tambem não longe do Thessálio rio)
De mil dignos amantes cubiçada,
E ás conjugaes delicias insensivel,

Não quiz ír de Hymenêo no altar brilhante
Sacros votos firmar co'a voz, e a dextra,
Illesa conservando a flor suave
Que, envôlta em brandos ais, colheis, Amores.
Com estas perfeições, com estas graças
Tramou vingança crua o Paphio nume
Ao livre caçador, que, errando um dia
Em ermo bosque de viçosos louros,
Argira vio luzir por entre a rama,
Argira, que das nymphas se perdêra,
E que á benigna sombra de um loureiro
Repousava do acerrimo exercicio,
Temendo a força do Apollíneo raio,
Que ardia no azulado, ethereo cume:
E tendo a par de si na hervosa terra
O luzente carcaz, vasio, em damno
Das selvaticas féras, que avistára.
Morno suor em cristalinas gôtas
Pelo virgíneo rosto escorregando,
Resplandecente aljofar parecia;
O cançaço, o calor nas lisas faces
As rosas, e os encantos lhe avivava:
Tal, e menos formosa, a casta Cynthia,
Depois de ter vagado as agras serras
Descança do arvoredo ao fresco abrigo,
Ou entre o lindo coro, ou solitaria.
Dest' arte ali jazia a virgem bella,
Quando o incauto Arenêo, que mal presume,
Que mal crê por si mesmo ir enredar-se
No laço com que Amor sagaz o espera,

Curioso, amparando-se das plantas,
Vai manso, e manso, e por detraz de um tronco
(Sem que o sentisse o perigoso objecto)
No perigoso objecto os olhos firma.
Desgraçado! Imprudente! Ah que fizeste!
Eil-o accezo, eil-o atónito, eil-o absorto,
Eil-o encantado, e trémulo, e perdido;
Repentino fervor lhe escalda o peito,
Lhe ancêa o coração, lhe tinge o rosto.
« Que assombro, oh céos! Que divindade é esta!
(Comsigo o moço diz) será dos bosques
A deusa pudibunda, irmã de Phebo?
No traje, no carcaz, e em formosura,
Em gestos o parece... oh céos! Oh deuses!
Que encanto! Que belleza!... Eu ardo... eu morro. »
N'isto, arrancando um férvido suspiro,
Assusta a clara nympha, que, volvendo
Os olhos de repente ao som queixoso,
Te vê, mísero amante; e, visto apenas,
Sólta um ai, lança mão do eburneo coldre,
E vai por entre as arvores fugindo,
Mais prompta, mas veloz do que os ligeiros,
Silvestres brutos de ramosas frontes.
Qual ficaste, Arenêo, vendo esconder-se
Aos olhos teus o encanto de teus olhos!
Longa perturbação prendeu-te as plantas;
Sem cor, sem voz, n'um extasis, n'um pasmo,
Qual devia infundir-te o raro objecto,
O deixaste voar; depois, saíndo
Do lethargico espanto em que jazias,

Seguiste accelerado a doce causa
Do teu mal, dos teus ais, mas já foi tarde;
Já co'a turba gentil se tinha envolto
Das alvas companheiras, e com ellas
Voltado ao bosque da Latonia deusa.
Quão saudoso, phrenetico, anhelante
O infeliz amador se acolhe aos lares!
Ali arde, ali geme, ali prantêa,
Ali, sempre em cruel desasocego,
Desvelado, e carpindo, as noutes perde.
Apenas as manhans no céo roxêam,
Em vez de proseguir o usado officio
Torna ao sitio funesto onde espreitára
O charo enlevo de seus olhos tristes;
Torna, mas sempre em vão, não vê nem rasto
Que ao das queridas plantas se assimelhe.
Dias, e dias no logar damnoso,
E pelas densas matas circumstantes
Pragueja contra si, delira, e freme;
Até co'um fero impulso ás vezes tenta
Amolado farpão cravar no peito;
Mas acode a benéfica Esperança,
E com destro pincel na phantasia
Lhe pinta de mil jubilos vindouros
A scena, o quadro, a seductora imagem:
De faustas illusões lhe doura a mente,
Finge-o nos braços da risonha amada,
E assim lhe innóva o soffrimento exhausto.
Mas nem sempre, Esperança encantadora,
Tens arte, que hallucine os desgraçados.

Cançou de se fiar o ancioso amante
Nas vans consolações, nas vans promessas
Com que adoçava o acido veneno
Da teimosa paixão, que o perseguia;
Cançou de se fiar; e, abandonado
Ao agro desengano o peito afflicto,
A raiva em languidez se lhe converte.
Sempre encerrado na colmada estancia,
A gemer, e a chorar, de dia em dia
O affanoso Arenêo se vai finando.
Amor, que do aureo throno, onde promulga
As despoticas leis, vê toda a terra,
Todos os corações, pôz n'elle os olhos:
Viu-lhe a consternação, viu-lhe os tormentos,
E piedoso uma vez, e arrependido
Dos damnos, que forjára ao moço triste,
Mudou de condição, quiz dar-lhe allivio.
Eis, qual ave de Jove, estende as azas,
Eis esvoaça, e parte, e chega, e pousa
Ante o tugurio de Arenêo choroso,
Que, á porta reclinado, envolto em ancias,
Com roucas préces invocava a Morte.
« Esmorecido amante (o deus lhe clama)
Que desesperação, que vil fraqueza
Tomou posse de ti! Que é da ousadia
Com que por entre as selvas, acossando
Cerdosos javalis de agudas prezas,
Mil, e mil vezes affrontaste a morte?
Fragil mulher te affraca, e te consterna!
Eia, recobra alento. Eu sou de Venus

O filho omnipotente, inevitavel;
Eu mando em corações, em pensamentos,
Eu sou auctor de bens, auctor de males,
E se dispuz teu mal, teu bem disponho.
A dura negação que d'antes vira
No rude genio teu para seguir-me,
E o desuso em que estou de achar quem próve
Dissabores sem mim, sem mim prazeres,
Me instou a machinar-te o precipicio,
E logo apercebi teu captiveiro
Nos olhos da melhor de quantas nymphas
Á deusa das florestas se votaram;
Mas notando por fim como em teu peito
Pouco a pouco a paixão vai sendo morte,
Quero atalhar-lhe o tragico progresso,
E comtigo applacado, affavel, pio,
Secar teus prantos, serenar teus dias,
De lúgubre tristeza annuveados.
Vem, que eu te guio ao idolo que adoras,
Que rastejaste em vão por esses bosques.
A' hora em que te falo, á hora amena
Em que o férvido sol no mar se apaga,
N'um fresco, e puro lago é seu costume,
Por effeito da calma, e do cançaço,
Banhar sósinha os delicados membros;
Que, em virginal modestia requintando,
Nem permitte ás silvestres companheiras
Olhar-lhe nus os candidos thesouros,
E só tendo findado a lida agreste,
E dicto adeus ás mais, demanda o lago.

Approvo que lhes negue a doce vista
Das altas perfeições de que é ciosa;
Só compete essa gloria aos meus mimosos,
Só a ti, meu valido, a ti sómente.
Não receies o enfado, a resistencia,
O desdem pertinaz da inculta virgem,
O afferro com que exerce as leis de Cynthia:
São brandas as que dou, crueis as d'ella.
Meu fogo, meu poder, teus ais, teus prantos,
A Natureza, os céos por ti combatem,
Que nem Jove immortal de mim se esquiva.
Reina em muito a Fortuna, Amor em tudo:
D'ella os bens, os bens d'elle extráe a audacia,
O acanhado temor convêm que expulses;
Exhaure os mimos, a ternura, as preces,
E se os mimos, se as preces, se a ternura
Baldadas forem, não o seja a força.
Obstaculos não ha, que Amor consinta.
Todos, todos por mim serão vencidos;
E se um de meus farpões, arremessado
Contra a nossa inimiga insana, e bella,
Não vai ferir-lhe o coração rebelde,
Dispol-o a teu favor, e amacial-o,
É por te não roubar a immensa gloria,
O gosto de a render sem que eu te acuda
Com toda a força minha. Eia, não tardes,
Vem, que é proprio o logar, e Amor te guia.»
N'isto, o facho invisivel sacudindo,
E com elle roçando-lhe no peito,
Desusado vigor, ardencia extranha

Ao frouxo coração lhe communica.
Já folga, já se apresta, ufano, e ledo
O cubiçoso amante, e segue o nume,
Quasi egualando na carreira o vôo.
Por milagre de Amor, que o guia, em breve
Vence a longa distancia, avista o lago.
  Jaziam na raiz de alpestre serra
As incorruptas aguas transparentes,
De que o vasto deposito arenoso
Só tinha pouco fundo ao pé das margens.
Deserto era o logar, fechado em roda
De mixtas, densas arvores, e idóneo
Ao tímido pudor da virgem bella.
Antes de a divisar por entre as plantas
Amor, e o socio, sem que os visse Argira,
Havia a casta nympha retirado
Do lago venturoso as alvas carnes,
E reposto as ligeiras vestiduras:
Assim do immaculado, amavel corpo
A vedada, recondita belleza
Teus olhos, Arenêo, não profanaram!
  Co'a vista immovel nas immoveis aguas,
Á margem citerior do lago ameno
Abstracta reflectia a semidéa:
(Era a meditação talvez presagio
Do imminente perigo!) ainda em terra
O formoso carcaz lhe reluzia,
Por onde agudas settas apontavam.
Amor, para frustrar-lhe a resistencia,
A distracção da nympha aproveitando,

Mais veloz que o relampago, e mais leve
Que os Favonios subtis, adeja, furta
Os nocivos farpões no rico estojo,
(Tudo é facil a um deus, não foi sentido)
Torna com elle, occulta-o entre o mato,
E diz com mansa voz, com voz suave
Ao mancebo (que atonito ficára
Da vista encantadora) — « O que desejas
Ali tens. Sólta o freio a teus suspiros,
As lições, que te dei, vai pôr em uso. »
Cala-se, e, já co'a mente em mais emprezas,
D'elle se aparta, sóme-se, voando.
D'estas palavras Arenêo pungido,
Á pressa para a nympha os passos move.
    Ella, ao sentir pizadas, volta os olhos,
E, vendo-o já propinquo, receosa,
(Qual se fôra de um Satyro assaltada)
Á aljava quer lançar as mãos de neve,
Mas da aljava o signal só vê na arêa;
E, em subito furor arrebatada,
Inda que ao caçador pende dos hombros
Carcaz do seu diverso em cor, e em fórma,
Se hallucina, se abstráe, baldões profere,
De infame roubador, de vil o accusa.
« Não, não sou roubador, (elle a interrompe)
Sou teu amante, escravo de teus olhos,
Victima da ternura » — e proseguindo,
Com vivissimo ardor lhe expõe, lhe afirma
As ancias, as saudades, os delirios,
Os males que soffreu depois que a vira.

Ousa mais: de consorte a mão lhe pede,
Da austera irman de Phebo as leis condemna;
Jura que a lei de Amor só é ligada,
Só conforme á Razão, e á Natureza;
Blasona, ostenta de affouteza, e de arte;
Outro Orion se diz, e por mil modos
Quer attraír a indomita donzella,
Insta, para apiedar-lhe o genio duro.
  Ella, que ouviu suspensa, e como absorta
As ternas expressões do audaz amante,
Só, e não tendo ali com que punil-o,
(Já suspeitosa de amoroso insulto)
Em fogo os olhos, arrugada a testa,
Com raiva lhe gritou: «Não mais, insano!»
E á fuga se dispôz; mas o mancebo,
A que um tal desengano as ancias dobra,
Quasi fóra de si, lhe impede o passo,
E, depois que outra vez deu uso aos rogos,
Aos requebros, e aos ais, porém sem fructo,
As ternuras vertendo em ameaços,
Carregado o semblante, a voz pezada:
«Insensivel! Feroz! Oh penha! Oh tigre!
Oh barbara inimiga! (o cego exclama)
Se a Amor não cedes, cederás á raiva.
Annue a meu desejo, a meus extremos,
Ou...» — Convulsa de horror ao som terrivel
D'estas vozes crueis, a semidéa
C'os vagos olhos todo o sitio corre:
Vê d'um lado a lagôa, a serra ingente,
E o phrenetico amante do outro lado;

Vê que fugir não póde, e neste aperto,
(Fitos nos céos os maviosos lumes)
«Oh leis augustas da immortal Diana!
Sanctas leis do pudor! Dever sagrado!
A vós me sacrifico. «Assim falando,
Arremessa-se ao lago a malfadada
Co'a pressa com que o raio a nuvem rompe.
  Ao vêl-a baquear, sumir nas aguas
Subito acode o moço arrebatado.
O brunido carcaz, e o arco arroja;
Lança-se apoz a nympha, e mergulhando,
(Que as ondas qual delphim cortar sabia)
Depois de estar occulto alguns momentos,
O lindo corpo amado extráe sem alma.
Eis, com elle nos braços sobre a arêa,
Á desesperação, e á dor se entrega:
Vê-se auctor da tragedia lastimosa,
Sem lume os olhos vê, que lhe eram vida;
Vê na face macia, e puro seio
Formosa a pallidez, formosa a morte;
Chora, soluça, applica os frouxos labios
Á gentil, muda boca, e n'ella imprime
Beijos... ah! Beijos bem diversos d'esses
Com que o sofrego Amor se apraz, se encanta;
Até que supportar já não podendo
O pezo da miserrima existencia,
N'um transporte, n'um impeto invencivel,
Co'a mão convulsa pelo peito enterra
Ponteagudo viróte, e cáe, e expira
Junto da nympha, que morrendo abraça.

Foi seu ai derradeiro a Amor voando,
Da catastrophe atroz foi 'dar-lhe aviso;
E o nume enganador, que accezo andava
Com guerra em que alta gloria obter podia,
Mal que ouviu no suspiro o triste annuncio
Desistiu por então da grande empreza,
E ao theatro volveu do caso acerbo.
Lá, no horrendo espectaculo attentando,
Collige dos signaes, e circumstancias
Que de Argira o rigor, e a pertinacia
Foram causa fatal da morte de ambos.
Dá-se por gravemente injuriado,
A sua omnipotencia a si convoca,
Avisinha-se aos dous, e por castigo
Da féra ingratidão, do amargo insulto
Em feia ran loquaz converte a nympha,
Para que no logar onde acabára,
Para que, ás mesmas horas em que altiva
Ousou baldar-lhe os fins, baldar-lhe os gostos,
Começasse a rogar, porém vãmente
Com voz descompassada aos céos vingança,
Tendo sempre em memoria azeda, e viva,
O seu antigo ser, e o lance infausto.
Já se vai apoucando o níveo corpo,
Despe a cor, perde a fórma, e, recebendo
Nova respiração, vozêa, e salta
No lago cristalino. Amor em tanto
Pago, ufano de si, de estar vingado,
Co'um ar piedoso a vista apenas lança
Ao mancebo infeliz, e o deixa, e vôa:

Tão mesquinha em Amor é a piedade!
Indo a cruzar um prado, acaso á dextra
Dirige os olhos, que o luar lhe ajuda,
E descortina sobre a relva amena
A gosar da frescura em ocio brando
Délia formosa co'as sequazes nymphas,
Já descontentes de tardar-lhe a sócia.
Co'um intimo despeito as olha, as mede,
E por dar-lhes pezar, por dar-se gloria,
Librando-se nas azas cor de fogo,
Narra-lhe em breves, empolados termos
Qual fôra a morte, a punição de Argira,
E nos ares, a rir, desapparece.
De lagrimas se banha o bello coro
Apenas ouve o deploravel caso:
Eis que de Apollo a irman lhes diz — que a sigam:
E com ellas caminha ao fatal sitio,
De vingativo impulso estimulada.
Chega, observa na arêa as tristes provas
Da tragedia cruel; olha o viróte
No peito de Arenêo todo entranhado,
E d'isto não contente, e ainda irosa
Da acção de Amor, e intrepidez do amante
Co'a nympha mais prezada, e mais pudica
De quantas pelos bosques a acompanham,
Para a desaggravar, para vingar-lhe
Tanto a transformação como a virtude,
(Reparar não podendo o damno injusto,
Porque as obras de um deus nenhum desmancha)
Portentosas palavras murmurando

Contra o corpo sanguento, o piza, o muda
Na ave importuna, que prevê desastres,
Difunde agouros, abhorrece o dia,
E, quando vem do lobrego occidente
A fusca Noute semeando horrores,
Ou nas arvores pousa, ou entre as fragas,
Onde, em quanto arrancais, oh rans limosas,
Enfadoso clamor, que atroa os ares,
(Do que era, e do que amou saudosa ainda)
Até que aponta no horisonte a Aurora
Em voz desconcertada está carpindo
Seu miserando amor, seu negro fado.

II.

CALLIPO, OU O RIO SADO.

(FRAGMENTO.)

Não longe do terreno, onde Erythréa
A torreada fronte aos céos erguia,
Erythréa hoje entre ondas, entre arêas
Por terrivel phenomeno abysmada,
Que hoje gosa entre nós de Troia o nome,
(Talvez por que seus fados asimelham
A'quella, que cevando a furia Argiva,
Desengano do orgulho, em cinzas dorme)
Junto aos campos viçosos, ledas praias
Que já Tubal pizou, que logram d'elle
Fastoso, veneravel monumento;
No teu grato recinto, oh patria minha,
Primeirà fundação da plaga Ibéra;
Lá sobre o chão formoso, em que se aprazem
Flora, as Graças, Amor, Favonios, Musas,
Lá no clima feliz, onde esquivando
Minha mente infantil aos molles brincos
Maior que a edade, e sofrego da Fama,
Oh Phebo! Oh nume! Oh pae! Libei teu nectar:
É firme tradicção, que em tempo ignoto
Morreu de ingratidões mesquinho amante,
Mimoso fructo ali de antiga planta.
Iman dos corações, Tirséa amavel,

Branda cantora do menino Idalio,
Que á bella candidez do metro ameno
O encanto, a melodia, o mimo apuras,
Se desprendem teus labios d'entre as rosas
Em aureas fontes as delicias d'alma;
Gloria das nymphas, dos Amores gloria,
Que em doce galardão recebes d'elles
Sorrisos, beijos, esperanças, flores,
Meiga Tirséa, Tagide sensivel,
Que te dignas de ouvir na margem d'ouro
A lyra triste, que me adoça os fados,
As cordas onde sôa Amor, e Analia,
Honre o silencio teu meus sons, meus versos;
Verás o que é comtigo affavel nume,
Que dureza exerceu, que tyrannia
Co' um animo fiel, de prantos digno
Cuja historia surgíu piedosa, infausta
Por entre as nevoas da remota edade;
Ouve, e suspira; um teu suspiro é premio,
Vale um suspiro teu da Fama o brado!
   Era o moço Callipo ardor suave
De quanta formosura, e quanta graça
Girava os serros, discorria os valles,
As arvores, e as fontes habitava.
Todas (fossem mortaes, ou fossem deusas)
Nos olhos do mancebo esmoreciam,
Nos attractivos seus se embellezavam:
Traído em ais o virginal mysterio
Dariam as mortaes por elle a vida,
Por elle as immortaes o ser divino!...

De não menor paixão crédor na face,
(Assucenas em parte, em parte rosas)
Crédor no coração, credor em tudo
Extremos lhe repelle o moço esquivo;
Não porque ás leis de Amor contrario fosse,
Leis, que o Fado gravou em bronze eterno,
(Altas leis, que a teu seio, oh Natureza,
Envolta no prazer a essencia mudam;
Que geram, que difundem, que abrilhantam
Rainha do universo, especie humana,
Tuas mil perfeições, teus mil portentos;
Leis, que á planta dão fructo, á flor perfume,
Susurro ás virações, gorgeio ás aves,
Brandura aos tigres, aos leões brandura.)
Mas por que inda não tinha olhado a nympha,
Que o céo lhe destinava em vencedora.
Adonis gloria, e dor da Cypria deusa,
Tu, que entre os braços seus, e encantos d'ella
(Taes que até Jove lhe chamára encantos)
Porque mais do que vida ali gostavas
Padeceste depois mais do que morte
No dente infausto do terrivel monstro,
Adonis miserando, ah! Tu não foste
Mais formoso talvez, nem mais amado,
Que o triste, cujo nome aos tempos furto,
Nome, que irá luzir comigo aos astros,
Ou no Lethes comigo irá sumir-se!

. . . .

. . . .

QUEIXUMES DE AMOR,

E DA AMISADE.

Oh vós, emanações da divindade,
Prazer, consolação das almas grandes,
Vós, que em suaves, em mimosos laços
Prendeis os corações, e os pensamentos;
Vós, que não só de aspérrimos costumes
Usais purificar a humanidade,
Que até dos tigres, que na Hyrcania rugem,
Das sérpes, dos leões, que a Lybia infestam,
Mitigais o voraz, o féro instincto:
Oh divinos irmãos! Oh par celeste!
Oh doce Amor! Oh candida Amisade!
Vingai-vos de nefandos sacrilegios,
De mil profanações, mil torpes crimes,
Mil horrores, que fervem, que negrejam
Sobre vossos altares sacro-sanctos!
Jove, Jove immortal, senhor do raio,
Porque na rubra dextra o tens em ocio?

Se as fézes, se o peor de quantos vicios
O abrazado, espantoso abysmo eterno
Pelos igneos vulcões arroja á terra;
Se a vil ingratidão, se a vil perfidia
Soffres em muda paz, e não te acórdam
A somnolenta cholera meus brados,
Para que nova especie de maldade
Reservas teu furor? Se és deus, és justo,
E deves, como tal, vingar teu nome,
As tuas leis vingar, vingar meus males
Nas almas desleaes, crueis, infames
Que o céo com falso voto assuberbaram.
   Pune, oh deus, pune o perfido Mirtilo,
Pune a traidora Isméne, objectos sejam
Da suprema vingança inevitavel
Dous infieis espiritos corruptos.
Em teus sacros altares ainda jazem,
Fumegam ainda as cinzas venerandas
Do immaculado incenso, que a teu nume
Votaram minhas mãos, e as mãos da ingrata;
Inda nas ermas grutas d'este bosque
Resôa a voz dos éccos faladores,
Que em opprobrio da perfida repetem
Promessas que lhe ouvi, que tu lhe ouviste.
Sim, por teu nome, oh deus, sim, por teu nome,
Por teu nome ineffavel a traidora
(Tintas de pejo as faces, orvalhados
De lagrimas de amor seus olhos meigos,
E absôrtos para o céo) jurou ser minha;
Jurou que em deleitoso, em aureo laço,

Em laço que Hymenêo téce á Virtude,
Na torrente de candidos prazeres
Comigo engolpharia o pensamento;
Que para sempre então na sua idéa
Se haviam de sumir, voltar ao nada
O mundo, a natureza, excepto Elmano.
Não paga de ardentissimos protéstos,
Em doces, em furtivos caractéres
Imprimiu, renovou tão ternos votos.
Eu os conservo, oh Jove! Elles accusam
A maior das traições, a mais infame,
No teu gran tribunal justiça imploram;
Tu deves aterrar com alto exemplo
As almas, que propendem para o crime,
E firmar na innocencia os virtuosos;
Pelo estrago dos réos, deves vingar-me:
Quem offende os mortaes os céos offende.
A monstros, que, sacrilegos profanam
De Amor, e da Amisade as aras sanctas,
Não bastam, não convêm, não correspondem
Esses males communs, communs flagellos
Com que as brutas paixões sem lei, sem freio,
Ou attentados de remota origem
Fulminas da estellifera morada.
Castigos cria, inventa, e cáiam, chovam
Sobre os crueis artifices perversos
Da desesperação, que me atassalha;
Sim, chovam mil, e mil, porém teus golpes
Não sejam tão mortaes que matem logo:
Gradúa-lhe o veneno, e dóbra as forças,

Engrossa o vital fio aos dous ingratos.
Teimosa, penosissima existencia,
Transcendente em tristeza, em amargura
Aos damnos da tartárea eternidade,
Lhe arranque d'alma horrisonas blasphemias,
Que avivem teu furor, e os seus effeitos.
Ordêna, summo deus, á tôrva Morte
Que subito em mil mortes se converta,
Que manso, e manso os perfidos consuma:
Seculos gire o sol, milhões de vezes
Negando-se aos antípodas, aclare
O clima, que dous monstros enxovalham,
E ainda os ache a morrer. Com tudo, oh Jove,
Se na cadêa de horrorosos dias
Queres, para afagar-lhe o soffrimento,
Prender-lhe, consentir-lhe algum mais doce,
Algum menos fatal, seja esse dia
Qual este em que as entranhas me devora
Ciume abrazador, porção do inferno.
Eia, ao som dos meus ais acóde, acóde,
Eterna, pavorosa omnipotencia...
Mas ah! Que em préces vans a voz fatigo!
Oh Jove, ensurdeceste! Eu não te rógo
Que da fecunda terra me franquêes
As mádidas entranhas, prenhes de ouro;
Não dou meu culto aos idolos do avaro,
E o louro dos heróes, dos reis o sceptro
Tambem com fatua luz me não deslumbram:
Não quer elevação quem téme a quéda:
O que exijo, o que espero é que exercites

Da justiça o terrivel attributo,
Faze o dever d'um deus, e estou contente...
Mas, céos! Que sínto em mim! Que surdas vozes
No coração chagado me susurram!
Eu lhes ouço dizer: — « Perdido amante,
Phrenetico mortal, para que invocas
O tremendo poder da divindade
Contra o doloso amigo, e contra a féra
Por quem morres de amor, por quem suspiras?
Socéga, volve em ti. Crês, por ventura,
Que para a punição de enormes crimes
Cumpre aos céos arrojar physicos males
Sobre a fronte odíosa dos culpados?
A morte para os réos não é tormento,
Dos réos a maior pena é o remorso;
O remorso te vingue: assim defére
A's préces dos mortaes o grande Jove. »
Oh vozes da razão, vózes celestes,
Oraculo divino! Eu vos adóro,
Bem que os ouvidos meus, bem que a minha alma,
Affeitos longamente ás meigas phrases
Do engano, da lisonja, e da ternura,
A salutar dureza vos extranhem.
Basta, já torno a mim, não mais, oh Furias,
Não mais, imprecações. Perdôa, oh Jove,
Perdôa a minha dor, e ao meu delirio;
Fui louco, errado andei nas preces minhas:
O crime, sem que as victimas te implorem,
Por si mesmo justiça está bradando.
Traidor, que em falsas mostras de virtude

Envolveste a baixeza, a tyrannia,
A cavilosa intriga, a torpe inveja,
Da fraca humanidade os vicios todos,
Negros enxames, que te fervem n'alma;
Amigo desleal, que me arrancaste
Do terno coração segredos ternos,
Segredos, que nas trévas do sepulchro
Iriam com meus dias abysmar-se,
Se a máscara falaz não me illudisse
Da vil simulação, da astucia feia;
Se a minha alma fiel, ingenua, pura
Podesse conceber a idéa horrenda
Do teu crime aleivoso, e detestavel;
Presumes-te feliz? E's desgraçado
Mais que o réo quando em mãos do algoz sanhudo
Já piza o cadafalso, ou mais que eu mesmo.
Esse infame prazer, que tens comprado
A' custa de meus ais, de teus deveres,
Esse infame prazer em breve, oh monstro,
Corrompido será pela vileza
Da lisonjeira Isméne, e mais que tudo
Pelas pungentes garras do remorso.
Não te cégues, traidor, não te hallucines:
O mérito não foi, foi a fortuna
Quem chamou para ti de Isméne os olhos,
Quem d'um férvido amor me arranca o premio.
O sôfrego interesse, a mais indigna
De todas as paixões, e a mais teimosa,
Envenenou de Isméne o peito ingrato.
Se aos Fados, como tu, devesse Elmano

Os momentaneos dons, que adora o mundo,
Phrenetico de inveja, a grenha hirsuta,
Quaes as Furias do inferno, arrepeláras,
Vendo-me em almos extasis de gosto
Suspirando entre os braços da perjura.
  Fraudulento, infiel, não és amado,
Não compra corações a van riqueza,
Cedo, cedo o verás. De longe observo
C'os olhos da perspícua phantasia
A catastrophe atroz dos teus prazeres!
Lá vejo a refalsada, injusta Isméne
Ante as aras de Pluto, os olhos fitos
Com feiticeiro agrado em outro objecto,
Como tu desprezivel, tosco, indigno,
Mais pomposo, porém, mais carregado
Dos bens, que ás cégas dá Ventura errante.
Lá te vejo caír, victima triste
Do desdém, da cubiça, e da inconstancia.
Então conhecerás meu duro estado,
De zelos infernaes então raivando,
Sentirás mais acerbo, e mais agudo
O remorso enterrar-se-te no peito;
Então c'o pezo enorme do teu crime
Esse vil coração todo esmagado,
Saberá que invisivel mão suprema
Pune, flagella os máus ou cedo, ou tarde.
  Acceléra o teu vôo, absorve, oh Tempo,
Este enfadoso espaço, que divide
O dia em que lamento a minha sorte
Do dia em que meu mal será vingado.

Arda, escume, blaspheme, arqueje o monstro,
De minhas afflicções fatal principio,
Sobrepuje o seu mal aos males todos,
Nem um só dos mortaes o attenda, o chore:
Dos ciumes crueis no ardor, na raiva
Se ensaie para os horridos tormentos
Com que pelo traidor no Averno esperam
As tres filhas da Noute, as negras Furias.

TRABALHOS DA VIDA HUMANA.

Je suis forcé de m'abaisser
Pour me faire entendre.
Voltaire.

Se em verso cantava d'antes
O poder da formosura,
Hoje vou chorar em verso
Inconstancias da ventura.
  Vou pintar os dissabores,
Que soffre meu coração,
Desde que lei rigorosa
Me pôz em dura prisão.
  A dez de Agosto, esse dia,
Dia fatal para mim,
Teve principio o meu pranto,
O meu socego deu fim.
  Do funesto Limoeiro
Já toco os tristes degraus,
Por onde sobem, e descem
Egualmente os bons, e os máus.
  Correm-se das rijas portas
Os ferrolhos estridentes,

Feroz conductor me enterra
No sepulchro dos viventes.
  Para a casa dos assentos
Caminho com pés forçados;
Ali meu nome se ajunta
A mil nomes desgraçados.
  Para o volume odioso
Lançando os olhos a medo,
Vejo pôr — Manuel Maria, —
E logo á margem — *Segredo.* —
  Eis que sou examinado
Da cabeça até aos pés,
E vinte dedos me apalpam,
Quando de mais eram dez.
  Tiram-me chapéo, gravata,
Fivellas, e d'esta sorte,
Por um guarda sou levado
Ao domicilio da morte.
  Estufa de treze palmos
Co'uma fresta, que dizia
Para o logar ascoroso,
Denominado enxovía.
  Fecham-me, fico assombrado
Na medonha solidão,
E, sem cama a que me encoste,
Descanço os membros no chão.
  Mil terriveis pensamentos
Da minha alma se apoderam,
Gostos, e bens deste mundo
Então conheci o que eram.

Nos olhos o pranto ferve,
No coração cresce a dor,
E com males da fortuna
Se mixtura o mal de amor.
Quando mais me lamentava,
Se abre de improviso a porta,
E ouço um animo benigno,
Que me alenta, e me conforta.
Era Ignacio, affavel peito,
Alma cheia de piedade,
Credor dos meus elogios,
Por heróe da humanidade.
Do amavel carcereiro
Me patentea o desgosto,
Diz que piedoso me envia
Pobre, mas util encosto.
Junta a este beneficio
A necessaria comida,
Com que sustentasse o fio
D'esta lastimosa vida.
Garnier terno, sensivel,
Tu foste um nuncio divino,
Que veiu tornar mais doce
O meu penoso destino.
Os amigos inconstantes
Me tinham desamparado;
E nas garras da indigencia
Eu gemia atribulado;
Quando Aonio, o charo Aonio,
Da natureza thesouro

Á triste penuria manda
Efficaz auxilio de ouro.
   Em quanto existir Elmano,
Sempre, oh genio singular,
Na sua alma, e nos seus versos
Terás honroso logar.
   Passados vinte e dous dias,
Soffrendo mil magoas juntas,
Em fim por um dos meus guardas
Fui conduzido a perguntas.
   O ministro destinado
Era o respeitavel Brito,
Que logo viu no meu rosto
Mais um erro, que um delicto.
   Olhou-me com meigo aspecto,
Com branda, amigavel fronte,
E fui logo acareado
Com o meu amavel Ponte.
   Portei-me como quem tinha
Para a verdade tendencia;
Do pezo da opinião
Aligeirei a innocencia.
   Puni pelo charo amigo,
Ferido de interna dor:
Singular sou na amisade,
Como singular no amor.
   Posto fim ao acto serio,
O meu guia me conduz
Para segredo mais largo,
De que não tem medo a luz.

Fiquei mais desafogado,
Mas tambem fiquei mais só,
E de amargura sentia
Soltar-se da vida o nó.
Lembrava-me a curta fresta,
Por onde á presa matula
Ouvia de quando em quando
Conto vil em phrase chula.
Lembrava-me a gritaria,
Que faz a corja, a quem passa,
Loucamente mixturando
O prazer com a desgraça.
Lembrava-me este catando
Piolho, que d'alvo brilha,
Aquelle a chuchar gostoso
Cigarro, que ou compra, ou pilha.
Um por baldas, que lhe sabe,
Ao outro dando matraca;
Estes cantando folias,
Aquelles jogando a faca.
Cousas taes, que n'outro tempo
Me fariam anciedade,
Eram então para mim
Estimulos de saudade.
Servindo-me de tormento
A minha imaginação,
Em claro passava as noutes,
Passava os dias em vão.
O meu extremoso Ignacio
Benigno me visitava,

E com suaves conselhos
A minha pena adoçava.
Qual foi comigo ao principio,
Comigo a ser continúa:
Os desgraçados encontram
Poucas almas, como a sua.
Céo, que todas as venturas,
Todos os bens tens comtigo,
Faze que ser grato eu possa
Ao meu benefico amigo.
Ou tantas felicidades
Te digna, céo, de lhe dar,
Quantas as razões, que eu tenho
De todas lhe desejar.
Em fim, depois de soffrer
Tardas horas de tormento,
Fui costumando a minha alma
Ao solitario aposento.
O Deus creador do mundo,
Pae, amigo universal,
Com saudavel, brando somno
Foi-me interrompendo o mal.
D'este centro da tristeza,
Morada das afflicções,
Fiz ao logar das perguntas
Inda mais tres digressões.
Amo, professo a verdade:
Nas tres digressões que fiz,
Sempre achei o amavel Brito
Mais bemfeitor, que juiz.

Tal tem sido a minha sorte
N'esta dolorosa estancia,
Aonde a philosophia
Ás vezes despe a constancia.
Ha já quarenta e tres dias
Que choro n'este degredo:
Hei de ser muito calado,
Costumaram-me ao *segredo.*

FRAGMENTOS.

I.

. . . .

Antes que o deixe Analia, Elmano a deixa:
Elmano, que abhorrece a vil perfidia,
Elmano, que de Analia enganos cria,
Elmano, que foi seu, julgando-a sua.
Vis, barbudos rivaes, folgai, que eu cêdo,
Eu cêdo, e de ceder não me envergonho:
O trophéo, que lograis, de vós é digno,
Quanto indigno de mim, do nome eterno
Com que a vós sobranceiro os céos demando
De versos immortaes nas azas d'ouro.
Analia vos pertence humana, e fragil;
Analia, que attendeu suspiros vossos,
Analia, que vos deu triumpho abjecto,
Que em ficticio desmaio, em vãos tremores
É menos que mulher, e a deusa aspira.
Deusas d'Elmano para vós não vivem,
A vossa especie amai, vós sois d'Analia;

Com deusas viverei, vivei com furias;
Ficai no mundo vil, folgai na infamia,
Que eu vou nos astros aggregar-me aos numes.

. . . .

II.

. . . .

Seus corações em flor se embellezavam
Nos brincos da innocencia melindrosa,
E Amor, que os espreitava, inda ignorado
Já lhes dispunha o sentimento ao gosto:
Principio das paixões, como és suave!

. . . .

DAS METAMORPHOSES,
POEMA
DE
P. OVIDIO NASÃO.

TRECHOS ESCOLHIDOS, POSTOS EM VERSO PORTUGUEZ.

TRADUCÇÃO DO LIVRO I.

DESDE O PRINCIPIO ATÉ Á NOVA FORMAÇÃO DE TODOS OS ANIMAES DEPOIS DO DILUVIO.

Entre ferros cantei, desfeito em pranto;
Valha a desculpa, se não vale o canto.
O Traductor.

ARGUMENTO.

O Cáhos se reparte em quatro elementos. Zonas, ventos, creação dos brutos, e do homem. Seguem-se as quatro edades do Mundo. Nascem homens do sangue dos gigantes. Lycaon é transformado em lobo. O diluvio converte tudo em agua. As pedras se mudam em gente. Os brutos renascem da Terra.

Antes do mar, da terra, e céo que os cóbre
Não tinha mais que um rosto a Natureza:
Este era o Cáhos, massa indigesta, rude,
E consistente só n'um pezo inerte.

Das cousas não bem juntas as discordes,
Priscas sementes em montão jaziam;
O sol não dava claridade ao mundo,
Nem crescendo outra vez se reparavam
As pontas de marfim da nova lua.
Não pendias, oh terra. d'entre os ares,
Na gravidade tua equilibrada,
Nem pelas grandes margens Amphitrite
Os espumosos braços dilatava.
Ar, e pélago, e terra estavam mixtos:
As aguas eram pois innavegaveis,
Os ares negros, movediça a terra.
Fórma nenhuma em nenhum corpo havia,
E n'elles uma cousa a outra obstava,
Que em cada qual dos embriões enormes
Pugnavam frio, e quente, humido, e secco,
Molle, e duro, o que é leve, e o que é pezado.
  Um Deus, outra mais alta Natureza
A' continua discordia em fim põe termo:
A terra extrae dos céos, o mar da terra,
E ao ar fluido, e raro abstrae o espesso.
Depois que a mão divina arranca tudo
Do enredado montão, e o desenvolve,
Em logares diversos, que lhe assigna,
Liga com mutua paz os corpos todos.
Subito ao cume do convexo espaço
O fogo se remonta ardente, e leve;
A elle no logar, na ligeireza
Proximo fica o ar; mais densa que ambos
A terra puxa os elementos vastos,

Da propria gravidade é comprimida.
O salitroso humor circumfluente
A possue, a rodêa, a lambe, e aperta.
Assim depois que o Deus (qualquer que fosse)
O gran corpo dispôz, quiz dividil-o,
E membros lhe ordenou. Para que a terra
Não fosse desigual em parte alguma,
Por todas a compoz na fórma de orbe.
Ao mar então mandou que se esparzisse,
Que ao sopro inchasse dos forçosos ventos,
E orgulhoso abrangesse as louras praias;
A' mole orbicular deu fontes, lagos,
Rios cingindo com obliquas margens,
Os quaes, em parte absortos pelas terras
Varias, que vão regando, ao mar em parte
Chegam, e recebidos lá no espaço
De aguas mais livres, e extensão mais ampla,
Em vez das margens assaltêam praias.
O universal Factor tambem dissera:
« Descei, oh valles, estendei-vos, campos,
Surgi, montanhas, enramai-vos, selvas! »
Como o céo repartido á dextra parte
Tem duas zonas, á sinistra duas,
E uma no centro mais fogosa que ellas,
Assim do Deus o próvido cuidado
Poz eguaes divisões no térreo globo;
Elle é composto de outras tantas plagas;
Aquella que das mais está no meio
Em calores inhospitos se abraza;
Alta neve enregela, e côbre duas;

Outras duas, porém, que entre ellas ambas
O Numen situou, são moderadas,
Mixto o frio, e calor. Fica imínente
A estas o ar, que assim como é mais leve
O pezo d'agua que da terra o pezo,
Tanto mais pezo coube ao ar que ao fogo.
Deus ordenou que as nevoas, e que as nuvens
Errassem no inconstante, aéreo seio;
Que os ventos o habitassem, productores
Dos penetrantes frios, que estremecem,
E os raios, os trovões, que o mundo aterram;
Mas o supremo auctor não deu nos ares
Arbitrario poder aos duros ventos:
Bem que rebentem de encontrados climas,
Resistir-se-lhe póde á furia apenas,
Vedar que em turbilhões lacere o mundo:
Tanta é entre os irmãos a desavença!
   Euro foi sibilar ao céo da aurora,
Aos reinos Nabathêos, á Persia, aos cumes
Que o raio da manhan primeiro alcança.
O Véspero, essas plagas, que se amornam
Com Phebo occidental, estão visinhas
Ao Zéphyro amoroso; o fero Bóreas
Da Scythia fera, e dos Triões se apossa;
As regiões oppostas humedece
Austro chuvoso com assiduas nuvens.
O Numen sobrepoz aos elementos
O liquido, e sem pezo ether brilhante,
Que das terrenas fezes nada envolve.
   Logo que tudo com limites certos

Foi pela eterna dextra signalado,
As estrellas, que oppressas, que abafadas
Houve em si longamente a massa escura,
A arder por todo o céo principiaram;
E porque não ficasse do universo
Alguma região deshabitada,
Astros, e deuses tem o ethereo assento,
O mar aos peixes nitidos é dado,
Aves ao ar, quadrupedes á terra.
A estes animaes faltava um ente
Dotado de mais alta intelligencia,
Ente, que a todos legislar podesse:
Eis o homem nasce, e — ou tu, suprema Origem
De melhor Natureza, e quanto há n'ella,
Ou tu, pasmoso artifice, o formaste
Pura extracção de divinal semente,
Ou a terra ainda nova, inda de fresco
Separada dos céos, lhe tinha o germe.
Com agoas fluviaes embrandecida,
D'ella o filho de Jápeto afeiçoa,
Organisa porções, e as assimelha
Aos entes immortaes, que regem tudo.
As outras creaturas debruçadas
Olhando a terra estão; porém ao homem
O Factor conferiu sublime rosto,
Erguido, para o céo lhe deu que olhasse.
A terra, pois, tão rude, e informe d'antes,
Presentou finalmente assim mudada,
As humanas, incognitas figuras.
Foi a primeira edade a edade de ouro:

Sem nenhum vingador, sem lei nenhuma
Culto á fé, e á justiça então se dava,
Ignoravam-se então castigo, e medo;
Ameaços terriveis se não liam
No bronze abertos; supplice caterva
Á face do juiz não palpitava:
Todos viviam sem juiz, sem damno.
Inda nos patrios montes decepado
Ás ondas não baixava o pinho ingente
Para depois ir ver um mundo extranho:
De mais clima que o seu ninguem sabia.
Fossos ainda não cingiam muros,
As tubas, os clarins não resoavam,
Nem armas, nem exercitos havia:
Sem elles os mortaes de paz segura
Em ocios innocentes se gosavam.
O ferro sulcador não a rompia,
E dava tudo a voluntaria terra.
Contente do que brota sem cultura
Colhia a gente o montanhez morango,
Crespos medronhos, e as cerejas bravas,
Ás duras silvas as amoras presas,
E as lisas producções de tenue casca,
Que da arvore de Jupiter caíam.
Eram todas as quadras primavera.
Mansos Favonios com subtil bafejo,
Com tépidos suspiros animavam
As flores, que sem germe então nasciam.
Viam-se enlourecer, vingar as messes
Nos campos nem roçados de adubio,

Em rios ir correndo o leite, o nectar;
E da verde azinheira estar caíndo
O flavo mel em pegajosas gotas.
Depois que foi Saturno exterminado
Ao Tártaro, e ficou a Jove o mundo,
Veiu outra edade, se inferior á de ouro,
Superior á de cobre, a edade argentea.
Jove contráe a primavera antiga,
Verões, hynvernos, desiguaes outonos,
Curta, e branda estação, que anime as flores.
O anno repartem, variando os tempos.
O ar então começou a escandecer-se,
E ao som dos ventos a enrijar-se a neve;
Os humanos então principiaram
A demandar guaridas, a ter lares:
Grutas, choupanas os seus lares foram.
Pela primeira vez o grão de Céres
Se esparziu, se escondeu nos longos sulcos,
E opprimidos do jugo os bois gemeram.
A's duas succedeste, ahénea prole,
De genio mais feroz, mais prompto à guerra,
Mas não impio. — Eis a ultima, a de ferro.
Todo o horror, todo o mal rebentam d'ella.
Subito fogem fé, pudor, verdade,
Occupam-lhe o logar mentira, astucia,
A insultuosa força, a vil perfidia,
Da posse, e do poder o amor infando.
Velas o navegante aos ventos sólta,
Aos ventos ainda bem não conhecidos;
Longamente nas serras arraigado,

O lenho já commette ignotas vagas;
A terra, que atéli de todos fôra,
Como os ares, o o sol, por cauto dono
Já se abalisa com limite extenso.
Não se lhe pedem só devidos fructos,
Uteis searas, vai-se-lhe ás entranhas,
Cavam-lhe o que sumiu na estygia sombra,
Cavam riquezas, incentivo a males.
Jà se desencantára o ferro infenso,
E o ouro inda peior: eis surge a Guerra,
Que, de ambos ajudada, espalha horrores,
Vibrando as armas na sanguínea dextra.
Fervem os roubos: o hospede seguro
Do hospede não está, do genro o sogro;
A concordia entre irmãos tambem é rara.
Tentam morte reciproca os esposos,
As madrastas crueis dispõem venenos,
Conta os dias paternos filho avaro,
Jaz vencida a piedade, e sae do mundo,
Do mundo ensanguentado a pura Astréa,
Depois que os outros deuses o abandonam.
  Para não ser mais livre o céo que a terra,
E' fama que gigantes o assaltaram,
A etherea monarchia ambicionando,
Pondo até ás estrellas monte em monte.
O padre omnipotente, o summo Jove
N'isto com raios esbroando o Olympo,
Partindo o Pélio sotoposto ao Ossa,
Sobre o tropel sacrilego os derruba.
Esmagados c'o pezo os feros corpos,

Diz-se que a terra, a mãe, no muito sangue
Dos filhos ensopada, o fez vivente;
Homens d'elle creou, porque a memoria
Da progenie feroz permanecesse.
A nova geração tambem foi dura,
Dos numes foi tambem desprezadora,
Amiga da violencia, e da matança,
Denotando que o sangue o ser lhe dera.
Saturnio viu dos céos estas maldades,
Gemeu, e recordando um impio caso,
Inda não divulgado, inda recente,
O atroz festim da Lycaónia meza,
Iras concebe o deus dignas de Jove,
E o conselho immortal convoca á pressa,
Que á pressa congregado acode ao mando.
Ha nos céos um caminho alto, e patente,
(A nímia candidez o faz notavel)
Lácteo se chama; vão por elle os numes,
Os graves cortezãos do gran Tonante
A' morada real. D'um lado, e d'outro
Dos deuses principaes os lares brilham,
Abertas as fulgentes, grandes portas.
Deuses menores outro espaço habitam,
E os potentes celícolas supremos
A' frente os seus Penates collocaram.
Este, a caber na voz audacia tanta,
O palacio dos céos appellidára.
Em marmoreo salão juntos os deuses,
Todos depois de Jupiter se assentam,
Que em logar sobranceiro, e sobreposta

A fulminante mão no eburneo sceptro,
Por tres, e quatro vezes meneando
Espantosas melenas, com que abala
A terra, o mar, e os céos, taes vozes sólta
Com fera indignação: » Maior cuidado
O mundo me não deu n'aquella edade
Em que a turba de anguipedes gigantes
Queria o céo romper com braços cento;
Que ainda que era multidão terrivel,
Hoste feroz, comtudo d'um só corpo,
E de uma origem só pendia a guerra.
Eis-me n'um tempo agora em que é forçoso
Fazer tremenda, universal justiça,
Perder a humana estirpe em tudo, em tudo
Quanto abraça Nerêo circumsonante.
Subterraneas, tristissimas correntes,
Correntes que lambeis o estygio bosque,
Até juro por vós que ao mal infando
Mil remedios em vão tentei primeiro!
Mas incuravel chaga exige o ferro,
Cortada cumpre ser porque não lavre,
Porque não fique o são tambem corrupto.
Ha, porém, semideuses entre os homens,
Campestres numes ha, Faunos, e Nymphas,
Satyros, e os monticolas Sylvanos:
Todos são attendiveis, todos nossos.
Se inda honral-os no céo não nos aprouve,
Nas dadas terras é dever que habitem.
Mas podereis pensar que estão seguros,
Oh deuses, quando a mim, que empunho o raio,

A mim, que vos dou leis, tramou ciladas
Lycaon, o afamado em tyrannia?»
N'esta interrogação freme o congresso:
Querem todos o réo da enorme audacia,
Em vinganças fervendo o pedem todos.
Assim quando ímpia mão queria extincto
De Roma o nome no Cesáreo sangue,
Pelo terror da subita ruina
Atonita ficou a especie humana,
Todo o mundo tremeu de horrorisado.
Augusto, então dos teus não menos grata
A ternura te foi, que a Jove aquella.
Depois que ao gran susurro impoz silencio
Co'a mão, e a voz, emmudeceram todos.
Suffocado o furor no acatamento,
O monarcha dos céos assim prosegue:
«Cuidado vos não dê a acção nefanda,
O sacrilego auctor já foi punido:
Direi primeiro o crime, e logo a pena.
Do corrompido seculo as infamias
Subiram-me á noticia: desejoso
De achar falso o que ouvi, baixei do Olympo,
E a terra discorri com face humana.
Relevára occupar moroso espaço
Na feia narração do que hei sabido,
De horrores, que encontrei por toda a parte:
Era a verdade em fim maior que a fama.
Passado havendo o Ménalo abundoso
De horrorosos covis, que alojam feras,
O Cylenio de rochas carregado,

E o frigido Lycêo, que os pinhos c'roam,
Do Arcadico tyranno os lares busco,
Entro os paços inhospitos já quando
Negrejava o crepusculo da noute.
Dou mostras de que um deus era chegado,
E votos pios me dirige o povo.
Das preces Lycaon se ri primeiro,
Depois diz: — Saberei com prova inteira
Se é deus, ou se é mortal. — Dispõe matar-me
Quando os olhos tiver de somno oppressos:
Da verdade lhe agrada esta exp'riencia;
E inda não pago d'isto, a espada infame
Vibra contra a cerviz de um desgraçado
Que dos Molossos em refens houvera.
Aos semivivos, palpitantes membros
Parte amollecem as ferventes aguas,
As sotopostas brazas torram parte.
Já nas mezas se impõe, mas de repente
Co'a dextra vingadora o raio agito,
Sobre o cruel senhor derrubo os tectos,
Os tectos, e os Penates, dignos d'elle.
Para o silencio agreste, agrestes sombras
Foge rapidamente, espavorido,
E querendo falar, huyva o perverso:
Colhem do coração braveza os dentes,
C'o matador costume os volve aos gados:
Inda sangue lhe apraz, com sangue folga.
A veste em pello, as mãos em pés se mudam,
É lobo, e do que foi signaes conserva:
As mesmas cans, a mesma catadura,

E os mesmos olhos a luzir de raiva.
Já uma habitação caíu por terra,
Mas digna de caîr não é só uma.
Erinnys senhorêa o mundo todo:
Parece que os humanos protestaram
Não ter mais exercicio que o do crime!
A pena que merecem todos sintam;
Está dada a sentença.» E fica mudo.
O decreto de Jove alguns approvam,
E á ira horrenda estimulos aggregam;
Outros lhe prestam simplesmente assenso.
Dóe a todos, porém, o immenso estrago,
Da triste humanidade o fim lhes custa:
Perguntam qual será da terra a face,
Qual fórma a sua, dos mortaes vazia?
Quem ha de ás aras ministrar o incenso?
Será talvez o mundo entregue ás feras?
O que dos homens foi será dos brutos?
Dest'arte os deuses o vindouro inquirem.
«Não temais (lhe responde o rei superno)
Esse cuidado é meu, dispuz já tudo:»
E melhor geração do que a primeira
Com portentosa origem lhes promette.
Ia já desparzir por toda a terra
O numen vingador milhões de raios,
Eis teme que a voraz, terrivel chamma
Com impeto crescida, e levantada
Nos céos em fim se atêe, os céos abraze.
Á memoria lhe vem que leu nos Fados
Que inda a terra, inda o mar, inda as estrellas

Seriam de alto incendio accommettidos,
E a machina do mundo arruinada.
Depondo as armas, que os Cyclopes forjam,
D'outra pena se apraz, com outros males
Quer punir os mortaes, quer suffocal-os
Co'as soltas aguas, derretendo as nuvens
Por todo o pólo em rapidos chuveiros.
Na gruta Eolia subito aferrolha
Aquilão rugidor, e os mais que espancam
Atras procellas, grávidos vapores.
O Noto desencerra, e vôa o Noto,
Longas as pennas madidas, envolta
Em densa escuridão a atroz carranca.
Pézam-lhe as barbas com pejadas nuvens,
Goteja-lhe a melena encanecida,
Pousam-lhe as nevoas na cabeça horrenda,
Co'as azas, e c'o peito orvalha os ares.
  Tanto que espreme as procellosas sombras
Um rispido fragor no céo retumba,
E o céo rebenta em horrida torrente.
Iris, a nuncia da Saturnia Juno,
Trajando roupas de matiz lustroso,
Embebe as aguas, e alimenta as nuvens.
Morrem nas louras, trémulas searas
Ao cultor lacrimoso as esperanças,
Um momento destroe d'um anno a lida.
Para o furor de Jove os céos não bastam;
O azul irmão co'as ondas o auxilia:
Este os rios convoca, e mal que os paços
Entram do iroso, undivago tyranno:

« Não careço (lhes diz) para comvosco
De longa exhortação, fieis ministros.
Ide, inchai, derramai-vos pelas terras,
Vasem-se de repente as urnas vossas,
Rompa-se o dique ás prôfugas correntes,
Solte-se o freio ás aguas. Assim cumpre. »
Ordena, partem, correm, vão-se ás fontes,
E as bocas donde sáem lhe desapertam:
Volvem depois ao mar desenfreados.
Neptuno vibra o cérulo tridente,
Fere a terra com elle, e treme a terra,
E ás aguas c'o tremor franquêa o seio.
Em brava rapidez correndo os rios,
Já dos campos se apossam, já derrubam,
Já comsigo arrebatam plantas, gados,
Gentes, habitações, e os Lares sanctos.
Se ha por dita edificio que não cáia,
Se algum resiste ao pavoroso estrago,
A torrente voraz lhe cobre os tectos;
Tremendo as torres, ameaçam quéda,
Rotas, cavadas pelo embate undoso.
Já se confunde o pélago co'a terra,
Já tudo é mar, ao mar já faltam praias.
Qual sóbe, resfolgando, alpestre outeiro,
Qual vaguêa medroso em curvo barco,
E onde lavraram bois trabalham remos.
Sobre as perdidas, afogadas messes
Vai navegando aquelle, ou sobre o cimo
Das submersas aldêas, este encontra
Na copa de alto ulmeiro o peixe mudo,

Ferram-se acaso as ancoras ganchosas
Nos murchos prados, que viçosos foram:
De Baccho a planta, ás ondas sotoposta,
Jaz mordida tambem dos férreos dentes;
Na relva, que os rebanhos tosquiaram
Pousa do equoreo vate o gado informe;
Assombram-se as Nereidas de avistarem
Debaixo d'agua bosques, edificios:
Por entre as selvas os delphins voltêam,
Co'as negras trombas pelos troncos batem,
E o carvalho a vergar no encontro empurram.
O lobo vai nadando entre as ovelhas,
Em meio da torrente impetuosa
Boiam fulvos leões, manchados tigres.
Não vale aos javalis a força enorme,
A summa rapidez não vale aos cervos.
Buscada longamente, e em vão buscada
Pelas aéreas aves sendo a terra,
Onde repousem do continuo vôo,
Cançam-se em fim, despenham-se nas aguas.
Eis em suberbos torreões de espuma
Tenta o pégo arrogante as arduas serras;
Fervem-lhe em torno dos fragosos picos
As ondas, que jámais ali ferveram.
Assaltando os miserrimos viventes
No vão refugio, quasi tudo absorvem,
E aquelles, que da furia se lhe esquivam,
Em comprido jejum ralados morrem.
A Phócida, que os Ácticos separa
Dos afamados campos da Beócia,

E terra pingue foi, quando foi terra,
É já d'aguas envoltas lago immenso.
Ali de cumes dous montanha ingente,
Tendo a ramosa fronte além das nuvens,
E arremetendo aos céos, se diz Parnaso.
N'ella Deucalion (porque dos mares
Jazia tudo o mais em fim cuberto)
N'ella Deucalion tinha aportado
Em pequeno baixel co' a terna esposa,
Forçados pelos impetos das aguas.
Desembarcando os dous, off'recem logo
Interno culto aos numes da montanha,
Ás nymphas de Corycio, a Thémis sacra,
De quem ali o oraculo se ouvia.

Nenhum dos homens excedêra aquelle
No amor ao justo, no temor aos deuses:
Luzíam na consorte eguaes virtudes.
Jove, que o mundo vê todo inundado,
Vivos de tantos mil só um, só uma,
Ambos tão pios, tão amaveis ambos,
C'os soltos Aquilões sacode as nuvens,
As pezadas carrancas dos chuveiros,
E a terra mostra aos céos, e os céos á terra.
Nem do pélago a furia permanece:
C'o ferro de tres pontas mal que o toca
As ondas lhe amacia o deus das ondas,
E chamando Tritão, que levantado
Sobre a agua está (cubertos de brilhante
Purpura natural seus rijos hombros)
O buzio roncador lhe diz que assopre,

Que no usado signal ordene aos rios,
E ao transbordado mar que retrocedam.
 Da sonorosa, e concava buzina
Lança mão de repente o gran mancebo,
Da buzina, que em circulos, em roscas
Da ponta para cima se dilata,
Que tanto que no seio acolhe os ares
D'um e d'outro hemispherio atrôa as praias;
Eis aos labios a concha o deus applica
Por entre negras barbas orvalhosas,
* Incham-lhe as faces ao robusto assôpro,
Toca, e rios, e mar, que o som lhe escutam,
Subito a seu pezar vem recuando.
Este já praias tem, tem leito aquelles,
E murmuram pacificos, e tardos:
Os outeiros assomam, surge a terra,
Os campos crescem, decrescendo as ondas.
Depois de longo espaço os arvoredos,
Os arvoredos nus se vão mostrando:
Dos despojados troncos pendem limos.
 Em fim renasce o mundo, e vendo o triste,
O bom Deucalion vasia a terra,
E alto silencio derramado em tudo,
A Pyrrha diz chorando: « Oh doce esposa,
Oh tu, que és só, que és unica de tantas
Habitantes do mundo, e que ligada
Pelo amor, pelo sangue estás comigo,
Agora ainda mais pelo infortunio!
Do nascente ao poente, em toda a terra
Só habitamos nós, só nós vivemos:

Tudo o mais pelas ondas foi tragado,
E cuido que não tens inda segura
Tua existencia tu, nem eu a minha:
Estas nuvens, que observo, inda me atterram.
Ah triste! Que farias se arrancada
Ao fado universal sem mim te visses!
Onde, fria de susto, onde leváras
A planta vacilante, e quem seria
Tua consolação na dor, no pranto?
Crê, minha amada, que se o mar sanhudo
Te escondesse nas sôfregas entranhas,
Te houvera de seguir o afflicto esposo,
Socio te fôra em vida, e socio em morte.
Oxalá que eu com a paterna industria
Podesse reparar a humanidade,
Alma infundindo na formada terra!
Todo o genero humano em nós se inclue,
(Isto aos fados apraz, apraz aos deuses)
Ficámos para exemplo de que o mundo
Morada de homens foi.» Disse, e choravam.

Depois, tornando em si, resolvem ambos
Recorrer aos oraculos sagrados,
Da deusa Thémis invocar o auxilio.
Não tardam: vão-se do Cephyso ás aguas,
Que ainda não bem liquidas caminham,
E apenas pelas frontes, pelas vestes
Os gostados liquores desparziram,
Para o templo da deusa os passos torcem.

Manchava torpe musgo a frente, os tectos
Da estancia veneravel, e jaziam
Sem ministro, sem luz, sem culto as aras.

Como os sacros degraus tocado houvessem,
Sobre a mádida terra os dous se prostram,
E dão nas pedras osculo medroso;
Oram depois assim: « Se justas preces
Tornam benignos os irados numes,
Se a cholera dos céos com ais se adoça,
Dize-nos, deusa, dize-nos de que arte
Podêmos instaurar a especie humana,
E soccorre piedosa o triste mundo. »
  Movendo-se a deidade, assim lhes fala:
« Do meu templo saí; cubrindo as frontes,
Soltai as vestiduras, que vos cingem,
E para traz depois lançai os ossos
De vossa grande mãe. » Tendo ficado
Atonitos os dous espaço grande,
Pyrrha primeiro em fim rompe o silencio,
Da divindade as leis cumprir não ousa,
E com trémula voz perdão lhe roga,
Porque teme, espalhando os ossos frios,
Aos manes maternaes fazer injuria.
Depois d'isto repetem, pezam, notam
As palavras do oraculo sombrio;
Té que Deucalion, que o venerando
Filho de Promethêo com brandas vozes
Serena a chara esposa, e diz: « Se acaso
Não revolvo illusões no pensamento,
O oraculo da deusa é justo, é pio,
Não nos ordena o mal, não quer um crime.
A grande mãe, que ouviste, a mãe de todos
É a terra; a meu ver são os seus ossos
As pedras, e essas diz, que ao chão lancemos. »

Bem que esta intelligencia agrade a Pyrrha,
Esperanças com duvidas se envolvem,
E ambos das ordens sanctas desconfiam;
Mas n'isso que lhes vai se as effeituam?
As aras deixam, as cabeças cobrem,
Soltam as roçagantes vestiduras,
E logo para traz as pedras lançam.
Eis (quem te déra credito, oh portento,
Se annosa tradição não te abonasse!)
Eis que subitamente ellas começam
A despir-se do frio, e da rijeza,
E despindo a rijeza, a transformar-se.
Crescendo vão, mais branda natureza
As tóca, as amacia, as amollèce,
E n'ellas se perfeito o vulto humano
Logo ali se não vê, se vê comtudo
Em grosseiros signaes a similhança;
Qual na estatua, no marmore, a que apenas
Deu talhe a mão de artifice elegante.
Partes, que eram terrenas, e succosas
Nas carnes, e no sangue se convertem;
O que tem solidez, o que não dobra
Muda-se em ossos, e o que d'antes n'ellas
Veia se nômeou conserva o nome.
N'um breve espaço em fim (mercê dos deuses)
As que arroja o varão varões se tornam,
E as que sólta a mulher mulheres ficam.
Por isto somos fortes, somos duros,
Aptos a emprezas, proprios a trabalhos,
E em nosso esforço, na constancia nossa

Claramente se vê que origem temos.
Os outros animaes nas fórmas varios
A terra os produziu, sendo escaldado
Pelos raios do sol o humor antigo;
Os encharcados, os lodosos campos
Com o activo calor se entumeceram,
E das cousas a próvida semente
Qual no materno claustro ali cerrada,
Nutriu-se, e de vagar cresceu, formou-se.
Dest'arte, havendo em fim retrocedido
A seu amplo deposito profundo
O gran Nilo, que sáe de bocas sete,
Co'a etherea flamma se afoguêa o lodo,
E por entre os terrões, quando os revolve,
De animaes o cultor acha milhares,
Uns a nascer, e em parte já formados,
Em parte os membros seus inda imperfeitos;
E vê-se muitas vezes que de um corpo
Metade vive já, metade é terra.
Humidade, e calor dão vida a tudo,
Se mutuamente se temperam ambos.
Bem que d'agua contrario o fogo seja,
Sáe do humido vapor quanto é gerado;
A discorde união fermenta, e cria.
Portanto a fertil mãe, a extensa terra
Do recente diluvio repassada,
E pelo aereo lume escandecida,
Innumeras especies foi brotando:
Deu ser a algumas com a fórma antiga,
N'outras em fim creou não vistos monstros.

10.

(Traduzido do Livro I.)

Nos fundos lares Inaco escondido
Altêa com seu pranto as aguas suas;
Io, a filha gentil, perdida chóra:
Não sabe se está viva, ou se entre os manes:
Mas porque não a encontra em parte alguma,
Em nenhuma do globo a julga o triste,
E o peor se lhe ant'olha ao pensamento.
Volver do patrio rio a vira Jove:
«Virgem digna de Jupiter, guardada
Para felicitar (lhe disse o nume)
No thálamo suave um ente humano!
Procura as sombras dos fechados bosques,
(E aos bosques lhe apontou) a calma aperta,
Dos céos está no cume o sol fervendo.
Se temes ir sósinha aonde ha féras,
De um deus acompanhada irás segura;
Não de um deus inferior, porém d'aquelle
Que o sceptro universal na mão sustenta,
E o raio irresistivel arremessa.
Não, não fujas de mim. — (Que ella fugia.)
Já de Lerna as pastagens, e os frondosos
Arvoredos Lircêos Io passára:
Eis em nevoas o deus sumindo a terra,
Lhe prende os passos, e o pudor lhe usurpa.

Juno os olhos em tanto aos campos volve.
E extranha em claro dia haver tal nevoa,
Nevoa tão densa como os véos nocturnos,
Que das aguas não sáe, nem sáe das terras.
Olha em torno de si, não vê o esposo,
E suspeitosa, pelo haver colhido
Já vezes cento em amorosos furtos,
Não o achando nos céos — « Ou eu me engano,
Ou lá me aggravam » — (diz) e, deslizada
Da etherea habitação, parou na terra,
Onde o sombrio horror desfez n'um ponto.
Mas o consorte presentiu-lhe a vinda,
E em candida novilha por cautela
De Inaco a prole transformado havia,
Que depois de novilha inda é formosa.
Saturnia, a seu pezar, lhe dá louvores,
Pergunta de quem é, d'onde viera,
Pergunta a que manada emfim pertence
(De estar longe do caso indicios dando)
— Que a terra a produziu — responde Jove,
Para não ser o auctor mais inquirido:
N'isto Saturnia em dadiva lh'a pede.
O amante que fará? Cruel, se entrega
Os seus amores; — se os não dá, suspeito;
O que o pejo aconselha, amor impugna:
Vencido pelo amor seria o pejo;
Porém se a sua irman, se a sua esposa
Negar uma novilha, um dom tão leve,
Póde talvez não parecer novilha.
Já na posse da adultera, não despe

A deusa todavia o seu receio;
Teme a Jove, e do aggravo está mordida.
Argos, o filho de Arestor lhe occorre,
E quer que lh'a vigie, e d'elle a fia.
De Argos cinge a cabeça um cento de olhos,
Olhos, que dous a dous o somno alternam:
Desvelados os mais na presa cuidam.
Em quaesquer posições attento a guarda,
Volta-lhe as costas, e tem Io á vista.
Permitte-lhe pascer em quanto é dia;
Em transmontando o sol vai ferrolhal-a,
E um laço injusto lhe tornêa o collo.
Folhas agrestes, amargosa relva
Morde, rumina a triste; em vez de leito
Dão-lhe, nem sempre de herva o chão forrado,
Matam-lhe as sedes em corrente impura.
Supplices braços estender quizera
Para o seu guardador; mas que é dos braços?
Intenta dar um ai, solta um mugido:
Treme do som, da sua voz se espanta.
Um dia ás margens vai, onde brincava,
Ás margens paternaes; vê n'agua as pontas,
E, medrosa de si, foge do rio.
Inaco ignora, as Náiades não sabem
Quão pertencente lhe és, gentil novilha.
Eil-a os segue; ás irmans, ao pae, que a admiram,
Não só deixa que a toquem, mas se off'rece.
O velho hervas lhe colhe, e chega aos beiços;
Ella lhe lambe as mãos, as mãos lhe beija;
Terno pranto lhe corre, e se podéra

Soccorro a desditosa invocaria,
Seu nome, os fados seus articulára;
Mas, com letras em fim supprindo vozes,
Servindo-se do pé, na arêa exprime
O triste annuncio da mudada fórma.
«Oh pae desventurado! (Inaco exclama
Abraçando a cerviz, pegado ás pontas
D'alva bezerra, da chorosa filha)
«Oh pae desventurado! (Elle repete)
És tu, filha infeliz, tu, procurada
Tantas vezes por mim, e em tantas partes?
Antes que ver-te assim, nunca te vira,
Menor seria então minha amargura.
Ah malfadada! Responder não sabes,
Altos suspiros sós do peito arrancas,
Mugir á minha voz é quanto podes.
Não prevendo teus fados, eu outr'hora
O toro nupcial te apercebia.
Duas bem ledas esperanças tive:
Primeira o genro foi, segunda os netos;
Esposo, e filhos nas manadas brutas,
Querido meu penhor, terás agora.
Nem posso tanto mal findar co' a vida;
Empece-me o ser deus: afferrolhadas,
Defesas para mim da morte as portas,
Se estende a minha dor á eternidade.»
O oculoso pastor, que lhe ouve as mágoas,
Ao lamentavel pae remove a filha,
E vae apascental-a em outros campos:
Sentado, de alto monte a vê, e a tudo.

Que ella sinta, porém, tão duros males
Não póde o rei dos céos soffrer mais tempo:
Chamando o filho, que de Maia houvera,
Lhe ordena, lhe commette a morte de Argos.
Mercurio logo aos pés segura as azas;
Toma a vara somnífera, o galéro,
E, ataviado assim, demanda a terra.
Galéro ali depõe, depõe talares,
Sómente o caducêo na mão conserva;
Leva-o como pastor, que seu rebanho
C'o toque do cajado aos pastos guia,
E de canora flauta os sons diffunde.
Da nova, doce musica tentado,
Argos ao numen diz: « Quem quer que sejas,
Comigo aqui, pastor, sentar-te pódes.
Sitio melhor não ha para o rebanho,
Nem para o guardador, assim na sombra,
Como em fertilidade. » O deus se assenta;
E em razões varias, que profere, e escuta,
Vai-se-lhe o dia..Adormecer intenta
Com a avena os cem lumes veladores,
Porém repugna o monstro aos molles somnos,
E bem que os acolheu parte dos olhos,
Parte d'elles vigia. Em fim, porque era
Da flauta a invenção recente ainda,
A Mercurio o pastor pergunta como,
Por quem fôra inventada. A isto o nume
Diz então: « Nas arcádicas montanhas
Teve nome entre as nymphas Nonacrinas,
Foi entre as Hamadryadas o assombro

A náiade Syrins, Syrins, a esquiva.
Aos sátyros hirsutos se furtava,
E aos mais deuses campestres, que a seguiam;
Honrava nos costumes, no exercicio,
E na flor virginal a Ortygia deusa.
Em traje venatorio era Diana:
A similhança os olhos enganára
Se arcos diversos não tivessem ambas,
Syrins um de marfim, Latónia um de ouro,
E assim mesmo enganava. Ella, deixando
O sombrio Lycêo, de Pan foi vista,
De Pan, c'roado do pinheiro agudo,
E o deus falou-lhe assim... «Narrar faltava
O que lhe disse o deus; que accezas preces
A nympha repulsára, e que fugira,
Perseguida por elle até ás margens
Do sereno Ladon; que ali parando,
Peló estorvo das ondas, deprecára
A's ceruleas irmans que a trasformassem;
Faltava referir que em vez da amada,
Crendo que já nas mãos a tinha presa,
Pan sómente abraçou palustres canas;
Que em quanto suspirava, os ares n'ellas
Fizeram tenue som, quasi queixume;
Que n'arte nova, que na voz suave
Enlevando-se todo, o deus dissera:
«Taes colloquios se quer terei comtigo.»
Que ás canas desiguaes, com cêra unidas,
Dera seu nome a nympha. Ia Cylenio
Proseguir, eis que vê do somno oppressos

Os olhos todos. Subito emmudece,
Roça-os co'a vara, e lhe carrega o somno.
Rápido logo alçando o ferro curvo,
No vacillante collo o golpe acerta:
Cáe a cabeça; espadanando o sangue,
O sangue em borbotões macúla o monte.
Argos, jazes, em fim; de todo extincta
A claridade está de tantos lumes:
Sombra eterna te occupa os olhos cento.
Saturnia lhos extrae, na cauda os prende
D'ave sua, e com elles a abrilhanta.
Mas freme a deusa, não retarda as iras;
Da Argólica rival aos olhos, e alma
Expõe a vexadora, horrenda Erinnys.
Seus crueis agrilhões lhe enterra a Furia,
Por todo o mundo a prófuga persegue.
Nilo, ao trabalho immenso, á espavorida
Carreira universal tu só restavas.
Tanto que imprime o pé nas margens tuas,
Sobre os joelhos cae, e aos céos erguendo
O que erguer só lhe é dado, os olhos tristes,
Com prantos, e mugidos lutuosos
Parece que se está queixando a Jove,
E que dos males seus o fim lhe implora.
Elle, o collo abraçando á sacra esposa,
Roga-lhe que remate a pena acerba.
«Perde o temor (lhe diz) crê que incentivo
Io não mais será de teus desgostos:»
E o protesto formal co'a Estyge abona.
Apenas se embrandece ao rogo a deusa,

Torna á mimosa nympha o gesto antigo,
Torna a ser de repente o que era d'antes.
Fogem do corpo as sedas, vão-se as pontas,
O orbe, a fórma ocular se lhe restringem,
Abbrevia-se a bôca, os braços volvem,
Volvem-lhe as mãos tambem, tambem as unhas;
Já sómente em dous pés está sustida,
Da novilha não tem senão a alvura.
Receando mugir, falar não ousa,
E a desusada voz ensaia a medo.
  Celebérrima deusa, agora a honram
Aras, e incensos dos egypcios povos.

O PRECIPICIO DE PHAETONTE.

(Fragmento, traduzido do Livro II.)

. . . .

PORÉM leve era o pezo, era diverso
D'aquelle, que os Ethontes conheciam:
Quaes sem lastro bastante os curvos lenhos
São das ferventes ondas sacudidos;
Tal, co'a leveza insolita pulando,
Parece que vasio o carro foge.
   Eis a quadriga rapida percebe
Que os passos lhe não rege a mão de um nume:
Eis salta impetuosa, e deixa o trilho,
E bate o campo azul por nova estrada:
Treme Phaetonte, e como as redeas torça,
E qual seja o caminho elle não sabe,
E inda, sabendo, não domára os brutos.
Pela primeira vez se escandeceram
Os gélidos Triões co'a etherea flama,
E banhar-se no pégo em vão tentaram.
Do pólo glacial visinha a serpe,
D'antes molle de frio, e não terrivel,
Ganhou no extranho ardor braveza extranha.
   Diz-se, oh Bootes, que a tremer fugiste,
Bem que és tardio, e te retenha o carro:
Vê jazer muito ao longe o mar, e as terras,
O misero Phaetonte; amarellece,
E subito pavor lhe agita os membros:

Seus olhos em luz tanta encontram noute:
Triste! quizera já não ter tocado
O coche de seu páe: já se arrepende
De conhecer quem é: de haver podido
O effeito conseguir do rogo incauto.

. . . .

A GRUTA DA INVEJA.

(Traduzido do Livro II.)

É a estancia da Inveja em gruta enorme,
Lá n'uns profundos valles escondida,
Aonde o sol não vai, nem vai Favonio.
Reina ali rigoroso, eterno frio,
De humidas, grossas nevoas sempre abunda.
O monstro vivo de vipereas carnes,
Dos seus tartáreos vicios alimento.
Da morte a pallidez lhe está no aspecto,
Magreza, e corrupção nos membros todos;
Olha sempre ao revez; ferrugem torpe
Nos asquerosos dentes lhe negreja;
Vê-se o fel verdejar no peito immundo,
Espumoso veneno a lingua vérte:
Longe o riso lhe jaz dos negros labios,
Só se nos mais ha pranto ha n'ella riso,
Em não vendo chorar lhe acode o chôro:
Não gosa de repouso um só momento,
Os cuidados que a roem não soffrem somno:
Mirra-se de pezar, ao ver nos homens
Qualquer bem; rala, e rala-se a maligna,
É verdugo de si, odio de todos.
. . . .

O ROUBO DE EUROPA POR JUPITER.

(Traduzido do Livro II.)

O GRAN Jove no céo Mercurio chama,
E sem lhe declarar o amor, que o fere,
«Vai, ministro fiel dos meus decretos,
Vai, filho meu, co' a sólita presteza;
Desce á terra (lhe diz) d'onde se avista
Tua mãe reluzindo á sestra parte,
E que os seus naturaes Sidon nomeam.
O armentio real, que ao longe a relva
No monte anda a pascer, dirige á praia.»
  Disse, e já da montanha o gado expulso
Caminha á fresca praia, onde costuma
A do sidonio rei mimosa filha
Espairecer, folgar co' as tyrias virgens.
  A majestade, e amor não bem se ajustam:
Jámais o mesmo peito os accommoda.
Do sceptro a gravidade em fim depondo
O páe, e o rei dos deuses, Jove, aquelle
Que armada tem do raio a sacra dextra,
E que ao minimo aceno abala o mundo,
Véste fórma taurina, entre as manadas
Muge, e piza formoso as brandas hervas.
  É cor da neve, que nem pés calcaram,
Nem co' as azas desfez o sol chuvoso;
Altêa airosamente o mobil collo;
Das espadoas lhe pende, e bambalêa

A candida barbella, as breves pontas
D'industriosa mão lavor parecem,
Ganham no lustre á pérola mais pura.
Não tem pezado cenho, olhar terrivel,
Antes benigna paz lhe alegra a fronte.
  A filha de Agenor admira o touro,
Extranha ser tão bello, e ser tão manso.
Ao principio, inda assim, teme tocar-lhe;
Vai-se depois avisinhando a elle,
E as flores, que apanhou, lhe applica aos beiços.
  Eil-o já pela relva salta, e brinca,
Já põe na fulva arêa o niveo lado.
Á virgem pouco a pouco o medo extingue,
E agora offrece brandamente o peito
Só para que lh'o afague a mão formosa,
Agora as pontas, que a real donzella
De recentes boninas lhe engrinalda.
  Ella, em fim, que não sabe a que se atreve,
Ousa nas alvas costas assentar-se.
  De espaço á beira-mar descendo o nume,
Põe mentiroso pé n'agua primeira,
Vai depois mais ávante... em fim, nadando,
Leva a presa gentil por entre as ondas.
Ella de olhos na praia, ella medrosa.
Segura uma das mãos n'uma das pontas,
Sobre o dorso agitado a outra encosta;
Enfuna o vento as susurrantes vestes.
  Despida finalmente a falsa imagem,
Eis apparece o deus, eis brilha Jove,
* E em teus bosques, oh Creta, Amor triumpha!

A MORTE DE PYRAMO E THISBE.

(Traduzido do Livro IV.)

Pyramo, singular entre os mancebos,
E Thisbe, superior em formosura
A todas as donzellas do oriente,
Tinham contiguas as moradas suas
Lá onde é fama que de ingentes muros
Semiramis cingiu alta cidade.
   A amor a visinhança abriu caminho,
N'elles foi com a edade amor crescendo,
E unir-se em doce nó votaram ambos,
O que injustos os paes não permittiram.
Em vivo, egual desejo os dous ardendo,
(Que isto os paes evitar-lhes não poderam)
Sem confidente algum, só por acenos,
Por signaes se entendiam, se afagavam.
Quando amor se recata é mais activo.
Parede, que os dous lares dividia,
Rasgada estava de uma tenue fenda
Desde o tempo em que foram fabricados.
Ninguem tinha notado este defeito;
Mas que não sente Amor, que não adverte?
Vós, amantes fieis, vós o notastes,
E d'elle se valeu sagaz ternura.
Soíam por ali passar sem medo
Brandas finezas em murmurio brando.

De uma parte o mancebo, e Thisbe de outra,
Prestando unicamente, e recebendo
Seu halito amoroso, assim carpiam:
« Invejosa parede, a dous amantes
Porque, porque te oppões? Ah! Que importava
Que perfeita união nos consentisses?
Ou, se isto é muito, ao menos franqueasses
Aos osculos de amor logar bastante?
Mas não somos ingratos, confessâmos
Que os nossos corações a ti só devem
Doce conversação, que os desafoga. »
Separados assim, e em vão diziam.
Dando um saudoso adeus já quasi á noute,
Ao partir cada qual suave beijo
Na parede insensivel empregava,
Nem que o terno penhor chegar podesse
Aonde o dirigia o pensamento.
Um dia quando, roto o véo nocturno,
Tinha ante os lumes da serena Aurora
Desmaiado nos céos a luz dos astros,
E Phebo com seu raio ía seccando
Sobre as hervas subtís o frio orvalho,
Ao logar do costume os dous volveram.
Depois de mutuamente se queixarem
Da pezada oppressão, que os constrangia,
Com mais cautéla ainda, em tom mais baixo
Concertam entre si que em vindo a noute
Haviam de illudir os páes, e os servos,
De seus lares fugindo, e da cidade;
Que, por não se perderem vagueando

Pelo campo espaçoso, ao pé da antiga
Sepultura de Nino ambos parassem,
Póstos á sombra de arvore frondosa.
Esta arvore, que ali ao ar se erguia,
Carregada de fructos cor de neve,
(Então da cor de neve até maduros)
Era a grata amoreira : amena fonte,
Fervendo junto d'ella, o chão regava.
Quadrou o ajuste, e nas ceruleas ondas
Caíndo, tardo o sol para os amantes,
E d'onde o sol caíu surgindo a noute,
Achada occasião, por entre as sombras
Thisbe astuta das portas volve a chave,
Engana os seus, e sáe. Cubrindo o rosto,
Caminha para o tumulo de Nino,
Chega, e debaixo da arvore sè assenta :
Dava Amor ousadia á linda moça.
Eis que feroz leôa, ensanguentada
De recente matança a boca enorme,
Assôma, e vem depôr na fonte a sêde.
Porque o pleno luar cubria o campo
A vê ao longe a babylonia Thisbe,
E com timidos pés em gruta umbrosa
Vai sumir-se, correndo, e palpitando,
E na carreira o véo lhe cáe por terra.
Depois que o tôrvo bruto a sede ardente
Nas aguas apagou, tornando aos bosques
O solto véo sem Thisbe acaso encontra,
E no sanguineo dente o despedaça.
Pyramo, que do lar saíu mais tarde,

Que vê no erguido pó signal de féra,
E de féra no chão pégadas nota,
Descorando estremece, e tinto em sangue
Acha o caído véo. « N'uma só noute
(Diz elle) dous amantes se perderam;
Perdeu-se a bella, a triste, a desgraçada
Que de longa existencia era tão digna.
Eu tive toda a culpa, eu, miseranda,
Eu fui quem te matou, fui quem te disse
Que de noute, que só te aventurasses
A tão ermo logar, tão pavoroso,
E para te acudir não vim primeiro.
Lacerai-me este corpo abominavel,
Devorai-me estas barbaras entranhas,
Oh leões, que jazeis por essas grutas!
Mas chamar pela morte é só dos fracos. »
  Já da terra levanta o véo de Thisbe,
E para a fertil planta se encaminha,
Vai com elle ao logar do terno ajuste.
Cubrindo-o lá de lagrimas, e beijos,
« O meu sangue (lhe diz) tambem te regue,
Recebe, oh triste véo, tambem meu sangue. »
E subito, despindo o ferro agudo
Que ao lado lhe pendia, em si o enterra:
Da ferida mortal o extráe, o arranca,
E de costas no chão depois baquêa.
Em rôxos borbotões lhe ferve o sangue,
E lhe salta com impeto, á maneira
De alto, e cheio aqueducto, que rebenta,
Que estrondoso arremessa ao longe as aguas,

Co' a suberba impulsão rompendo os ares.
Da ramosa amoreira os alvos fructos,
Pela rubra corrente rociados,
Em triste, negra cor a antiga mudam,
E do sangue a raiz humedecida,
Logo ás amoras purpurêa o sumo.
De todo não perdido ainda o medo,
Vólta a gentil donzella ao fatal sitio
Porque a não ache em falta o charo amante.
C'os olhos, e c'o espirito o procura,
Desejosa de expôr-lhe o grave risco
De que pôde escapar. Notando a planta
Mudada no exterior, a desconhece,
Duvída se é a mesma. Em quanto hesita
Vê tremer, e arquejar na terra um corpo,
Na terra, que de sangue está manchada.
Recúa de terror, pallida, absorta,
Arripia-se, e freme, á similhança
Do rouco mar, se as virações o encrespam.
Mas depois que attentando em fim conhece
A porção da sua alma, os seus amores,
Rompe em chôros, em ais, maltracta o peito,
O peito encantador, que o não merece,
Arranca delirante as louras tranças,
Entre os braços aperta o corpo amado,
Vérte amargosas lagrimas no golpe,
Correndo mixturados sangue, e pranto;
Piedosos beijos dá no rosto frio,
Clama: «Oh Pyramo! Oh céos! Que duro caso
Te arrebata de mim? Pyramo, escuta,

Responde-me, querido: a tua amada,
A tua fiel Thisbe é quem te chama;
O semblante abatido ergue da terra.»
  Ouvindo proferir da amada o nome,
O malfadado moço eis abre os olhos,
Já do pezo da morte enfraquecidos;
Volve-os a Thisbe, e para sempre os cerra.
  N'isto aquella infeliz o véo distingue,
Vê do extincto amador a nua espada.
«Teu amor, tua mão te hão dado a morte!
Eu tambem tenho mãos (exclama a triste)
Eu tambem tenho amor capáz de extremos,
Que esforço me dará para seguir-te.
Sim, eu te seguirei, serei chamada
Da tua desventura a causa, a socia.
Ai! Só podia a morte separar-nos...
Mas não, nem ella mesma nos separa.
Oh vós, dai terno ouvido ás preces de ambos,
Miseros páes de miseros amantes,
Que une por lei do Fado Amor, e a Morte;
Deixai que o mesmo tumulo os encerre.
E tu, arvore, tu, que estás cubrindo
Agora um só cadaver miserando,
Logo dous cubrirás. Signaes conserva
Da tragedia que vês, e por teus fructos
Difunde sempre a cor de luto, e mágoa,
Monumento fatal do negro caso.»
  Cala-se, encosta o peito á férrea ponta,
Do sangue do infeliz tépida ainda,
E traspassa-se, e cáe. Das preces tristes

Comtudo os céos, e os páes se enterneceram.
Nos ramos da frondifera amoreira
Quando maduro está negreja o fructo;
E a lacrimosa, paternal piedade
Guardou n'uma só urna as cinzas de ambos.

CADMO, E HERMIONE.

(Traduzido do Livro IV.)

Da serie de teus males já vencido,
E de fataes, maleficos portentos,
Tu, filho de Agenor, tu, triste Cadmo,
Sáes da cidade, que erigido havias,
Como se os Fados d'ella, e não teus Fados
Te perseguissem lá. Depois de longos
Terrenos vaguear, parou na Illyria
Co'a profuga consorte. Ali, gravados
Da desgraça, e da edade, a estrella adversa
Memorando dos seus, e discorrendo
Nos curtidos trabalhos, Cadmo exclama:
«Ah! Sagrada talvez era a serpente
Que no bosque matei quando expellido
De Sidonia me vi por lei paterna!
Sacro serîa o monstro, em cujos dentes
Pela terra espalhei semente infensa!
Pois se dos numes o furor se apura
Tanto, e tanto em vingal-o, imploro aos numes
Que em comprida serpente me transformem.»
Disse, e como serpente eis que se alonga,
Eis na cutis nascer vê dura escama,
Ceruleas nodoas variar-lhe o corpo:
Na terra cáe de peitos: manso, e manso

Os membros se confundem, que o sustinham,
E em boliçosa cauda se affeiçoam.
   Restam-lhe braços; braços que lhe restam
Estende o malfadado, e diz, banhando
De lagrimas a face, ainda humana:
   «Vem, doce, vem, miserrima consorte,
Em quanto ainda em mim de mim vês parte;
A mão, em quanto é mão, recebe, aperta,
E em quanto não sou todo enorme serpe.»
   Queria proseguir, mas de improviso
A lingua se lhe fende, ei-o com duas;
Falecem-lhe as palavras: quantas vezes
Se intenta deplorar, tantas sibîla:
Só lhe deixa esta voz a Natureza.
   Co'a mão ferindo o peito, a esposa clama:
«Cadmo, espera; infeliz, despe esse monstro!
Que é isto! Que é dos hombros, que é dos braços!
As mãos, os pés, e a cor, e o rosto, e tudo!
Porque, poder do céo, porque, Destinos,
Me não mudais tambem na fórma horrenda?»
   Diz, e elle da consorte as faces lambe,
E o (que ainda conhece) amado peito:
O collo, que lhe foi, que lhe é tão charo,
Cinge com mimo, e como póde abraça.
   Todos os companheiros, que o rodeam,
Atterrados estão, porém co'as linguas
Os lubricos dragões vão afagal-os,
Que subito são dous, e os juntos corpos
Fazendo um só volume, e serpeando,
Se escondem pela proxima floresta,

Dos homens todavia inda não fogem;
Não têm dente mordaz, não têm veneno,
Não fazem damno algum: do que já foram
Os benignos dragões inda se lembram.

ATLANTE CONVERTIDO EM MONTE.

(Traduzido do Livro IV.)

Trazendo o espolio do vipéreo monstro,
E equilibrado em azas estridentes,
Presas aos leves pés, vagava os ares
O Argolico Persêo, prole do nume
Que a Danae seduzira em aurea chuva.
   Sobre as crestantes, lybicas arêas
Pendente o vencedor, caíram n'ellas
Da Gorgonea cerviz sanguineas gotas,
E bebendo-as a terra as faz serpentes:
Desde então de serpentes Lybia abunda.
   Logo, agitado por discordes ventos,
Para aqui, para ali, qual gira a nuvem,
Descobre o moço errante ao longe as terras,
E sobre o vasto globo anda voando.
   As Ursas boreaes viu já tres vezes,
E já tres vezes viu do Cancro os braços;
Mil ao occaso foi, mil ao nascente,
Pela aérea violencia despedido.
Em fim, proximo á noute, e receando
Persêo fiar-se d'ella, o vôo abate
Na hespéria região, reinos de Atlante.
O heróe pede ao monarcha um breve asylo,
Té que phosphoro esperte a luz d'Aurora,
E Aurora o carro de ouro ao Sol prepare.

Superior na estatura aos homens todos
Era o filho de Japeto, era Atlante.
Deu leis na terra extrema, e leis nos mares
Onde os lassos frisões mergulha Phebo.
Ali manadas mil do rei gigante,
Mil rebanhos ali pascendo erravam,
E ao seu não confrontava extranho imperio.
Tinha um vergel com arvore lustrosa:
As folhas eram de ouro, e de ouro os ramos,
Aureos os pomos, que pendiam d'elles.
«Gran rei (Persêo lhe diz) se amas a gloria
D'alta estirpe, o meu ser provém de Jove;
E se és admirador d'acções famosas,
Hão de maravilhar-te as acções minhas.
Rogo-te a graça de nocturno hospicio.»
Mas de oraculo antigo o rei se lembra;
A Themis no Parnaso ouviu outr'hora:
«Ha de vir tempo, Atlante, em que dos fructos
A arvore tua despojada fique:
Filho o seu roubador será de Jove.»
Receoso do furto, havia Atlante
Torneado o pomar com rijos muros,
E horroroso dragão lhe poz de véla:
A forasteiro algum nos seus dominios
Guarida não concede, expulsa todos,
E a este diz tambem: «Vai para longe,
Se não queres de ti ver longe a gloria
Dos mentirosos feitos, se não queres
Longe, mais longe ainda o páe, que ostentas.»
E, ajuntando a violencia aos ameaços,

Intenta repellir além das portas
Persêo, que lhe resiste, e substitue
Palavras fortes a palavras brandas.
Nas forças inferior se reconhece:
Quem podia egualar de Atlante as forças?
« Já que a minha amizade em pouco estimas, »
(Diz o affrontado heróe) recebe o premio. »
N'isto co'a mão sinistra, e desviando
Primeiro os olhos para a parte adversa,
Lhe mostra de Medusa a face horrenda.
Eis feito o enorme Atlante um monte enorme:
Barbas, melênas se lhe tornam selvas;
São recostos da serra as mãos, e os braços,
O que já foi cabeça agora é cume,
Dos ossos os penedos se formaram.
Para todas as partes se dilata;
Crescendo mais, e mais, altura immensa
Toma em fim: (vós, oh numes, o ordenastes)
Todo o pezo dos céos descança n'elle.

———

O ROUBO DE ORITHYA POR BOREAS.

(Traduzido do Livro VI.)

O AFFAMADO Erecthêo regia Athenas,
Heróe na rectidão, e heróe no esforço.
Quatro filhos houvera, e quatro filhas:
Em duas florecia egual belleza.
Foi Procris, uma d'ellas, esposada
Por Cephalo, de Eólo egregio sangue;
A outra, inda donzella, era Orithya.
Arde em seus olhos o Estrymonio Bóreas,
Arde ha muito, e do páe ha muito a espera,
Brando rogo antepondo a dura força;
Mas vendo as preces vans, lesada a gloria,
Horrido co'a braveza a que anda affeito,
Crua, espantosa, natural ao vento,
E da razão munido, assim declama:
«Porque, porque depuz, insano, as armas,
Fereza, robustez, e voz terrivel,
Usando o rogo, que a meu ser não quadra?
Só me convém, me é propria a força, a ira:
Com ellas arrebato as altas nuvens,
Com ellas em montanhas ergo os mares,
Torço os carvalhos, endureço as neves,
A redonda saraiva arrojo á terra;
E se os bravos irmãos nos céos encontro,

(Que vós, oh vastos céos, vós sois meus campos)
Com tanta audacia, tanta furia lucto,
Que nosso embate horrendo atroa o pólo,
E d'entre a cerração rebenta o raio.
Se o gran seio investigo á curva terra,
Se ás intimas cavernas metto os hombros,
Turbam-se os manes, estremece o mundo.
Dest'arte me cumpria haver a esposa,
Devia usar da força em vez das preces,
Não rogar Erecthêo, mas constrangel-o.»
Isto, ou mais Bóreas diz, e as azas bate,
E abana as terras, e revolve as ondas.
Pelos cumes altissimos dos serros
Manto pulverulento o deus arrasta;
Varre o chão, e escondido em nevoa grossa,
A timida Oríthya envolve, abraça
Co'as fulvas pennas, e remonta o vôo.
Em quanto adeja rapido com ella,
As flammas agitadas mais se atêam:
E na aerea carreira impetuosa
O activo roubador se não reprime,
Até que pousa nos Sithonios muros.
Ali a Actéa, singular princeza
Esposa foi do aligero tyranno,
E mãe dos gemeos inclitos, que abriram
Não vistos mares no baixel primeiro.

PROGNE, TEREO, E PHILOMELA.

(Traduzido do Livro VI.)

Barbaros esquadrões, que o mar trouxera,
As muralhas de Athenas atterravam.
Terêo, da Thracia rei, com presto auxilio
Á cidade acudiu, e os poz em fuga,
Colhendo na victoria egregio nome.
O grato Pandion ao gran monarcha,
Nas forças, na opulencia abalizado,
E alta progenie do immortal Gradivo,
Deu, como em recompensa, uma das filhas:
O uniu com Progne em vinculo amoroso.
Ao rito, á festa nupcial não foram
Presidente Hymenêo, pronuba Juno;
Nenhuma das tres Graças veiu ao toro:
As horrorosas Furias o erigiram,
Em torno d'elle as horrorosas Furias
Nas dextras negrejantes empunharam
Tochas, roubadas a funerea pompa.
Sobre o docel do thalamo sinistro
Pousou na infausta noute ave agoureira;
Muda assistiu ao conjugal mysterio:
Ante ella esposos foram, páes ante ella.
Co'a vergontea dos reis a Thracia folga,
Mil incensos aos céos, mil graças manda,

E a festejo annual consagra o dia
Em que ao feroz Terêo foi Progne dada,
Em que o fructo de amor, Itys mimoso
Veiu dar gloria aos páes, e ao longo estado:
Tanto o mortal ignora o que lhe é util!
Cinco vezes o sol já volteara
Os céos, de primavera em primavera,
Quando Progne, afagando o duro esposo,
« Se um favor te mereço, ou me conduze
A abraçar minha irman (lhe diz) ou corre,
Corre a buscal-a. Ao sogro encanecido
Jura restituil-a em curto espaço.
Uma impagavel dadiva, um thesouro
Na irman te deverei. « Terêo se aprompta,
Arma os curvos baixeis, e a véla, os remos
Pelo porto Cecropio se introduzem.
Já surge, e do Pirêo já desce ás praias.
Ledo o recebe o sogro, as mãos apertam,
Travam conversação com triste agouro.
O Thracio a referir em fim começa
Os desejos, as supplicas da esposa,
E a affirmar o promptissimo regresso.
Ante elles Philomela eis apparece,
Rica em traje, riquissima em belleza,
Como ouvimos dizer que nas florestas
As Dryades, as Nayades passeam,
Figurando-lhe a idéa o mesmo adorno.
Terêo, á face da estremada virgem,
Fica absorto, encantado, arde em silencio,
Qual flamma, que, nos campos ateada,

A relva, as folhas, as searas come.
Da bella os olhos este ardor merecem;
Mas férvido appetite impetuoso
Pula no peito do anciado amante,
E a torpe, viciosa natureza
Do seu clima brutal, propenso a Venus.
Cego anhelando a candida donzella,
Impulsos tem de corromper-lhe as servas,
E a mãe segunda, que a nutrira ao seio.
Não só deseja obter por dons sublimes
A origem da paixão, que o desespera,
Mas estragar por ella o mesmo imperio,
Ou antes arrancal-a, e defendel-a
Em pertinaz conflicto, em brava guerra:
Nada vê, que não ouse, ou que não tente
Seu criminoso amor desenfreado.
No accezo coração não cabe a chamma,
A demora fatal soffrer não póde.
Da saudosa consorte eis o perverso
As preces, as instancias exaggera,
E nos desejos d'ella os seus disfarça:
Energia, e facundia Amor lhe empresta.
Quando além do que é justo eleva o rogo,
De Progne com o ardor o córa, o doura;
Té lagrimas co'as supplicas mixtura,
Como que fossem lagrimas da esposa.
Oh deuses! Quanto é cega a mente humana!
A maldade em Terêo se crê virtude:
No crime, na traição louvor grangêa.
Onde, ah! onde, innocente Philomela,

Queres ir c'um tyranno! Eil-a amorosa
Aperta o triste páe nos lindos braços;
O bem de ver a irman com ancia pede,
Pela irman contra si de orar não céssa.
Com famulentos olhos a devora
O sôffrego Terêo, pasmado n'ella,
E, tocando-lhe, a insta a que affervore,
A que duplique as supplicas urgentes.
Os braços, com que cinge o patrio collo,
Os beijos, que na mão paterna imprime,
Tudo aviva os estimulos, o fogo,
O tacito furor, que o vai ralando.
Quantas vezes a filha ao páe se abraça,
Tantas de o páe não ser ao Thracio peza:
Mais torpe fôra então, mais ímpio fôra.
Ambos o velho rei com rogos vencem;
Ella folga, ella exulta, e dá mil graças
Á paternal bondade: a si, e a Progne
O que lhes é fatal propicio julga.
Sómente um curto giro ao sol já resta;
Os ferventes cavallos espumosos
Batem suberbos no declive Olympo:
Aprestam-se as reaes, as lautas mezas,
Aureo liquor borbolha em aureas taças:
Depois o grato somno aos olhos vôa.
Mas, longe dos encantos que o transportam,
Não dorme, não repousa o fero amante:
Arde, e pinta na idéa a face, os olhos,
Pinta os gestos, as mãos, o mais que olhara,
E finge, como o quer, o que não vira:

Ao prazer afferrado o pensamento,
Lhe atiça a flamma, lhe desvia o somno.
  Luziu a aurora, e Pandion, chorando,
Ao genro, cuja mão saudoso aperta,
O querido penhor commette, e roga
Que o guarde, que o vigie. « Amadas filhas,
« Vós assim o quereis (diz soluçando)
E tu tambem, Terêo. Pois causa justa
Vos obriga, eu me rendo. Eis a minha alma,
Eis a filha te dou. Por mim, por ella,
Pela fé, por ti mesmo, e pelos numes
Te imploro a amimes com amor paterno,
E que este doce alivio de meus annos,
(Annos cançados já) me restituas,
Cedo, ah!.. Cedo. Não tardes, não me enganes,
Que longa me será qualquer demora.
Tu, tambem, se tens dó de um páe magoado,
Vem logo, oh filha minha, oh meu thesouro:
Bem basta tua irman viver tão longe. »
  Assim falando, o misero a beijava,
E as lagrimas na face lhe caîam.
Depois que a dextra mão por segurança
Um ao outro pediu, deu um ao outro,
O ancião consternado á próle, ao genro
Para o neto mimoso, e filha ausente
Dá mil ternas saudades, mil suspiros:
Apenas balbucia entre soluços
O lacrimoso adeus, presagio triste,
Carrancudo terror lhe sobe á mente.
  Em pintado baixel eis Philomela,

Eis o remo a compasso as ondas volve
O mar ferve na prôa, e foge a terra.
« Vencêmos, (diz o barbaro) vencêmos!
Meus desejos, meus gostos vão comigo. »
E exulta, e póde apenas moderar-se,
Reter a execução de atroz intento.
Nunca os olhos distráe do objecto amado,
Bem como a carniceira ave de Jove,
Que tem bico revolto, e curvas garras,
Fraca lebre depõe no aéreo ninho:
Conhece que fugir não póde a preza,
Seguro o roubador contempla o roubo.
   Já do equoreo caminho os vasos leves
Venceram a extensão; já, fatigados,
No patrio fundo as ancoras arrojam.
O audaz, Threicio rei a antiga selva,
A deserto palacio tenebroso
Guia de Pandion a triste filha.
Ali, pallida, trémula, chorosa,
Pela irman perguntando inutilmente,
Em remoto aposento o monstro a cerra.
Phrenetico lhe expõe o amor nefando,
E com força brutal, com fera insania
Mancha, corrompe a virginal pureza
Da misera, que em vão mil vezes clama
Pelo páe, pela irman, por vós, oh numes!
   Ella ainda depois está tremendo,
Qual cordeira mansissima, que ao lobo
Foi por bravo rafeiro arrebatada,
E nem comtudo então se crê segura;

Ou qual candida pomba, que escapando
D'entre as unhas mortaes do açor cruento,
Tintas no proprio sangue as alvas pennas,
Se arripia de horror, e inda se teme
Do rapido inimigo. Em fim, tornando
A ter alento, e voz a profanada,
Lastimosa princeza, estraga, arranca
Os formosos cabellos desgrenhados;
Fere o peito gentil, desfaz-se em pranto,
E, alçadas para os céos as mãos de neve,
«Oh barbaro! Oh traidor! Oh tigre! (exclama)
Nem supplicas de um páe curvado, e triste,
Nem a fraterna fé, que me devias,
Nem da inerme innocencia o puro estado,
Nem as leis conjugaes te commoveram!
Todas tens quebrantado: os teus furores
Mancham duas irmans com torpe affronta...
(Pena tão dura não mereço, oh numes!)
Para não te escapar nenhum delicto,
Ah! Que fazes, cruel, que não me arrancas
Uma vida infamada, abominosa?
E oxalá, que a tivesses arrancado
Antes do horrivel, execrando incesto!
Ao Lethes minha sombra fôra illesa.
Porém se os deuses têm poder, têm olhos,
Se tudo em fim não pereceu comigo,
Castigado serás, serei vingada:
Sacudido o pudor, direi teu crime.
Se entre povos me achar, sabel-o-hão povos,
Se entre bosques por ti ficar sumida,

Os meus males farei saber aos bosques,
Farei saber ás pedras os meus males,
E hei de apiedar com elles bosques, pedras.
Este firme protesto os céos me escutem,
E um Deus, se acaso um Deus no céo reside! »
  Com estes ameaços o tyranno
Sente no coração ferver-lhe a raiva,
Mas não menor que a raiva é n'elle o medo;
E de uma, e de outra causa estimulado,
Da lustrosa bainha o ferro despe,
E ás tranças da infeliz a mão lançando,
Em duros nós lhe enlêa os tenros braços.
  Inclina Philomela o niveo colo,
Da espada, que vê nua, espera a morte;
Mas o duro, o feroz, por mais que a triste
Lucte, resista, invoque o patrio nome,
Com rígida torquez lhe afferra a lingua,
A lingua, que falar em vão procura,
Lh'a extráe da boca, e rapido lh'a corta.
A purpurea raiz lhe náda em sangue,
Cáe o resto no chão, murmura, e treme,
Qual da escamosa serpe mutilada
A cauda palpitante, e moribunda,
Que ao corpo em que viveu pretende unir-se.
  Completa a negra acção, se diz que o monstro
Inda mais de uma vez (horror não crivel!)
Cubiçou, repetiu prazer infame.
  Depois de tão crueis, tão feios crimes,
Atreve-se o malvado a ver a esposa.
Progne entre sustos pela irman pergunta;

Elle exhala do peito um ai fingido,
Diz que é morta, e com lagrimas o abona.
Das régias vestiduras se despoja,
Traja a sentida Progne escuras vestes,
Erige um vão sepulchro, e sagra n'elle
Inuteis oblações a falsos manes,
Carpindo a irman, que assim carpir não deve.
Já tem corrido Apollo as doze estancias
Depois do caso enorme. Ah! Philomela
Que fará? Guarda attenta impede a fuga,
Rijos muros de marmore a rodêam,
Seu mal narrar não póde a muda boca.
Tens, oh necessidade, agudo engenho,
Ás grandes afflicções industria acode.
Subtil, candida têa urdindo a furto,
Entre alvos fios põe purpureas letras,
Indicios da ferina atrocidade,
E do sagaz lavor ao fim chegando,
O confia em segredo a meiga escrava,
Lhe roga por acções o léve a Progne:
Ella o conduz, e o que conduz não sabe.
Eis a rainha desenvolve a téla,
E lê, e entende a miseranda historia,
E cala-se (calar-se é quasi incrivel!)
A dor lhe tolhe a voz; termos, que expressem
A sua indignação, não tem, não acha;
Nem se occupa em chorar: confusa, absorta,
Mil horrendas tenções volve na mente,
E embebe-se na imagem da vingança.
Era o tempo famoso, oh deus de Thebas,

Em que as Sithonias moças te festejam.
Aos ritos bacchanaes preside a Noute;
No Rhódope de noute a voz aguda
Dos éreos instrumentos vai soando,
E de noute a rainha os paços deixa.
Do deus nas ceremonias já se instrue,
Já toma as armas furiaes, já cinge
A cabeça de pâmpanos, e pendem
Pelles cervinas do sinistro lado:
Ritual hastea leve ao hombro encósta.
Seguida das terriveis companheiras,
Progne terrivel pelas selvas corre,
E nos furores, que a paixão lhe excita,
Vai simulando, oh Baccho, os teus furores.
Chega á dura prisão de Philomela,
Brama, grita: «Evohé!» E arromba as portas;
Arranca a triste irman do horror que a cérca,
Nas bacchicas insignias a disfarça,
Recata-lhe as feições co' as folhas de hera,
E a conduz assombrada aos regios muros.
Vendo que toca o pavimento infando,
Philomela infeliz treme, descora.
Mettidas em recondito aposento,
Progne lhe despe as sacras vestiduras,
Progne d'afflicta irman descobre as faces,
As faces lacrimosas, e inda bellas;
Terno abraço lhe dá, mas pôr-lhe os olhos
Não ousa a desgraçada, e se horroriza
De haver sido (apezar de o ser sem culpa)
Cumplice, origem da fraterna offensa.

O macerado rosto unindo á terra,
Jurar tentando, e referir-se aos numes,
Não podendo co' a voz, co' as mãos exprime
Que a violencia lhe fez tão vil opprobrio.
Arde Progne, conter não sabe as iras;
Da malfadada irman condemna o pranto.
«Lagrimas (diz) não servem, serve o ferro,
Ou cousas mais crueis que o ferro: a tudo,
Por barbaro que seja, estou disposta.
Ou tragarei co' a chamma os regios lares,
Suffocando no ardor das igneas ondas
O artifice infernal da injuria nossa;
Ou os olhos, a lingua, o mais, que teve
Parte na torpe acção, n'acção maldicta,
C'o ferro hei de arrancar, ou por cem golpes
A vida roubarei ao impio monstro.
São grandes, são terriveis quantos modos
De vingança ideei, porém vacillo
Na escolha do peor.» Em quanto Progne
Fala assim, para a mãe vem caminhando
Itys, o tenro principe formoso.
Á rainha, ao sentil-o, ao vêl-o, occorre
Nova maneira de vingar a infamia,
E, vibrando-lhe os olhos assanhados,
«Ah! Como ao páe na fórma é similhante!»
Disse, e não disse mais. Projecta, escolhe
Acto espantoso, e ferve em ira muda.
Comtudo, ao tempo em que o menino amavel
A saúda com jubilo amoroso,
E os bracinhos gentís lhe altêa ao collo;

Quando o vê mixturar beijos suaves
Com doces mimos, com puerís branduras,
Um tanto se commove a mãe raivosa,
E os olhos, sem querer, se lhe humedecem.
Porém do coração, que bate, e arqueja,
Já se desliza o mavioso affecto.
De novo á triste irman volvendo os olhos,
E ora n'ella attentando, ora no filho,
« Porque fala, e me attráe com mil caricias
Um (diz Progne) e jaz muda, e chora a outra!
Este, oh céos! Livremente a mãe noméa,
E aquella nomear a irman não póde!
Ólha, vê com que esposo estás ligada,
Filha de Pandion! Tu degeneras:
Com Terêo a piedade é crime horrendo. »
  Não continúa, e subito, á maneira
D'um tigre da gangetica espessura,
Que por bosques opacos arrastada
Da veloz corça leva a tenra cria,
Progne as mãos arremessa ao delicado,
Ao candido filhinho, e vai com elle,
E com a irman cerrar-se em erma estancia.
  Ali ao infeliz, que já conhece
Os negros fados seus, que as mãos levanta,
Que treme, que prantêa, e que se abraça
Ao seu querído algoz « Mãe! mãe! » clamando,
Ali ao infeliz no peito embebe
A vingativa Progne agudo ferro:
Nem torce o rosto, nem repete o golpe,
Que um só golpe lhe rompe o debil fio.

Philomela o degola, e dilacera
Os membros em que ha inda um resto d'alma.
Já parte d'elles pula em éneos vasos,
Parte range em subtil, duro instrumento:
Vai pelo chão correndo o sangue em rios.
Das cruentas porções a fera espósa
Prepara detestaveis iguarias
Ao marido infiel, que tudo ignora.
Um sacrificio finge ao patrio modo,
No qual um só varão ter deve ingresso:
Servos, e cortezãos assim remove.
Assoma já Terêo no throno herdado,
E em alta, festival, purpurea meza
Come parte de si, devora o filho:
Tanta cegueira lhe ennegrece a mente!
«Itys aqui trazei» (diz elle). Eis Progne
Dissimular não póde o gosto infando,
E, resolvendo em fim manifestar-se,
«Tens dentro (lhe responde) o que desejas.»
Elle olha em torno a si, pergunta: «Aonde?»
E de novo procura, e chama o filho.
Mas n'isto Philomela, em sangue envolta,
Olhos accezos, desgrenhada a trança,
Entra, e do filho a mádida cabeça
Ás faces paternaes subito arroja.
Não teve em tempo algum tanto desejo
De falar, de poder com agras vozes
Patentear seu jubilo ao tyranno.
Elle sólta um clamor, que atrôa as salas;
Derriba a fatal meza, invoca as Furias,

E ora tenta expulsar com ancia horrenda
As tragadas, funestas iguarias,
Ora lagrimas vérte, e de seu filho
Sepulchro miseravel se noméa.
Em fim de Pandion persegue a prole,
Brandindo o ferro nu com mão tremente.
O corpo das cecrópidas parece
Que em azas se equilibra, e não é sonho,
Em azas se equilibra, e muda a fórma.
Uma rapidamente aos bosques vôa,
Outra, egual na presteza, aos tectos sóbe,
E do assassinio as máculas não perde:
Inda do rubro sangue desparzido
Evidentes signaes lhe estão no peito.
Terêo, fóra de si, e arrebatado
Pela dor, pelas furias da vingança,
Ave adeja tambem, que na cabeça
Traz erguido penacho, e tem por armas
Longo bico mordaz: seu nome é poupa.
O successo fatal, sabido apenas,
Despenhou Pandion na sepultura.

A DESCIDA DE ORPHEO AOS INFERNOS A BUSCAR EURYDICE.

(Traduzido do Livro X.)

De rutilantes vestes adornado
Hymenêo rompe o ar, e á Thracia vôa,
Lá d'onde o chama Orphêo, porém debalde.
O deus sim presidiu do vate ás nupcias,
Mas não levára ali solemnes vozes,
Nem presagio feliz, nem ledo rosto.
Sentiu-se apenas crepitar-lhe o facho,
E em vez de viva luz soltar um fumo
Lutuoso, e fatal: vãmente o nume
Tentou c'o movimento erguer-lhe a chamma.
O effeito foi peor que o mesto agouro.
Em quanto a linda noiva os prados gira,
Das nayades gentis acompanhada,
Áspide occulto fere o pé mimoso:
Morre a moça infeliz, e o triste amante
Depois de a lamentar aos céos, e á terra,
Empreende commover do inferno as sombras;
Affouto desce a vós, Tenarias portas.
Por entre baralhada, aerea turba

Cujos restos mortaes sepulchro logram,
Aos negros paços vai do rei das trévas,
Vê do tyranno eterno o throno horrendo.
Lá casa os sons da voz, e os sons da lyra,
Ás deidades crueis lá diz: » Oh deuses,
Deuses do mundo sotoposto á terra,
No qual se ha de sumir tudo o que existe!
Se acaso a bem levais que ingenuas vozes
O artificio removam, crede as minhas.
Não venho para vêr o opáco Averno,
Nem para agrilhoar as tres gargantas
Do monstro Medusèo, que erriçam cobras.
Attráe-me ao reino vosso a morta esposa,
A quem pizada vibora o veneno
Nas vêas desparziu, a flor murchando
Dos annos festivaes, inda crescentes.
Constancia quiz oppôr ao damno acerbo,
Tentei vencer meu mal, e Amor venceu-me.
Este deus é nos céos bem conhecido,
Aqui não sei se o é, mas se não mente
No rapto que pregôa antiga fama,
Vós tambem pelo Amor ligados fostes.
Ah! por este logar, que abrange o medo,
Por este ingente cahos, silencio vasto,
Que do profundo imperio o seio occupam,
De Eurydice gentil á doce vida
O fio renovai, tão cedo roto.
Ella, todo o mortal vos é devido,
Vem tudo, agora, ou logo, á mesma estancia,
Para aqui pende tudo, é este o nosso

Derradeiro, infallivel domicilio;
Vós tendes, vós gosais, a vós compete
Da especie humana o senhorio immenso;
A que exijo de vós ha de ser vossa
Por inviolavel jus, por lei dos Fados,
Tocando o termo da vital carreira:
O uso do meu prazer em dom vos peço.
Se o Destino repugna ao bem, que imploro,
Se a esposa me retêm, saír não quero
D'este horror: exultai co' a morte de ambos, »
O triste, que assim une o verso á lyra,
Os exangues espiritos deploram:
Á fugaz lympha Tantalo não corre:
A roda d'Ixion de assombro pára:
Os abutres crueis não mordem Ticio,
As Bélides os crivos caír deixam,
Tu, Sisypho, te assentas sobre a pedra.
Das vencidas Euménides é fama
Que pela vez primeira os negros olhos
Algumas tenues lagrimas verteram.
Nem a esposa feroz, nem Dite enorme
Ousam negar piedade ao vate orante,
Chamam subito Eurydice. Envolvida
Entre as recentes sombras ella estava:
Eis o mordido pé vem manso, e manso.
Recebe o thracio Orphêo co'a bella esposa
Lei de que para traz não volte os olhos
Em quanto fôr trilhando o feio abysmo,
Se nulla não quizer a graça extrema.
Por duro, esconso, desigual caminho,

De escuras, bastas névoas carregado,
Um apoz outro os dous, vão em silencio:
Já do tartáreo fim distavam pouco.
   Temendo o amante aqui perder-se a amada,
Cubiçoso de a ver, lhe volve os olhos:
De repente lh'a roubam. Corre, estende
As mãos, quer abraçar, ser abraçado,
E o misero sómente o vento abraça.
Ella morre outra vez, mas não se queixa,
Não se queixa do esposo; e poderia
Senão de ser querida lamentar-se?
Diz-lhe o supremo adeus, já mal ouvido;
E recáe a infeliz na sombra eterna.
   Fica atónito Orphêo co'a dupla morte
Da malfadada esposa, como aquelle
Que n'um dos collos viu com rijos ferros
Preso, arrastado á luz o cão trifauce,
E que o mudo pavor despiu sómente
Quando despiu a natureza humana,
Transformado em rochedo immoto, e frio;
Ou qual o que a si mesmo impoz um crime,
Oleno, que de réo quiz ter o nome
Por te salvar, misérrima Letéa,
Orgulhosa de mais com teus encantos,
Tu, que foste c'o esposo outr'hora uma alma
Repartida em dous corpos, que hoje és pedra
Com elle, e juntos no Ida estais sustidos.
   O estygio remador expulsa o vate,
Que ora, que em vão tornar ao Orco intenta.
Septe dias jazeu na margem triste

Sem nutrimento algum: só a saudade,
As lagrimas, a dor o alimentaram.
  Depois de prantear vossa fereza,
Numes do inferno, ao Rhódope se acolhe,
E ao Hemo, de Aquilões sempre agitado.
Dera o giro annual tres vezes Phebo,
E sempre o terno Orphêo de amor fugia,
Ou porque o mal passado o refreava,
Ou porque eterna fé jurado houvesse
Á miseranda esposa: repulsadas
Mil bellas nymphas seus desdens carpiram.

CINYRAS E MYRRHA.

(Traduzido do Livro X.)

Do crime os quadros a virtude apuram,
Esmalta-se a moral no horror ao crime.
O Traductor.

CINYRAS, um dos reis da equorea Chypre,
Podéra numerar-se entre os ditosos,
Se próle não tivesse. Eu determino
Cantar cousas terriveis: longe, oh filhas,
Longe, oh páes!.. E se acaso as mentes vossas
Ficaram de meus versos attraídas,
Não julgueis verdadeiro o que me ouvirdes;
Ou, crendo o caso atroz, crêde o castigo:
Se permitte, com tudo, a Natureza
Que tão negros horrores a enxovalhem.
  Feliz a Ismária gente, o mundo nosso,
Que jaz distante do brutal, do indigno
Paiz onde nasceu paixão nefanda!
Embhora seja fertil, seja rica
De mil perfumes a Panchaica terra,
Tenha alta fama em arvores, em flores,
Dê costo redolente, e grato amomo,
N'ella cheiroso incenso os troncos súem,
Que a myrrha, que produz, a faz odiosa:
Não vale o que ha custado a nova planta.

Nega o filho de Venus que em teu peito
Seus lustrosos farpões cravasse, oh Myrrha!
Vinga seu facho da supposta infamia.
Com o estygio tição, e inchadas cobras
Vibrou lethal vapor sobre a tua alma
Uma das tres irmans. Ao pàe ter odio
Se é gravissimo crime, é crime horrendo
Amal-o como tu. Por ti suspiram,
Ardem por ti mil principes famosos;
Mil brilhantes mancebos do oriente
Contendem pela gloria de gosar-te:
Um de tantos heróes escolhe, oh Myrrha,
Mas não seja o que tens no pensamento.
Em criminoso amor ella se inflamma,
Em criminoso amor ella repugna,
E diz comsigo: «Onde me leva a mente!
Que espero, que imagino! Eternos deuses!
Sancta religião! Sanctos deveres!
Direitos paternaes! Tolhei-me o crime,
Refreai meu furor, minha maldade;
Se com tudo é maldade o que em mim sinto,
Tão doce propensão porque a reprovam?
Os livres animaes amam sem culpa,
Sem culpa gosam, e a união do sangue
Mais suave união lhes não prohibe.
Felices animaes, feliz destino!
Creou penosas leis o orgulho humano,
Negando o que permitte a natureza.
É constante porém que existem povos,
Que ha gentes entre as quaes a mãe ao filho,

A filha se une ao pàe, e as leis do sangue
Com duplicado amor se arreigam n'alma.
Oh! misera de mim! Porque não tive
A dita de nascer n'aquelles climas?
Minha patria é meu mal... que idéas nutro!
Vedadas, importunas esperanças,
Ah! Ide-vos: o pàe de amor é digno,
Mas sómente do amor que aos pàes se deve.
Se filha de Cinyras eu não fosse,
Podéra de outro modo amar Cinyras;
É meu como o céo quer, não como eu quero,
Aparta-nos fatal proximidade:
Se não fôra o que sou, feliz seria.
   A remoto paiz correr desejo,
Fugindo á patria por fugir ao crime;
Mas o nocivo Amor detem meus passos;
Quer que veja Cinyras, que lhe fale,
Que o beije, se aspirar a mais não posso...
E mais, oh impia, a cubiçar te atreves!
Não vês que nomes, que razões confundes!
Rival da mãe serás! Irman do filho!
Mãe do irmão! Não recêas, não te atterram
As negras Furias, de vipérea grenha,
Que os olhos dos perversos horrorizam,
Que ás almas corrompidas se arremessam,
Brandindo o facho de sulphurea chamma!
Pura no corpo, no animo sê pura;
Não profanes, oh cega, não profanes
Da natureza o vinculo sagrado!
Suppõe que affecto egual no pàe fervia,

Suppõe que era comtigo o que és com elle:
Alta virtude lhe opprimira o gosto,
Sacrosancto dever a amor obstára. . .
Mas se o que sente a filha o páe sentisse,
Que importára o dever . . . » — Calou-se, e em tanto
Cinyras, a quem traz irresoluto
A turba dos excelsos pretensores,
Para em fim decidir consulta a filha,
Um a um lh'os noméa, e d'ella inquire
Qual d'elles mais lhe apraz, que esposo elege.
Em silencio, no páe fitando os olhos,
Arde a triste, e lhe luz na face o pranto.
De virgíneo temor crê isto effeito
O illudido Cinyras; que não chore
Á filha pede, as lagrimas lhe enxuga,
E une a ternas palavras ternos beijos.
Myrrha folga com elles; e, obrigada
Do páe que lhe insta, que outra vez pergunta
Qual dos amantes quer: « Um (lhe diz ella)
Um quero egual a ti. » Louva Cinyras
A resposta sagaz, que não penetra.
« Tão pios sentimentos nutre, oh filha,
Conserva essa virtude. » (O rei lhe torna)
Á palavra « virtude » abaixa os olhos
A misera, por ver que a desmerece.
Era alta noute; os corpos, e os cuidados
Em suave prisão ligára o somno;
Mas a Cinyrea virgem desvelada,
Da indomita paixão curtia as furias,
Louca, fóra de si. Já desespera,

Já quer tentar abominosa empreza:
Pejo, remorso, amor lhe luctam n'alma;
Não sabe o que fará. Qual tronco ingente
Em que abriu fenda o rustico instrumento,
Agora pende a um lado, agora ao outro,
Por toda a parte ameaçando a queda:
Assim, de impulsos varios combatido,
Vacilla o coração da acceza virgem;
Anda de sentimento em sentimento,
E asylo contra Amor só vê na morte.
A morte em fim lhe agrada, e quer, e ordena
Perder n'um laço urgente a vida acerba.
Em alta, longa trave o cinto prende,
E diz com surda voz: «Adéus, Cinyras,
Do meu tragico fim percebe a causa.»
N'isto accommoda o laço ao niveo collo.
Mas o murmurio das sentidas vozes
Vai aos ouvidos da fiel matrona,
Que aos peitos a creou, que a serve, e guarda,
Repousando no proximo aposento.
  Surge, corre, abre as portas, vê pendente
O instrumento da morte, e sólta um grito;
Magôa o peito, as faces, e lançando
As mãos ao duro laço, o tira, o rompe,
Em pranto se desfaz, abraça a triste,
Da desesperação lhe inquire a causa.
  Muda fica a donzella, e de olhos baixos,
Com pena de escapar-lhe o bem da morte.
Insta a velha matrona amargurada,
E ora lhe mostra o peito a que a nutrira,

Ora os cabellos, que mudou a edade;
E pelo antigo, maternal desvelo,
Pelo doce alimento, e doce afago
Com que a tractára na mimosa infancia,
Lhe implora a confissão do mal que sente.
Myrrha vólta o semblante, e geme, e cala;
Mas a velha importuna as preces dobra,
E, além de prometter-lhe alto segredo,
Lhe diz: « Consente, que eu te preste auxilio;
Frouxa, inutil não é minha velhice.
Se um phrenesi te deu, com magos versos,
Com hervas virtuosas sei cural-os;
Se olhos maus te empeceram, não te assustes,
Serás purificada em mago rito.
Se é cholera dos céos, abrandaremos
A cholera dos céos com sacrificios.
Que mais te hei de suppôr? Tu não provaste
Golpe algum da fortuna; és adorada,
És feliz: tua mãe, teu páe são vivos... »
Ao patrio nome um ai do peito arranca
A inflammada princeza, e bem que a velha
Do suspiro não vê a origem torpe,
Que nascêra de amor suppõe comtudo.
Tenaz em seu proposito, não cessa
De explorar-lhe a razão do que padece;
Ao seio a chega, e n'um estreito abraço,
« Amas, bem sei (lhe diz) temor não tenhas;
Fala, quem é o amante? A industria minha
Fará com que teu páe nunca o suspeite. »
N'um subito furor lhe sáe dos braços

A anciosa donzella, e sobre o leito
As faces apertando, eis diz: «Ah! Foge,
Ah! Deixa-me, cruel, poupa-me o pejo,
Deixa-me, ou cessa de indagar meus males;
O que intentas saber é crime horrendo.»
A rugosa matrona, ouvindo-a, treme;
As mãos, co' a edade, e c'o temor convulsas,
Levanta, aos pés lhe cáe, e ora com mimos,
Ora com ameaços quer vencèl-a.
Protesta-lhe, se em fim lhe não descobre
O terrivel segredo, ir accusal-a,
Ir declarar ao páe tudo o que vira;
Protesta-lhe tambem que, se a contenta,
Ha de ajudar-lhe os tácitos amores.
   Ergue a cabeça a misera donzella,
De lagrimas lhe inunda o seio annoso;
Mil vezes quer falar, falar não póde,
E o lacrimoso aspecto envergonhado
Tapa co' as lindas mãos, até que exclama;
«Oh feliz minha mãe com tal consorte!»
Mais não disse, e gemeu. Subito á velha
Um frígido tremor penetra os membros,
As carnes, os cabellos arripia.
Ella entende o terrifico mysterio,
E quer com mil conselhos ver se applaca
A detestavel chamma incestuosa.
Que nenhum lhe aproveita a virgem sabe,
Sabe que morrerá, se o fim não logra
Dos activos, phreneticos desejos.
   «Vive (lhe torna a fragil conselheira)

Em breve gosarás de teu. . . » Não ousa
Dizer páe, e com sacro juramento
Sellou no mesmo instante impia promessa.
As festas annuaes da flava Céres
Então as mães piedosas celebravam;
Com roupas cor de neve então cubertas,
Davam louras primicias das searas
Á deusa tutelar, urdiam c'rôas
Das proveitosas messes, e se abstinham
Do tacto varonil por nove noutes:
De amor lhe era o prazer então defeso.
Do Paphio rei a esposa ás mais se aggrega,
E com ellas exerce o rito augusto.
No tóro conjugal só jaz Cinyras.
Eis a velha subtil vai ter com elle,
Que perturbado está de cyprio nectar,
E de uma illustre virgem lhe declara
Verdadeira paixão com falso nome.
Louva-lhe as faces, louva-lhe os cabellos,
Louva-lhe os olhos, tudo o mais lhe louva,
* D'elle exigindo consentir que expire
* O virginal pudor na escuridade.
Os annos da donzella o rei pergunta:
« É (lhe torna a sagaz) egual a Myrrha. »
Ordena-lhe que subito a conduza;
Volve ao seu aposento a seductora,
E á virgem diz: « Alegra-te, princeza,
Vencemos. » — Não sentiu a malfadada
Gosto completo, o coração presago
Não sei que lhe annuncia; inda assim folga:

Tanto em discordia traz os pensamentos!
  Era o tempo em que reina alto silencio;
Na immensa esphera o gélido Bootes
Entre os frios Triões volvia o carro.
A donzella infeliz caminha ao crime:
Envolvem densos véos a eburnea lua,
Negro, térreo vapor enluta os astros,
Dos claros lumes seus carece a noute.
Icaro, tu primeiro o rosto escondes,
E Erígone piedosa, a prole tua,
Do filial amor sagrado exemplo.
Tres vezes a misérrima tropeça:
Como que o céo lhe diz que retroceda;
Tres vezes sólta ao ar agouro infausto
No lugubre clamor funéreo mócho:
Ella, comtudo, não suspende o passo;
A muda escuridão minora o pejo.
Leva a sinistra mão na mão rugosa
Da torpe, abominavel conductora,
E vai co' a dextra tenteando as trevas.
  Da estancia paternal já chega á porta,
Abrem-lh'a já, já entra: os pés fraquêam,
Foge a cor, foge o sangue, e cáe o alento.
Quanto da atrocidade está mais perto,
Tanto mais se horrorisa, e se arrepende,
E deseja voltar desconhecida.
A infame confidente a vai puxando;
Do rei com ella ao thalamo se encosta,
E diz-lhe: «O que eu conduzo é teu, recebe-o.»
  Eis no thalamo o páe recebe a prole,

E, sentindo-a tremer, quer dissipar-lhe
Com mil caricias o virgineo medo.
Pela edade, talvez, lhe chama filha,
E ella chama-lhe páe (ao negro crime
Nem taes nomes faltaram). D'entre os braços
Do incestuoso amante em fim se aparta
Myrrha, levando em si da culpa o fructo.
Coube á noute seguinte o mesmo opprobrio,
E outras mais d'este horror manchadas foram.
  Finalmente Cinyras, cubiçoso
De ver o objecto, que entre sombras gosa,
Com repentina luz, que tinha occulta,
Encara, e reconhece o crime, e a filha.
O excesso da paixão lhe embarga as vozes;
Cholerico se arroja ao duro ferro.
Foge Myrrha, e da morte a noute a salva,
Foge Myrrha infeliz, discorre os campos,
Sáe da Arabia Palmífera, e Panchéa.
  Nove luas vagar sem tino a viram,
Té que no chão Sabêo parou cançada.
Já do fructo recondito, e molesto
Apenas sustentar podia o pezo.
Sem saber o que faça, o que deseje,
Temendo a morte, abhorrecendo a vida,
Dest'arte implora o céo: «Numes! Oh numes!
Se ante vós aproveita ao delinquente
Confessar seus delictos, eu confesso
Que o meu crime é crédor d'alto castigo,
E á pena que mereço eu me conformo.
Mas porque nem vivendo affronte os vivos,

Oh deuses, nem morrendo affronte os mortos,
Mudando a minha essencia, a minha fórma,
A morte me negai, negai-me a vida.»
  Taes preces algum deus lhe ouviu propicio:
Eis, abrindo-se a terra, os pés lhe sórve,
E em subita raiz ao chão se afferram,
Alicerce tenaz do tronco altivo.
Os ossos ganham forças mais que humanas,
Em succos vegetaes se torna o sangue,
Os braços, que ergue ao céo, mudam-se em ramos,
Os dedos em raminhos se convertem,
E a lisa pelle em desigual cortiça.
Crescendo a planta, já lhe cinge o peito,
Já vai cubrindo o collo: esta demora
Não soffreu a infeliz, curvou-se um tanto,
E o semblante gentil sumiu no tronco.
  Bem que despisse a antiga intelligencia,
Chora comtudo, e d'arvore sensivel
Tépidas gotas inda estão manando.
Co' as lagrimas dá honra, co' a figura
Myrrha não perde o nome, e de evo em evo
Sua historia fatal será lembrada.

MIDAS CONVERTENDO TUDO EM OURO.

(Traduzido do Livro XI.)

Não contente Lyêo de ter vingado
A morte acerba do Apollineo vate,
Até dos campos barbaros se ausenta:
Como sequito melhor dirige os passos
A ver do seu Tmolo as fartas vides,
E do Pactólo as margens, bem que ainda
Não tivesse o cristal mudado em ouro,
Nem co'as arêas suscitasse invejas.
  Usada turba, satyros, bacchantes,
Folgavam junto ao deus, mas não Sileno:
Por phrygios montanhezes foi colhido,
Dos annos, e liquores titubante,
E preso em laços de travadas flores,
A Midas, a seu rei o apresentaram.
Este do thracio Orphêo, do grego Eumolpo
Outr'hora as orgias recebido havia.
Dos sacrificios conhecendo o socio,
Vendo o mestre de Bromio, logo ordena
Do hospede á vinda geniaes festejos:
Dez dias, noutes dez a solemnisa.
Phosphoro já dos astros a cohorte
Pela undecima vez afugentára:
Risonho parte o rei aos Lydios campos,
Sileno restitue ao moço alumno.

Do achado preceptor Lenèo gostoso,
De qualquer dom a escolha off'rece a Midas.
Grato o premio lhe foi, mas foi-lhe inutil,
Porque elle, usando mal do grande arbitrio,
« Numen (lhe respondeu) manda que tudo,
Que tudo o que eu tocar se torne em ouro. »
Ao rogo annue o deus, porém sentindo
Que para dom melhor não fosse o rogo.
Contente o phrygio vai do mal que leva,
Quer da promessa exp'rimentar o effeito,
Quer palpar quanto vê. Quasi sem crer-se,
O braço estende a uma arvore não alta,
Verde ramo lhe extráe, e é ouro o ramo:
Do chão ergue uma pedra; a pedra é ouro:
Roça um terrão, e ao tacto portentoso,
Fica o negro terrão lustrosa massa.
Louras espigas n'um punhado arranca:
Eil-o já convertido em aurea messe;
Um pomo tem na mão, colhido apenas
Parece das Hespéridas um mimo.
Se acaso os dedos põe nas altas portas,
As portas de improviso estão brilhantes:
Agua em que lava as mãos, das mãos caíndo,
É tal que a Dânae seduzir podera.
Tudo mudado em ouro imaginando,
No peito á custo as esperanças cabem.
Os servos lhe aprestaram lauta meza,
Mas de Ceres aos dons se a dextra move,
Enrijam-lhe na dextra os dons de Céres;
Se avido applica ao dente as iguarias,

Lustram-lhe as iguarias entre os dentes;
Une o liquor do nume, auctor do assombro
Com agua cristalina, á boca os ergue;
Da boca se deslizám pingos de ouro.
  Atonito do mal terrivel, novo,
O opulento, o infeliz fugir deseja
Das riquezas fataes, detesta o mesmo
Que ha pouco appeteceu. Nenhuns manjares
Podem matar-lhe a precisão que o mata:
Árida sede tórra-lhe a garganta;
O ouro mal cubiçado é seu tormento,
É seu justo castigo. Aos céos alçando
As mãos luzentes, os luzentes braços:
« Perdôa, gran Lenêo, pequei, perdôa,
Commove-te de mim (lhe diz) e afasta
D'um misero este damno especioso. »
  Os deuses são benignos. Baccho ao triste,
Que péza a culpa, que a maldiz, que a chora,
A promessa retráe, e o dom funesto.
« Mas para que não fique a ti ligado
Mal, que julgaste um bem (lhe adverte o nume)
Vai ao rio visinho á grande Sardes.
Pelo cume da serra, ao lado opposto
Áquelle d'onde as aguas escorregam
Caminha até chegar onde ellas nascem.
Na parte em que ferver mais ampla a fonte
Mergulha, lava o corpo, e lava o crime. »
Na apontada corrente o rei se banha,
Aurífera virtude as aguas tinge,
Passa do corpo de repente ao rio.

No espraiado liquor participando
Do germe, que dourou a antiga vêa,
É fama que inda agora amarellejam
Com mádidos terrões aquelles campos.

A GRUTA DO SOMNO.

(Traduzido do Livro XI.)

JUNTO aos Cimmérios, n'um cavado monte
Jaz uma grúta, de ambito espaçoso,
Interna habitação do Somno ignavo.
 Nos extremos do céo, do céo nos cumes
Nunca lhe póde o sol mandar seus raios;
A terra exhala escurecidas nevoas,
O crepusculo incerto ali é dia:
Ali não chama pela aurora o galo;
Do logar o silencio nunca rompem
Os solicitos cães, os roucos patos,
Sagazes inda mais, mais presentidos.
Não fera, não rebanho ali se escutam,
Nem ramo algum, que os Zephyros embalem,
Nem alterados sons de voz humana;
O calado socego ali reside.
 De baixa, e rôta pedra sáe, comtudo,
De agua do Lethes pequenino arroio,
Que, por entre os mexidos, leves seixos
Com murmúrio suave escorregando,
Convida mollemente ao molle somno.
Á bôca da sombria, ampla caverna
Florecem mil fecundas dormideiras;
Innumeraveis hervas lá se criam,
De cujo sumo, oh Noute, extráes os somnos,
Que humida entornas pela terra opáca.

Porta alguma não ha na estancia toda:
Volvendo-se, ranger, bater podéra;
Ninguem vigia na fragosa entrada.
De ébano um alto leito está no meio,
E em negras plumas, que véo negro envolve,
Repousa o deus co'a languida Indolencia.
Emtorno, varias fórmas imitando,
Jazem os Sonhos vãos: são tantos quantas
Na loura messe as trémulas espigas,
Quantas na selva umbrosa as moveis folhas,
E os grãos de arêa nas equoreas praias.
O Somno em tantos mil não tem ministro
Mais destro que Morphêo, que melhor finja
O rosto, o modo, a voz, o traje, o passo,
A propria locução; porém sómente
Este afigura os homens; outro em fera,
Em ave se converte, ou em serpente:
Icélon pelos deuses é chamado,
Os humanos Phobétor o nomeam.
Ha terceiro tambem de arte diversa:
É Phantasos, que em pedra, em terra, em onda
Em arvore, e no mais, que não tem alma,
Subito, e propriamente se transforma.
Uns atterram de noute os reis, e os grandes;
Outros por entre o povo errantes voam.

ÉSACO E HESPERIA.

(Traduzido do Livro XI.)

ÉSACO, irmão de Heitor, se não sentira
Na flor da bella edade extranhos fados,
Gran nome entre os heróes talvez tivesse,
E á fraterna egualasse a gloria sua;
Postoque fosse Heitor de Hécuba filho,
E Êsaco de Alexirhoe, a qual é fama
Que a susto o produziu lá no Ida umbroso.
   Abhorrecendo a pompa das cidades,
Remoto do paterno, insigne paço,
Nos montes se escondia, amava os campos,
Illesos de ambição: mui raramente
No cortezão tumulto ía envolver-se.
   O character, porém, bravío, agreste,
Inimigo de Amor não tinha o moço.
Um dia ás patrias margens a formosa
Cebrena Hesperia viu, do sol aos raios
A livre trança de ouro estar seccando;
Hesperia, a quem mil vezes entre os bosques
Já seguira inflammado. Ao vêl-o a nympha
Com tanta rapidez foge do amante
Qual do lobo voraz medrosa corça,
Ou como a fluvial ádem ligeira
Foge ás unhas crueis, se é assaltada
Longe do lago pelo açor violento.

Corre o troyano ardente apoz a ingrata,
Persegue amor veloz o veloz medo:
Eis serpe occulta no caminho hervoso
Volve á planta fugaz o curvo dente,
Nas vêas lhe introduz mortal peçonha,
Supprime a fuga, supprimindo a vida.
O mísero amador, de magoa insano,
Abraça o lindo corpo agonisante.
« Eu me arrependo (grita) eu me arrependo,
Nympha, de te seguir, mas não previa
Este caso fatal, nem desejava
Victoria tão custosa, e tão funesta.
Dous foram, infeliz, os teus verdugos:
Deu a serpente o golpe, eu dei a causa,
E eu fôra inda peor que o seu veneno
Se a morte minha não vingasse a tua. »
Disse, e do cume de cavada rocha
Ao pélago se dá; — porém doida
Tethis o acolhe brandamente, e logo
Véste de plumas o nadante corpo,
Seu cubiçado fim negando ao triste.
Elle, raivoso de existir por força,
De ter com duros laços opprimida
Alma, que da prisão saír deseja,
Menêa, assim que as sente, as azas novas,
Vôa, mas outra vez baixando ás ondas,
Se intenta submergir: védam-lh'o as pennas.
Mais o amante se enraiva, e teima, e torna
A sumir-se no mar: da morte a estrada
Tenta, retenta ali, sem fim, sem fructo.

Amor lhe gasta, lhe macéra as carnes;
O collo se lhe alonga, o mar lhe agrada,
E dos mergulhos seus provêm seu nome.

O SACRIFICIO DE POLYCENA, E A METAMORPHOSE DE HÉCUBA, SUA MÃE.

(Traduzido do Livro XII.)

LÁ defronte da Phrygia, onde foi Troya,
Jaz terra pelos Thracios habitada;
D'ella Polymnestor o imperio tinha,
A quem furtivamente, oh Polydoro,
Teu páe te confiou, para educar-te
Longe da confusão, e horror da guerra:
Arbitrio salutar, se ao deshumano
Comtigo não mandasse aureos thesouros
Premio do crime, estimulo do avaro.
Apenas cáe Dardania envolta em cinzas,
O Bistonio tyranno empunha um ferro,
O crava na cerviz do tenro alumno;
E, como se a traição sumir podéra
C'o miserrimo corpo assassinado,
Do cume de um rochedo ao pégo o lança.
Na Thracia fundeára o bravo Atrides,
Mar sereno esperando, e vento amigo:
Eis da terra, espaçosamente rôta,
Tão grande Achilles sáe qual era em vida,
Co'um ar ameaçador, c'o mesmo aspecto
Que tinha quando horrivel quiz vingar-se,
E contra Agamemnôn brandiu a espada.
« Esquecidos de mim, partis, oh Gregos!

(A féra sombra diz) morreu comigo,
Comigo se enterrou minha memoria!
A idéa do que fui! Sêde mais gratos,
Sem honra não deixeis o meu sepulchro:
Polycena, por vós sacrificada,
De Achilles indignado applaque os manes.»
Cala, e desapparece. Os socios duros,
Ao terrivel phantasma obedecendo,
Do regaço materno a triste arrancam,
Da materna anciedade unico allivio.
Forte, e mais que mulher, a infeliz virgem
Ao tumulo funesto é conduzida,
Para victima ser da irada Sombra.
Co'a phantasia em si, depois que a chegam
Para as aras crueis, onde conhece
Que ao sacrificio barbaro a destinam,
E depois, vendo em pé, vendo a seu lado
Pyrrho c'o ferro nú, e os olhos n'ella:
«Um sangue generoso eia derrama,
Derrama (ao impio diz) não te demores,
No peito, ou na garganta o ferro embebe.
(N'isto a garganta off'rece, off'rece o peito)
«Polycena de escrava odêa o nome;
Deus nenhum com tal victima se abranda.
Mas quizera que a mãe desamparada,
Mãe deploravel me ignorasse os fados;
Só ella de morrer me encurta o gosto;
Bem que não minha morte, a vida sua
Ella deve carpir. Vós affastai-vos;
Meu rogo é justo: do virginco corpo

Tirai as mãos viris, não morra escrava:
Áquelle, que intentais (qualquer que seja)
No sacrificio meu tornar benigno,
Ha de ser mais acceito um sangue livre.
Se ha, com tudo, entre vós alguem, oh gregos,
Piedoso a extremas supplicas, a prole
De Priamo, d'um rei (não a captiva)
Vos pede que entregueis, mas sem resgate,
O cadaver sanguento á mãe chorosa,
Com lagrimas alcance, e não com ouro
O lutuoso jus de honrar-me as cinzas,
De lhes dar sepultura: em quanto póde,
Com ouro a triste mãe remia os filhos.»
   Disse: e o pranto, que intrépida sustinha,
O povo não susteve: até chorando
O ministro feroz lhe enterra a custo
Consagrado punhal no eburneo collo.
Eis o pé lhe fallece, ao chão baquêa,
E um ar de intrepidez mantêm morrendo.
Ao caír inda então se não descuida
De encubrir o que é lei ter-se encuberto,
Resguardando o decóro ao casto pejo.
   As Troyanas, carpindo-se, a levantam,
De Priamo a progenie ali recordam;
Quanto sangue vertêra uma familia,
Que em outr'hora choraram. Choram hoje
O teu destino, oh virgem, choram hoje,
Régia, misera esposa, o teu destino;
Régia, misera mãe! Nos tempos faustos
De Asia fecunda symbolo florente!

Agora inutil, desdenhado espolio,
Que Ulysses vencedor não quereria,
Se o memorando Heitor á luz não deras!
O gran nome do filho apenas serve
Para obter um senhor á mãe anciosa,
Que, nos trementes braços estreitando
O corpo, falto já de alma tão forte,
As lagrimas, que deu á patria, aos filhos,
E ao consorte infeliz, dá hoje a esta.
A ferida co'as lagrimas lhe inunda,
Ternos beijos depõe nos labios frios,
E afaga o virginal, querido seio.
Revolvendo, empastando as cans no sangue,
Diz isto, ou mais, e o coração lhe estala:
«Oh filha, ultima dor (pois que me resta?)
Ultima dor da mãe!... Sem vida jazes!...
Golpe, que sinto em mim, vejo em teu peito!
Todos, todos os meus assim morreram.
Tambem ferida estás! Sêres isempta
Do ferro, por mulher, eu presumia,
E, mulher, succumbiste ao ferro iniquo!
De teus irmãos o algôz foi teu verdugo,
O mal, o horror de Troya, o fero Achilles!
«Quando ás frechas mortaes de Apollo, e Páris
O barbaro caíu, eu disse: — Agora
Já que temer não ha do infesto Achilles —
E havia que temer: tornado em cinza,
Os restos de meu sangue inda persegue,
No tumulo o tyranno é sempre o mesmo.
Para fartar-lhe a crua, a negra sanha,

Fecunda fui. Dardania jaz por terra,
Em catastrophe atroz findou seu fado;
Mas inda para mim Dardania existe,
Lavra da minha dor inda o progresso.
«D'antes tantas grandezas possuindo,
Tantos genros, e filhos, c'rôa, esposo,
Hoje em desterro, na indigencia agora,
Do sepulchro dos meus desarraigada,
Sòu quinhão de Penélope, que altiva
Ha de ás matronas de Itaca mostrar-me
Curvada ás suas leis, dizendo: «É esta
A mãe de Heitor, de Príamo a consorte.»
«Depois de tantas perdas tu, oh filha,
Que do luto materno eras allivio,
Sobre tumulo hostil vertêste o sangue!
Dei-te o ser para victima de Achilles.
Porque vivo, ai de mim! Serei de ferro?
A que, rugosa edade abhorrecida,
Me reservas no mundo? Injustos deuses,
Para que me guardais, senão sómente
Para novos horrores, prantos novos!
«Quem venturoso a Príamo julgára
Depois da, que deu Troya, horrivel queda!
Foi feliz em morrer, não te viu morta
Filha minha, e perdeu co'a vida o throno.
«Serão teus funeraes, oh virgem régia,
Dignos do teu natal? Será teu corpo
Nos avitos sepulchros encerrado?
Não, já nos não compete essa fortuna:
Chôro, e tosca porção de extranha terra

(Dadiva maternal) só te pertencem.
Perdemos tudo... ah! Não, resta-me um filho
Por quem supportarei mais tempo a vida,
Unico filho agora, o que algum dia
Da estirpe varonil era o mais tenro,
E que ao Ismário rei foi commettido
N'este mesmo logar... Mas porque tardo,
Triste filha, a lavar-te o peito, e rosto,
Do mortífero golpe ensanguentados?»

Com vagaroso pé caminha á praia,
Desgrenhados os candidos cabellos.
«Urna me dai, troyanas (diz a triste)
Para as aguas colher de que preciso.»
Eis o corpo infeliz de Polydoro,
Lançado pelo mar, vê sobre a arêa,
E do Threïcio ferro o golpe fundo.
As troyanas exclamam: fica muda;
Ao peito a voz, e o pranto retrocedem,
Afflicção lh'os devora: está qual pedra.
Já põe n'adversa terra olhos immoveis,
Já furibundo aspecto aos céos levanta;
Olha do filho o rosto, olha a ferida,
Porém mais a ferida do que o rosto:
Com isto se arma de ira, e de fereza.
Requintada a paixão, dispõe vingar-se,
Dispõe como se fosse inda rainha,
E enleva-se na imagem da vingança.
Qual braveja a leôa, a quem furtaram

Tenra prole feroz, que inda criava,
E do seu roubador, com ancia horrivel,
No rasto vai, — tal Hécuba, envolvendo
Os phrenesís, e o pranto, a dor, e a raiva,
Lembrada do que fôra, e não do que era,
Corre a Polymnestor, ao réo do crime,
Um colloquio lhe roga, e n'elle affecta
Que lhe quer entregar thesouro occulto,
Para que chegue illeso ás mãos do filho.
  O fraudulento a crê, e estimulado
Da fome de ouro, a segue a ermo sitio.
Astuto, em brando tom lhe diz: «Não tardes,
O thesouro me dá, que ao filho envias.
Quanto me tens entregue, e me entregares
Que tudo elle possua aos deuses juro.»
  De olhos sanhudos Hécuba ó contempla,
Ouvindo o vão protesto, arqueja de ira,
E subito, em soccorro as mais chamando,
Arremette ao perjuro, ao fementido,
Pelos olhos crueis lhe enterra os dedos,
(Dá-lhe forças a raiva) e lh'os arranca.
As mãos tenta embeber pelas feridas,
E, do perfido sangue enxovalhada,
Lacéra mais, e mais: não ceva a furia
Nos olhos (que os não ha) mas onde os houve.
  As gentes do tyranno, embravecidas
Do cruento espectaculo, arremessam
Á vingadora mãe pedras, e lanças.
Rouco, irado murmurio ella soltando,
Contra as pedras investe, e morde as pedras:

Os labios se lhe alongam de repente,
E ergue canina voz, falar querendo.
Ao sabido logar deu nome o caso:
Hécuba (ainda assim) por longos tempos
Teve dos males seus tenaz memoria,
Mesta ululando na Sithonia plaga.
Os gregos commoveu seu duro fado,
Dos troyanos fieis dobrou a angustia;
Aos deuses fez piedade, e a propria Juno,
Juno até confessou que Hécuba triste
Seu desastre fatal não merecêra.

PICO E CANENTE.

(Traduzido do Livro XIV.)

Pico, de Ausonia, rei, Saturnia prole,
Nas graças corporaes era estremado,
Do espirito nos dons não menos bello.
Quarta vez o espectaculo guerreiro,
Que em Elide se usou de lustro em lustro,
Não podendo o mancebo inda ter visto,
Já olhos, já suspiros attraîa
Das Dryades gentis nos Lacios cumes,
  Vós o amaveis tambem, vós o seguieis,
Candidas filhas das serenas fontes,
Oh Nayades do Tibre, e do Numicio,
Deusas do Nar veloz, do Arno pequeno,
Do Farfaro sombrio, e do Anio puro,
Co'as outras, que da Scythica Diana
Moram nos bosques, nos visinhos lagos.
  Mas todas enjeitava, e quiz só uma,
Só uma o captivou, penhor mimoso,
Que lá no monte Palatino a Jano
(Segundo é tradição) Venilia dera.
  Nos annos de hymenêo florece a nympha;
Preferido entre mil competidores
Eis a Pico em Laurento Amor a entrega.
Rara na gentileza era Canente

Rarissima porém na voz, no canto:
Com elle pedras, arvores movia,
Detinha os rios, amansava as feras,
Tirando ás aves o temor, e o vôo.
Ella o seu doce amor cantava um dia,
Quando aos Laurentes campos contra os bravos,
Cerdosos javalís saíu o esposo.
De alentado ginete o dorso opprime,
Tem na dextra, e sinistra agudas lanças,
Preso o phenicio manto em laço de ouro.
Fôra a filha do Sol aos mesmos bosques
Para colher no monte as hervas novas,
Distante dos Circêos, a quem deu nome.
D'uns ramos escondida o moço vendo,
Se assombra, cáem-lhe as hervas que apanhára;
Já lhe lavra a paixão de vêa em vêa.
Apenas volve a si do vivo assalto
Tenta manifestar o ardor interno,
Mas do ginete a fervida presteza,
E os circumstantes guardas o estorvaram.
«Nem que te roube o vento has de escapar-me;
Se inda eu sou a que fui, se inda ha virtude
Nas plantas, e meus versos não me enganam.»
Diz: e eis um javalí de aereo corpo,
Finge-o, perante o rei correr o manda,
E mostrar que se acolhe aos densos matos
Em parte onde o cavallo entrar não possa.
De imaginaria preza hallucinado,
Salta o mancebo das fumantes costas,
Segue esperança van, falaz objecto,

Discorre aqui, e ali pela alta selva.
Já Circe principia as magas preces,
Em verso ignoto adora ignotos deuses,
Verso com que ennegrece, esconde a Lua,
Com que o Sol, com que o páe de sombras mancha.
Assim que os sons do encanto o céo condensam,
Que um vapor tenebroso a terra exhala,
E pelo bosque os mais vaguêam cegos,
No escuro as guardas já do rei perdidas,
Apto o logar, e o tempo achando a amante:
« Oh tu entre os mortaes o mais formoso,
(Suspirando lhe diz) por esse aspecto,
Por esses que os meus olhos encantaram,
E fazem com que eu deusa te supplique,
Premêa activo amor, em que me inflammas;
O Sol, que tudo vê, por sogro acceita,
Duro não fujas da Titânia Circe. »
Disse, porém feroz elle a regeita,
Elle rogos, e affagos lhe repulsa,
Responde: « Não sou teu, quem quer que sejas;
« Outra me tem captivo, e praza aos numes
Que dure longamente o captiveiro.
Os laços conjugaes, os puros laços
Não hei de enxovalhar de amor externo
Em quanto amigos fados me guardarem
De Jano a filha, a singular Canente. »
Circe (enfadada de lhe instar sem fructo)
Diz: « Não, não has de impunemente amal-a,
Nem jámais tornarás a ver a esposa.
Mulher depois d'amante, e de offendida

Conhecerás o que é: para teu damno
Sou mulher, offendida, amante, e Circe. »
Ao occaso, ao nascente então se vólta,
Duas vezes áquelle, a este duas;
Depois no corpo do gentil mancebo
Tres toques dá co'a vara, e diz tres versos.
Elle foge, e da propria ligeireza,
Da nímia rapidez vai admirado:
Eis que subitamente em si vê azas.
Affrontado, raivoso de sentir-se
Ave nova adejar nos lacios bosques,
Despede o féro bico aos duros troncos,
Com furia aqui, e ali golpêa os ramos.
Côr do purpureo manto as pennas ficam,
Em pennas o aureo nó tambem se torna,
Listra dourada lhe rodêa o colo,
E a Pico do que foi só resta o nome.
Entretanto, por elle os seus clamavam,
Sem podel-o encontrar na longa selva.
Circe em fim lhe apparece (as auras tinha
Adelgaçado já, já permittido
Que o sol, e o vento as nevoas dissipassem)
Mil crimes exprobrando á vingativa,
Guardas, monteiros o seu rei lhe pedem,
E dispõe-se a cravar-lhe as ferreas lanças.
Succos de atro veneno a maga entórna,
A Noute, os numes d'ella, o Cáhos, o Averno
Pelo forçoso encanto ali convoca,
E óra á terrivel Hecate, ululando.
Eis salta do logar (que espanto!) o bosque,

Amarellece a folha, e geme a terra,
Tingem-se as hervas de sanguineas manchas,
Roucos bramidos sáem das rotas penhas,
Ouvem-se cães latir, silvar serpentes,
Vê-se o chão d'ellas negro, e tenues sombras
Nos ares em silencio andar girando.
Atonitos de horror descoram todos;
Mas co'a vara tremenda, e venenosa
Toca-lhes Circe as bocas assombradas.
  Pelo tacto fatal se tornam monstros
De improviso os mancebos lastimosos,
Em nenhum permanece a antiga forma.
  Já no occidente o sol fechára o dia,
E com olhos, com alma em vão Canente
Pelo perdido esposo inda esperava.
Pizam bosques, e bosques servos, povo
E com fachos nas mãos exploram tudo.
A nympha de chorar não se contenta,
Aos ais, aos gritos, e arrancando as tranças,
Quantos extremos ha, todos pratîca;
Sáe, corre, vaga, insana, os lacios campos.
  Seis luas (infeliz!) seis sóes a viram
Em continuo jejum, continua véla
Por valles, por floresta, por montanhas,
Por onde o desacordo a foi levando.
Do pranto, e do caminho em fim cançada,
O Tibre a viu caír na margem sua.
Ali ao desamparo, ali sósinha
A triste, modulando acerbas magoas,
Soltava um tenue som, qual canta o cysne

O debil verso precursor da morte.
A amante deploravel manso, e manso
Em lagrimas saudosas se liquida,
Vai-se ali pouco a pouco atenuando,
E nas auras subtis se desvanece.
  Pelo caso o logar ficou famoso:
Vós, do nome da nympha miseranda
Canente, oh priscas Musas, lhe puzestes.

A APOTHEOSIS DE ENÉAS.

(Traduzido do Livro XIV.)

Já do piedoso Enéas a virtude
Enternecêra os deuses, extinguira
Da propria Juno a malquerença idosa;
E, firme a herança do crescente Ascanio,
Repouso ao páe cabia, era já tempo
De ir lograr-se dos céos o heróe troyano.
Venus por elle interessára os numes,
E de Jove abraçando o collo augusto:
« Pae, nunca repugnante a meus desejos,
De teu amor (lhe diz) o extremo apura,
Clementissimo attende ás preces minhas.
Meu charo Enéas, que é por mim teu neto,
Grau de nume inferior alcance ao menos,
De algum modo nos céos meu filho admitte.
Bem lhe basta uma vez entrar no reino
Onde é tudo aversão, tristeza tudo,
E haver passado por estygias ondas. »
Soou a approvação dos deuses todos,
Nem Saturnia ficou de aspecto immovel,
Antes affavel annuiu ao rogo.
Então lhe disse o páe: « Sois dignos ambos
Tu, e teu filho da celeste graça.
Cumpre o desejo emfim. » — Calou-se Jove.
Com vozes gratas a exultante deusa

A mercê retribue, e, conduzida
Nas auras leves pelas niveas pombas,
Desce á margem Laurente, onde serpêa
O Numicio, de canas assombrado,
Levando ao mar visinho as vítreas agoas.
A linda Cytheréa ordena ao rio
Que tudo o que é da morte a Enéas lave,
E em silencio no mar depois esconda.
As ordens o deus humido executa;
Tudo quanto é mortal extráe de Enéas,
E co'a pura corrente o volve puro:
A parte só que é optima lhe deixa.
Eis a amorosa mãe o aromatiza,
Unge de oleo divino o corpo amado,
Honra-lhe os labios de ambrosia, e nectar,
Deus o faz, que dos povos de Quirino
Indigete é chamado, e sóbe ás aras.

A APOTHEOSIS DE ROMULO, E HERSILIA.

(Traduzido do Livro XIV.)

Tacio morrêra, e Romulo aos dous povos
Equilibrava as leis, quando Mavorte
Dos mortaes, e immortaes ao rei supremo
(Deposto o morrião) falou d'est'arte:
«O tempo é vindo, oh páe (por quanto Roma
Em robusto alicerce está segura,
E um só braço a modera) é vindo o tempo
Em que alto galardão, promessa antiga
A mim, teu filho, a Romulo, teu neto,
Credor do grande premio, se effeitue,
E o destinado ao céo se roube á terra.
No conselho dos deuses tu outr'hora
Me disseste, senhor: (e o pio annuncio
Gravei no coração, gravei na mente)
— Erguido aos céos por ti será teu filho: —
Ratifica a palavra sacro-sancta.»
Ao guerreiro annuiu o omnipotente;
Os ares condensou de opacas nuvens,
No raio, no trovão poz medo á terra.
O impavido Gradivo, á luz, e estrondo,
Vê que é dado o signal do rapto augusto,
E, firmado na lança, ao carro salta.
Brutos, oppressos de temão sanguento,
O sonoro flagello açouta, espérta.

Dirigindo-se o deus por entre os ares,
Pára no Palatino, umbroso cume,
E ao filho, que ali julga os seus Quirites,
Arrebata d'ali co'a mão nervosa.
Nas auras se lhe vai quanto é da morte,
Qual a plumbea porção que sáe da funda
Seu reçumante humor perde voando.
Toma o romano heróe radiosa face,
Face mais digna da morada eterna,
Tal como a que se vê na purpurada
Imagem de Quirino, imagem sua.
 Por morto o claro esposo Hersilia chora:
Eis dos céos a rainha ordena a Iris
Que baixe ao mundo, e que á viuva excelsa
Estas benignas vozes pronuncie:
«Oh da gente sabina, e lacia gente
Honra primaria, singular matrona,
Já digna esposa d'um varão sublime,
Do deus Quirino agora esposa digna!
Não chores: se teu inclito consorte
Morrendo estás por ver, segue-me os passos,
Comigo ao bosque vem, que lá verdeja
No cimo Quirinal, e assombra os lares
Do monarcha romano.» — Iris submissa
Pelo arco immenso de vistosas cores
Desce rapidamente: eil-a na terra,
E o que ella a Juno ouviu lhe escuta Hersilia.
 «Oh deusa! (proferiu a alta matrona,
De pejo os olhos elevando apenas)
Qual d'ellas és não sei, mas sei que és deusa:

Não cabe esse esplendor a um ente humano.
Guia, ah! Guia-me a ver o ausente esposo:
Se olhal-o inda uma vez me dais, oh Fados,
A presença dos céos terei na sua.»
N'isto ao Romuleo monte se encaminha,
E leda o sóbe co'a Thaumantia virgem.
Subito, das estrellas despegado,
Vem direito á montanha ethereo lume;
Os cabellos de Hersilia toca, inflamma,
E com ella apoz si revôa aos astros.
De Roma o fundador nos céos a acolhe;
Muda-lhe o corpo antigo, o antigo nome,
Ora lhe chama, e de Quirino ao lado
Gosa com elle dos romanos cultos.

A ALMA DE JULIO CESAR MUDADA EM COMETA.

(Traduzido do Livro XV.)

Da tua morte, oh Cesar, teve o mundo
Não duvidosos, tétricos presagios.
É fama que em fulmineas, atras nuvens
Tubas horrendas, armas estrondosas,
Duros clarins os pólos atroaram,
Do negro parricidio annuncios dando;
É voz geral tambem que o Sol tristonho
Um pallido clarão mandava á terra,
Que nos ares arder se viram fachos,
E em chuveiros caír sanguineas gôtas;
De ferrugineo véo surgir a Aurora,
De sangue o carro teu vir tinto, oh Lua,
Com dolorosos sons o môcho esquerdo
Logares mil entristeceu de agouros,
N'outros mil o marfim se viu chorando.
Foram cantos, e vozes de ameaço
Sentidos nas florestas consagradas;
Acceita aos numes victima não houve:
Feros tumultos, imminentes males
Vinham na rota fibra apparecendo;
Achou-se nas fatidicas entranhas
Decepada cabeça gotejante;
No fôro, em torno aos templos, ante os lares

Os cães nocturnos ulular se ouviram,
Roma tremeu, por ella andaram sombras.
Tolher o effeito de vindouros fados,
De medonha traição tolher o effeito
Não puderam do céo com tudo avisos.
Entram punhaes sacrilegos no templo:
Que theatro da barbara tragedia,
Da acção nefanda, o teu Senado, oh Roma!
A alma Venus, porém, baixando á curia,
Entre os conscriptos invisivel pára,
Em quanto da perfidia os golpes fervem.
Eis de Cesar o espirito arrebata
Sem dar tempo a que em ar se desvaneça,
Quer apural-o nos ethereos lumes.
Erguendo-o, vê que luz, vê que se inflamma:
Ella o sólta, elle vôa além da Lua.
De acceza grenha, de espaçosa cauda,
No céo girando, resplandece estrella.

TRECHOS, E EPISODIOS

TRADUZIDOS DE VARIOS POETAS ANTIGOS E MODERNOS.

A MORTE DE LUCRECIA.

(Extrahida do Livro II dos «Fastos» de Ovidio.)

CERCADA pelo exercito romano,
Um sitio pertinaz soffria Ardéa.
Em quanto a dura guerra está pendente,
Em quanto aventurar feroz combate
Teme a prudencia, os chefes, e os soldados
Folgam nos arraiaes em ocio ledo.
N'isto o filho do rei, Tarquinio o moço,
A esplendido festim convida os socios,
E, reinando a alegria, assim lhes fala:
«Agora, que de Ardéa o vagaroso
Assédio nos detêm, nos não permitte
As armas conduzir aos patrios lares,
Dos toros conjugaes a fé mantendo,
As esposas gentis, que suspiramos,
Suspirarão por nós, serão quaes somos?»
Já cada qual sem termo a sua exalta;
Accezo pelo amor, cresce o debate,
Nos brindes do liquor fogoso, e puro
A mente, o coração, e a lingua fervem.

Mas eis que d'entre os mais surgindo aquelle
A quem de alto appellido honrou Colácia,
« As palavras são vans, crêa-se em cousas;
A noute nos sobeja, esporeemos
Os robustos cavallos, eia, a Roma. »
O dicto agrada, enfream-se os ginetes
Os sofregos mancebos partem, voam.
Vão da estancia real primeiro ás portas,
Onde guarda nenhum velando encontram.
Entram, colhem de subito engolphada
Em festivo prazer, e em rubro nectar,
Nas tranças com mil flores desparzidas
A que ao filho em consorcio o rei ligára:
Promptos caminham logo a ver Lucrecia.
Alvejavam da candida matrona
No fuso luzidìo as mãos de neve:
Dispostos ante o thálamo se olhavam
De industriosa têa os brandos fios;
Em torno á luz solicitas escravas
A nocturna tarefa promoviam.
Lucrecia em tom macio, em voz mimosa
D'est'arte lhes dizia, as incitava:
« É para Colatino, eia, apressai-vos;
Cumpre mandar em breve ao meu consorte
Isto, em que a nossa industria exercitamos.
Vós, que tanto indagais, e ouvis, soubestes
Quanto ainda se crê que dure a guerra?
Vencida caírás, Ardéa iniqua,
Que de nossos esposos nos separas.
Tornem, tornem, oh céos!... Mas ai! Que idéa!

O meu é destemido, é temerario,
Tem genio de arrojar-se ao fogo, ao ferro.
Foge-me a luz, o alento, esfrio, e morro
Quando entre os inimigos o afiguro!...»
N'isto o pranto amoroso a voz lhe córta,
Cáe-lhe o fio da mão, e o lindo gesto
Sobre o molle regaço inclina a triste:
Dobram-lhe a graça as lagrimas pudicas,
E mostra um coração egual ao rosto.
Eis o esposo apparece, e «Não receies,
Aqui me tens» (lhe diz). Ella revive,
Ella os braços lhe lança, e longo espaço
Pende do collo amado o doce pezo.
Em tanto de amor cégo o regio moço
Arde, morre, e lhe attráe, lhe enleva os olhos
A fórma, a nivea cor, e a loura trança,
E o grave adorno, limpido, e sem arte;
A fala o prende, as expressões o encantam,
E o que á vil seducção não é subjeito:
Quanto menos esperas mais desejas,
Mais te affoguêas, sequioso amante.
Cantára o nuncio da risonha aurora,
E aos fortes arraiaes os socios volvem.
Atonito, em paixão Tarquinio ferve,
Gosando na revolta phantasia
A bella imagem de Lucrecia ausente,
E ali tudo o que viu mais lindo observa.
«Assim (diz entre si) a achei sentada,
Era o seu traje assim, e a mão suave
O longo, tenue fio assim torcia;

D'esta arte lhe caíam no alvo collo
Aureas madeixas, ao desdem lançadas;
Tinha este modo, estas palavras disse,
Este o semblante, a graça, a cor, e a bôca...»
Como se vê no mar, depois que os ventos,
As azas saccudindo, o flagellaram,
Que, já puros os céos, inda esbraveja
Co'a rispida impressão do horrendo assalto:
Tal, postoque tão longe a bella estava,
O incendio, que ateou, no amante ardia.
Penando, e de paixão desesperado,
Projecta macular com força, e dolo
O thalamo sagrado, o casto objecto.
«O effeito é duvidoso (eis diz o insano)
Porém não se fraqueje, ousemos tudo;
Audazes corações proteje a Sorte:
Os Gábios subjeitei c'o atrevimento.»
Cala-se, e já pendura ao lado a espada,
Já d'um rapido bruto opprime as costas.
Corre, e chega a Colacia o moço ardente
Quando o sol mergulhava o carro de ouro.
O inimigo como hospede nos lares
Do ausente Colatino é logo acceito,
(Que o vinculo do sangue os dous prendia)
A dama com primor o acolhe, o tracta;
Ai que enganada está! Manda que apromptem,
Sem suspeita do crime, a lauta meza.
Contente do alimento, o somno exiges,
Oh lassa Natureza. — Era alta noute,
Na estancia lume algum não scintillava:

Levanta-se o traidor, um ferro empunha,
Vai, manso, e manso, ao thalamo pudico.
Mal que o toca: « Um punhal comigo trago,
Lucrecia (elle lhe diz) » eu sou Tarquinio,
Sou o filho do rei. » — Nada responde,
Nem póde responder Lucrecia absorta:
De assombro, de terror jaz fria, e muda;
Mas, como a lamentavel cordeirinha,
Que no tosco redil desamparado
Entre as garras se vê do lobo infesto,
Ante o fero amador Lucrecia treme.
Que fará? Contender, luctar com elle?...
Ella é débil mulher, será vencida.
Gritará?... Tem na dextra um ferro o monstro.
Fugirá?... Dura mão lhe aperta o peito,
Não manchado até ali de toque infame.
Insta com rogos o inimigo amante,
Com premios, e ameaços; mas seus rogos,
Seus premios, e ameaços nada alcançam.
« Não cedes, inhumana, a meus transportes?
Pois (o barbaro diz) hei de arrancar-te
Com este ferro a vida, apregoando
Que em adulterio vil co'um torpe escravo
Te colhi: a teu lado o porei morto,
E horrenda ficará tua memoria. »
A matrona infeliz, temendo a fama,
Á furia succumbiu do fementido.
Indigno vencedor, para que exultas?
Será tua ruina essa victoria:
Ai! Quanto ao solio teu custa uma noute!

Dissipando-se as trévas, apparece
Lucrecia desgrenhada, e qual costuma
Ir lacrimosa mãe do filho á pyra.
O consorte fiel, e o páe longevo
Chama do campo: os dous acodem logo,
Vêm-lhe o luto, e do luto a causa inquirem,
Perguntam-lhe que mal, que dor a ancêa,
E as honras funeraes a quem consagra?
Ella fica em silencio um longo espaço,
E no véo lutuoso esconde a face,
Soltas em fio as lagrimas formosas.
Consolando-a co'a voz, e com o afago,
D'aqui lhe roga o páe, d'ali o esposo
Que fale emfim, que exprima o que padece,
E choram, temem com pavor incerto.
Tres vezes começou, parou tres vezes,
E á quarta se atreveu a declarar-se,
Mas sem a vista erguer: «Tarquinio a isto
Me obrigará tambem! (profere a triste)
Eu mesma hei de narrar a injuria minha!
Eu mesma, desditosa, hei de affrontar-me!»
Conta o que póde... resta o mais... e chóra,
E o pejo lhe affoguêa a face honesta.
O páe, e esposo o crime involuntario
Perdoam. — «Perdoais! Eu não.» (diz ella)
E aguçado punhal, que traz occulto,
Co'a melindrosa mão no seio embebe.
Cáe aos paternos pés ensanguentada,
E olhando para si, já moribunda,
Para ver se o pudor na quéda offende:
Este o cuidado da infeliz, morrendo.

Eis junto ao corpo amado o páe, e esposo,
Deslembrados da gloria, e do decoro,
Jazem carpindo seu commum desastre.
Bruto, que á scena infausta presencêa,
O nome com o espirito desmente:
Do peito semivivo arranca o ferro,
E ali na mão com elle, que distilla
Da victima formosa o puro sangue,
N'um ar ameaçador taes vozes sólta
Do affouto coração: — « Por este honrado,
Por este varonil, egregio sangue,
E por teus manes, que serão meus numes,
Juro ao feroz Tarquinio um odio eterno,
Juro de o proscrever, e á prole infame;
Seus crimes infernaes serão punidos:
Tens, oh virtude, assaz dissimulado! »
Ao som d'estes impavidos protestos
Os olhos, já sem luz, ergue Lucrecia:
Meneando a cabeça, approva, e morre.
Sobre funereo leito se colloca
O gentil corpo da heroina excelsa.
O espectaculo triste expõe-se a todos,
E deve a todos lagrimas, e inveja;
Vai patente a ferida; — o denodado
Bruto, vociferando, incita o povo,
E do mancebo audaz lhe narra o crime.
Com a estirpe cruel Tarquinio foge:
Foi aquelle o famoso, ultimo dia
Em que o duro oppressor deu leis a Roma.
Cessa o reinado, os consules se criam,
E as redeas tomam de annual governo.

O BOSQUE DE MARSELHA:

(Discripção, tirada da « Pharsalia » de Lucano, Livro III.)

Lá junto de Marselha havia um bosque,
Nunca dos longos seculos violado.
Co'a rama implexa os ares denegria,
Amedrontava o sol co'as altas sombras.
Nymphas, Sylvanos, Pan, que rege as selvas,
Ali não tem poder, ali só reinam
Numes, que exigem barbaras offrendas;
Aras crueis as Furias erigiram:
Roxêa em tronco, e tronco o sangue humano.
Ali, se fé merece a antiguidade,
Sobre os ramos firmar-se as aves temem,
Temem as feras acolher-se ás covas.
Não sôa o vento ali, nem bate o raio,
Nem folha alguma os Zephyros consente:
Um mudo horror as arvores abrange.
De origens torpes negras aguas fervem;
Dos deuses maus os simulacros feios
Carecem de arte, são informes troncos.
A mesta pallidez, que os vultos cóbre,
A surda corrupção, que os vai roendo,
Nos absortos mortaes terror infunde;
Receiam numes de apparencia extranha:
Tanto augmenta o pavor, tanto o requinta
Ignorar que poder, que deuses teme!
Era geral rumor que ali se ouviam

Mugir as grutas, vacillando a terra,
Que o derrubado teixo ali soía
Aos ares outra vez alçar a coma,
Até sem consumir-se arder o bosque,
E enroscados dragões silvar nas plantas.
Não dá proximo culto ás aras tristes,
Nem o infesto logar frequenta a gente:
Espavorida o cede aos deuses torvos.
Quando no ethereo cume o sol chammeja,
Ou quando a opáca noute afêa o polo,
Dos ritos feros o ministro mesmo
Teme entranhar-se nas funestas sombras,
E o senhor encontrar do bosque horrendo.
Cesar ordena que derribe o ferro
As arvores, que, intactas d'outras guerras,
E entre altos montes nus encadeadas,
Do romano arraial surgiam perto.
Eis os braços guerreiros estremecem,
Os fortes corações eis enregela
Do ermo escuro a terrivel majestade:
Crem que, se as sacras arvores ferirem,
Hão de os ferreos, vibrados instrumentos
Voltar-se contra os impios, que os menêem.
Julio, que do terror os vê tomados,
Rapido a um d'elles a bipenne arranca;
Ergue-a, n'um tronco ingente a descarregá,
Ás cohortes se volve, assim lhes fala:
« Porque nenhum de vós talhar duvide
A selva, onde pensais que habitam deuses,
Crede-me, embhora, o réo do sacrilegio. »

Diz, e a pavida turma obediente,
Sem repellir o horror, succumbe ao mando:
Teme a ira dos numes, e a de Cesar,
Porém mais a de Cesar, que a dos numes.
Já nodosos carvalhos cáem por terra,
Cáem por terra os suberbos, duros olmos,
No chão baquêa o funebre cypreste,
Que a lutos não plebêos é consagrado,
Pela primeira vez, Dodóneo bosque,
Depões a idosa rama, e já sem ella,
Sem sombra, que te ampare, o dia admittes.
Mas inda se mantêm, caíndo, a selva
Com seus restos espessos; Gallia geme,
Olhando o feito audaz; porém, reclusa
A crente mocidade entre as muralhas,
Exulta: quem julgára que seriam
Impunemente os deuses affrontados!

LATINO E SEUS FILHOS.

(Episodio da "Jerusalem" de Tasso, Canto IX.)

Entre os heróes christãos, que pelo esforço
Ante Jerusalem mais se afamaram
Na do feroz Soldão nocturna guerra,
Latino reluziu, nascido em Roma.
Das lidas marciaes, da longa edade
Inda gastas as forças não sentia;
Com cinco filhos, quasi eguaes, ao lado
Nas horridas pelejas sempre andava.
Elles, anticipando ao tempo a fama,
De férreo pezo as frontes opprimiam,
E os membros juvenis, inda crescentes;
Pelo paterno exemplo estimulados,
Amolavam no sangue o ferro, as iras.
  « Vamos (o páe lhes diz) lá onde um impio
Co'a fuga dos christãos se ensuberbece;
O horror, o estrago, as mortes, que fulmina,
Em vós o innato ardor não diminuam:
É gloria trivial, se a gloria, oh filhos,
De algum passado trance não se adorna. »
  Assim brava leôa os filhos bravos,
A quem do collo a juba inda não desce,
A quem das mãos crueis, da horrenda bcca
Inda as terriveis armas não crescêram,
Leva comsigo ás prêsas, aos combates,

E os vai com torvo exemplo encarniçando
No caçador, que os bosques lhe perturba,
E as feras menos fortes affugenta.
Seguem o páe sublime os cinco incautos,
O enorme Solimão saltêam, cingem,
E n'um só ponto um só arbitrio, e quasi
Um espirito só, seis lanças vibra.
Mas, cegamente affouto, o de mais annos
Sacode a sua ao chão, c'o turco cerra,
E tenta em vão co'a penetrante espada
Derribar-lhe sem vida o gran ginete.
Porém, qual monte exposto ás tempestades,
Qual monte sobranceiro ao mar que o fere,
Supporta, firme em si, trovões, e raios,
Os indignados céos, ondas, e ventos;
Assim o audaz Soldão a altiva fronte
Tem fixa contra os ferros, contra as hastes,
E áquelle que o ginete lhe golpêa,
Entre as faces, e os olhos fende o rosto.
Aramante ao irmão, que vai caíndo,
Piedoso estende o braço em que o sustenta;
Piedade louca, e van, que ao damno alheio
Une tragicamente o proprio damno.
O pagão contra o braço o ferro inclina,
E o que a elle se atêm com elle aterra:
Cáem ambos, um sobre outro desfalecem,
E mixturam, morrendo, os ais, e o sangue.
Eis, de Sabino a lança espedaçando,
Com que o moço gentil de longe o infesta,
Lhe arremessa o cavallo, e de arte o colhe,

Que por terra, tremendo, o deita, o piza.
Do delicado corpo adolescente
Sáe a alma a grande custo, e deixa triste
Da vida as auras placidas, os dias
Ledos, e ornados de mimosa idade.
　Vivos Pico, e Laurente inda restavam,
Com que um só parto os páes enriquecêra,
Par florecente, egual, que tantas vezes
Origem fôra de suave engano!
Mas se os fez natureza indistinguiveis,
Já diff'rentes os faz a hostil braveza:
Oh dura distincção! Em um divide
Do busto o collo, ao outro o peito rasga.
　O páe (ah já não páe!... Ah sorte injusta,
Que n'um ponto o privou de tantos filhos!)
A sua morte vê nas cinco mortes,
Na progenie infeliz, de todo extincta;
Nem sei como a velhice é tão constante,
Tão forte, e tão vivaz na extrema angustia,
Que inda respire, que peleje ainda!
Mas as tristes acções, as faces tristes
Não viu talvez dos moribundos filhos,
E do acerbo espectaculo a seus olhos
Parte as amigas trevas encubriram.
　Com tudo, não perdendo a infausta vida,
Nada lhe era o vencer. Do proprio sangue
Prodigo freme, e soffrego do alheio;
Nem se conhece bem qual mais deseja
Se morrer, se matar. «Tão desprezivel,
Tão fraca é esta mão (grita ao contrario)

Que de tantos esforços nenhum póde
Contra mim provocar-te a negra sanha! »
Cala, e golpe mortal despede ao fero,
Que, rôto o rijo arnez, lhe rompe o lado,
E por larga abertura o sangue ferve.
  Ao grito, ao golpe contra o velho ancioso
O barbaro volveu a espada, as furias.
A loriga lhe abriu depois do escudo,
Que vezes septe duro couro envolve,
E o ferro lhe embebeu pelas entranhas.
Eis Latino infeliz soluça, expira,
E com vomito alterno ora lhe salta
O sangue da ferida, ora da boca.
  Qual no Apenino vigorosa planta,
Que as iras desdenhou de Áquilo, e de Euro,
Se tufão desusado em fim a arranca,
Co'a quéda emtorno as arvores derruba:
Tal cáe o heróe, e o seu furor é tanto,
Que leva apoz de si mais d'um que afferra,
E de homem tão feroz é fim bem digno
Fazer, até morrendo, altas ruinas.

GILDIPE E EDUARDO.

(Episodio da «Jerusalem» de Tasso Canto XX.)

O ferido combate ardendo estava
Entre o campo christão, e o campo egypcio.
N'isto o bravo Soldão co'a morte, e as furias
Corre, escumando, aos barbaros se aggrega,
Gran reforço lhes é, mas breve, inutil:
Parece horrendo, momentaneo raio,
Que repentino vem, que bate, e passa,
Porém que da veloz carreira infesta
Deixa vestigio eterno em rotas penhas.
Cem guerreiros, ou mais derriba o turco:
Sequer entre milhões de extinctos nomes
A memoria de dous se roube ao tempo.
Tristes esposos, férvidos amantes,
Eduardo, e Gildipe, os fados vossos
Duros, acerbos, e os illustres feitos
(Se a meus toscanos versos tanto é dado)
Sagrarei entre espiritos famosos,
Porque a serie dos evos, quaes portentos
De virtude, e de amor, vos olhe, e aponte,
E algum terno mortal com doce pranto
Honre os lamentos meus, e a vossa morte.
A generosa dama, esporeando
O docil bruto audaz, lá se arremessa

Com o esposo fiel por entre as turbas;
Onde o feroz pagão derrota os Francos:
Com golpe sobre golpe o colhe em cheio,
O escudo lhe desfaz, lhe rasga o lado.
O cruel, que no traje a reconhece,
Diz com agro, cholerico sorriso:
«Oh! Eis o rufião, e a apaixonada!
Muito melhor te fôra agulha, e fuso
Que por defeza haver armas, e amante.»
Cala-se, e de furor todo abrazado,
Vibra estocada temeraria, e fera,
Que ousou, rompendo o arnez, entrar no peito,
Que dos golpes de Amor só era digno.
Subito a triste, abandonando o freio,
Indicios dá de quem desmaia, e morre:
Ai! Bem o observas, misero Eduardo,
Não lento defensor, mas desditoso.
Que fará neste lance? Ira, piedade
A varias partes n'um só tempo o chamam:
Uma a suster seu bem, que vai caíndo,
Outra a vingal-o dó horrido homicida.
Amor imparcial o persuade
A que a piedade escute, escute a ira:
Eis co'a sinistra mão sustêm a esposa,
E co'a raivosa dextra exerce o ferro.
Mas ah! Vontade, e força, divididas
Contra o duro pagão bastar não podem;
Não mantêm a infeliz, nem o verdugo
Do seu doce prazer conduz á morte;
Antes o impio Soldão lhe corta o braço,

Piedoso arrimo da consorte amada:
Caír a deixa o misero, e comprime
Os membros d'ella c'os seus proprios membros.
Qual olmo, a que a vinosa, a fertil planta
Com abraço tenaz se enreda, e casa,
Se ferro o parte, ou raio o desarreiga,
Leva comsigo a terra a socia vide:
Elle o verde atavio lhe desfolha,
Elle mesmo lhe piza as gratas uvas,
E como que lhe dóe mais que seu fado
O fim da amiga, que lhe morre ao lado.
Tal cáe o amante, e só se doe d'aquella
Que em companheira eterna o céo lhe outorga.
Querem, não podem proferir palavras,
Formam suspiros em logar de vozes;
Um olha ao outro, e por costume antigo
Um com outro se abraça em quanto existe.
O dia n'um só ponto aos dous se apaga,
E as almas juntas aos elysios vôam.

DESCRIPÇÃO DO DILUVIO.

(Traduzida de Gessner.)

As torres de extranhissima grandeza
Estavam pelas aguas já cubertas,
E a triste, malfadada humanidade
Já não tinha outro asylo, outra guarida
Mais que o cimo de um monte alcantilado,
Que ainda além das ondas assomava.
Soar em torno d'elle os ais se ouviam
Dos miseros mortaes, que em vão lidavam
Por trepar aos cabeços, e abrigar-se
Da insaciavel morte, que, enrolada
Na escumosa torrente, os perseguia.
Eis que desaba em parte a gran montanha,
Eis que a rota porção no mar se abysma,
E na quéda fatal comsigo abate
Quantos ao vão refugio se acolhêram.
O filho cáe d'ali precipitado,
Lançando pias mãos ao páe caduco;
Das maviosas mães no seio amigo
Tenros meninos suffocados morrem;
Pavoroso motim retumba ao longe
Dos homens, e dos brutos, que perecem
Juntos no horrivel barathro dos mares.

Já não restava então mais do que um pico
Altissimo da serra ainda illeso

Do estrago universal. Fanor, mancebo,
* Heróe no coração, pastor no officio,
Para ali conduzira a doce amante,
Semira d'entre as ondas arrancara,
E, a pesar do furor das vagas todas,
O triumphante Amor, Amor piedoso
A donzella infeliz salvou da morte.
Tinham nascido os dous nos ferteis campos
Que banha o longo, celebrado Euphrates.
Fanor entre os que ali se distinguiam
Era o mais abastado, o mais amavel;
Semira a mais gentil, mais virtuosa
Das suas companheiras: os desejos
Tu ías, Hymenêo, satisfazer-lhes,
E o dia de vingança, o dia horrendo
Em que Deus castigar determinara
Do mundo os negros, os nefandos crimes,
Era o mesmo em que haviam de ligar-se
N'um laço deleitoso os dous amantes.
Jazia tudo o mais no bojo immenso,
Nos abysmos do mar: Fanor, Semira
Sós ao geral naufragio sobrevivem.
Em montes a seus pés as vagas mugem,
Por cima das atonitas cabeças
Lhe rebomba o trovão, reina-lhe em roda
Pezada escuridão, cujos horrores
O clarão dos relampagos não rasga
Senão para off'recer-lhe aos olhos tristes
O medonho espectaculo dos mortos,
O miseravel tumulo da terra.

Estreitava Semíra o terno amante
Ao peito esmorecido, e melindroso;
Junto a seu coração, trémula, e fraca,
Ella o quer, ella o tem, e assim modéra
O terror em que a põe seus duros Fados.
«Mas querido Fanor, (lhe diz Semíra)
Já não ha para nós nenhum refugio,
É forçoso morrer!.. Já, já nos cérca
A vingança dos céos por toda a parte.
Não ouves o fragor, não vês as serras
Do tormentoso mar! Não vês, não ouves
Dos raios, dos trovões a luz, o estrondo!
Já não ha para nós nenhum refugio,
É forçoso morrer... oh morte! Oh morte!
Eras tu quem devia unir-nos hoje?...
Oh meu Deus! Meu juiz! Eil-a bramindo...
Eil-a que se arremessa a devorar-nos...
Ai! Como se revolve em cada vaga!...
Sustenta-me, Fanor... entre os teus braços...
As ondas... me arrebatam... me arrebatam...
Sustenta-me, querido... eu caio... eu morro...
Dictas estas palavras, cerra os olhos,
Congela-se-lhe a voz, e cáe sem forças
Entre os braços do amante. Elle sem tino,
Já não vê serpear o ethereo fogo,
As ondas já não vê fervendo em serras,
Não vê mais que Semira entregue á morte.
A lassa robustez no mesmo instante
A desesperação, e Amor lhe innovam:
Em seus braços aperta a doce amada,

D'entre as ondas a arranca, e de mil beijos
Cobre as macias, delicadas faces,
Co'a triste pallidez inda formosas,
E frias, e alagadas dos chuveiros.
«Semira, (elle lhe diz) meu bem, desperta,
Esta scena de horror contempla ainda,
Volve ainda uma vez a mim teus olhos,
Dize ainda uma vez que has de, oh querida,
Amar-me até morrer, dize-o, repete-o
Antes que as bravas ondas nos engulam.»
Diz: ella torna em si, lança-lhe os olhos
Cubertos de agonia, e de ternura;
Sobre a destruição depois os firma:
«Oh meu Deus! Meu juiz! (exclama a triste)
Já não ha para nós, não ha piedade?
Ai! Com que furia as ondas vem rolando!...
Que horrorosos trovões!... Oh Deus eterno!
Meu páe! Meu creador! Não te commoves!
Não deixas abrandar vinganças tuas!
Ah! Tu, que tudo vês, tu bem o sabes,
Os annos de Fanor, e os de Semira
Iam correndo envoltos na innocencia.
Oh tu, claro exemplar de mil virtudes,
Tu, dos filhos dos homens o mais justo,
Como em fim mereceste... ai desgraçada!
Eu vi, vi perecer todos aquelles
Que faziam tão doces os meus dias;
Eu te vi perecer, meu páe (que angustia!)
(Que amargosa lembrança!) Eu te apertava
Em meus convulsos braços, tu erguias

Para a filha os pezados, ternos olhos,
E para abençoal-a as mãos piedosas
Quando as terriveis ondas te sorvêram.
O que era para mim de mais estima
Me foi roubado, oh céos! Porém, comtudo,
Nos abysmos, Fanor, sumida a terra,
Presentára a meus olhos as delicias,
As graças do terrestre paraiso,
Se o céo me concedêra o possuir-te...
Oh Deus! Oh summo Deus! Não ha clemencia!
Nossa vida innocente nos não vale!
Não poderá vencer... mas, cega! Aonde
Me leva, me arrebata a minha angustia!
Perdôa, oh meu juiz, meu Deus, perdôa;
Estas murmurações expie a morte.
Quanto a mesma innocencia ante os teus olhos,
Quanto a mesma innocencia é criminosa!»
  Fanor aqui susteve a gentil moça,
Que ao repelão do vento ía caíndo,
E sustendo-a, lhe diz: «Sim, oh Semira,
Nosso final momento está chegando;
As ledas, as suaves esperanças
De um reciproco amor se esvaecêram:
Eis o termo fatal dos nossos dias;
Porém não acabemos como os impios.
É forçoso morrer: mas, doce amada,
Além desta mortal vida penosa
Vive a gloria, o prazer, a eternidade.
Remontem-se, querida, as almas nossas
Ao Deus seu creador; longe os terrores:

Nós vamos exultar, e agasalhar-nos
No seio paternal do Omnipotente;
Abraça-me, e esperemos nossos fados.
Do centro deste horror, Semira, em breve
Nossos livres espiritos, voando
Engolphados n'um jubilo sem termo,
Se irão sumindo pelo céo brilhante.
Oh Deus! Oh grande Deus! Esta esperança
Em nossos corações nutrir ousâmos.
Elevemos, Semira, eia, elevemos
Enfraquecidas mãos ao nume eterno.
Cabe em frageis, erradas creaturas
Dos juizos de um Deus tentar o abysmo?
Aquelle, que nos deu co'um sôpro a vida,
Que pode quanto quer, prepára, e manda
A morte ao criminoso, a morte ao justo.
Venturoso o mortal, feliz quem sempre
Da virtude trilhou, seguiu a estrada!
A vida já, meu Deus, te não pedimos,
Execute-se em nós tua justiça;
Mas accende, affervóra esta esperança
De um bem, de um alto bem, summo, ineffavel,
Vedado á turbação, e horror da morte.
Brama então sobre nós, trovão medonho!
Devorai-nos então, sanhudos mares!
O sancto, o justo Deus seja exaltado,
E ultimo sentimento, ultima idéa
De nossos corações, de nossas almas
Seja seu nome, sua gloria seja.»
O jubilo, e valor asserenaram

O rosto de Semira, e no seu rosto
Os lumes immortaes da divindade
Como que já luziam. — « Sim (diz ella,
Alçando para os céos as mãos mimosas)
« Eu te sinto, dulcissima esperança,
Louvemos o Senhor. Vertei, meus olhos,
Lagrimas de alegria, até que a morte
Com a gélida mão venha cerrar-vos.
Uma gloria sem fim por nós espera.
Vós, parentes, vós, páes, delicias nossas,
Arrancados nos fostes, mas em breve
Nos vamos novamente unir comvosco.
Dos justos, oh meu Deus, está cercado
Lá no cume dos céos teu throno augusto:
Tu de todas as partes do universo
Os congregas, Senhor. Fervei, oh raios,
Inchai-vos, escarcéos, brami, oh ventos!
Vós sois, vós todos sois da inevitavel
Justiça eterna os canticos, e os orgãos.
Abraça-me, querido... olha... esta vaga
Escumosa, e feroz... nos traz a morte...
Abraça-me, Fanor... não me abandones...
Ai!... Já me erguem... as ondas... já me absorvem... »
  « Semira (diz Fanor) eu não te deixo,
Eu te abraço, meu bem. Tu vens, oh morte,
Tu vens em fim cumprir nossos desejos...
Graças... mil graças á justiça eterna... »
  Assim falaram, e em abraço estreito,
Tragados pelas ondas, perecêram.

SACRIFICIO AOS ESPIRITOS INFERNAES.

(Episodio extraído da «Henriada» de Voltaire, Canto V.)

Em quanto féra chusma de rebeldes
Ás portas de París vai conduzindo
O desleal, fanatico mancebo,
Sobre o successo d'arrojada empreza
Os Dezeseis sacrilegos intentam
Dos fados aclarar a escuridade.
Curiosa de Médicis a audacia,
Mysterios de tão lôbrega sciencia
Já outr'hora indagou, já quiz outr'hora
Entranhar-se nas trevas, nos horrores
D'esta arte superior á Natureza,
Quasi sempre chimera, e sempre crime.
Por todos foi seguido o feio exemplo,
E o povo insano, que imitar costuma
Com animo servil dos reis os vicios,
Amador do que é novo, e do que assombra
Em multidão corria aos sacrilegios.
    Para o centro de abobada horrorosa
Pelas nocturnas sombras o silencio
Guiára a detestavel assembléa.
Ao pallido clarão de maga tocha
Ara vil sobre um tumulo se erige,
Onde as imagens dos dous reis collocam,

Objectos de seus odios, seus terrores,
De suas maldicções, de seus insultos.
Ali por voz sacrilega se annêxa
A nomes infernaes d'um Deus o nome;
Cruas fileiras de aguçados lanças
Luzem debaixo dos medonhos tectos:
Tingem-se as pontas em sanguineas taças,
Horrida pompa de horrido mysterio!
 O ministro do templo é um d'aquelles
Que, odiosos, dispersos, e proscriptos,
Giram, vagueam, cidadãos do mundo,
Levam de mar em mar, de terra em terra
O seu abatimento, a sua affronta,
E de superstições montão damnoso
Têm por todos os climas desparzido.
 Huyvando os Dezeseis em torno d'elle,
Ás impias ceremonias dão principio.
As parricidas mãos no sangue ensopam,
De Valois vão no altar ferir o peito,
E inda com mais terror, com mais insania
A effigie de Bourbon derribam, calcam,
Crendo que a morte, a seu furor ligada,
Vai co'a dextra fatal, e inevitavel
Taes golpes transmittir aos dous monarchas.
 O hebrêo profanador com turvo aspecto
Une entretanto as preces ás blasphemias:
Os abysmos, os céos, o Eterno invoca,
Invoca esses espiritos impuros,
Do universo invisiveis turbadores,
E o fogo dos infernos, e o do raio.

Tal foi o infando, occulto sacrificio
Que fez em Gelboé lá n'outra edade
Aos numes infernaes a pythonissa,
Quando perante um rei feroz, e injusto
Chamou de Samuel a horrivel sombra:
Assim contra Judá de vãos prophetas
Troava em Samarîa a impia boca;
Ou tal se ouviu Atéio entre os romanos,
Invocados os deuses, em seu nome
Agourar, maldizer de Crasso as armas.
Aos escuros, aos magicos accentos
Que profere o maligno sacerdote,
Resposta os Dezeseis do Fado esperam;
Cuidam que hão de forçal-o a descubrir-se:
O céo para os punir quiz attendel-os.
Eis interrompe as leis da Natureza,
E do fundo da tacita caverna
Eis sáe lugubre som, murmurio triste.
Cem vezes o relampago espantoso
Na densa escuridão se accende, e apaga.
Entre a fulminea luz, de gloria accezo,
Em triumphal carreça Henrique assoma
Ante os olhos do atonito congresso.
Cinge-lhe marcio louro a fronte augusta,
O sceptro venerando a mão lhe adorna.
N'isto o fogo do raio inflamma os ares,
O altar cáe abrazado, a terra o sórve,
E os rebeldes, o hebrêo vão assombrados
Seu crime, e seu pavor sumir nas trevas.

O COMBATE DE AILLY COM O FILHO NA BATALHA DE IVRI.

(Episodio extraído da «Henriada» Canto VIII.)

O INDOMITO valor do gran Turena
Já de Nemours as tropas atterrava.
D'Ailly, veloz qual raio, ía esparzindo
Por entre os batalhões espanto, e morte:
O valente d'Ailly, todo orgulhoso
Com seis lustros de gloria, e de combates,
Que da guerra no ardor sanguinolento
Sente, a despeito da rugosa edade,
Tornar-lhe a robustez, ferver-lhe o brio.
Com elle um só guerreiro ousa affrontar-se,
Um destemido heróe na flor dos annos,
Que n'este matador, e illustre dia
Os horrores mavorcios encetára.
De um suave hymenêo gosando apenas,
E mimoso de Amor, a Amor se esquiva;
Com pejo de que só na gentileza
Soasse, consistisse a fama sua,
Vôa aos conflictos, sôfrego da gloria.
Lamentando-se aos céos a linda esposa,
Os rebeldes maldiz, maldiz a guerra;
Resolvendo aggregar-se aos combatentes
O seu terno amador, convulsa, e triste
Lhe une ao corpo gentil o arnez pezado,
E humida a face de amorosos prantos,

Em capacete precioso esconde
Semblante, que devia ás graças tanto,
Olhos em que seus olhos se reviam.
  Eis ufano, raivoso, arrebatado
Parte contra d'Ailly o audaz mancebo
Por entre o fogo, o pó, e o sangue, e a morte,
Ambos, de egual braveza estimulados,
Os hardidos ginetes espoream,
Das féras legiões ambos se arredam,
E correm ambos á planicie hervosa,
Toda corada de purpureos lagos.
Carregados de ferro, em sangue envoltos,
Com pavoroso assalto os dous se encontram;
Resôa a terra, as lanças arrebentam,
Assim como n'um céo tempestuoso
Duas pejadas nuvens carrancudas,
Que, no bojo encerrando ignea materia,
E de enorme encontrão, de horrendo embate
Rotas nos ares, pelos ares voam:
Gera o choque relampagos, e raios,
Estrondêa o trovão, e assusta o mundo,
Mas por subito impulso, e nova sanha
Eil-os dos brutos férvidos se arrojam,
Escolhendo outro genero de morte.
  Já lhe reluz nas mãos o liso alfange
A cevar-lhe o furor corre a Discordia,
E o Genio torvo, que preside á guerra;
Segue-os a morte pallida, e sanguenta.
Miseros, esperai, detende os golpes...
Mas negro fado os animos lhe inflamma.

Este áquelle, raivando, aquelle a este
Tenta no coração cravar o alfange,
No exposto coração, que não conhece.
Do retalhado arnez faiscas saltam,
Golphando o sangue, as mãos lhes purpurêa;
O escudo, o capacete, á força oppostos,
De cem golpes crueis alguns mallogram,
Alguns aparam, rechaçando a morte.
Os rivaes entre si, como assombrados
De tão alto valor, se respeitavam;
Mas o annoso d'Ailly co'um golpe infausto
Lança em terra o magnanimo guerreiro.
Seus olhos para sempre á luz se fecham,
Cáe-lhe o elmo, descobre-se-lhe o rosto,
D'Ailly o vê, o abraça... ah! É seu filho...
Oh desesperação! Oh desventura!
O deploravel páe, banhado em pranto,
As armas contra si voltar intenta,
Mas compassivas mãos no duro lance
Lhe acodem, se lhe oppõe, do ferro o privam.
Tremendo, soluçando, o triste velho
Foge d'aquelle horror, amaldiçôa
Seu criminoso, e barbaro triumpho;
Os homens, a grandeza, a gloria esquece,
Desejando esquecer-se de si mesmo,
E em solitarias brenhas vai sumir-se.
Ali, quer surja o sol, dourando os montes,
Quer se mergulhe nos cerúleos mares,
De seu filho infeliz o triste nome
Com lamentosa voz ensina aos eccos,
Aos eccos, de escutal-o enternecidos.

Do bello moço extincto a doce amante,
Levada do terror, fria, saudosa,
Em passo vacillante ao sitio corre
Por onde borbulhára o sangue em rios.
Aqui, e ali caminha, indaga, observa,
E da guerra entre as victimas cruentas
Distingue emfim o esposo. Ao vêl-o a triste
Cáe sem acôrdo na sanguinea terra,
Nos olhos se lhe estende o véo da morte.
«És tu, meu charo amante?...» Estas palavras
Cortadas pela dor, estes suspiros
Que sólta, desmaiando, ah! não se escutam.
De novo os olhos abre, une de novo
Os labios seus aos labios que idolátra,
Os ternos beijos ultimos lhe imprime,
Aperta o corpo misero entre os braços,
Entre os mimosos braços cor de neve,
Os olhos n'elle põe, suspira, e morre.
Páe infeliz, misérrimos esposos,
Lastimosa familia, exemplo triste
Dos crimes, do furor d'aquella edade,
Ah! Praza aos céos que a horrida lembrança
D'este medonho, e tragico successo
A comiseração, a humanidade
Excite em nossos derradeiros netos,
E aos olhos uteis lagrimas lhe arranque
Para que o rasto dos avós não sigam!

O TEMPLO DE AMOR.

(Traduzido do Canto IX da «Henriada.»)

Sobre o campo feliz da antiga Idalia,
Lá no principio d'Asia, e fim de Europa,
Alto edificio majestoso assoma,
Do tempo assolador vedado aos damnos.
Lançou-lhe a Natureza os alicerces,
E tu, Arte subtíl, depois brincando
A simples, moderada architectura,
Lidáste, e transcendeste a Natureza.
Ali de verdes myrtos povoadas
As circumstantes selvas, inda ignoram
Os insultos do hynverno enregelado;
Ali por toda a parte amadurecem,
Por toda a parte ali formosos nascem
Os fructos de Pomona, os dons de Flora;
Ali para outorgar ampla colheita
Nunca esperas, oh terra, oh mãe fecunda,
Nem pelas estações, nem pelos votos
Do tostado cultor; ali parece
Que os mortaes n'um egual, sereno estado
Gosam tudo o que dava a Natureza
Lá na ditosa infancia do universo:
Aturado socego, alegres dias,
A doçura, os prazeres da abundancia,

Os bens, os gostos da primeira edade,
Menos a mansa, e limpida innocencia.
  Nenhum, nenhum rumor ali se escuta
Senão doce harmonia encantadora,
Molle harmonia, que amollece o peito;
Vozes do amante, canticos da amada,
Que a deshonra, os delirios, as fraquezas
Em verso adulador lhe vai dourando.
Vê-se turba amorosa a cada instante,
Toucada de odoriferas boninas,
As graças implorar do deus, que adora,
Concorrer sequiosa a seus altares,
E n'elles á porfia ír-se ensaiando
No methodo suave, e perigoso
De attraír corações, ligar vontades.
A risonha Esperança a mão lhe off'rece,
E os guia dous, e dous ás aras de ouro;
As tres lindas irmans, as brandas Graças,
Fagueiras, quasi nuas, e defronte
Das francas portas do suberbo alcaçar,
Unem veloz coréa a som divino.
A preguiçosa, a placida Molleza,
* A socia dos amantes, encostada
Sobre a relva subtil, e as tenras flores,
Ali de ver, e ouvir se apraz, e enleva.
* Dorme a par d'ella o tacito Mysterio,
Jazem-lhe em roda os magicos Sorrisos,
O pontual Desvelo, a Complacencia,
Jaz o Prazer, e os sofregos Desejos,
Inda mais que o Prazer encantadores.

Tal é na entrada o templo sumptuoso;
Mas quando além das portas, e debaixo
Da rutilante abobada sagrada
Passo audaz se encaminha ao sanctuario,
Que espectaculo horrendo atterra os olhos!
* Ali não resplandece, ali não vôa
* Nitido enxame de loução Prazeres;
* A celeste Harmonia ali não ousa,
* As azas transparentes meneando,
* Nos tristes corações insinuar-se.
* Queixas, Tormentos, Desvarios, Sustos
* Em densa multidão, tropel confuso
* Choram, blasphemam, desatinam, tremem,
* Geram n'este logar o horror do inferno.
O carrancudo, o livido Ciume
Segue n'um passo trémulo a Suspeita;
Odio, Raiva, entornando o seu veneno,
Armados de punhaes, lhe vão na frente.
Malicia, tu os vês, e satisfeita
Co'um sorriso traidor a insania approvas:
Eis o Arrependimento os vai seguindo,
E em seus ais condemnando-lhe a fereza,
De lagrimas inunda os olhos baixos.
Em meio d'esta chusma pavorosa,
Companheira fatal dos vãos Prazeres,
Tem conservado Amor seu domicilio
* Desde que lá no azul, no ethereo vácuo
* Caíu das mãos de Jove o sol recente.
Da terra os Fados tem na tenra dextra
O cruel, tentador, gentil menino:

Dá co'um sorriso a paz, com outro a guerra,
Seu nectar derramando em toda a parte,
Seu nectar, que depois torna em peçonha,
É alma do universo, e vive em tudo.
* Do throno, em que dá leis á Natureza,
Contemplando a seus pés milhões de escravos,
Orgulhosas cabeças piza, esmaga;
Mais pago do rigor que da piedade,
Dos males que produz se desvanece.
* Mortaes, tristes mortaes, que horrivel quadro!
* Mas os males de Amor têm recompensa,
* Têm doce galardão: Mortaes, amemos.

A FOME ASSOLLANDO PARÍS.

(Traduzido do Canto X da „Henriada.")

Vaguerava em París feroz caterva
De estrangeiros crueis, de horrendos tigres,
Tigres pela Discordia apascentados,
Mais terriveis que a fome, a guerra, a morte.
Uns das campinas belgicas vieram,
Outros lá das helvéticas montanhas,
Barbaros corações, á guerra usados,
Que vivem de matar, que fazem prompto
Sacrificio venal do proprio sangue.
D'estes novos tyrannos a cohorte
Em sôfrego tropel derriba as portas
Dos tristes cidadãos, e lhes presenta
Mil mortes, mil tormentos, mil horrores;
Não já para os privar de vãos thesouros,
Não já para arrancar aos ternos braços
De espavorida mãe filha chorosa:
Faminta precisão consumidora
As demais sensações lhe impede, e abafa.
Pesquizar, descubrir qualquer sustento,
Por escasso, por mau, por vil que seja,
É a sua intenção, seu fim, seu gosto:
Attentado não ha, não ha martyrio
Que para o conseguir não excogitem.

Indigente mulher... (oh céos! E eu devo
Urdir a narração da feia historia,
Do horrivel caso escurecer meus versos!)
Indigente mulher perdido havia
Por violencia dos monstros esfaimados
Unico, parco, e misero alimento.
Invadindo seus bens a negra Sorte,
Apenas lhe deixára um tenro filho,
Proximo a perecer do mal, que a mata.
Raivosa, desgrenhada, um ferro empunha,
Córre, bramindo, ao candido innocente,
Que estende as debeis mãos para afagal-a.
Do triste a infancia, a graça, a voz, o estado
A phrenetica mãe de dor traspassam.
Põe n'elle os espantados, turvos olhos,
Tintos de amor, de raiva, e de piedade.
O cutélo da mão lhe cáe tres vezes,
Mas a raiva triumpha, e, detestando
O fecundo hymenêo, com voz tremente:
« Oh d'esta alma infeliz porção mimosa!
Charo filho! (ella exclama) em vão teus dias
Produzi, conservei com tanto afago.
Em breve ou da penuria, ou dos tyrannos
Fôras talvez a victima, o despojo
Se a mãe piedosa te poupasse a vida...
A vida! E para que? Para vagáres
Do deserto París entre as ruinas,
Desfazendo-te em ais, em dor, e em pranto?
Morre, antes que o meu mal, e o teu conheças,
Restitue-me, oh filho, o sangue, a vida,

Que te deu tua mãe; vem sepultar-te
Nas entranhas crueis, que te geraram,
E veja-se em París um crime novo.»
  Isto dizendo, atonita, e convulsa
No peito do filhinho embebe o ferro,
Leva o corpo sanguento ao lar fumante,
E, sôfregas as mãos co'a fome horrenda,
A funesta iguaria ali preparam.
Á força de voraz impaciencia
Volvem, raivando, os barbaros soldados
Ao theatro do crime atroz, e infando,
Similhantes na horrida alegria
Aos ursos, e aos leões que a prêa afferram!
Apostados correndo, a porta arrombam;
Entram... Céos! Que terror! Que assombro! Á vista
Carrancuda mulher eis se lhe off'rece,
Molle corpo infantil despedaçando,
Abrazada em furor, e em sangue envolta:
«Sim, feras, sim, crueis, meu filho é este!
Vós no seu sangue as mãos me enxovalhastes,
Sejam vosso alimento a mãe, e o filho.
Vinde, as sagradas leis da Natureza
Ultrajar mais do que eu temeis acaso?
Que susto vos detêm, vos desalenta?
Oh tigres! Este pasto a vós pertence.»
  Phrenetica, e sem tino, assim falando,
Aguçado punhal no seio enterra.
Subito, da tragedia horrorisados,
Confusos, e ululando, os monstros correm:
Não ousam para traz volver os olhos,

Cuidam que os ameaça, os segue o raio;
E o povo, por findar tão triste sorte,
Alçando as mãos aos céos, implora a morte.

A COLOMBIADA, OU A FÉ LEVADA AO NOVO MUNDO,

Poema de Madame du Bocage.

(Traducção do Canto I.)

Eu canto o Genovez, de Urania alumno,
Da inveja, e dos infernos perseguido,
O nauta, que do Tejo foi tão longe
Desencantar os indicos thesouros;
Que da aurora ao poente o mar domando,
Para a fé conquistou mundo ignorado.
Oh mãe de Orphêo (que pela voz de um filho
Typhis, Jason no pégo enfeitiçaste!)
Consente, para mais, á minha audacia
Que do Ismario cantor imite os versos.
Se bosques attraíu, monstros, e Furias,
Homens enternecer meus sons não podem?
Musa, do sexo teu o imperio estende,
Une á feminea voz a lyra eterna,
Mostra aos humanos que tambem no Pindo,
Assim como em Cythéra, os cantos nossos,
Charos aos deuses, os heróes afamam.
Do solsticio do hynverno á florea quadra
Phebo precipitava os turvos dias,
Desde que sobre os mares, vencedora
Das procellas horrísonas, vagava
Longe do patrio seio a frota ibera.
De ilha em ilha evitava estereis climas

O próvido Colombo: a seus desejos
Ditoso, grato asylo em fim se off'rece,
Mostrando a seu favor sorrir-se os Fados.
Este herόe, nunca trémulo ante o p'rigo,
Na bonança acautéla as tempestades.
Desce a noute; elle teme infesto escolho,
E, até que a luz diurna o polo aclare,
Congregando os baixeis áquem do porto,
Assim de seus guerreiros fala aos chefes:
  « Rivaes d'esses, que o Bosphoro vencêram,
Compete a vosso ardor mais alto premio:
Os males nossos tem nos céos a palma.
Quem das avitas glorias dorme á sombra
Perde na escuridade a luz da origem.
Nós, que havemos tégora em perigos cento
Calejado a constancia, eia, surjamos
N'essa fronteira, incognita enseada:
De Fernando os pendões ali se arvorem.
Dado que féros povos nos insultem,
É nosso escudo o céo: proezas nossas
Para estender seu culto a vida egualem. »
  Diz, e d'est'arte lhe responde a turba:
« Claro almirante! Affronta o mar, o inferno,
Que todos sem terror te seguiremos
Aos dous pólos do mundo. Os annos vôam;
Mas da injuria dos seculos vorazes
Nada tem que temer lustrosos feitos. »
Ferve a taes vozes o soldado, espera
Novos mundos ganhar, ver outra Colchos.
  O nome dos herόes, que honraram Grecia

Distinguia os baixeis. Um pinho annoso,
Filho robusto da hyperbórea terra,
Velas do Argus sustenta em aurea pôpa.
O prudente Mattheus, rival de Typhis,
Guia um novo Jason, conduz Colombo.
O cauto chefe, que a seus olhos sempre
Tem de Helena os irmãos, sobre estes lenhos
Atear-se a discordia viu cem vezes.
Ali Julio encaminha illustre cabo,
Mendes segue Pinzão; traidor Ximenes,
Tu reges Telamon. Busca-se Alcides,
Ah! Vãmente: escarcéos o devoraram;
Torres, seu director, já não existe.
  Patria do meu heróe, Genova illustre,
Fieschi, em ti nascido, a seus trabalhos,
A seus feitos magnanimos se aggrega;
Alba no Orphêo conduz, e Boile, o docto.
Este sabio as estrellas não medita;
O iman, subjeito aos erros, não consulta:
Olha sómente o céo para imploral-o,
E o céo por elle annue á sancta empreza.
  A gloria esquecerei, que haveis ganhado,
Invencivel Cortez, Pizarro affouto?
Ambos, um no Calais, outro no Zetes,
Dos alados heróes tomando o vôo?
Vós de Castella, e de Africa os ginetes
Á expedição levais. Morgan valente
Dogues no Hilas açama, exercitados
Em jogo marcial. Por chefe o tractam
Hastins, Arcy, Murrai, Stanhope, e activos,

Para alongar seu nome, a patria deixam.
O Neustroo Marcoussy, charo a Colombo,
O segue no Thesêo, que lhe é subjeito:
Boulainvilliers, Amboise, e Aidie, e Argennes,
Ás suas leis submissos, lá florecem.
Triumphantes no Sena estes guerreiros,
Tentam novas emprezas: sobre os mares
Quer o valor francez dar pasmo ao globo.
Pelêo, e Ajax, na Andaluzia armados,
Pendem de Margarit, e de Garcia.
  Vasos mais leves, de que escondo os nomes,
Em torno do almirante as ondas talham.
Dos chefes, que perdêra, o fim deplora;
Mas, applacando a magoa nos que restam,
Sem temor voga ao porto, e junto d'elle
Dos pilotos á voz se ferra o panno.
  Em tanto que a esperança industriosa
Promette aos hespanhoes mil bens, mil palmas;
Que Diana, esparzindo o raio incerto,
Nas aguas a folgar delphins convida;
Por ellas, onde brilha a sua imagem,
Manso, e manso os baixeis co'a terra emproam.
Mas entes infernaes, da Grecia deuses,
Que tem na India altares, e outros nomes,
Oppõem-se ao Genovez, de quem se temem.
  Para traçar taes monstros, Musa minha,
Restituir Cythéra a Venus podes,
Podes restituir o Olympo a Juno:
Satân em meus pinceis Platão simelha,
E os manes do Cocyto as ondas passam.

Boiá, Teules, Zemês, estygios numes,
Que adora cego povo, a Europa ignoto,
Ajuntam de seu rei os estandartes.
No ruido de asperrimas correntes
As tartáreas phalanges se annunciam;
Serpentes, que das ígneas testas brotam,
Os silvos formam lá, que em Lemnos se ouvem
Quando n'agua se extingue o ferro ardente.
Teules, que tem na Estyge Eólio mando,
Leva aos pés de Satân o horror, que inspira.
Nos seus olhos em braza é sangue o pranto,
Tem de um lado o terror, tem de outro a morte;
Das tormentas a chave á mão lhe é sceptro.
D'atra nuvem de enxofre, onde fluctuam
Mil cabeças medonhas, surge a d'elle,
E o turbulento inferno, á voz do monstro,
Como as aguas do Lethes, se abonança:
Té no perjuro, no traidor, no ingrato
O remorso emmudece alguns instantes.
« Rei d'esta região sombria, horrenda,
(Vozêa a Furia insana) onde aras tuas
Se perfumam de incensos, no indio clima
Do Tejo os filhos soffrerás que reinem?
De um Deus no outro hemispherio as leis se adoram,
Nosso inimigo eterno em parte o globo
Attraíu com seus dons: ah! Se elle outr'hora
Cavou o immenso abysmo onde penâmos,
Golpe fatal, que nos prepara, ao menos
Cuide-se em rebater. Por novo mundo
Elle quer alongar suas conquistas,

Elle quer transmittir-lhe as leis, e altares.
Que! Debaixo dos seus os templos nossos
Á gloria sua servirão de base,
Gloria, que se eternize em nosso estrago!
Sem defender teu jus victorias cedes?
Pondera que um mortal, do Averno injuria,
Contra nós o universo a armar se atreve.
O instructo Genovez, nos males firme,
Conhece o equóreo fundo, e mede os astros,
Conquista os corações, subjuga as almas.
«De tão forte guerreiro emprezas temo...
Trance me é duro elogiar contrarios,
Mas o assustado orgulho ingenuo fala:
Vencido do pavor, se os riscos peza,
No interesse, e no p'rigo é só que attenta.
A esquadra, que receio, o termo attinge
De alta intenção: meu unico regresso
É no centro das ondas sepultal-a.»
«Entrega aos furacões (Satân responde)
Esse povo atrevido: os elementos
Todos em damno seu se desenfrêem:
Derrama no universo a raiva tua.»
O mar treme de ouvil-o, e todo o inferno;
Do embate de mil mãos faiscas saltam,
Como das rochas sáem, que rompe o ferro;
Ou quaes costumam rebentar de corpos
Que inflamma o choque electrico. Eis o abysmo
Ao magico motim responde em eccos,
Como em crébros trovões o cêo rebrama.
A passos gigantêos caminha Teules

Ás horriveis abobadas profundas,
Onde as cohortes procellosas fremem.
Abre co'a ferrea chave as bronzeas portas,
Que, rapidas volvendo-se nos gonzos,
Por pouco o monstro audaz não derrubaram.
Os subterraneos Sues, que assaltam nuvens,
De cem respiradouros arrebentam,
E o mar, em monte e monte, aos céos altêam.
Que os heróes lhe exp'rimente um Deus permitte
Ao negro inferno. Subito a bonança
Se converte em tormenta escura, enorme.
Gemem de susto as Alcyoneas aves;
Nas ondas os baixeis arrebatados
Como que vem dos céos no mar sumir-se.
Entre as torrentes, que derretem nuvens,
Mãos congela o terror, e as prende aos cabos:
Tudo estala, e, deixado o panno aos ventos,
Debalde implora os nautas amarellos.
Tres vezes viu Mattheus luzir a aurora
Desde que a frota errante em mãos de Eólo
Foge da praia, a que aproou Colombo.
Arte falece em tanto mal; e os gritos
C'o estrepito das ondas mixturados,
Vão rebombar no pólo. O grande chefe,
Colombo, cuja voz já não se escuta,
Nas preces do pontifice encurvado,
D'est'arte, a bem commum, seu Deus invoca:
«Creador, que, presente em toda a parte,
Ares, terras, estrellas equilibras,
Tu, que, remindo um povo, abriste as vagas!

Pódes pôr freio ao mar co'um volver d'olhos.
Queres nossos baixeis sumir no abysmo?
Se o fim da grande empreza é mallogrado,
Ai! Quem trará teu nome a terra ignota?
Por ti, por ordem tua o p'rigo arrosto,
E quantos me ladêam. Sorte avêssa
A teu sabor, gran Deus, mudar-se póde:
Sómente o favor teu nos punge, e alenta.
Terra nos dá, senhor, que prometteste
A nossos males, ás fadigas nossas. »
  Todos applicam dolorosos prantos
Do sacerdote á voz; do p'rigo o susto,
Princípio de mil votos, enternece
O numen bemfazejo. Em breve as ondas
A superficie alizam. Duros ventos,
De espirito celeste agrilhoados,
Outra vez, a tremer, entram nas grutas.
  Mal que os Notos aos Zéphyros consentem
Reconduzir bonança aos amplos mares,
O Norte em nuvem franca off'rece um astro,
Dos navegantes esperança, e guia.
Este lume os consola, e qual descende
Sobre os mimos de Abril vapor suave,
E lhe ergue o tronco, e lhe reforça os fructos,
Dos ares o socego ás almas vôa,
E o que o medo abateu, o esforço eleva.
  Colombo, que jámais provou receios,
Ao seu Typhis commette as rédeas do Argus;
Quer que a maior das Ursas deixe á dextra,
E, esperando a manhan, vogue ao poente.

O horisonte branquêa; o fulvo Apollo,
Occulto inda aos mortaes em atrios de ouro,
No carro matinal roxêa os mares,
E manso dia azul promette aos nautas.
O ar se esparze de aromas, quaes a Arabia
De Africa, e de Asia nos confins vapóra.
Porque farte o desejo aos navegantes,
Este imprevisto bem de outro é seguido:
O astro diurno aclara extensa costa,
Que, vária, os olhos assaltêa, encanta.
Rochas de um lado sobre o mar pendentes,
A industria imitam, sem favor da industria.
Por mão da Natureza afeiçoadas
Em monstros, em gigantes, o murmurio
Geram de vozes cento: ali parece
Os povos d'este clima estarem juntos.
Equóreo movimento, abrindo as penhas
Em um, em outro assalto, entre ellas fórmam
O rispido fragor, que ás praias Ecco
Traz sobre as plumas dos loquazes ventos.
O outro lado do porto, aos nautas franco,
É flóreo, fructuoso amphitheatro;
De arêas de ouro se orla, onde aguas puras
De lindas conchas o atavío ostentam.
Mil pescadores para encher canôas
Nas ondas a colheita em vão não buscam.
De ferteis margens habitantes ledos,
Que terror vos infunde a esquadra nossa!
Pejadas redes d'entre as mãos vos fogem.
Em quanto, por ganhar vossa alma incerta,

Vos mostram dons, que vos destina o Chefe,
Elle as velas dirige ás praias vossas.
O prumo consultado abona o porto,
E, vogando sem custo a prôa ás margens,
Abre facil ingresso em fundo rio.
 Verdes arbustos este asylo assombram:
Arroios mil nas proximas colinas
Escorregando vêm de pedra em pedra.
Arte em nossos jardins pintar costuma
Estes brincos gentis da Natureza:
Lá por cascatas humedece as hervas
Deslizada corrente. As amplas cheias
Valles diversos na carreira abrindo,
Fecundam campos, e acceleram fructos,
Bem que no mesmo gráu do hisperio clima,
D'estes o estio inferteis os não torna:
Dos logares, que em fabulas se enfeitam,
Sois, oh ilhas, que eu canto, imagem viva.
 O outono, que a miudo as annuvia,
Inundadas jámais as viu de chuvas;
Sem que aos olhos o dia apouque os lumes,
De nuvens brando véo tempéra as calmas.
Quando no ethereo cume o sol fervia,
Tutelares Favonios, adejando,
As fadigas do Ibero amaciavam.
Lança ferro, e cubiça de repouso
Faz com que as agoas deixe, e salte em terra.
 N'um visinho rochedo olhada turba
Lhes determina o passo, e pasma ao vêl-os.
O chefe, que a conduz, por cava senda

Vai dirigindo o pé. Da face as rugas,
As cans dispersas, e avultados membros,
Sem arte, ou vestidura, o gráu lhe indicam
Melhor que inutil séquito pomposo:
A sua candidez encanta, e brilha
Mais que o ouro dos reis, que a Persia acata.
Se os trajes, as feições, e iberios lenhos
Attráem co'a novidade o velho agreste,
A voz da gente sua, e d'ella os gestos
Aos nossos europeus a vista assombram;
E egualmente admirado o vario povo
Se contempla entre si. Com alma ingenua,
Sem medo os indios a Colombo exprimem,
Apontando-lhe os céos, que o julgam vindo
Lá da estancia immortal das divindades.
  O almirante caminha ao chefe inculto:
Moço europeu (que em ilha solitaria
N'aquelle mundo novo achado havia,
E na esquadra acolheu) de lingua serve.
Que dita inopinada! (é crivel fosse
Divina permissão) Penetra o velho
A linguagem do interprete, que explica
Os desejos do heróe n'esta substancia:
  «Oh tu, que d'este povo o rei pareces,
(Se é a hospitalidade aqui virtude,
Qual teu rosto benefico denota,
Em quanto estes amenos, faustos campos
Com vista esperançosa observo, admiro)
Sabe que injusto, que invasor projecto
Aqui me não conduz por vastas ondas.

O infortunio me traz: sê meu refugio,
E além dos mares teus prometto em breve
Ir de teus beneficios, de teu nome
Informar o universo.» Á voz do chefe
Os hespanhóes a reverencia uniam,
No campestre ancião fitando os olhos.
O indio dá puro credito ao que escuta:
Seu coração lavado ignora o medo,
Assim como as astucias desconhece.
A seus amigos diz (sómente amigos
Comitiva lhe são) — « Porque se agrade
Dos alimentos nossos o estrangeiro,
Exquisitos, gravissimos aromas
Dêm aos nossos liquores nova graça.»
No chão curva o joelho, assim falando,
Quanto a caduca edade lh'o toléra;
Passo a passo depois Colombo arrosta.
« Ente divino (diz) que o mar talhaste
Sobre monstros alígeros, a terra,
Onde has baixado, te dará sem termo
Os bens de que a fornece a Natureza.
Reino aqui: meu desejo é contentar-te.
Segue-me aos valles nossos, vê, contempla
Tão ditosa morada: os teus sequazes
Terão lá, como tu, seguro asylo.»
Segue o chefe europeu do velho os passos;
Com elle vai o interprete, e apoz elles
Caminham Marcoussy, Morgan, Fieschi,
E os mais abalizados filhos do Ebro.
Tóma tudo um ser novo ante seus olhos:

Os fructos, e animaes n'aquelles bosques,
Carregadas as arvores de incenso,
Nada tem que arremede os campos nossos;
O sol espraia ali fulgor mais vivo.
Se da planicie aérea o leve bando
Do alambre, e do rubi lá veste as cores,
Seus desabridos sons a orelha offendem,
Não sabem, philomela, o teu gorgêo.
  Lá vive o colobri, lá tem seus ninhos
Ave, cuja plumage em nossos climas
De Réaumur por arte inda é formosa.
Selvático animal n'aquellas plagas
Do homem gosa o valor, feições, destreza;
O alóes em cada seculo florece
Com grande estrondo ali, e o povo indiano,
Que um leite nutritivo extráe do côco,
De uma folha em vapores a perguiça
Costuma embriagar. Serve á molleza
Do algodoeiro o fructo; entre os manjares
Saboroso cacáo lhe suppre o nectar.
O ananaz, o cajú, e o mangue, e o cedra
As brandas virações aromatizam:
Com mil nomes ali, não só com estes,
Deusa das flores, Zéphyro embellézas.
  Ledos os hespanhóes, de bosque em bosque
A voz consultam do Nestor que os guia.
Em meio de seus fructos, aves, sombras,
De tão novos objectos, e tão varios
Elle a virtude, os prestimos ensina
Ao pasmado europeu, que o ouve, e o segue:

Se o velho devagar dirige os passos,
O que exprimindo vai resume o tempo.
De altos pinhos á sombra emfim se avista
A porta da selvática vivenda.
De enfadosos insectos ignorada
Esta aprazivel gruta, aos olhos deixa
Gostar sem turbação calados somnos.
De Apollo os raios pelo cimo aberto
Dos muros no alabastro a luz desparzem.
Este amplo abrigo os seculos cavaram;
A equidade, a candura, a paz o escudam,
E unico esmalte é seu gentil donzella,
Que ao velho amavel a existencia deve.
Nua, qual Eva está: sua innocencia,
Egual á de Eva, sem pudor aos olhos
Offrece encantos seus, lhe é véo mimoso:
As Graças não conhece, e estão com ella.
Outro atavio algum lhe não consentem
Do que a plumage azul com que lhe abrangem
A candida cintura: é mais formoso
Este adorno, porém, que o de Acidalia:
O objecto, em que reluz, seu preço ignora.
Livres madeixas mollemente ondeam
No seio virginal, por onde apenas
Os thesouros de amor vem apontando,
Que ainda não crestára o patrio clima.
Dos hespanhóes o numero, a presença
No tenro coração lhe infunde assombro,
Nos olhos divinaes lhe pinta o medo,
E as delicadas mãos, que elegem fructos,

Um momento, a tremer, suspensas ficam.
« Não temas (diz o páe) Zamá, não temas.
Filhos dos céos, dos mares, ou do acaso,
Estes entes, que vês, sem perturbar-nos,
Hão de participar d'esses manjares
Que para mim dispões com arte, e gosto.
« Eis de palmeiras em tecida casca
A seccos peixes acompanham aves:
Torquazes pombos vem, e os dons de Ceres
Tu, fecunda banana, ali compensas.
A indiana mocidade, o velho, a filha,
E a turba dos ibéros, assentados
De pavilhão grosseiro á grata sombra,
No banquete frugal têm todos parte,
E n'abundancia a precisão se alegra.
A reinar começava entre os convivas
Amiga confiança, o bem que apura
Depois de longo tracto os gostos nossos.
Apenas a vital necessidade
Seus desejos fartou, sempre admirado,
O bom páe de Zamá, o ancião benigno,
Que pelo hospede seu de si se esquece,
C'os olhos em Colombo, assim lhe fala:
(O interprete ao heróe diz o que escuta.)
« Charo estrangeiro, cujo nobre aspecto,
Cuja doce eloquencia me annuncia
Que a tua geração provêm dos numes;
Vendo que ás precisões da humanidade
Te submette o destino, eu me atrevêra
Dos homens entre o numero a contar-te,

Se acaso nossos páes por seus maiores
Não soubessem que, sós em todo o mundo,
Os unicos senhores somos d'elle.
«Gerados pelo Sol no terreo seio,
Dia, e dia apressâmos seu regresso
Com votos, e com supplicas; sentimos
Que só por seu fulgor tudo respira.
Acatam-lhe o poder da noute os lumes,
A luz dos raios seus absorve os astros.
Ethereas flammas, que nos ares vemos
Tantas vezes caír, foram, por dita,
Principio de teu ser? Vens d'esses mundos,
Aonde por incognitos caminhos
A morte nos conduz, e onde sem conto
Mulheres divinaes o gosto encantam?
Os fructos, as delicias, os liquores
D'aquelles formosissimos logares,
Dando-te por ventura essencia nova,
Entre nós as feições tornou discordes?
Expõe-me os fados teus, dize que meios,
Que assombros, que mysterios te hão guiado
Por entre os ares á terrena estancia?
Tua sabedoria, e teus desastres
Me commovem, me attráem; recente affecto
Me interessa por ti, por teus destinos.»

FRAGMENTO

Do Poema «o Merito das Mulheres» de Legouvé, Canto I.

Juvenal, que em seus versos vale Horacio,
Boileau, que restitue os dous ao Pindo,
N'um sexo de virtude, e graça ornado
Fero carcaz satyrico exhauriram:
Vou inda áquem de vós, oh genios grandes;
Mas audaz defensor de um sexo, que honro,
Opponho o encanto d'elle á furia vossa:
Canto dos homens a melhor metade.
Depois que da profunda, immensa noute,
Em que dormiam sóes, dormiam mundos,
Um Deus, os céos chamando, o mar, e a terra,
Alçou montanhas, estendeu campinas,
As florestas c'roou de verdes comas,
E fez o racional (seu mór portento)
Espectador do espectaculo sublime, —
A belleza creou; — depois mais nada:
N'aquelle assombro um Deus parar devia,
E a suprema invenção que mais fizera?
Rosto celeste, onde a innocencia córa,
Olhos, e labios, que chorando, e rindo
Doce tumulto nos sentidos movem;
Trança de anneis subtis, brincando em ondas,
Collo de amores, halito de rosas,

Véo transparente, que a existencia envolve,
E de que um vivo sangue, um sangue puro
Matiza em longos, azulados fios...
. . . .

FRAGMENTO

De um Poema sobre a Arte Graphica.

A POESIA será como a pintura,
A pintura será como a poesia;
Ambas eguaes, irmans se representam,
Officios, nomes entre si revezam:
A pintura se diz « muda poesia, »
A poesia se diz « loquaz pintura. »
O que ouvidos attráe poetas cantam,
Cabe aos pintores o que enleva os olhos:
O que versos desluz, pinceis desdoura.
As formosas rivaes, em honra aos deuses,
Transpondo céos e céos, entram de Jove
Nos sempiternos paços: lá desfructam
A presença dos numes, e a linguagem:
Attentam n'uma, n'outra, e vêm com ellas,
E influem nos mortaes a etherea flamma,
Que rutîla em seus quadros. Já vagueam
Com émulo fervor pelo universo;
N'elle o que é digno d'ellas vão colhendo,
Revolvem tempos, tempos investigam,
D'onde objectos extráem, quaes lhe relevam,
Que na terra, no mar, no céo mereçam
(Seja por accidente, ou por nobreza)
Ir durando entre os seculos vorazes;
Vasto assumpto ao pintor, vasto ao poeta,

Rico aos dous! Vão d'ali soar no mundo
Com fama vividoura ingentes nomes:
Magnanimos heróes d'ali resurgem
Com gloria, que dos tempos se não teme,
E d'um e d'outro artifice os portentos
Apostam duração co'a eternidade:
Tanto honrais, e podeis, artes divinas!
O coro das Piérides, e Apollo
Não tenho que invocar, para que altêe
Em verso majestoso as phrases minhas,
E agracie expressões, e as abrilhante
Em obra, que dogmaticos preceitos
Sómente envolve, e que requer sómente
Succinta locução, perspicua, facil:
O lustre do preceito é a clareza;
Contente de ensinar, o adorno escusa.
  Não do artifice as mãos ligar desejo,
Que só rege o costume, e não me é grato,
Que as forças naturaes se embotem n'alma:
Co'as muitas normas arrefece o genio.
Quero que Arte potente a pouco, e pouco,
De idéas, e de cousas fornecida,
Se aggregue á Natureza, ao genio passe,
E por elle a verdade insinuando,
Lá se naturalize, á força de uso.
Primaria, insigne parte é da pintura
O melhor distinguir, que a natureza,
Creou para os pinceis conveniente,
E isto conforme o gosto, e modo antigo.
Barbaridade temeraria, cega,

D'elles sem o favor, desdenha o bello,
Arte, que ignora, denodada insulta;
Porque estimar não póde o que não sabe,
D'aqui nasceu dizer-se entre os antigos:
« Ninguem mais atrevido, e mais insano,
Do que pintôres maus, e maus poetas. »
Para amar, conhecer é necessario;
Deseja-se o que se ama, o gosto o busca,
Buscando-o com fervor, por fim o alcança.
Não presumas porém que dê o acaso
As graças, que te cumprem. Bem que sejam
Naturaes, verdadeiras, muitas vemos.....
....

FRAGMENTO

Do Poema Epico «Fingal» attribuido a Ossian.

De Tura junto aos muros assentado,
E ao fresco abrigo de inquietas folhas,
Estava Cuculin. Perto da rocha
A lança lhe jazia, ao pé o escudo;
Tinha no gran Cairba o pensamento,
Cairba, que vencêra: eis lhe apparece,
Explorador do tumido Oceano,
Moran, prole de Titi. « Ergue-te (disse),
Ergue-te, Cuculin. Branquejam velas
De Swaran; o inimigo é numeroso,
Mil os heróes do mar. » — « Tu sempre tremes,
Prole de Titi (o chefe lhe responde)
Azul nos olhos, e esplendor de Erina;
Com teu medo os contrarios multiplicas;
O rei será talvez das ermas serras,
Que vem trazer-me auxilio. » — « Oh! Não (replica
O nuncio do pavor) qual torre avulta
Swaran, ou qual de gelo alta montanha;
Eu o vi; quasi egual áquella faia,
É a lança do heróe: nascente lua
O seu pavez parece. Em duro escolho
Sentado estava, e similhante em face
A columna de nevoa. — « Oh tu, primeiro
Entre os mortaes (lhe disse) a que te afoutas?

São muitas nossas mãos, e em guerra fortes;
Chamam-te com razão possante, invicto;
Porém mais de um varão da excelsa Tura
Ostenta esforço e gloria.» — «Oh (me responde
No tom de onda desfeita em ardua rocha)
«Quem me simêlha? Heróes não me resistem,
Meu braço os prostra. Só Fingal, somente
O gran rei de Morwen afrontar póde
As forças de Swaran. Luctámos ambos
Nos prados de Malmor. Tremêram bosques
Ao movimento nosso, e vacillaram
Da raiz despegados os rochedos;
Rios fugiram do combate horrivel,
As correntes de medo extraviando:
Tres dias combatêmos, descançámos,
Volvêmos á peleja. Ao longe os chefes
De olhos fitos em nós estremeciam.
. . . .

FRAGMENTO ULTIMO.

Pezavam sobre a terra os ferreos tempos:
Da virtude priméva um só vislumbre,
O minimo fulgor por entre as sombras
Da geral corrupção não reluzia:
No seio enorme da reinante infamia
O Averno com seus monstros se acolhêra,
E d'ali, vaporando atrocidades,
O mundo transformava em novo inferno;
Inda illéso porém jazia o globo
Das mais tremendas culpas, inda estava
Das maldades o numero imperfeito.
Cinco ministros horridos de Pluto
Crêram que seu terrivel ministerio,
Usado a embrutecer no crime os homens,
Cumpria alçar-se da impiedade ao cume.
Ante o solio de ferro, onde negreja
O deus das maldicções, o deus da morte,
Seus projectos expõem, licença rogam,
E á negra execução se deliberam:
Pelo estygio tropel bramando rompem,
Com duros encontrões a turba espancam,
Correm á bronzea porta: eil-os no mundo,
E o mundo em convulsões, e o polo os sentem,
De clima em clima se derramam logo,
Ao nunca visto horror dão prompto effeito,
E no abysmo infernal depois baqueam.

« Monarcha tenebroso (exclama um d'elles
Ao fero, que sedento está de ouvil-os)
O plano executou-se: a natureza
Mais não póde aviltar-se: é já quaes somos!
Ouve, e decide quem merece a palma
No desempenho atroz da iniquidade:
Eis o mal, que dispuz, e o que hei cumprido.
Nas amplas margens do orgulhoso Euphrates
Prole de ternos páes, mimosa, e linda,
Zelina, de tres lustros enfeitada,
Zelina em flor, tão virgem, como a rosa,
Antes que algum dos Zéphyros a engane,
Lanosas ovelhinhas côr de neve,
Mansas, como a virtude, ou como a dona,
Em viçoso retiro apascentava.
O riso no semblante, e n'alma o riso
Trazia a bella, conhecendo apenas
O crime pelo horror, que tinha ao crime:
Ignorava paixões; eram sómente
Amores seus as cordeirinhas suas.
N'um seculo de infamias, de torpezas,
Tão doce candidez olhei com pasmo,
E, quasi em mim domado o tôrvo instincto,
Ia depondo a raiva, ia esquecendo
Minha essencia, meu voto. Eis indignado
Da vil indecisão, requinto as furias,
No remorso, no pejo, e sou mais monstro.
Acaso a florea estancia, onde Zelina
Na face resumido o céo pintava,
Errante passageiro ia cruzando

De membros gigantêos, melena hirsuta:
Á virgem olha, extatico a medita,
Duvida se é mulher, se é divindade,
E n'um suspiro um sacrilegio teme;
Que idéas de algum nume inda lhe restam.
  Eu, que attentava no amoroso effeito,
Igneos desejos subito lhe entranho,
Insoffridos, brutaes, e audacia, e furia,
Que o mimo, a graça virginal profanem,
Qual Euro, que em tufões desenfreado,
A bonina gentil das folhas despe,
Lhe esperdiça o perfume, a tez desbota.

. . . .

ANNOTAÇÕES AO TOMO IV.

PAGINA 5 — ELOGIOS.

« INJUSTOS detractores de Bocage censuram as suas producções d'esta
« ordem, como se os defeitos proviessem do auctor, em quanto elles
« descendem do ridiculo genero. Tanto é menos merecida a censura,
« quanto Bocage era o proprio que reconhecia o falso e ridiculo de
« similhantes peças, como frequentemente dizia.... » (O sr. Casti-
« lho na « Livraria Classica, » tom XXIV, nota a pag. 106.)

« Mas o certo é serem todos esses, admiraveis versos, retratando
« animadissimos o pensamento do auctor, e que, escriptos de um só
« tiro, por essa mesma alcunhada negligencia nos transportam intei-
« ros ao espirito do poeta. » (Idem — pag. 127.)

PAG. 8 — ELOGIO I.

Os quatro versos, que vão marcados com asteriscos, são, como já advertiu o proprio Bocage, extraídos do poema « Os Jardins » de Delille, no canto II. — Eis aqui o original francez:

La rose apprend á naître au milieu des glaçons.

Là, le oiseau, quand la terre ailleurs est dépouillée,
Vole, et s'égaie encor sous la verte feuillée,
Et trompé par les lieux ne connoit plus les temps,
Croit revoir les beaux jours, et chante le printemps.

PAG. 10 — ELOGIO II.

Não consta que este monologo (cujo autographo temos em nossa mão) chegasse a ser recitado em algum dos theatros na fórma em que vai aqui inserto. Parece que, dando-se por menos satisfeito de sua contextura, o auctor julgou comtudo que lhe convinha aproveital-o parcialmente. Dividiu-o por tanto em duas partes: os versos

1 a 14 vieram a servir-lhe depois, postoque sensivelmente alterados, para introducção de outro elogio, que em 1801 dedicou ao natal da sr.ª infanta D. Isabel Maria (vid. no presente vol. a pag. 55): — e do resto, que então conservou, fez, tambem com algumas transposições e additamentos, o que já deixamos transcripto a pag. 7 e seguintes.

Tivemos por necessaria esta advertencia, para que alguem menos attento nos não leve á conta de descuido, ou tome por mera e ociosa repetição a inserção d'esta peça; que talvez deixariamos de parte, se não andasse já impressa desde 1812 no tomo IV das Obras de Bocage, publicadas por Marques Leão.

Pag. 15 — Elogio III.

Unido em aureo vinculo á virtude,
Aos mil encantos de heroina augusta, etc.

Estes versos referem-se a D. Carlota Joaquina, então princeza do Brazil, e esposa de D. João VI. — Vej. tambem á mesma o elogio X, a pag. 43.

Pag. 16 — Elogio IV.

José Agostinho havia particularmente em vista este «Elogio» (que em 1801 se imprimíra em folha avulsa) quando na sua primeira satyra, com que provocou a «Pena de Talião» dizia a Bocage: —

Nada mais sabes dar; ficas qual foste
Secco, infecundo, caranguejo em versos.
São em ordem retrógrada já lidos
Versos, que urdido tens, depois que o estro
Deixaste nas gangeticas ribeiras;
Deslocados fogachos, que não sabem
Colligar-se entre si. —

Ainda na «Carta de um páe para seu filho» a pag. 22 voltou á carga, insistindo nas mesmas accusações, e produzindo em abono d'ellas novas provas a seu modo. Ahi apresenta um trecho da propria «Pena de Talião», que em verdade se presta a ser lido indistinctamente, quer na ordem directa, quer na collocação retrógrada. Cabe-nos porém redarguir-lhe com a judiciosa e triumphante coarctada do sr. Castilho: — «Lêa-os Macedo como quizer, que serão sempre bellissimos versos» — applicando a este senão de Bocage o dictame do legislador do Parnaso francez:

Son style impétueux souvent marche au hasard:
Chez elle un beau désordre est un effet de l'art.
(Boileau, *Art. Poet. Cant. II, v.* 71 *et* 72.)

PAG. 29 — ELOGIO VII.

Temos em nosso poder um autographo do presente elogio, onde se observa consideravel differença do impresso. Em vez dos primeiros cinco versos, que servem n'este como de introducção, lêem-se n'aquelle os seguintes:

> Estrellas, ouro eterno, eterno esmalte,
> Luzeiros perennaes do throno immenso
> D'onde o querer de um Deus promulga os fados!
> Astros, de que os visiveis são reflexos,
> O semi-deus de Lysia a vós se deve,
> Sua alma se compoz de effluvios vossos.
> Sorria-se na terra o mez das flores, etc.

PAG. 29 — IDEM.

> O claro fundador do luso imperio,
> Dos altos promontorios a saudade, etc.

São visiveis n'este logar as reminiscencias da oitava 84 do canto III dos «Lusiadas»:

> Os altos promontorios o choraram;
> E dos rios as aguas saudosas
> Os semeados campos alagaram,
> Com lagrimas correndo piedosas:
> Mas tanto pelo mundo se alargaram
> Com fama suas obras valerosas,
> Que sempre no seu reino chamarão
> «Affonso, Affonso» os éccos; mas em vão.

PAG. 50 — ELOGIO XII.

Grandes foram os testemunhos do regosijo publico, que em Lisboa produziu a agradavel noticia da conclusão do tractado definitivo de paz celebrado com a republica franceza aos 29 de Septembro de 1801, seguido logo depois de outros similhantes entre aquella nação, e os governos de Inglaterra, da Russia, e da Turquia. Estas convenções, desarmando todas as potencias belligerantes, deram por um momento a paz geral á Europa. Os nossos vates festejaram, como de costume, o acontecimento. Além de muitas poesias, publicadas avulsamente, imprimiu-se na officina do Arco do Cego um pequeno folheto de quarto, com o titulo de «Tributo de Gratidão, que a Patria consagra a Sua Alteza Real o Principe Regente.....» Ali se incorporaram versos de Bingre, Macedo, Joaquim Severino, etc. etc. al-

lusivos todos ao assumpto; e entre elles esta composição de Manuel Maria, que pela sublimidade de pensamentos, elegancia do estylo, e correcção do metro devia bem merecer a primazia entre todas. Por nossa parte confessamos ter adquirido uma notavel predilecção por esta peça, que na infancia decorámos. Póde ser que essa circumstancia concorra para realçar até certo ponto o merito, talvez exaggerado, que attribuimos a esta poesia.

Pag. 51 — Idem.

. . . . A gran Germania,
Que outr'hora as legiões sorveu de Roma,
Forçando o seu tyranno a dó pezado.

Allude ao completo destroço, que na Alemanha soffreram as tropas romanas commandadas por Varo, no anno 9.º da nossa éra. Augusto ao receber a nova d'este impensado desastre, vendo ameaçadas de perto a segurança e estabilidade do imperio, rompeu nas mais excessivas demonstrações de sentido pezar. Veja-se Suetonio (in Vit. Aug. cap. XXIII), que com a sua habitual ingenuidade apresenta o quadro resumido do successo, e das suas consequencias. — « *Adeò namque consternatum ferunt* (diz este historiador) *ut per continuos menses barbâ capilloque summisso, caput interdùm foribus illideret, vociferans: Quinctili Vare, legiones redde; diemque cladis quotannis moestum habuerit ac lugubrem.* »

Pag. 55 — Elogio XIII.

Este elogio (como d'elle se vê, e o poeta nos declara) é na sua maior parte imitado, postoque livremente, da ecloga IV. de Virgilio.

Veja-se o que dissemos n'estas annotações a pag. 351.

Pag. 56 — Idem.

Dourou a alma de Julio o céo de Roma.

Veja-se no presente volume a pag. 281. —
« Esta imagem está usurpada por certa poesia mais moderna. » (*Nota de Bocage.*)

Pag. 61 — Elogio XIV.

Mas tu, Plauto do Sena, eximio vate.

Será por ventura ocioso indicar que esta apostrophe se dirige a Moliere, cujo busto foi no anno de 1778 collocado na sala da aca-

demia franceza, com a conceituosa, e tantas vezes citada inscripção —

Rien ne manque a sa gloire, il manquoit a la nôtre?

PAG. 64 — IDEM.

A outras, do *renome* alheio escassas.

« Não é gallicismo; acha-se na » Malaca Conquistada », e em outros auctores de boa nota. » (*Nota de Bocage.*)

PAG. 67 — ELOGIO XV.

Julgastes ver surgir da morta edade
A esposa de Raul. . . . .

« Raul, ou Rodolpho de Vitri, protogonista na tragedia do « Escravo » composição de Camillo Frederici. » (*Nota de Bocage.*)

PAG. 69 — ELOGIO XVI.

Nas annotações ao tomo I a pag. 396 dissemos alguma cousa ácerca de Antonio José de Paula. A sua carreira theatral datava de longo tempo, visto que já em 1768 o encontràmos fazendo o papel de *segundo galan* na comedia « O Tartuffo » posta n'esse anno em scena no theatro do Bairro-Alto.

Por lhe dizerem respeito, e por interessarem a curiosidade de alguns leitores, que acaso tenham dirigido, ou venham a dirigir suas investigações para a historia do theatro portuguez, daremos aqui publicidade a dous documentos, que com varios outros trasladámos (mediante a devida permissão) de fontes genuinas, e authenticas.

É o primeiro um aviso do intendente geral da policia Diogo Ignacio de Pina Manique, para o juiz do crime do bairro d'Andaluz, no qual lhe ordena a captura de Antonio José de Paula, nos termos seguintes:

« Vm.ce logo sem perda menor de tempo, ordenará aos empreza-« rios da rua dos Condes, que não representem a actual comedia, « que tinham em scena, e pôrem outra qualquer em seu logar: fa-« zendo ír á cadêa Antonio José de Paula, o qual ficará com assen-« to á minha ordem na mesma cadêa, e me dará conta de o ter as-« sim praticado; e informar-me-ha vm.ce o motivo que teve de « me não ter dado parte, vendo que a mesma comedia atacava dire-« ctamente a nobreza, e influìa nos filhos-familias idéas baixas, e « infames, d'aquellas que os chamados desabusados se servem para « os seus fins. = Deus guarde a vm.ce. Lisboa 4 de Janeiro de 1800. = « Diogo Ignacio de Pina Manique — Sr. Pedro Antonio Bernardes « da Matta. »

Estamos certos de que muitos nos acompanharão no desejo de saber qual fosse a comedia, que provocou em tão subido grau as iras do magistrado: porém é-nos impossivel satisfazer-lhes a curiosidade, quanto a este ponto.

O segundo documento é uma informação do mesmo intendente para o ministro d'estado D. Rodrigo de Sousa Coutinho, dada sobre um requerimento em que Antonio José de Paula, regressado do Porto, e já novamente emprezario do theatro da rua dos Condes, pretendia licença para a representação no tempo quaresmal das chamadas « Oratorias. »

«Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. = O Principe Regente nosso senhor me « mandou entregar o requerimento incluso, de Antonio José de « Paula & Companhia, emprezarios do theatro nacional da rua dos « Condes, em o qual pretendem licença para na quaresma pôrem « no mesmo theatro algumas oratorias, as quaes comprehendem al- « guns casos mais notaveis da escriptura sagrada, em que se mani- « festa e patentêa a grandeza de Deus senhor nosso, ou pelos seus « prophetas, ou pelos sanctos heróes escolhidos para encherem os ef- « feitos da sua ineffavel providencia.

« Ponho tambem nas mãos de v. ex.ª outro requerimento, que « ao Principe Regente nosso senhor egualmente faz Jeronymo Cres- « centini, emprezario do real theatro de S. Carlos, em que preten- « de tambem a mesma licença: cujo requerimento entregou o princi- « pe Augusto Frederico.

« É certo que no principio do reinado da Rainha nossa senhora, « e no do senhor Rei D. José o I, que Deus chamou á sua sancta « gloria, permittiram suas majestades estas licenças aos emprezarios « que lhes requereram, sendo as obras, antes de se pôrem em scena, « examinadas por censores dos mais habeis, para as poderem corregir, « pois não se póde duvidar que em quanto o povo se entretêm n'es- « tes theatros, não frequenta as casas de café, nem de bilhar, e as- « sembléas, conversando no que lhes não importa: evitam os jogos, « com que ás vezes se arruinam, e outros entretenimentos, em que « se precipita a mocidade. »

« V. ex.ª levando á real presença do Principe Regente nosso se- « nhor os dictos requerimentos, me insinuará a real resolução do « mesmo augusto senhor, para eu poder deferir aos supplicantes. — « Deus guarde a v. ex.ª Lisboa 1.º de Fevereiro de 1802. — « Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho. — Diogo « Ignacio de Pina Manique. »

PAG. 72 — IDEM.

E tu, que attento ás leis, á patria, á gloria,
De Astréa imparcial cultor, e alumno,
O publico repouso estás velando, etc.

Pedro de Mello Breyner (a quem se dirige esta apostrophe) era então governador das justiças da Relação e Casa do Porto, a que havia sido promovido por carta régia de 5 de Maio de 1800. Serìa superfluo tudo o que pretendessemos narrar d'este nobre e respeitabilissimo portuguez (falecido nas masmorras da torre de S. Julião da Barra aos 29 de Dezembro de 1830, com 79 annos de edade) cujas acções e soffrimentos se acham concisa, e verdadeiramente historiados no seu «Elogio» publicado em 1834, na Imprensa-Nacional, devido, segundo consta, á bem aparada penna do sr. Francisco de Paula Villas-boas, actual governador civil do districto de Beja.

PAG. 72 — IDEM.

Mais guerra que tributo ao rei dos mares.

Este verso é clara, e confessada imitação do

. . . . Pare
Che guerra porti, e non tributo al mare.

(Tasso, *Gerusal. Lib. Cant.* IX. *est.* 46.)

PAG. 73 — ELOGIO XVII.

Se as inducções, que temos colhido, podem ter-se por verosimeis, afigura-se-nos que este monologo foi escripto para um Francisco Manuel Madeira, actor mediocre, que no tempo em que ás mulheres era defeso o ingresso no palco scenico, desempenhou soffrivelmente por alguns annos nos theatros da capital os papeis secundarios de *lacaia* de comedia, e de *confidente* na tragedia.

PAG. 73 — IDEM.

Requintado artificio além da meta
Tentava da illusão levar o imperio: etc.

A reacção, que systematicamente se declarou no começo do reinado de D. Maria I. contra idéas, principios, e instituições protegidos, ou tolerados no reinado precedente, abrangeu tambem os theatros, como era d'esperar. Aquella senhora, logo depois da sua exaltação ao throno, levada por estimulos de consciencia, ou pelos impulsos de uma devoção, que muitos têm qualificado de nimio-exaggerada, entendeu que lhe cumpria dar ouvidos ás queixas, e clamores dos que incessantemente lhe pintavam o theatro como um foco de immoralidade, e de corrupção dos costumes, apoian-

do suas reclamações no procedimento menos ajustado, talvez escandaloso, de algumas actrizes. O alvitre, que se apresentou por mais adequado, e efficaz para cortar o mal pela raiz, foi o de supprimir *in limine* todos os espectaculos dramaticos. Mandaram-se fechar os theatros, que existiam, e a prohibição continuou a ser rigorosamente observada até 1780.

N'esse anno porém, á força de rogos, empenhos, e protecções conseguiu-se modificar até certo ponto a imbecil severidade de uma lei, que mal podia subsistir sem tornar os que a supportavam alvo permanente de irrisão aos olhos da Europa civilisada. Permittiu pois o governo a abertura dos theatros; mas com a clausula expressa de que as mulheres não entrariam sob pretexto algum nas companhias dramaticas; e que os papeis do seu sexo seriam desempenhados por individuos masculinos. O que alguem duvidaria acreditar, se o não visse comprovado por testemunhos irrefragaveis, é que na resolução, que o governo tomou de affrouxar a este respeito no seu primeiro rigor, intervieram por muito os conselhos e solicitações do intendente Manique. Entre os documentos inedictos que possuimos, e de que acima fizemos menção, ha um, que assim o confirma; pelo que, e por envolver noticias assás curiosas para a historia do nosso theatro, passâmos a transcrevel-o na sua intergra, postoque seja algum tanto extenso, pedindo por isso venia aos leitores.

É uma informação dirigida pelo intendente ao ministro do Reino, sobre o requerimento em que o emprezario e dono do theatro da rua dos Condes, a esse tempo fechado, solicitavam a permissão de o abrir.

« Senhora : — Paulino José da Silva, emprezario, e Henrique da « Silva Quintanilha, dono do theatro da rua dos Condes, preten- « dem que vossa majestade lhes conceda faculdade de poderem ex- « pôr ao publico algumas peças comicas, e tragicas, representadas « por homens; allegando para este fim as avultadas despezas que « têm feito no referido theatro, do qual estão pagando decima a « v. majestade; e allegando egualmente que os gloriosos ascenden- « tes de v. majestade, o senhor D. João V, e o senhor D. José I, « frequentavam e assistiram muitas vezes áquellas representações, « approvando com a sua presença aquelle acto, que em nada se op- « punha aos bons costumes.

« Passei ao exame do conteudo no dicto requerimento, e achei « verdade que o supplicante emprezario na intelligencia que lhe « bastava a licença do Senado da Camara, gastou n'aquelle theatro « agora de proximo um conto e dozentos mil réis pouco mais ou « menos, cuja somma lhe fica de todo perdida se não alcançar a fa- « culdade que pretende; e egualmente o supplicante dono, que é « um traficante de bem limitados cabedaes.

« Quanto porém á representação : é bem verdade que os sanctos « padres dos primeiros seculos da egreja prohibiram aos catholicos

«a assistencia dos theatros, excommungando, e anathematisando «aquelles, que esquecidos das admoestações se apresentavam nos es-«pectaculos: mas este rigor, então bem fundado, já hoje não tem «logar. Os gregos d'aquelle tempo eram summamente obscenos. «Elles não eram mais que umas satyras mordazes, representadas «com gesticulações tão desenvoltas e libidinosas, que em logar de «moverem o amor da virtude, faziam pelo contrario o vicio mais «appetitoso. Clamavam os sanctos padres, e com justa razão, por-«que uns taes espectaculos não só eram contrarios aos dogmas da fé «catholica, mas até ás leis da razão, e da natureza. Foram-se modi-«ficando estas representações, e ao mesmo passo foram diminuindo «as queixas dos sanctos padres, e hoje já vêmos de todo emmudeci-«das as declamações que se faziam, depois que se vê a modestia e «decencia com que se adorna o theatro, pelo que respeita ao sce-«nario, e vestuario; depois que os dramas não têm outro fim mais «que escarnecer o vicio, influindo nos animos com suavidade e ale-«gria o amor da virtude; depois que se vê n'elles pintada com as «cores mais ridiculas a ambição, a avareza, a preguiça, a gula, e «toda a maldade; e louvada e engrandecida a misericordia, a hu-«manidade, o amor do proximo, e tudo que compõe um varão per-«feito: depois, finalmente, que se tem conhecido que o theatro é a «eschola da moral, reprehendendo o vicio.

«Os politicos mais celebrados da Europa chegam até a julgar «preciso, e necessario nas cortes um egual divertimento, para se «entreterem innocentemente aquelles individuos que, faltando-lhe, «empregariam o tempo da sua ociosidade em commetter grandes cri-«mes, em prejuizo da tranquillidade publica, e em desprezo da san-«cta e respeitavel religião catholica romana. Sirvam d'exemplo as «cortes de Madrid, que tem actualmente dous theatros; na de «Paris ha tres; em Veneza septe; Parma tem dous; e até o em-«porio do mundo, a cabeça de toda a egreja, a respeitavel Roma «tem cinco: e postoque o summo sacerdote na faculdade que per-«mitte áquelles theatros não é como principe, e cabeça da egreja, «mas sim como potentado secular, é certo a não permittiria, se se «encontrassem com a auctoridade dos sanctos padres, ou destruis-«sem os bons costumes. Até nas proprias religiões, onde os homens «são todos dedicados ao serviço de Deus poderoso e omnipotente, «se permitte para refrigerio, em tempo a que chamam carnaval, «que representem algumas eruditas peças, que, divertindo os espe-«ctadores, lhe influem a moral.

«Por todos estes motivos me parecem os supplicantes dignos da «graça que pretendem, muito principalmente sendo as representa-«ções todas feitas por homens, com o que não pode haver receio «de que aconteçam aquelles disturbios, que são infalliveis quando «se dá um grande ajuntamento de pessoas de ambos os sexos. E «para cortar qualquer abuso que se possa introduzir, será preciso «que, debaixo de qualquer pretexto que se allegue, se não con-

« sintam mulheres algumas para dentro das portas do theatro da
« representação, bastidores, e casas de scenario, e vestuario; e que
« nos camarotes não haja cortinas, nem se consintam mulheres mere-
« trizes, que vão servir de escolho á virtude: e que as peças comi-
« cas, e as mais da representação sejam primeiro vistas, e exami-
« nadas no tribunal da Meza Censoria, para serem purgadas no que
« respeita á religião e bons costumes. Com estas cautelas, que farei
« executar com toda a exacção, por serem os theatros, e a sua eco-
« nomia um dos objectos de policia, me parecem os supplicantes
« dignos da graça que pretendem.

« V. majestade porém mandará o que for servida. Lisboa 15 de
« Dezembro de 1780. — Diogo Ignacio de Pina Manique. —

Pag. 91 — Elogio xxiii.

Do miserando auctor nos olhos tristes
Eterna escuridão pousou mais cedo.

O drama « Nuno Alvares Pereira » a cuja representação serviu
« de prologo este elogio, era obra de Thomás Antonio dos Sanctos e
« Silva, compatriota e amigo de Bocage. Este poeta, que havia per-
« dido a vista poucos annos antes, tinha-se recolhido ao hospital de
S. José, e ahi passou os restantes da sua vida, até que no de 1816
faleceu a 19 de Janeiro, contando pouco menos de sessenta e cinco
d'edade.

O conceito, que Bocage d'elle fazia como poeta, e a dedicação
que lhe tributava como amigo, acham-se bem explicitamente pro-
nunciados nos sonetos, que vão a pag. 296, 297, e 310 do tomo I
d'esta nossa edição. Vejam-se tambem as annotações ao mesmo
tomo, a pag. 393.

Sanctos e Silva póde contar-se como um dos mais fecundos, e talvez o
mais original entre os poetas do seu tempo. Cultivou com maior,
ou menor successo quasi todos os generos de poesia, em que nos dei-
xou bastantes monumentos, que lhe afiançam uma gloria perdura-
vel. Haja vista aos seus poemas « Brasiliada » e « Sepultura de Les-
bia » — á sua tragedia « D. Sebastião em Africa » — ao seu cantico
« Á Primavera » — e a uma infinidade de sonetos, que na opinião
dos criticos mais assisados e imparciaes, são tidos por pouco inferio-
res em merito aos do proprio Bocage. Notam-se-lhe, é verdade, al-
gumas desigualdades de estylo, muitas impropriedades, e menos
pureza de linguagem; mas estas manchas devem razoavelmente at-
tribuir-se ao seu desgraçado estado physico, e ás circumstancias pe-
culiares da casa em que vivia, privado até da convivencia de ami-
gos illustrados, com quem podesse aconselhar-se convenientemente,
para melhorar e corregir as suas composições. Muito foi que com tão
escassos meios subisse a tanto.

PAG. 95 — ELOGIO XXVI.

Tu, magnanimo Silva. . . . .

José Luis da Silva, negociante da praça de Lisboa, era n'este anno o juiz do cirio.

Tu, moral copia d'elle, amavel Serva.

Manuel José da Silva Serva, tambem negociante da mesma praça.

PAG. 113 — A VIRTUDE LAUREADA.

Este drama, uma das ultimas composições de Manuel Maria, feita já sobre o leito da morte, foi publicado juntamente com outras poesias suas, e alheias, em um pequeno folheto de outavo, impresso em 1805 sob os auspicios de Fr. José Marianno da Conceição Velloso, a quem o poeta o dedicou (Vej. no tomo III a epistola XXVI.) — Saiu n'essa edição precedido da seguinte advertencia, que julgâmos dever transcrever, até porque d'ella se collige com evidencia o modo como Bocage ajuizava d'esta especie de poemas, tão cultivada então por moda, quanto se acha hoje completamente esquecida.

«Seria injustiça exigir o desempenho de todos os preceitos dra-
«maticaes em uma composição d'este genero, cujo merito es-
«sencial é aprazer aos olhos por meio do espectaculo, e varie-
«dade das scenas.»

PAG. 119 — IDEM.

Luceno, o zelador dos sãos costumes, etc.

O desembargador do paço Lucas de Seabra da Silva, que o poeta designa sob o nome de Luceno, e em cujo applauso compoz esta peça, exercia então o importantissimo cargo de intendente geral da policia da corte e reino. Havia sido para elle pouco antes nomeado, em consequencia do falecimento de Diogo Ignacio de Pina Manique (a 30 de Junho de 1805.) — Os versos

Em piedoso recinto abriga, instrue
A puericia, que em flor dispõe ao fructo,

alludem ao philantropico estabelecimento da Casa Pia de Lisboa fundada em 1780 pelo intendente Manique, com approvação da rainha D. Maria I, e erecta no castello de S. Jorge. A sua admi-

nistração e superintendencia foi, e continuou a ser durante muitos annos, commettida aos intendentes geraes da policia. D'este estabelecimento se colheram consideraveis vantagens, educando-se ali muitos individuos, que depois illustraram a nação com seus progressos nas sciencias, e nas artes.

Pag. 149 — Metamorphose I.

Porque as obras de um deus nenhum desmancha.

— Neque enim licet irrita cuiquam
Facta Dei fecisse Deo.

(Ovid. *Metam. Lib. III.*)

Pag. 151 — Metamorphose II.

Em um autographo, que d'este fragmento obtivemos, encontram-se algumas variantes, confrontando-o com o que saiu no tomo V das obras impressas de Bocage, edição de Marques Leão; isto afóra as miseraveis e vergonhosas deturpações, que ahi soffreu, e que inteiramente o desfiguram, como o leitor poderá verificar, se quizer dar-se ao trabalho de conferir aquella com a presente edição.

Assim em logar do verso 18

Maior que a edade, e sofrego da fama

lê-se em o nosso autographo o seguinte:

Sedento o coração de eternidade.

Similhantemente, em vez do verso 21

Morreu de ingratidões mesquinho amante,

diz o nosso autographo

De amores pereceu gentil mancebo.

Além d'estas, outras apparecem de menor entidade: mas ha uma, que julgámos dever aproveitar, e foi no verso ultimo do fragmento, o qual no impresso era:

Ou no Lethes caír talvez comigo.

Pag. 152 — Idem.

Meiga Tirséa, Tagide sensivel.

A Tirséa, a quem o poeta se propunha dedicar esta metamor-

phose, é, segundo conjecturas que suppomos fundadas em boa razão, a condessa do Vimieiro, D. Theresa de Mello Breyner, casada com o conde do mesmo titulo D. João de Faro. A esta senhora se attribuiu por muito tempo (postoque indevidamente ao que nos parece) a composição da tragedia «Osmia» que a Academia real das sciencias de Lisboa premiou, e publicou anonyma no anno de 1780. Hoje porém prevalece por mais provavel a opinião, que dá como auctor d'essa tragedia Antonio d'Araujo d'Azevedo, depois ministro e conselheiro d'estado, falecido no Rio de Janeiro em 1817, com o titulo de conde da Barca.

PAG. 162 — TRABALHOS DA VIDA HUMANA.

Segundo se vê do contexto, esta narrativa (cujo estylo prosaico, e desleixado, o auctor pretende desculpar com a epigraphe, que a precede) foi escripta no Limoeiro a 22 de Septembro de 1797, isto é passados quarenta e tres dias depois da reclusão de Bocage na referida cadêa, para onde entrára a 10 de Agosto antecedente. — Veja-se o «Estudo biographico» á frente do volume I.

PAG. 164 — IDEM.

Era Ignacio, affavel peito.

Collige-se do que aqui se diz, que este Ignacio sería algum dos guardas empregados no serviço da cadêa, ou talvez famulo do carcereiro Garnier, a quem Bocage se refere logo adiante.

A respeito de *Aonio*, ou Antonio José Alvares, reportamo-nos ao que deixamos dicto nas annotações á epistola XI — tomo III, a pag. 396 — 397.

PAG. 165 — IDEM.

O ministro destinado
Era o respeitavel Brito.

O desembargador Ignacio José de Moraes e Brito. Vej. no tomo I o soneto a pag. 237, e sua annotação a pag. 388.

Ponte — André da Ponte de Quental e Camara. Veja-se a Ode III no volume II, e sua annotação a pag. 422.

PAG. 169 — 170 — FRAGMENTOS.

Não podémos descubrir noticia alguma, com respeito a estes dous pequenos trechos, pertencentes a obras, que não se completaram, ou se perderam de sorte que já não chegaram a ser conhecidas aos editores da collecção, que com o titulo «Verdadeiras inedictas de Bocage» sairam em 1813 e 1814, nas quaes os dictos fragmentoss

apparecem insertos sem mais declaração, e d'onde para aqui os tirámos.

PAG. 173 — METAMORPHOSES DE OVIDIO, LIVRO I.

A epigraphe collocada á cabeça d'esta versão mostra evidentemente que o auctor a empreendêra durante a sua detenção nos carceres, quer do Limoeiro, quer da Inquisição: — ou por ventura já na casa das Necessidades, nos dias que ahi se demorou. Vej. o «Estudo biographico» no volume I a pag. XLIV.

Tudo induz a crer, que o seu primeiro intento fosse o de transportar para a nossa linguagem o poema inteiro do vate sulmonense: porém a sua natural, e nunca desmentida inconstancia, e volubilidade de genio não lhe consentiam que persistisse por muito tempo na execução de obra de tanto momento, e que demandava uma perseverança e dedicação incomportaveis a seus meios, e circumstancias. Abandonando portanto aquelle designio, limitou-se a verter simplesmente os trechos, que mais lhe agradaram, e que todavia segundo o consenso universal dos entendidos, não são por certo os menores entre os titulos de sua gloria como traductor-poeta.

PAG. 177 — IDEM.

D'elle o filho de Japeto afeiçoa,
Organisa porções. . . . .

«Prometheo, que, segundo a fabula, roubou o fogo celeste, para animar figuras humanas, compostas de terra.» (*Nota de Bocage.*)

PAG. 178 — IDEM.

Sem nenhum vingador, sem lei nenhuma.

«Aos grammaticos escrupulosos, que talvez queiram que este verso antes seja

Sem algum vingador, sem lei alguma,

respondo que usei o idiotismo da nossa lingua, alentado com o exemplo de Leonel da Costa na traducção das «Bucolicas» e «Georgicas», e com outros auctores de boa nota.» (*Idem.*)

PAG. 178 — IDEM.

E as lisas producções de tenue casca,
Que da *arvore* de Jupiter caîam.

«O carvalho.» (*Nota de Bocage.*)

PAG. 180 — IDEM.

Como os ares, e o sol, por *cauto dono.*

« O original diz *mensor*, o medidor, ou demarcador. » *(Idem.)*

PAG. 180 — IDEM.

É fama que gigantes o assaltaram.

« *Pretenderam*, *quizeram*, diz o texto. *(Idem.)*

PAG. 181 — IDEM.

Á frente os seus *Penates* collocaram.

« Casas. » (*Idem.*)

PAG. 181 — IDEM.

Este, a caber na voz audacia tanta,
O *palacio dos céos* appellidára.

« Allude ao palacio de Augusto, que tomou o nome do monte Palatino, onde foi edificado. Nem os céos poupou a lisonja ! « (*Idem.*)

PAG. 182 — IDEM.

Hoste feroz, comtudo, de um só *corpo.*

« Aqui é nome collectivo. » (*Idem.*)

PAG. 183 — IDEM.

Assim quando impia mão queria extincto
De Roma o nome no Cesareo sangue, etc.

« Em Suetonio se lê esta conspiração contra Augusto. » (*Idem.*)

PAG. 187 — IDEM.

Tremendo as torres ameaçam queda.

Bocage, servindo-se para esta versão da edição da Heinsio, que muitos reputam mais correcta, lia no original — *labant sub gurgite turris*. Outros porém, usando da de Burmano, lêem *latent* em vez de *labant*: e n'este sentido é que o padre Fr. José do Coração

de Jesus (Almeno) ao traduzir este passo na sua versão dos quatro primeiros livros das Metamorphoses, diz:

. . . . . E no pégo submergidas
As torres se esconderam.

PAG. 188 — IDEM.

Na relva, que os rebanhos tosquiaram,
Pousa do equoreo vate o gado informe.

« As phocas, ou gado de Neptuno. — Equoreo vate, ou propheta, é Prothêo, deus marinho. » (*Nota de Bocage.*)

PAG. 190 — IDEM.

Incham-lhe as faces ao robusto assopro.

« Este verso é todo meu: a sua propriedade me deu a ousadia de aggregal-o aos de Ovidio. » (*Idem.*)

PAG. 190 — IDEM.

E murmuram pacificos, e tardos.

« O original só diz—*subsidunt flumina*—abatem-se os rios. » (*Idem.*)

PAG. 190 — IDEM.

. . . . E que ligada
Pelo amor, pelo sangue estás comigo.

« Era sua prima, segundo a mythologia. » (*Idem.*)

PAG. 191 — IDEM.

Oxalá que eu com a paterna industria
Podesse reparar a humanidade.

Deucalion, conforme a fabula, era filho de Prometheo, o mesmo de quem acima se fez menção na nota a pag. 177.

PAG. 191 — IDEM.

Sem ministro, sem luz, sem culto as aras.

« O texto só diz — *sine ignibus* — sem fogo, sem luz. » (*Nota de Bocage.*)

PAG. 194 — IDEM.

Bocage ao terminar esta versão, põe a seguinte advertencia, referindo-se á «Traducção livre, ou imitação das Georgicas de Virgilio» publicada poucos annos antes (no de 1794) pelo desembargador Antonio José Osorio de Pina Leitão, a esse tempo juiz de fóra d'Alfandega da Fé:

«A boa traducção, que Osorio fez das «Georgicas» poderia in-«timidar-me, se as nossas versões não fossem de assumptos tão «diversos.»

PAG. 196 — METAMORPHOSE DE IO.

Nevoa tão densa como os véos nocturnos
Que das aguas não sáe, nem sáe das terras.

« As nevoas, que a deusa não via saîr das aguas, eram as que costumavam resultar do impeto com que o Penêo, rio da Thessalia, rebentava, e caîa do monte Pindo. Ovidio, Metam. lib. I.» (*Nota de Bocage.*)

PAG. 200 — IDEM.

De Pan, c'roado do pinheiro agudo.

«Este verso menos litteralmente póde ser assim:

Pan, que do pinho agudo a fronte enrama.
(*Nota de Bocage.*)

PAG. 201 — IDEM.

D'ave sua, e com elles a abrilhanta.

«A ave de Juno é o pavão.» (*Idem.*)

PAG. 202 — IDEM.

Volvem-lhe as mãos tambem, tambem as unhas.

«Este é quasi o unico verso, que não verti litteralmente. Ovidio, segundo o seu gosto de circumstanciar miudamente as cousas (o que ás vezes passa a defeito n'este grande poeta) diz que o casco dos pés da novilha se desfez em cinco unhas: mas isto, que em latim não era humilde, em portuguez até seria insupportavel, etc.» (*Idem.*)

Pag. 203 — O Precipicio de Phaetonte.

É de presumir que este trecho fosse (quando não completo) mais amplo do que aqui o damos, e que Bocage tivesse ao menos traduzido os versos antecedentes, de cuja falta resulta apparecer a versão como que descabeçada. Todavia não ousâmos affirmar cousa alguma a similhante respeito, porque não foi possivel obtermos autographo, ou copia auctorisada d'este fragmento, e por isso foi mister reproduzil-o textualmente conforme ao que se lê no tomo I das «Verdadeiras inedictas» onde saíu pela primeira vez á luz.

Pag. 205 — A Gruta da Inveja.

«A versão é salteada, porque é só do episodio.» (*Nota de Bocage.*)

Pag. 206 — O Roubo de Europa.

Desce á terra (lhe diz) d'onde se avista
Tua mãe reluzindo á sestra parte.

Maia, mãe de Mercurio, conforme a mythologia, foi amada de Jupiter, que para subtraîl-a ás perseguições ciosas de Juno, a metamorphoseou em estrella, e é uma das que formam a constellação das Pleiades.

Pag. 207 — Idem.

E em teus bosques, oh Creta, Amor triumpha.

Este remate é accrescentado pelo traductor.

Pag. 208 — A Morte de Pyramo e Thisbe.

Lá onde é fama que de ingentes muros
Semiramis cingiu alta cidade.

Por esta periphrase quer o poeta designar a cidade de Babylonia, edificada conforme uns, ou restaurada e engrandecida segundo outros, por Semiramis, rainha dos Assyrios, que (guiando-nos pela chronologia mais seguida) reinava pelos annos 2164 a 2108 antes da era vulgar.

Pag. 208 — Idem.

Quando amor se recata é mais activo.

«Este verso em sentido proprio póde traduzir-se assim:

Cuberto o fogo, mais calor grangêa.

(*Nota de Bocage.*)

PAG. 210 — IDEM.

. . . . Ao pé da antiga
Sepultura de Nino ambos parassem.

Nino, rei dos Assyrios, marido de Semiramis, ao qual esta (diz-se) mandou por sua morte levantar um sumptuoso tumulo, fora dos muros da cidade.

PAG. 215 — CADMO E HERMIONE.

Cadmo, filho de Agenor, rei de Tyro e Sydonia, fundou a cidade de Thebas na Beocia, e introduziu (dizem) entre os povos da Grecia o uso dos caracteres phenicios. A chronologia mais vulgar colloca estes successos nos annos 1520-1490 antes de J. C. Recommendam-se por mui dignas de ler-se a respeito, tanto d'esta fabula como de todas as mais contendas no engenhosissimo poema de Ovidio, as eruditas investigaçõee historicas e mythologicas do Abbade Bannier, na sua traducção das «Metamorphoses»; cuja melhor edição é innegavelmente a de Paris 1767 — em 4 vol. de 4.º

PAG. 218 — ATLANTE CONVERTIDO EM MONTE.

Trazendo o espolio do vipereo monstro.

«Medusa, a Gorgona: os seus cabellos eram serpentes, e o seu rosto convertia em pedras os que o olhavam.» (*Nota de Bocage.*)

PAG. 221 — O ROUBO DE ORITHYA POR BÓREAS.

Bóreas, o vento do Septentrião, filho (segundo a fabula) de Astréo e de Eribéa. Aos leitores eruditos rogamos desculpa d'esta, ou de outras similhantes explicações, que se lhes forem inuteis por desnecessarias, nem por isso deixarão de aproveitar a algum menos instruido. E em todo o caso:

Indocti discant, et ament meminisse periti.

PAG. 223 — PROGNE, TERÊO, E PHILOMELA.

O grato Pandion ao gran monarcha, etc.

«Pandion, rei d'Athenas.» (*Nota de Bocage.*) O reinado d'este monarcha colloca-se entre os annos 1463 a 1423 antes de J. C. — O successo referido por Ovidio é tido como historico, afóra os ornamentos poeticos.

Pag. 224 — Idem.

Já surge, e do Pirêo já desce ás praias.

«Pirêo, porto de Athenas.» (*Nota de Bocage.*)

Pag. 230 — Idem.

E um Deus, se acaso um Deus no céo reside.

«Linguagem propria da desesperação, e vertida litteralmente.» (*Nota de Bocage.*)

Pag. 236 — Idem.

O corpo das Cecrópidas parece.

Chama-lhes Cecrópidas, por serem descendentes de Cecrope, primeiro rei de Athenas.

Pag. 237 — A Descida de Orphêo aos Infernos.

«Depois da bella descripção, que da descida de Orphêo aos infernos fez Virgilio no quarto livro das «Georgicas», só o engenho de Ovidio podia ser original em eguaes circumstancias; o que póde ver-se, comparando ambos os logares.» (*Nota de Bocage.*)

Pag. 238 — Idem.

No rapto, que pregôa antiga fama.

Orphêo (ou antes Ovidio) allude aqui ao roubo de Proserpina, levada por Plutão das campinas da Sicilia para ir partilhar com elle o thalamo, e o dominio do seu reino tenebroso. Vej. o poema de Claudiano sobre este assumpto.

Pag. 242 — Cinyras e Myrrha.

Bocage, no prologo que precede o segundo tomo das Rythmas por elle publicadas (crêmos que em 1799) diz: — «Privo-me do prazer de imprimir a metamorphose de Myrrha, em attenção á modestia, e delicadeza não poupadas n'aquella admiravel producção, e antes quiz omittil-a que desfigural-a.» A' vista, pois, d'esta expressiva declaração, não sabemos por que artes conseguiu elle desarmar os escrupulos dos censores, para que logo no anno de 1804 (em que deu á luz o terceiro volume das Rythmas) lhe facultassem

o indispensavel — *Imprimatur*. — Mas o certo é que no dicto volume III appareceu com effeito a metamorphose, que até então girava recatadamente em copias manuscriptas, das quaes vimos algumas, que todavia nenhuma differença sensivel apresentam da impressa.

PAG. 242 — IDEM.

Feliz a Ismaria gente, o mundo nosso.

« O poeta põe toda esta narração na boca de Orphêo. » (*Nota de Bocage.*)

PAG. 243 — IDEM.

É constante porém que existem povos,
Que ha gentes, entre as quaes etc.

« Nada menos constante, nem que mais encontre as leis e costumes de todos os povos, até selvagens. » (*Nota de Bocage.*) Não é aqui o logar proprio para contestarmos a veracidade d'esta affirmativa tão absoluta, que se nos affigura escripta para desviar os reparos dos censores, ou talvez por exigencia d'elles.

PAG. 244 — IDEM.

Pura no corpo, no animo sê pura.

Em uma das copias manuscriptas, a que acima nos referimos, lêem-se em logar d'este verso os dous seguintes:

Que vale que no corpo estejas pura,
Se maculada estás no pensamento?

PAG. 249 — IDEM.

* D'elle exigindo consentir que expire
* O virginal pudor na escuridade.

« Estes dous versos são meus, e tenho que necessarios. » (*Nota de Bocage.*)

PAG. 253 — MIDAS CONVERTENDO TUDO EM OURO.

Não contente Lyêo de ter vingado
A morte acerba do Apollineo vate.

Esta narração prende na que a antecede, em que o poeta descrevêra a morte de Orphêo, despedaçado pelas bacchantes nos campos da Thracia.

PAG. 253 — IDEM.

Outr'hora as orgias recebido havia.

« Orgias — festas de Baccho. » (*Nota de Bocage.*) Estas festas (conforme os poetas e historiadores antigos) foram primeiramente instituidas na Thracia por Orphêo, e a ellas sómente se admittiam os iniciados nos *mysterios* de Baccho.

PAG. 254 — IDEM.

O braço estende a uma arvore não alta.

« O original diz — azinheira — ; mas não julguei n'isto essencial a fidelidade. » (*Nota de Bocage.*)

PAG. 255 — IDEM.

Vai ao rio visinho á grande Sardes.

O Pactolo, rio de Lydia, cujas arêas eram de ouro, segundo fabularam os poetas.

PAG. 257 — A GRUTA DO SOMNO.

« Este episodio da metamorphose de Ceix e Alcione não foi traduzido seguidamente: omitti a fala de Iris, e o effeito d'ella, porque não pretendia verter senão a descripção da gruta do Somno, e dos seus ministros. » (*Nota de Bocage.*)

PAG. 259 — ESACO E HESPERIA.

Cebrena Hesperia viu, etc.

Chama-a Cebrena, « por ser de Cebrenia, parte da Troade, na Asia. » (*Nota de Bocage.*)

PAG. 260 — IDEM.

Se a morte minha não vingasse a tua.

« O texto diz — não consolasse a tua. » (*Idem.*)

PAG. 261 — IDEM.

O collo se lhe alonga etc.

« O original fala tambem nas longas pernas da ave; mas o vocabulo « perna » é baixo na nossa poesia. » (*Idem.*)

E dos mergulhos seus provêm seu nome.

« O corvo-marinho, ou mergulhão — *mergus.* » (*Idem.*)

PAG. 262 — SACRIFICIO DE POLYCENA.

A quem furtivamente, oh Polydoro.

Polydoro era o mais novo dos filhos de Priamo, ultimo rei de Troya.

PAG. 270 — PICO E CANENTE.

Que em Elide se usou de lustro em lustro.

« Allude aos jogos olympicos, que no principio de cada cinco annos se faziam em Elide, cidade da Grecia. » (*Nota de Bocage.*)

PAG. 271 — IDEM.

Preso o phenicio manto em laço de ouro.

« Da Phenicia, isto é, cor de purpura. » (*Idem.*)

Fora a filha do Sol aos mesmos bosques.

« Circe era chamada filha do Sol, e tida por maga, porque conhecia a virtude das plantas. » (*Idem.*)

PAG. 273 — IDEM.

E a Pico do que foi só resta o nome.

« *Picus* é o picanço, ave. » (*Idem.*)

PAG. 274 — IDEM.

Já no occidente o sol fechara o dia.

«Este verso mais fielmente é:

O sol caíra nos Tartessios mares,

de Tartessia, antiga cidade de Hespanha, no estreito de Gibraltar. — Praia diz o texto; mas não o soffre a nossa poesia.» (*Idem.*)

PAG. 281 — A ALMA DE JULIO CESAR MUDADA EM COMETA.

Com dolorosos sons o mocho esquerdo.

«Estygio — diz o texto.» (*Nota de Bocage.*)

N'outros mil o marfim se viu chorando.

«Estatuas dos deuses.» (*Idem.*)

PAG. 282 — IDEM.

Que theatro da barbara tragedia,
Da acção nefanda o teu senado, oh Roma.

«Aqui não fui tão fiel; mas cotejando a versão com o texto, ver-se-ha que o não ultrajei.» (*Idem.*)

Quer apural-o nos ethereos lumes.

«O original tem só — *Cœlestibus intulit astris.* Tambem não traduzi seguidamente, omittindo os louvores de Augusto, cujas proscripções lhe escurecem, e afêam a memoria.» (*Idem.*)

No céo girando resplandece estrella.

«Em outro volume, que aprompto, espero dar ao publico a versão d'estes mesmos agouros, que vem no primeiro livro das «Georgicas»; o que me confirma a opinião de que Ovidio tem um modo original, até imitando.» (*Idem.*)

Isto dizia Bocage em 1799; mas nem no terceiro tomo das Rythmas, que publicou em 1804, cumpriu aquella sua disposição,

nem entre os papeis, que por seu obito appareceram (com os quaes se formaram os quartos e quintos tomos de «Obras» posthumas e «Verdadeiras inedictas» a que por tantas vezes temos tido occasião de alludir) se descubriu o minimo vestigio de que tal versão intentasse. E na verdade, que algum desejo teriamos de observar que desculpa daria para cohonestar a sua incoherencia apresentando a publico um trecho das «Georgicas» já traduzidas por Osorio, elle, que na nota supra-transcripta a pag. 367 tanto parece querer evitar quaesquer longes de competencia, ainda em assumptos reconhecidamente diversos!

Pag. 285 — A Morte de Lucrecia.

Este caso, tão lamentavel em si, quam vantajoso em suas consequencias para a liberdade do povo romano, é collocado pelos historiadores no anno 509 antes da era vulgar. Occorre-nos a proposito recommendar á curiosidade do leitor o modo como esta catastrophe, e os successos subsequentes se acham (a nosso vêr) magistralmente desenvolvidos na «Historia do Povo Romano» escripta em portuguez por José Thomás de Aquino Barradas, Lisboa MDCCLXVIII, obra que não passou além do segundo volume; e que é todavia, nos parece, muito menos conhecida do que deveria sel-o.

Pag. 285 — Idem.

Um sitio pertinaz soffria Ardéa.

«Cidade então sitiada pelo rei de Roma Tarquino Suberbo.» (*Nota de Bocage.*)

Pag. 286 — Idem.

. . . . Aquelle
A quem de alto appellido honrou Colacia.

«Um como bairro de Roma, d'onde Colatino, marido de Lucrecia, tomou o nome.» (*Idem.*)

Pag. 288 — Idem.

Os Gabios subjeitei c'o atrevimento.

«Povos, que Sexto Tarquino submetteu por uma astucia atrevida.» (*Idem.*) Veja-se a historia citada, no livro II capitulo VII.

PAG. 290. — IDEM.

Conta o que póde... resta o mais.... e chora, etc.

Pedimos particularmente para este verso a attenção do leitor, a cujo discernimento compete ajuizar da maneira como o traductor nos reproduziu aqui o *Restabant ultima.... Flevit* de Ovidio, passo que todos os entendedores applaudiram sempre, como de uma verdade e singeleza tão sublimes quanto inimitaveis.

PAG. 292 — O BOSQUE DE MARSELHA.

Tanto este episodio, como o de Gildipe e Eduardo, que adiante segue a pag. 299, depois de traduzidos por Bocage, haviam-se-lhe extraviado, não sabemos de que modo; o certo é que a sua reapparição foi devida a diligencias do desembargador Vicente José Ferreira Cardoso, segundo este declara na epistola que dirigiu ao mesmo Bocage. Vejam-se as annotações ao volume III na pag. 405.

PAG. 294. — IDEM.

Pela primeira vez, Dodoneo bosque.

O epitheto «Dodoneo» é aqui tomado (como adverte Bocage) metaphoricamente. Dodona era uma cidade no Epiro, proximo á qual havia um bosque consagrado a Jupiter, cujos carvalhos, no sentir dos pagãos, proferiam oraculos.

PAG. 302 — DESCRIPÇÃO DO DILUVIO.

Sendo incontestavel que Bocage ignorava completamente a lingua aleman, é visivel que esta versão não podia ser trabalhada sobre o original de Gessner; provavelmente serviu-lhe para texto a traducção franceza d'aquelle poeta, feita em prosa por Hubert.

PAG. 309. — SACRIFICIO AOS ESPIRITOS INFERNAES.

O desleal, fanatico mancebo.

Fr. Jacob Clemente, frade dominicano, assassino de Henrique III. Contava vinte e cinco annos de edade, quando commetteu aquelle crime, em 1 de Agosto de 1589.

PAG. 309. — IDEM.

Os Dezeseis sacrilegos intentam, etc.

«Os Dezeseis» Assim chamados pela influencia, e auctoridade

que tinham em dezeseis bairros de Paris, no tempo da Liga. » (*Nota de Bocage.*)

PAG. 309. — IDEM.

Curiosa de Medicis a audacia, etc.

« Catharina de Medicis, rainha de França, dada a mil superstições d'esta natureza. » (*Idem.*)

PAG. 310 — IDEM.

De Valois vão no altar ferir o peito.

« Henrique III, rei de França. » (*Idem.*)

PAG. 310 — IDEM.

A effigie de Bourbon derribam, calcam.

« Henrique IV, rei de Navarra, e depois de França. » (*Idem.*)
Muitos sacerdotes da Liga haviam mandado fazer pequenas imagens de cêra, que representavam Henrique III, e o (então) rei de Navarra; punham-as sobre o altar, e as feriam durante a missa por espaço de quarenta dias consecutivos; e no fim d'este periodo as atravessavam no sitio do coração. (*Nota de Voltaire.*)

PAG. 310 — IDEM.

O hebreu profanador com turvo aspecto.

Serviam-se ordinariamente do ministerio dos judeus para executar as operações magicas, então muito em moda em França. Esta antiga superstição provinha dos segredos da *Kabala*, de que os judeus se diziam unicos depositarios. Catharina de Medicis, a Marechal d'Ancre, e outras muitas pessoas, empregavam os judeus n'aquelles pretendidos sacrilegios. Havia então por toda a parte homens assás loucos para se crerem magicos, e juizes tão supersticiosos, que de boa fé os puniam como taes. (*Extraída de Voltaire.*)

PAG. 311 — IDEM.

Que fez em Gelbóe lá n'outra edade
Aos numes infernaes a pythonissa.

Esta historia é referida no primeiro livro dos « Reis » cap. XXVIII, verso 7 e seg.

PAG. 311 — IDEM.

Ou tal se ouviu Ateio entre os romanos.

«Ateio, tribuno do povo, não podendo estorvar a expedição de Crasso contra os parthos, correu com um brazeiro para a porta da cidade, por onde saía o mesmo Crasso, lançou dentro varias hervas, e amaldiçoou a empreza em nome dos deuses de Roma.» (*Nota de Bocage, trad. de Voltaire.*)

PAG. 316 — O TEMPLO DE AMOR.

A descripção do templo de Amor, e a pintura, que se faz d'esta paixão personificada, são aqui totalmente allegoricas. Poz-se em Chypre o logar da scena, por isso que os povos d'esta ilha foram sempre tidos por mui dados ao amor; que alias não deve aqui considerar-se como o filho de Venus, deus na mythologia, e sim unicamente como uma paixão representada com todos os seus attributos, e com todos os prazeres, e desordens que a acompanham. (*Extraída de Voltaire.*)

«Os logares em que me affastei do texto, pelo que toca á expressão, vão assignalados com asteriscos. Os tres versos que rematam são meus.» (*Nota de Bocage.*)

PAG. 320 — A FOME ASSOLLANDO PARIS.

Outros lá das helveticas montanhas.

Os suissos, que então militavam nas tropas da Liga a soldo do duque de Mayenne, commetteram em París horriveis excessos.

PAG. 321 — IDEM.

Indigente mulher, etc.

Este facto passa por verdadeiro, e é narrado como tal em todas as memorias contemporaneas. Dizem que eguaes, e similhantes horrores aconteceram tambem no sitio da cidade de Sancerre. (*Extraída de Voltaire.*)

PAG. 323 — IDEM.

Se não é de todo superfluo apresentar mais uma prova confirmativa, e evidente do primor com que Bocage soube haver-se n'estes combates de estylo, e rivalidade de genio, que no sentir de La-

harpe constituem pelo assim dizer a essencia de uma traducção condigna dos bons exemplares modêlos, recommendaremos ao leitor queira confrontar, e comparar os quatro fragmentos precedentes com os logares parallelos nas duas inteiras versões, que da «Henriada» correm em portuguez; a saber: a de Thomás de Aquino Bello e Freitas, bacharel em medicina, impressa no Porto em 1789, — e a que saíu anonyma em Lisboa em 1807, attribuida com bons fundamentos ao conde de Pombeiro (depois marquez de Bellas) José de Vasconcellos e Sousa — ambas reimpressas no Rio de Janeiro, e de que a segunda, ao parecer dos entendidos, não deixa de ter algum merito real.

Pag. 324. — A Colombiada.

As seguintes notas historicas, que nos pareceu conveniente ajuntar aqui, como declaratorias de algumas personagens nomeadas no poema, foram por nós extraìdas e abbreviadas das que vem no mesmo poema em francez, de cuja edição original (feita em Londres, 1758, em 8.º grande) conservâmos um exemplar.

Eu canto o Genovez, de Urania alumno.

Christovão Colombo, nascido conforme a opinião commum em Genova, no anno de 1440, e segundo outros natural da Lombardia, e oriundo da nobre linhagem dos Perestrellos, foi o primeiro descubridor das Indias occidentaes para a corôa de Castella em 1492. (Ha quem diga que n'esta descuberta lhe serviram por muito as cartas e roteiros, que a fortuna lhe deparára na ilha da Madeira, em casa de um piloto portuguez, de quem foi hospede durante algum tempo, e por cuja morte se apoderou dos seus papeis, achando entre estes traçada a derrota da viagem para o occidente.)

Pag. 326 — Idem.

O prudente Mattheus, rival de Typhis.

Mattheus Perez, primeiro piloto da capitanea, em que ía o almirante Colombo. É aqui comparado ao piloto Typhis, que (conforme a fabula) regia os destinos do celeberirmo baixel, em que Jason e seus companheiros se embarcaram para a famosa expedição da conquista do vellocino.

Ali Julio encaminha illustre cabo, etc.

Julio, Mendes etc. — hespanhoes, que acompanharam Colombo na sua expedição.

Ximenes — navarro de nascimento, homem de character inve-

joso e arrebatado, que no curso da viagem tramou o projecto de assassinar Colombo.

Torres — capitão de um dos navios, havia perecido em um naufragio.

Fieschi — natural de Genova, distincto por nascimento e merito pessoal, compatriota e amigo do almirante.

Boile — O padre D. Boyl, monge benedictino catalão, que ía por superior dos missionarios destinados á conversão dos povos novamente descubertos.

Cortez — Fernando Cortez, tão notavel por seu talento e destreza no manejo dos negocios politicos, como por sua bravura nos campos de batalha. Conquistou depois o Mexico para Carlos V.

Pizarro — Francisco Pizarro, homem de indole ferocissima, e de genio tenaz e empreendedor. Tornou-se celebre por suas crueldades, praticadas na conquista do Peru.

Morgan — famoso corsario inglez, que conduzia comsigo uma matilha de dogues, adestrados expressamente para entrarem nos combates. Vej. l'*Histoire des Flibustiers*, por Axmelin, tom. II. pag. 1.

Hastins, ou Hastings — inglez oriundo de uma casa nobilissima, aparentada com a familia de Lancastre.

Arcy — outro inglez, egualmente distincto, mas originario da Normandia.

Murray — de uma familia, cujo tronco provinha da antiga nobreza da Escocia.

Stanhope — pertencia a uma casa illustre de Inglaterra, da qual foi tambem descendente o celebre conde de Chesterfield, que tanto brilhou no seculo passado por sua vasta erudição e conhecimentos, attraîndo a si a geral estima e admiração dos sabios de toda a Europa.

Marcoussy — era francez, nascido na provincia de Normandia.

Boulainvilliers — descendente de uma familia distincta da Picardia.

Amboise — francez, e parente do cardeal Jorge de Amboise, que foi primeiro ministro de Luis XII.

Aidie — aparentado com a casa dos condes de Cominge, que gosou de grande valimento no reinado de Luis XI.

Angenne — não menos illustre que os precedentes, pertencia a uma familia antiga, celebre pelos serviços prestados a Carlos V de França contra os inglezes.

Margarit — O commendador D. Pedro Margarit, fidalgo catalão.

Garcia — nobre hespanhol, como o seu appellido inculca.

Pag. 328 — Idem.

Boia, Teules, Zemés, estygios numes.

Divindades malfazejas, adoradas pelos indios, e cuja cholera estes apaziguavam mediante o sacrificio de victimas humanas.

PAG. 338 — IDEM.

A seccos peixes acompanham aves.

«Bogios diz o texto; mas temi atédiar o leitor.» (*Nota de Bocage.*)

PAG. 339 — IDEM.

No fim d'esta poesia, inserta no terceiro tomo das Rythmas de Bocage, lê-se na edição de 1804, e crêmos que em todas as que depois se tem feito d'esse tomo, a seguinte advertencia do mesmo Bocage: «Havendo cessado os motivos, que me impelliram á traduc-«ção do primeiro canto, não tentei a de todo o poema da illustre «du Bocage, a cuja familia tenho a gloria de pertencer; mas não «quiz tambem privar-me do louvor publico, se o merecer na versão «que apresento &c.»

Acerca do seu parentesco com madame du Bocage, consulte-se o que se diz no «Estudo biographico» á frente do primeiro volume da presente edição, a pag. XIX.

PAG. 340 — O MERITO DAS MULHERES.

A proposito d'este fragmento lê-se na «Livraria Classica» tomo XXIV, pag. 145, a seguinte nota do sr. Castilho: — «Na *Sen-«tença da Casinha da Almotaceria sobre o quarto tomo de Bocage*, «diz Macedo ser impossivel que um trecho do «Merito das Mu-«lheres» fosse traduzido por Bocage, a não ser no outro mundo; o «que significaria ter este poema sido em francez publicado apoz a «morte de Bocage. É esta uma das suas superficialidades, pois essa «publicação, em París, foi em 1801.»

Subscrevêmos da melhor vontade a tudo o que aqui se diz, menos no tocante á illação que se tira contra Macedo, julgando-o indevidamente auctor da «Sentença da Casinha da Almotaceria.» Este opusculo nunca foi obra de José Agostinho. Postoque publicado anonymo, tanto no fim do tomo IV das «Verdadeiras inedictas» como avulsamente em um folheto de quarto, sabêmos de certeza que o seu auctor fôra Pedro José de Figueiredo; e por isso não podemos consentir que se pretenda tornar Macedo responsavel pelas inexactidões de uma obra totalmente alheia.

Do poema de Legouvé ha em portuguez uma traducção, a nosso vêr menos que mediocre; a qual saíu á luz em 1813 no Rio de Janeiro em um pequeno folheto de outavo. Conservâmos d'ella um exemplar. Traz no frontispicio a inicial B***, que inculca ser obra de Domingos Borges de Barros, poeta brasileiro, condecorado depois com o titulo de visconde de Pedra Branca.

Pag. 345 — Fragmento de Fingal.

Ainda não tivemos opportunidade de verificar d'onde, e com que fim se deu Bocage a passar para a nossa lingua estes poucos versos. Provavelmente tiral-os-ía da traducção, que Letourneur fez em prosa franceza das poesias de Ossian, da qual conservâmos de idéa ter visto ha annos um exemplar impresso em Paris, 1777, 2 volumes em outavo, se nos não falha a memoria. Quanto á authenticidade d'essas poesias, ponto mui disputado, e a cujo respeito os criticos tem formado juizos tão diversos, vejam-se as opiniões encontradas, que sobre ellas professam os senhores Garrett, e José Maria da Costa e Silva, o primeiro no seu poema «D. Branca» a pag. 60 e 252 (edição de 1850), e o segundo nas notas ao poema «Emilia e Leonido» a pag. VII.

FIM DO TOMO IV.

INDICE

DAS POESIAS CONTEUDAS NO QUARTO TOMO.

ELOGIOS.

DRAMAS ALLEGORICOS.

POEMETOS.

DAS METAMORPHOSES DE OVIDIO.

TRECHOS E EPISODIOS TRADUZIDOS.